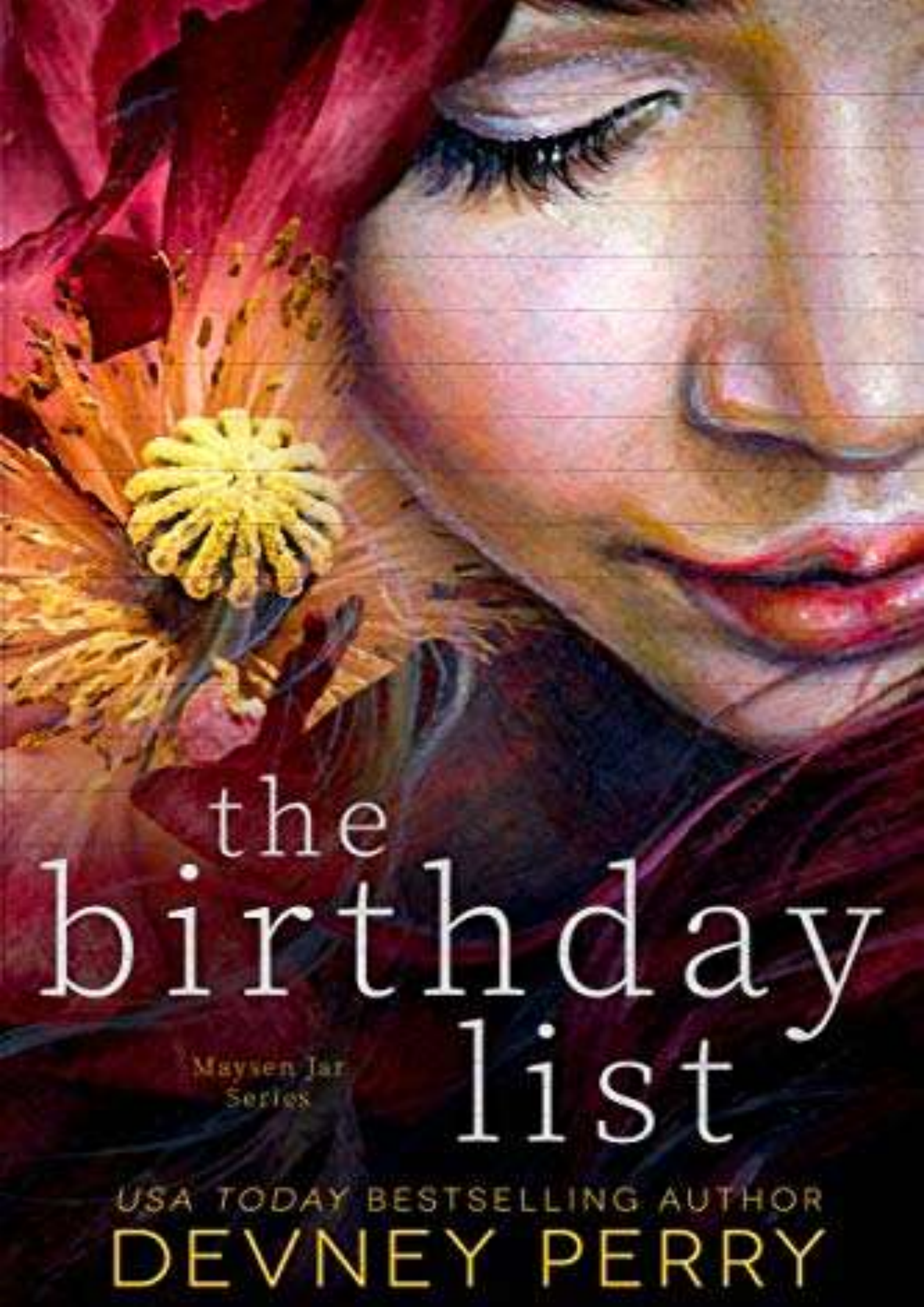

the
birthday
list
Mayven Jar
Series
USA TODAY BESTSELLING AUTHOR
DEVNEY PERRY

poison books

queens of shadows

DISPONIBILIZAÇÃO: PB E QOS

TRADUÇÃO: JUUH ALLVES

REVISÃO INICIAL: ANDREA M. E GESS R.

REVISÃO FINAL: ELOISA

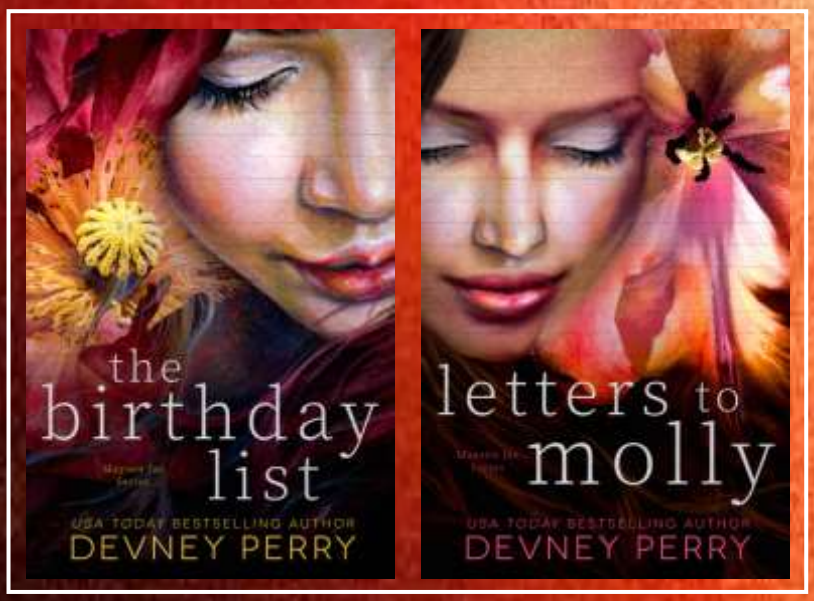
LEITURA FINAL: BEE

FORMATAÇÃO: CIRCE



maysen jar

DEVNEY PERRY



Após casar com seu namorado da faculdade, Poppy viveu uma vida abençoada com o marido de seus sonhos. Ate tudo mudar. Agora ela não é mais uma esposa. Não é mais a inveja de seus amigos solteiros. Agora, as pessoas olham para ela com pena enquanto sussurram uma única palavra por suas costas.

Viúva.

Anos após a morte trágica de seu marido, anos de dor e tristeza e de desejar uma vida que nunca vai voltar, Poppy decide terminar a lista de aniversário de Jamie. Ela fará as coisas que ele mais queria fazer. Porque talvez, apenas talvez, se ela puder completar essa lista, talvez possa começar a viver novamente.

Poppy espera que a lista de aniversários seja difícil. Espera que doa. O que ela não espera, porém, é por Cole. Poderia o homem que deu a notícia da morte do marido e quebrou seu coração ser aquele que vai ajudá-la a consertá-lo novamente?

Há vários livros neste mundo. Estou honrado e muito grato por ter escolhido um dos meus.

Obrigado.



the birthday list

DEVNEY PERRY

PRÓLOGO

— Poppy! — Jamie saiu correndo do escritório e entrou na cozinha.

O sorriso em seu rosto fez meu coração palpitar, como sempre fazia, o que significava que eu estava em uma confusão desde o dia que eu o conheci, cinco anos atrás.

Nós nos encontramos no primeiro dia do nosso segundo ano no estado de Montana. Literalmente. Eu estava saindo de uma aula de economia, meus braços sobrecarregados com livros, blocos de notas e um currículo. Jamie estava correndo, muito ocupado olhando por cima do ombro, para uma loira de seios fartos, e não me viu na porta da sala de aula.

Depois que nós dois nos recuperamos do acidente, Jamie me ajudou a levantar. No momento em que minha mão escorregou para a dele, a loira de seios fartos foi praticamente esquecida.

Esse foi o dia em que conheci o homem dos meus sonhos.

Meu marido...

James Sawyer Maysen.

— Adivinha?

— O quê? — Eu ri quando ele me pegou e me colocou no balcão, ajustando-se entre as minhas pernas abertas. A excitação irradiava de seu corpo e eu não pude deixar de sorrir para a luz brilhando em seus olhos.



— Acabei de adicionar algumas coisas à minha lista de aniversário. — Ele bombeou seu punho. — Ideias melhores ainda.

— Oh — Meu sorriso vacilou. — Por favor, me diga que essas não são ilegais.

— Não. E eu te disse, o alarme de incêndio pode não ser ilegal. Eu posso *legitimamente* precisar tocar um alarme de incêndio antes de completar 45 anos.

— É melhor você esperar que sim. Não tenho nenhum desejo de tirá-lo da prisão, só porque está determinado a marcar um item da sua lista maluca.

A "lista de aniversários" de Jamie tornou-se sua mais recente obsessão. Ele começou algumas semanas atrás, depois de ter tirado a idéia de um site, e desde então, ele estava sonhando com essas grandes ideias - embora algumas fossem mais ridículas do que grandiosas.

Esta lista era a versão de Jamie de uma lista de desejos. Exceto que, em vez de uma longa lista para realizar durante a aposentadoria, Jamie estava atribuindo a si mesmo coisas para fazer antes de cada um de seus aniversários. Ele não queria lidar com uma lista assustadora depois que ele tivesse vivido a vida toda. Em vez disso, ele queria marcar as coisas da lista todos os anos antes de seu aniversário. Até agora, ele tinha preenchido quase todos os aniversários até que ele completasse cinquenta anos.

Nós tínhamos nossa própria lista de —casal — lugares que queríamos viajar e coisas que queríamos fazer juntos. Esta lista de aniversários não era para isso. Era só para o Jamie. Estava cheio de coisas que *ele* queria fazer, só por ele.

E embora eu possa ter resmungado sobre alguns dos itens mais arriscados e mais malucos, eu o apoiei de todo coração.

— Então, o que você adicionou hoje?

Ele sorriu. — Minha melhor idéia até agora. Aqui vai. — Ele levantou os braços, os puxando para fora e enquadrando uma marquise invisível. — Antes de virar trinta e quatro, eu quero nadar em uma piscina de gelatina verde.



— OK. — Eu sorri, longe de ser convencida de que era a melhor idéia dele, mas era Jamie. — Mas por que gelatina? E por que verde?

— Você não acha que seria legal? — Ele mexeu entre as minhas pernas, sorrindo ainda mais enquanto abaixava os braços. — É uma daquelas coisas que todo garoto quer fazer, mas nenhum pai deixa. Pense em como seria divertido. Eu posso me contorcer ao redor. Espremer entre meus dedos das mãos e dedos do pé. E eu escolhi verde...

— Porque é a sua cor favorita — eu terminei, surpresa por ter feito a pergunta em primeiro lugar.

— O que você acha?

— Honestamente? Parece uma bagunça. Além disso, as manchas de gelatina. Você parecerá um alienígena ambulante por uma semana.

Ele encolheu os ombros. — Eu estou legal com isso. Meus alunos vão pensar que é incrível e eu tenho você para me ajudar a limpar.

— Sim, você tem.

Eu o ajudaria a esfregar sua pele de volta, ao seu bronzeado normal, e dispor de uma piscina cheia de gelatina verde, porque eu o amava. Alguns itens da lista de Jamie pareciam estranhos para mim, mas se eles o fizessem feliz, eu faria o que pudesse para ajudar. Pelos próximos vinte e cinco anos - ou por quanto tempo ele quisesse - eu estaria ao seu lado enquanto ele fazia as coisas.

— O que mais você adicionou hoje?

Ele deslizou as mãos em volta da minha cintura e se aproximou um pouco mais. — Eu realmente adicionei um e marquei ao mesmo tempo. Foi no meu vigésimo quinto aniversário. Eu escrevi uma carta para mim, para daqui dez anos.

— Que bonitinho. — Se eu tivesse uma lista de aniversários, roubaria essa idéia para mim. — Posso ler a carta?

— Certo. — Ele sorriu. — Assim que eu fizer trinta e cinco.

Eu fiz uma careta, mas Jamie apagou com um beijo suave.



— Eu preciso resolver algumas tarefas. Você precisa de alguma coisa enquanto eu estiver fora?

Tarefas. Amanhã é o nosso aniversário de um ano de casamento e aposto que as suas —tarefas — eram para me comprar um presente de última hora. Ao contrário de mim, que comprara seu presente há dois meses e o guardei na lavanderia, Jamie estava sempre fazendo compras na véspera de Natal ou no dia anterior ao meu aniversário.

Mas em vez de provocá-lo sobre sua tendência a procrastinar, eu apenas assenti. — Sim por favor. Você se importaria de ir à loja de bebidas para mim? — Nós vamos fazer um churrasco de primavera amanhã para celebrar nosso aniversário, e a única bebida que tínhamos na casa era a tequila favorita de Jamie.

— Querida, eu te disse. Nós não precisamos ter cocktails extravagantes. Basta pegar um pouco de cerveja na mercearia amanhã e vamos beber minhas bebidas.

— E, querido, eu te disse. Nem todo mundo gosta de tiros de tequila.

— Claro que eles gostam. As doses de tequila são uma bebida de festa clássica.

Eu revirei meus olhos e ri. — Não vamos ter uma festa de fraternidade amanhã. Somos adultos agora e podemos ter alguma variedade. No mínimo, poderíamos comprar um pouco de Marguerita.

— Tudo bem — ele resmungou. — Você tem uma lista?

Eu balancei a cabeça, mas quando tentei sair do balcão, ele me manteve presa.

— Posso te perguntar uma coisa? — Suas sobrancelhas se uniram quando seu sorriso desapareceu.

— Claro.

— Estamos casados há quase um ano. Qual é a sua coisa favorita sobre ser casada comigo?

Minhas mãos vieram até o rosto dele, afastando o cabelo loiro que havia caído em seus olhos azuis. Eu nem precisei pensar na minha resposta. — Adoro poder



dizer que sou sua esposa. Isso me enche de orgulho toda vez. Como sempre que estamos na sua escola e os pais aparecem para me dizer o quanto seus filhos amam a sua aula, fico muito orgulhosa por poder chamá-lo de meu.

A tensão em seu rosto desapareceu.

Eu não tinha certeza de onde sua pergunta tinha vindo, mas era boa. Especialmente hoje, véspera do nosso aniversário.

Jamie recuou, mas eu agarrei a gola da camisa dele e o puxei de volta para o meu espaço. — Aguarde. É sua vez. Qual é a sua coisa favorita sobre ser casado comigo?

Ele sorriu. — Que você faz sexo comigo todos os dias.

— Jamie! — Eu golpeei seu peito enquanto ele ria. — Seja sério.

— Eu estou sério. Ah, e eu amo que você faz toda a comida e lava minha roupa. Sério, querida. Obrigado por isso.

— Você está brincando comigo agora?

Ele assentiu e sorriu mais largo. — Eu amo que eu seja o único a vê-la ficar mais bonita a cada dia.

Meu coração acelerou novamente. — Eu te amo, Jamie Maysen.

— Eu também te amo, Poppy Maysen.

Ele se inclinou para frente e roçou os lábios contra os meus, me provocando por um breve momento com a língua, antes de dar um passo para trás e me soltar.

— Eu vou pegar sua lista para a loja de bebidas. — Eu saí do balcão e peguei a lista que fiz antes.

— Ok. Volto em breve. — Jamie enfiou a lista no bolso e beijou meu cabelo antes de sair pela porta.

Três horas depois, Jamie ainda não havia retornado. Toda vez que eu ligava para o telefone dele, ele tocava e tocava até que o correio de voz dele entrava em ação. Eu estava fazendo o meu melhor para ignorar o nó no meu estômago. Ele provavelmente estava apenas fazendo compras. A qualquer momento ele estaria em casa e poderíamos sair para jantar. Conhecendo

Jamie, ele acabara de perder a noção do tempo, ou encontrou um amigo e saiu para tomar uma cerveja.

Ele está bem.

Uma hora depois, ele ainda não estava em casa. — Jamie — , eu disse ao seu correio de voz. — Onde está você? Está ficando tarde e pensei que íamos jantar. Você perdeu seu telefone ou algo assim? Você precisa voltar para casa ou me ligar de volta. Estou ficando preocupada.

Eu desliguei e andei pela cozinha. *Ele está bem. Ele está bem.*

Uma hora depois, deixei mais cinco mensagens de voz e comi todas as minhas unhas.

Uma hora depois disso, deixei quinze mensagens de voz e comecei a ligar para hospitais.

Eu estava procurando o número para o departamento de polícia quando a campainha tocou. Jogando meu telefone no sofá da sala, corri para a porta, mas meus pés hesitaram ao ver um uniforme através do vidro da porta.

Oh Deus. Meu estômago revirou. *Por favor, que ele esteja bem.*

Abri a porta e saí para a varanda. — Oficial.

O policial ficou ereto, sua postura perfeita, mas seus olhos verdes o traíram. Ele não queria estar batendo na minha porta mais do que eu o queria na minha varanda.

— Senhora. Você é Poppy Maysen?

Eu engasguei um sim antes que a bile subisse na minha garganta.

A postura do policial afrouxou um centímetro. — Sra. Maysen, receio que tenha más notícias. Você gostaria de entrar e se sentar?

Eu balancei a cabeça. — É Jamie?

Ele assentiu e a pressão no meu peito apertou tão forte que não conseguia respirar. Meu coração estava batendo tão forte no meu peito que minhas costelas doíam.

— Somente... Apenas me diga, — eu sussurrei.



— Você está aqui sozinha? Posso ligar para alguém?

Eu balancei a cabeça novamente. — Fale. Por favor.

Ele respirou fundo. — Sinto muito em informá-la, Sra. Maysen, mas seu marido foi morto hoje cedo.

Jamie não estava bem.

O policial continuou falando, mas suas palavras foram abafadas pelo som do meu coração despedaçado.

Não me lembro de mais nada daquela noite. Eu lembro do meu irmão vindo. Lembro dele chamando os pais de Jamie para dizer que, o filho deles não estava mais neste mundo, que ele havia sido morto em um assalto em uma loja de bebidas.

Lembro de desejar ter morrido também.

E eu lembro daquele policial sentado ao meu lado, o tempo todo.



CAPÍTULO 01

30º Aniversário: Adquirir um restaurante para Poppy

Poppy

Cinco anos depois...

— Está pronta para isso? — Molly perguntou.

Eu olhei ao redor da sala aberta e sorri. — Sim. Eu acho que sim.

Meu restaurante, The Maysen Jar, estaria abrindo amanhã.

O sonho que eu tive desde que era criança - o sonho que Jamie tinha compartilhado comigo - estava se tornando realidade.

A antiga garagem de um mecânico, agora tinha The Maysen Jar na fachada, o mais novo café de Montana. Eu peguei um prédio abandonado e o transformei no meu futuro.

Se foi o chão de cimento manchado com óleo. Em seu lugar havia um piso de madeira de ziguezague em nogueira. As portas encardidas da garagem haviam sido substituídas. Agora os visitantes chegavam a uma fileira de janelas do chão ao teto, pintadas de preto. E décadas de gosma, sujeira e graxa foram eliminadas. As paredes originais de tijolos vermelhos tinham sido limpas e de volta à sua antiga glória, e os altos tetos industriais tinham sido pintados de branco.



Adeus, tomadas e chaves. Olá, colheres e garfos.

— Eu estava pensando. — Molly endireitou as cartas do menu pela quarta vez. — Nós provavelmente deveríamos ligar para a estação de rádio e ver se eles fariam um anúncio ou algo assim, para anunciar que você está abrindo. Temos esse anúncio no jornal, mas o rádio também pode ser bom.

Eu reorganizei o pote de canetas para os pedidos. — Ok. Vou ligar para eles amanhã.

Nós estávamos de pé ombro a ombro atrás do balcão no fundo da sala. Nós duas estávamos inquietas - tocando coisas que não precisavam ser tocadas e organizando coisas que tinham sido organizadas - até eu admitir o que estávamos pensando. — Eu estou nervosa.

A mão de Molly deslizou pelo balcão e pegou a minha. — Você será ótima. Este lugar é um sonho e estarei aqui com você a cada passo do caminho.

Eu inclinei meu ombro no dela. — Obrigada. Por tudo. Por me ajudar a conseguir isso. Por concordar em ser minha gerente. Eu não teria chegado tão longe sem você.

— Sim, você teria, mas estou feliz por fazer parte disso. — Ela apertou minha mão antes de soltar e passar os dedos pelo balcão de mármore preto. — Eu estou...

A porta da frente se abriu e um homem idoso, com uma bengala, entrou na sala. Ele parou na porta, seu olhar percorreu as mesas e cadeiras pretas que enchiam o espaço aberto, até que ele viu Molly e eu no fundo da sala.

— Olá — eu disse. — Posso ajudar?

Ele tirou o boné cinza e enfiou debaixo do braço. — Apenas olhando.

— Sinto muito, senhor — disse Molly, — mas não abriremos para negócios até amanhã.

Ele ignorou Molly e começou a se arrastar pelo corredor central. Meu restaurante não era enorme. A garagem em si tinha apenas dois cômodos, e o caminho da porta da frente para o balcão tinha, exatamente, dezessete passos. Este homem fez a viagem parecer que ele estava atravessando o

Saara. Cada passo era pequeno e ele parou várias vezes para olhar em volta. Mas, finalmente, ele chegou ao balcão e sentou em um banco de madeira em frente a Molly.

Quando seus grandes olhos castanhos encontraram os meus, eu apenas dei de ombros. Eu coloquei tudo o que tinha nesse restaurante - coração, alma e carteira - e não podia me dar ao luxo de afastar potenciais clientes, mesmo que não tivéssemos aberto o negócio ainda.

— O que posso fazer por você, senhor?

Ele passou por Molly, pegando um cardápio da pilha, revirando o bando inteiro enquanto ele os deslizava.

Eu sufoquei uma risada pela carranca de Molly. Ela queria arrumar os cardápios tão rápido que seus dedos estavam coçando, mas se conteve, decidindo sair em vez disso. — Acho que vou terminar lá atrás.

— Ok.

Ela se virou e desapareceu pela porta de vaivém para a cozinha. Quando se fechou atrás dela, me concentrei no homem que observava o cardápio.

— Potes? — ele perguntou.

Eu sorri abertamente. — Sim, potes. — Quase tudo aqui é feito em potes de conserva. Diferente de alguns sanduíches e bolos de café da manhã, eu tinha formulado um cardápio centrado em torno de potes de conserva.

Na verdade, era idéia de Jamie era usar potes. Não muito tempo depois de termos casado, eu estava experimentando receitas. Embora sempre tenha sido meu sonho abrir um restaurante, nunca soube exatamente o que queria servir. Isso foi até uma noite, quando eu estava experimentando ideias que encontrei no Pinterest. Eu fiz essas deliciosas tortas de maçã em potes pequenos e Jamie ficou louco por elas. Nós passamos o resto da noite discutindo ideias para um restaurante, com tema de potes.

Jamie, você ficaria muito orgulhoso de ver esse lugar. Uma picada muito familiar atingiu meu nariz, mas a esfreguei, me concentrando no meu primeiro cliente, em vez de me concentrar no passado.



— Você gostaria de experimentar alguma coisa?

Ele não respondeu. Ele apenas abaixou o cardápio e olhou, inspecionando o quadro e as prateleiras de exibição nas minhas costas. — Você escreveu errado.

— Na verdade, meu sobrenome é Maysen, escrito da mesma forma que o restaurante.

— Hum — ele murmurou, claramente não tão impressionado com a minha esperteza.

— Nós não abriremos até amanhã, mas que tal uma amostra? Por conta da casa?

Ele encolheu os ombros.

Não deixando sua falta de entusiasmo e comportamento geral rabugento me puxar para baixo, caminhei até a vitrine refrigerada ao lado do caixa e escolhi o favorito de Jamie. Eu o levei ao forno e coloquei uma colher e um guardanapo na frente do homem, enquanto ele continuava examinando o espaço.

Ignorando o cenho franzido no seu rosto, esperei pelo forno e deixei meus olhos vagarem. Quando eles fizeram, meu peito inchou de orgulho. Hoje de manhã apliquei os últimos retoques. Eu pendurei o último trabalho artístico e coloquei uma flor nova em cada mesa. Era difícil acreditar que essa era a mesma garagem em que eu entrara há um ano. Que finalmente consegui eliminar o cheiro de gasolina em troca de açúcar e tempero.

Não importa o que aconteça com o The Maysen Jar - se falhar miseravelmente ou for bem-sucedido, além dos meus sonhos mais loucos - eu sempre ficarei orgulhosa do que realizei aqui.

Orgulhosa e grata.

Demorei quase quatro anos para sair do peso da morte de Jamie. Quatro anos para o nevoeiro negro da tristeza e a perda desaparecerem em cinza. O Maysen Jar me dera um propósito no ano passado. Aqui, eu não era apenas uma viúva de vinte e nove anos, que lutava para sobreviver todos os dias. Aqui eu era empresária. Eu estava no controle da minha vida e



do meu próprio destino.

O toque do forno me tirou do meu devaneio. Puxei uma luva e deslizei o pequeno pote, deixando o cheiro de maçã, manteiga e canela flutuar no meu nariz. Depois fui ao freezer, peguei meu sorvete favorito de fava de baunilha e coloquei uma colher no topo da massa da torta. Envolvendo o pote quente em um guardanapo de pano preto, eu coloquei a torta na frente do velho rabugento.

— Aprecie. — Eu segurei um sorriso presunçoso. Uma vez que ele cortasse aquela torta, eu o conquistaria.

Ele observou por um longo minuto, inclinando-se para inspecionar todos os lados do prato antes de pegar sua colher. Mas com a primeira mordida, um zumbido involuntário de prazer escapou de sua garganta.

— Eu ouvi isso — provoquei.

Resmungou algo baixinho antes de dar outra mordida fumegante. Então outra. A torta não durou muito, ele a devorou enquanto eu fingia limpar.

— Obrigado — ele disse baixinho.

— Seja bem-vindo. — Peguei seu prato vazio e coloquei em uma bandeja de plástico. — Você gostaria de levar um para casa? Talvez para depois do jantar?

Ele encolheu os ombros.

Tomei isso como um sim, e preparei uma sacola com uma torta de mirtilo em vez da torta de maçã. Enfiando uma placa de menu e instruções de reaquecimento dentro, eu coloquei a bolsa de artesanato marrom ao lado dele, no balcão.

— Quanto? — Ele pegou sua carteira.

Eu acenei para ele. — É por conta da casa. Um presente para você, como meu primeiro cliente, senhor...

— James. Randall James.

Eu fiquei tensa com o nome - como sempre fazia quando ouvia o nome Jamie ou uma versão parecida - mas deixei as



coisas agradáveis me tomarem. Cinco anos atrás, eu teria explodido em lágrimas. Agora, a picada era administrável.

Randall abriu a sacola e olhou para dentro. — Você envia coisas para viagem em um pote?

— Sim, o pote também vai. Se você o trouxer de volta, eu dou um desconto na sua próxima compra.

Ele fechou a bolsa e murmurou: — Hum.

Nós nos encaramos em silêncio por algum tempo, cada segundo ficando mais e mais estranho, mas eu não quebrei meu sorriso.

— Você é daqui? — ele finalmente perguntou.

— Eu moro em Bozeman desde a faculdade, mas não, eu nasci no Alasca.

— Será que eles têm estes restaurantes *de potes* de conserva lá?

Eu ri. — Não que eu saiba, mas não vou para casa há algum tempo.

— Hum.

Hum. Eu fiz uma nota mental para nunca mais responder a perguntas com — hum — novamente. Até conhecer Randall James, eu nunca tinha percebido o quão irritante era.

O silêncio entre nós retornou. Molly estava batendo na cozinha, provavelmente descarregando os pratos limpos da lava-louças, mas por mais que eu quisesse estar lá para ajudar, não podia deixar Randall aqui sozinho.

Eu olhei para o meu relógio. Eu tinha planos para esta noite e precisava preparar as quiches de café da manhã, antes de sair. Ficar aqui enquanto Randall ponderava sobre o meu restaurante, não era algo que eu tivesse colocado nos meus planos.

— Eu, hum...

— Eu construí este lugar.

Sua interrupção me surpreendeu. — A garagem?

Ele assentiu. — Trabalhei para a construtora que a construiu nos anos 60.



Agora sua inspeção fazia sentido. — O que você acha?

Eu normalmente não me importava muito com as opiniões dos outros - especialmente de um estranho excêntrico - mas, por alguma razão, eu queria a aprovação de Randall. Ele foi a primeira pessoa a entrar neste lugar que não era um membro da família ou uma parte da minha equipe de construção. Uma opinião favorável de uma pessoa de fora me animaria quando entrasse, no dia da inauguração.

Mas meu espírito caiu quando, sem uma palavra, Randall puxou o boné e levantou do banco. Ele colocou a sacola sobre um pulso enquanto pegava a bengala com a outra mão. Então ele começou sua lenta jornada em direção à porta.

Talvez minha torta de maçã não fosse tão mágica quanto Jamie pensara.

Quando Randall parou na porta, me animei, esperando por algum sinal de que ele tivesse gostado do tempo dele aqui.

Ele olhou por cima do ombro e piscou. — Boa sorte, Maysen.

— Obrigada, Sr. James. — Eu mantive meus braços presos ao meu lado até que ele se virou e empurrou a porta. Assim que ele estava fora de vista, eu joguei meus braços para o alto, *sim!*

Eu não tinha certeza se veria Randall James de novo, mas estava me despedindo com a bênção que eu estava desejando.

Isso ia funcionar. O Maysen Jar seria um sucesso.

Eu podia sentir isso até os meus ossos.

Nem trinta segundos depois que Randall desapareceu pela calçada, a porta se abriu de novo. Desta vez, uma menininha correu pelo corredor central. — Tia Poppy!

Corri ao redor do balcão e me ajoelhei, pronta para o impacto. — Kali besouro! Onde está meu abraço?

Kali, minha sobrinha de quatro anos, riu. Seu vestido rosa de verão bateu atrás dela, enquanto ela corria em minha direção. Seus cachos castanhos - cachos que combinavam com os de Molly - saltaram por seus ombros quando ela voou para os meus braços. Eu beijei sua bochecha e fiz



cócegas em sua cintura, mas rapidamente a soltei, sabendo que ela não estava aqui por mim.

— Onde está a mamãe?

Eu balancei a cabeça em direção às costas. — Na cozinha.

— Mamãe! — ela gritou enquanto corria em busca de Molly.

Eu fiquei de pé quando a porta tocou de novo, e meu irmão Finn entrou com Max, com dois anos de idade, em seus braços.

— Oi. — Ele atravessou a sala e me colocou de lado para um abraço. — Como você está?

— Bem. — Apertei sua cintura, então fiquei na ponta dos pés para beijar a bochecha do meu sobrinho. — Como você está?

— Bem.

Finn estava longe de estar bem, mas não comentei. — Quer alguma coisa para beber? Vou fazer seu café com leite favorito.

— Certo. — Ele assentiu e pousou Max quando Molly e Kali saíram da cozinha.

— Mamãe! — Todo o rosto de Max se iluminou quando se aproximou da mãe.

— Max! — Ela o pegou, beijando suas bochechas rechonchudas e abraçando com força. — Oh, eu senti sua falta, querido. Você se divertiu com o papai?

Max apenas a abraçou de volta, enquanto Kali agarrava sua perna.

O divórcio de Finn e Molly foi duro com as crianças. Ver seus pais infelizes e dividir o tempo entre as casas, tinha cobrado seu preço.

— Oi, Finn. Como você está? — A voz de Molly estava cheia de esperança de que ele lhe dissesse algo agradável.

— Tudo bem — ele cortou.

O sorriso no rosto dela caiu quando ele se recusou a olhar para ela, mas ela se recuperou rapidamente, concentrando-se



em seus filhos. — Vamos pegar minhas coisas no escritório e depois podemos ir para casa, brincar antes do jantar.

Acenei. — Te vejo amanhã.

Ela assentiu e me deu seu maior sorriso. — Eu não posso esperar. Isso vai ser maravilhoso, Poppy. Eu apenas sei disso.

— Obrigada. — Eu sorri e dei tchau para minha melhor amiga e ex-cunhada.

Molly olhou de volta para Finn, esperando que ele a reconhecesse, mas ele não o fez. Ele deu um beijo de despedida em seus filhos e depois deu as costas para a ex-mulher, sentando no banco que Randall havia desocupado.

— Tchau, Finn — sussurrou Molly, conduzindo as crianças de volta à cozinha, para o pequeno escritório.

No minuto em que ouvimos a porta de trás se fechar, Finn gemeu e esfregou as mãos sobre o rosto. — Isso é uma merda.

— Desculpa. — Eu acariciei seu braço e então fui para trás do balcão, para fazer seu café.

O divórcio tinha apenas quatro meses e ambos estavam lutando para se ajustar ao novo normal, diferentes casas, horários de custódia e encontros desajeitados. A pior parte disso tudo era que eles ainda se amavam. Molly estava fazendo tudo que podia para obter apenas uma fração do perdão de Finn. Finn estava fazendo tudo o que podia para fazê-la pagar.

E como a melhor amiga de Molly e irmã de Finn, eu fui pega no meio, tentando dar-lhes igualmente, tanto amor como apoio.

— Está tudo pronto para amanhã? — Finn apoiou os cotovelos no balcão e me observou fazer seu café com leite.

— Sim. Preciso fazer algumas coisas para o cardápio do café da manhã, mas depois estarei pronta.

— Quer jantar comigo esta noite? Eu posso esperar que você termine.



Meus ombros endureceram e eu não me afastei do café expresso. — Hum, eu realmente tenho planos esta noite.

— Planos? Quais planos?

A surpresa em sua voz não foi um choque. Nos cinco anos desde que Jamie morrera, raramente fazia planos que não o incluíssem nem a Molly. Eu praticamente perdi contato com os amigos que Jamie e eu tínhamos na faculdade. A única pessoa com quem eu ainda conversava era Molly. E o mais perto que cheguei de fazer um *Novo* amigo ultimamente, foi minha conversa mais cedo com Randall.

Finn provavelmente estava animado, pensando que eu estava fazendo algo social e se ramificando, o que não era totalmente falso. Mas meu irmão não ia gostar dos planos que eu tinha.

— Eu estou indo para uma aula de karatê — eu soltei e comecei a preparar seu leite. Eu senti sua carranca nas minhas costas, e com certeza, ainda estava lá quando entreguei o leite pronto.

— Poppy, não. Eu pensei que tínhamos falamos sobre desistir dessa lista.

— Nós conversamos sobre isso, mas não me lembro de concordar com você.

Finn achou que, meu desejo de completar a lista de aniversários de Jamie, não era saudável.

Eu pensei que era necessário.

Porque talvez, se eu terminasse a lista de Jamie, pudesse encontrar uma maneira de deixá-lo ir.

Finn bufou e mergulhou direto no nosso argumento habitual. — Você pode levar anos para passar por essa lista. E se isso acontecer? Terminar a lista dele não vai trazê-lo de volta. É apenas a sua maneira de se agarrar ao passado. Você nunca vai seguir em frente se não puder deixá-lo ir. Ele foi embora, Poppy.

— Eu sei que ele se foi — eu retruquei, a ameaça de lágrimas queimando minha garganta. — Estou bem ciente de que Jamie não vai voltar, mas esta é a minha



escolha. Eu quero terminar a lista dele, e o mínimo que você pode fazer é ser favorável. Além disso, você é quem para fala sobre seguir em frente.

— Isso é diferente — ele respondeu.

— Será?

Nos enfrentamos com um olhar fixo, meu peito arfando quando me recusei a piscar.

Finn quebrou primeiro e falou. — Eu sinto muito. Eu só quero que você seja feliz.

Eu me apoiei no balcão e coloquei minha mão em cima da dele. — Eu sei, mas por favor, tente entender que eu preciso fazer isso.

Ele balançou sua cabeça. — Eu não entendo. Não sei por que você passou por tudo isso. Mas você é minha irmã e eu te amo, então vou tentar.

— Obrigada. — Eu apertei a mão dele. — Eu quero que você seja feliz também. Talvez em vez de jantar comigo, você deveria ir para a casa da Molly? Vocês poderiam tentar conversar depois que as crianças fossem para a cama.

Ele balançou a cabeça, uma mecha do cabelo cor de ferrugem saindo do lugar, enquanto ele falava com a bancada. — Eu a amo. Eu sempre a amarei, mas não posso perdoar o que ela fez. Eu só... Não posso.

Eu gostaria que ele tentasse mais. Eu odeio ver meu irmão tão desolado. Molly também. Eu aproveitaria a chance de recuperar Jamie, não importando quais erros ele pudesse ter cometido.

— Então, karatê? — Finn perguntou, mudando de assunto. Ele pode desaprovar minha escolha de terminar a lista de Jamie, mas ele prefere falar sobre isso que do seu casamento fracassado.

— Karatê. — Eu marquei uma hora para tentar uma aula hoje à noite. Provavelmente foi um erro, fazer um exercício físico extenuante na noite anterior à grande inauguração, mas eu queria fazê-lo antes que o restaurante abrisse e ficasse muito ocupada - ou me acovardasse.

— Então, eu acho que amanhã você vai marcar duas coisas da lista. Abrindo este restaurante e indo para uma aula de karatê.



É a realidade. — Eu levantei um dedo, depois fui até o caixa pegar minha bolsa. Eu peguei minha bolsa enorme e revirei até meus dedos baterem no diário de couro de Jamie. — Vou riscar o item restaurante.

Eu não tinha completado muitos itens da lista de Jamie, mas toda vez que eu fazia as lágrimas seguiam. A abertura do restaurante amanhã seria um dos momentos de maior orgulho e eu não queria que fosse inundada por lágrimas.

— Você faria isso por mim? — Eu perguntei.

Ele sorriu. — Você sabe que eu sempre estarei aqui para o que você precisar.

Eu sabia.

Finn me amparou nos últimos cinco anos. Sem ele, acho que não teria sobrevivido à morte de Jamie.

— OK. — Eu respirei fundo, então peguei uma caneta do pote no caixa. Virando a página do trigésimo aniversário, verifiquei cuidadosamente a caixinha no canto superior direito.

Jamie havia dado a cada aniversário uma página no diário. Ele queria algum espaço para fazer anotações sobre sua experiência ou fita adesiva com fotos. Ele nunca conseguiria preencher essas páginas, e mesmo que eu estivesse fazendo a lista dele, eu não conseguiria fazer isso também. Então, depois que terminava um de seus itens, simplesmente marcava a caixa, e ignorava as linhas, que sempre permaneceriam vazias.

Como esperado, no momento em que fechei o diário, um soluço escapou. Antes da primeira lágrima cair, Finn virou a esquina do balcão e me puxou para seus braços.

Eu sinto sua falta, Jamie. Eu sinto tanto a falta dele que dói. Não era justo que ele não pudesse fazer sua própria lista. Não era justo que sua vida tivesse sido interrompida porque eu, pedi a ele, para executar uma tarefa idiota. Não era justo que a pessoa responsável por sua morte ainda estivesse viva.

Não era justo.



A onda de emoção me consumiu e deixei tudo entrar na camisa azul do meu irmão.

— Por favor, Poppy — Finn sussurrou em meu cabelo. — Por favor, pense em parar essa coisa da lista. Eu odeio que isso te faça chorar.

Eu funguei e enxuguei os olhos, lutando com todas as minhas forças para parar de chorar. — Eu tenho que — soluço. Eu tenho que fazer isso. Mesmo que leve anos.

Finn não respondeu; ele apenas me apertou mais forte.

Nós nos abraçamos por alguns minutos, até que me juntei e dei um passo para trás. Não querendo ver a empatia em seus olhos, eu olhei ao redor do restaurante. O restaurante que eu só pude comprar por causa do dinheiro do seguro de vida de Jamie.

— Você acha que ele teria gostado?

Finn jogou o braço sobre meus ombros. — Ele adoraria. E ele ficaria muito orgulhoso de você.

— Este foi o único item em sua lista que não era só para ele.

— Eu acho que você está errada sobre isso. Eu acho que isso *foi* para ele. Realizar seus sonhos era a maior alegria de Jamie.

Eu sorri. Finn estava certo. Jamie teria ficado tão empolgado com esse lugar. Sim, era o meu sonho, mas também teria sido o dele.

Enxugando meus olhos uma última vez, coloquei o diário de lado. — É melhor eu pegar minhas coisas para que eu possa chegar a essa aula.

— Me ligue depois, se você precisar. Eu apenas estarei em casa. Sozinho.

— Como eu disse, você sempre pode ir jantar com sua família. — Ele me lançou um olhar e eu levantei minhas mãos. — Apenas uma idéia.

Finn beijou minha bochecha e tomou outro longo gole de seu café. — Eu vou embora.

— Mas você vai voltar amanhã?

— Eu não perderia isso por nada no mundo. Estou orgulhoso de você, mana.



Eu também estava orgulhosa de mim. — Obrigada.

Nós caminhamos juntos até a porta, então a tranquei atrás dele antes de correr de volta para a cozinha. Mergulhei em minha cozinha, fazendo uma bandeja de quiches, que ficariam na geladeira para assar de manhã. Quando meu relógio tocou, no minuto depois que eu coloquei a bandeja na geladeira, respirei fundo.

Karatê.

Eu estava indo para o karatê esta noite. Eu não queria tentar artes marciais, mas eu faria. Por Jamie.

Então eu corri para o banheiro, trocando meu jeans e blusa branca por legging preta e uma camiseta esportiva marrom. Amarrei meu longo cabelo vermelho em um rabo de cavalo, que pendia do meu sutiã esportivo, antes de colocar meus tênis cinza escuro e sair pelos fundos.

Não demorou muito para dirigir meu sedã verde para a escola de karatê. Bozeman era a cidade que mais crescia em Montana, e tinha mudado muito desde que me mudei para a faculdade, mas ainda não demorava mais de vinte minutos para ir de um lado para o outro - especialmente em junho, quando a faculdade estava fora para o verão.

Quando parei no estacionamento, meu estômago estava em um nó. Com as mãos trêmulas, saí do meu carro e entrei no prédio de tijolos cinza.

— Oi! — Uma adolescente loira me cumprimentou por trás do balcão da recepção. Ela não poderia ter mais de dezesseis anos, e tinha um cinto preto amarrado em torno de seu uniforme branco.

— Oi — , eu respirei.

— Você está aqui para experimentar uma aula?

Eu balancei a cabeça e encontrei minha voz. — Sim, liguei no início desta semana. Não consigo lembrar com quem conversei, mas ele me disse que eu poderia vir hoje à noite e experimentar.

— Impressionante! Deixe-me pegar os papéis. Um segundo. — Ela desapareceu no escritório atrás do balcão da recepção.

Aproveitei o momento livre para olhar em volta. Troféus enchiam as prateleiras atrás do balcão.



Certificados emoldurados, escritos em inglês e japonês, estavam pendurados nas paredes em colunas ordenadas. Fotos de estudantes felizes estavam espalhadas pelo resto do saguão.

Depois da recepção, havia uma ampla plataforma cheia de pais sentados em cadeiras dobráveis. Mamães e pais orgulhosos estavam de frente para uma longa janela de vidro, que dava para uma sala de aula de crianças. Além do vidro, os pequenos de uniformes brancos e cintos amarelos praticavam socos e chutes, alguns mais coordenados que outros, mas todos muito adoráveis.

— Aqui está. — A adolescente loira voltou com uma pequena pilha de papéis e uma caneta.

— Obrigada. — Eu comecei a escrever, preenchendo meu nome e assinando as linhas necessárias, depois as devolvi. — Eu preciso, hum, mudar? — Eu olhei para as minhas roupas de ginástica, me sentindo fora do lugar ao lado de todos os uniformes brancos.

— Você está bem para esta noite. Você pode usar isso, e se você decidir se inscrever para mais aulas, use um kimono. — Ela puxou a lapela do seu uniforme, para me mostrar. — Deixe-me levar para uma visita rápida.

Eu respirei fundo, sorrindo para alguns dos pais, quando eles se viraram e me notaram. Então eu encontrei a garota do outro lado do balcão da recepção e a segui através de um arco para uma sala de espera. Ela passou direto pela área aberta e entrou pela porta marcada como *Senhoras*.

— Você pode usar qualquer um dos ganchos e cabides. Nós não usamos sapatos no tablado, então você pode deixá-los em um cubículo com suas chaves. Não há nenhum armário, como você pode ver — , ela riu, — mas ninguém roubará nada de você. Aqui não.

— OK. — Eu tirei meus sapatos e os coloquei em um cubículo livre com as chaves do meu carro.

Droga. Eu deveria ter pintado minhas unhas dos pés. O vermelho que eu escolhi semanas atrás agora estava lascado e sem brilho.

— Eu sou Olivia, a propósito. — Ela se inclinou para sussurrar. — Quando estamos aqui, você pode me chamar de Olivia, mas quando estivermos na área de espera ou no dojo, você deve sempre me chamar de Sensei Olivia.



— Entendi. Obrigada.

— Só vai demorar mais alguns minutos até que a turma das crianças termine. — Olivia me levou de volta para uma área de espera. Você pode apenas esperar aqui e depois vamos começar.

— OK. Obrigada novamente.

Ela sorriu e desapareceu de volta para a área da recepção.

Fiquei em silêncio na sala de espera, tentando me misturar nas paredes brancas, enquanto espiava o dojo.

A aula acabou e as crianças estavam fazendo fila para se curvar a seus professores, *Senseis. Um menino estava mexendo os dedos dos pés nos tapetes azuis que cobriam o chão. Duas menininhas estavam sussurrando e rindo. Um instrutor chamou a atenção e as costas das crianças se encaixaram. Então se inclinaram na cintura, curvando-se para os senseis, uma fileira de espelhos cobria a parte de trás da sala.*

A sala explodiu em gargalhadas e aplausos quando as crianças foram dispensadas da fila e se esgueiraram pela porta. A maioria passou por mim sem olhar, e foram para encontrar seus pais ou se trocar nos vestiários.

Meus nervos cravaram quando as crianças passaram pela sala de ginástica, sabendo que era quase hora de eu entrar lá. Outros estudantes adultos entravam e saíam dos vestiários, e agora eu estava ainda mais consciente de que eu seria a única pessoa, hoje à noite, que não usaria branco.

Eu odiava ser nova. Algumas pessoas gostavam da correria do primeiro dia de aula ou de um novo emprego, mas não eu. Eu não gostava da energia nervosa em meus dedos. E eu realmente não queria me sentir idiota hoje à noite.

Apenas não caia de cara no chão.

Esse foi um dos dois objetivos para esta noite: sobreviver e ficar em pé.

Eu sorri para outra aluna quando ela saiu do vestiário. Ela acenou, mas se juntou a um grupo de homens encolhidos na parede oposta.



Não querendo bisbilhotar os adultos, estudei as crianças enquanto elas zumbiam ao redor, até que uma comoção soou no saguão.

Determinada a não mostrar medo a quem quer que fosse, forcei os cantos da minha boca. Elas caíram quando um homem entrou na área de espera.

Um homem que eu não via há cinco anos, um mês e três dias apareceu na sala.

O policial que me disse que meu marido havia sido assassinado.



CAPÍTULO 02

26º Aniversário: Ter aulas de Karatê

Cole

Poppy Maysen.

Porra.

Poppy Maysen estava de pé no meu dojo.

— Oi, Sensei.

— Ei — eu respondi automaticamente, tirando os olhos de Poppy para reconhecer um aluno enquanto ele passava.

Não demorou muito para o meu olhar vagar de volta para Poppy. Ela estava congelada contra a parede, olhando para mim como se tivesse visto um fantasma.

Quanto tempo demorou? Cinco anos? A última vez que eu a vi, ela estava dormindo em seu sofá da sala, tremendo do pesadelo que eu tinha entregue em sua porta.

E agora ela estava aqui, vestida com roupas de ginástica e esperando para fazer uma aula de karatê. Para fazer *minha* aula de karatê.



— Ei, Cole. — Danny, um adolescente faixa preta, deu um tapa no meu braço enquanto passava.

Eu estava parado no meio das pessoas indo e vindo para os vestiários, olhando para Poppy como um idiota. — Oi, Danny.

Eu tirei meus olhos dela novamente e virei de lado. Quando olhei de volta, ela não tinha se mexido.

O que estava acontecendo na cabeça dela? Ela estava prestes a fugir? Meu rosto provavelmente provocou um ataque de lembranças ruins. E eu parado aqui, olhando para ela, provavelmente não estava ajudando.

Merda. Eu forcei um pé na frente do outro, lhe dando um leve aceno quando desapareci no vestiário masculino. Se ela ainda estivesse na sala de espera quando eu saísse, ficaria chocado, mas eu diria olá. Talvez alguns minutos dessem a ela e a mim uma chance de superar a surpresa de estar na mesma sala, mais uma vez.

— Oi, Sensei Cole.

— Ei, garotos. — Cumprimentei duas crianças mais novas no vestiário enquanto amarravam os sapatos. — Vocês aprenderam alguma coisa nova hoje?

As crianças começaram a tagarelar sobre os novos golpes que aprenderam na aula hoje à noite, embora nenhum dos dois pudesse lembrar os nomes em japonês. Eu os deixei de ouvir, deixando cair minha mochila em um banco e passando a mão pelo meu cabelo.

Poppy Maysen.

O que ela vinha fazendo nesses últimos cinco anos? O que aconteceu com a vida dela? Eu não tinha ficado de olho nela depois daquela noite horrível, mas agora eu queria ter feito isso.

Ela estava tão deslumbrante agora como era há anos atrás.

Ondas soltas de longos cabelos ruivos. Pele tão impecável e cremosa como sorvete derretido. Para uma ruiva, Poppy não tinha o típico tipo de sardas - apenas algumas no nariz. E aqueles olhos azuis. Ainda assombrosamente lindos, assim como eles tinham estado em sua varanda. Eu nunca



esquecerei o momento em que o fogo atrás deles havia apagado.

— Tchau, Sensei!

— Tchau — respondi quando os meninos saíram pela porta. Espero que eles não tenham dito nada importante, porque eu não registrei uma palavra do que eles disseram.

Porra. Poppy Maysen.

Eu encontrei pessoas o tempo todo do passado, mas nenhuma delas me chocou tanto assim. E se eu não conseguisse lidar com isso, eu estaria caindo sobre mim na sala de aula.

Esfreguei minhas mãos no rosto, tirei os óculos de sol do meu colarinho e os joguei no banco. Abri a bolsa e corri para trocar de jeans e pólo preta para o meu kimono branco. Com o meu cinto preto amarrado ao redor dos meus quadris, eu dei outra respiração longa. Alguns outros caras estavam se trocando, mas eu mantive minhas costas para eles, precisando de apenas um minuto para acertar minha cabeça.

Ela encontrou uma maneira de acender o fogo atrás de seus olhos novamente? Eu realmente queria descobrir. Ou seja, se ela já não estivesse a quilômetros do dojo e nunca mais voltasse.

— Vejo vocês lá fora. — Eu balancei a cabeça para os outros caras e abri a porta do vestiário.

Poppy ainda estava em seu lugar, contra a parede. Seus olhos dispararam entre as pessoas amontoadas na área de espera. Estava barulhento enquanto todos conversavam antes da aula, e ela não tinha me notado sair do vestiário. E apesar de seus nervos óbvios, ela manteve um pequeno sorriso em seu rosto estóico.

Força graciosa.

Poppy tinha uma força graciosa. Eu pensei o mesmo, todos esses anos atrás. Eu nunca vi uma pessoa tão devastada, mas centrada. Ela não gritou, nem chorou, nem atacou. Ela apenas... Se manteve junto. Em todo o meu tempo no Departamento de Polícia de Bozeman, nunca conheci ninguém - policial ou civil - que tivesse lidado com um trauma como ela.



Poppy ainda não tinha me notado, então peguei a minha deixa e deslizei para o espaço vazio na parede ao lado dela. Me inclinei e falei baixinho. — Oi.

Seu rosto encontrou o meu, e ela engoliu e piscou. Enquanto eu estava no vestiário, ela aparentemente se preparou para o nosso encontro. — Olá.

Olá. Até a voz dela me afetou. Cinco anos atrás, as palavras que ela falava estavam cheias de dor. Mas agora? Sua voz era tão clara. Não havia nada de suave ou tímido sobre isso. Nada cansado ou rouco. Foi a voz mais pura que eu já ouvi.

Despreocupadamente, limpando o suor da palma da minha mão, estendi minha mão. — Eu sou Cole Goodman.

— Poppy Maysen.

Eu assenti. — Eu lembro.

Os olhos de Poppy dispararam para a minha mão, ainda estendida entre nós, e de volta para o meu rosto. Então, lentamente, seus dedos delicados se encaixaram nos meus. No minuto em que sua pele macia roçou minha palma calejada, um zumbido de eletricidade percorreu meu braço.

Enquanto eu congelei, a respiração de Poppy engatou.

Nós olhamos um para o outro, ainda de mãos dadas, e provavelmente parecendo loucos para os outros estudantes em volta, mas eu não me importei. Não quando a mão de Poppy ainda estava na minha e ela não tinha feito nada para retirá-la.

— Cole. Tem um segundo? — Robert chamou do seu escritório.

— Sim. — Eu mantive a mão de Poppy por outro segundo antes de deixá-la ir e ir para o escritório. Eu me ressenti a cada passo do lado dela.

Robert, meu instrutor e dono do dojo, estava sentado à sua mesa com um par de óculos de leitura empoleirados precariamente no nariz, enquanto folheava uma pilha de mensagens. Seu cabelo tinha começado a rarear no ano passado, então ele chocou a todos esta semana, ao chegar ao dojo com um couro cabeludo recém raspado. Eu estava no karatê com Robert por quase duas décadas, desde que eu estava no colégio, e seu novo visual ainda estava me chocava.

— O que se passa? — Eu levei a cadeira na frente de sua mesa.



— Você pode dar aula para aquela nova garota hoje à noite? Ela ligou para tentar a aula de introdução, mas eu meio que estou sem tempo. Eu a ensinaria, mas preciso passar algum tempo trabalhando com os faixas marrons hoje à noite, para ver quem está pronto para avançar.

— Você pode contar comigo. — Eu esperava que não fosse tão desconfortável para ela, eu queria um tempo extra com Poppy, uma chance de conhecer o que ela tinha feito nos últimos cinco anos, ver como ela se recuperou daquela noite. Talvez descubra por que eu reagi tão fortemente com ela, depois de apenas trinta segundos.

— Como está o trabalho? — Robert perguntou, tirando meus pensamentos de Poppy.

— Ocupado. Nós hoje ativamos a nova força-tarefa antidrogas.

— Boa. Já estava na hora.

Atrasado, na verdade. Como ex-policial, Robert sabia que o problema das drogas na área estava se tornando incontrolável. Ele havia se aposentado do departamento do xerife do condado anos atrás, fazendo do Karatê seu emprego em tempo integral, mas o tráfico de drogas já era grande, mesmo quando ele estava na força.

— Aquele idiota do chefe de polícia, pelo menos, colocou você no comando da força-tarefa?

Eu sorri abertamente. — Ele colocou.

Robert sorriu de volta. — Talvez seu pai não seja tão burro assim.

Eu ri. Robert e papai nunca perderam a chance de brincar um com o outro, mesmo que o outro não estivesse na sala. A amizade deles era a razão pela qual eu comecei o karatê com a idade de sete anos - papai gostava de me ensinar quando ele se encontrava com Robert, para praticar.

— Sensei Robert? Posso... — Olivia entrou no escritório do saguão, mas parou de repente. — Oh, hum, ei, Sensei Cole. — Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e olhou para o chão, tentando esconder suas bochechas vermelhas.

— O que você precisa, Olivia? — Robert perguntou.



— Eu só, uh... — Ela se agitou por um momento, olhando entre o chão e a porta. Quando seus olhos voltaram para os meus, ela se virou e saiu.

— Caramba — Robert murmurou. — Outra não.

Eu levantei minhas mãos. — Ei, não é minha culpa.

Eu não pude evitar que Olivia tivesse se apaixonado por mim no ano passado. Ela e suas amigas de dezessete anos. Não só era esquisito - pois ensinei algumas delas desde que eram crianças pequenas – como estava chateando Robert, porque todas se amontoavam na parte de trás do dojo e riam.

— Você poderia me ajudar aqui. — Robert levantou-se da cadeira.

— Como? Parando de vir aqui? — Eu não posso evitar ter o rosto com o qual eu nasci e com certeza não deixaria meu corpo ir, só por causa de algumas adolescentes malucas. — Eu basicamente as ignoro. Você quer que eu seja um idiota para elas e as assuste para a vida toda?

— Não — ele murmurou. Pelo menos traga Aly de vez em quando, para que essas garotas possam ver que você é comprometido.

Não está acontecendo.

Agora não era a hora de dar uma atualização a Robert, mas Aly não estaria no dojo tão cedo, pelo menos não pelo meu braço.

Eu me levantei e segui Robert de volta para a área de espera. Ele continuou entrando no dojo, curvando-se na porta antes de entrar, e parei na frente de Poppy. — Nós vamos começar.

Ela assentiu e forçou um sorriso nervoso. — Parece bom.

— Você vai estar comigo esta noite.

Seus olhos ficaram um pouco mais largos. — OK.

Ela estava com medo de estar perto de mim ou apenas ansiosa sobre a aula? Provavelmente os dois, mas eu não queria deixá-la ainda mais desconfortável, então entrei no modo professor. — Nós nos curvamos antes de entrar ou sair do dojo.

— Entendi. — Ela assentiu e se afastou da parede.



Eu assumi a liderança, demonstrando a técnica apropriada antes de entrar nos tatames. Poppy seguiu, mantendo uma distância de três pés entre nós, enquanto ela observava o espaço.

— Você vai até lá para se curvar. — Eu apontei para a parede do fundo. — Apenas siga as instruções de Sensei Robert. Depois disso, faremos um treino. Faça o máximo que puder, mas não exagere. Então você e eu vamos trabalhar juntos com o resto da turma. Tudo bem?

Ela assentiu, mas não encontrou meus olhos.

— Poppy. — Seus olhos se levantaram para os meus quando sussurrei seu nome. — Vai ser mais divertido se você simplesmente relaxar.

— Eu não estou realmente aqui por diversão, estou aqui... Estou apenas fora da minha zona de conforto. — Enquanto falava, ela agitava as mãos, os pulsos girando em círculos.

Poppy Maysen conversava com as mãos.

E foi a coisa mais adorável que eu já vi.

Incapaz de esconder o meu sorriso, entrei em seu espaço, saboreando a maneira como sua respiração ficou presa. Ela sentiu a eletricidade entre nós tão fortemente quanto eu.

— Se chegar a ser demais, apenas me dê um sinal. Talvez aquela coisa de girar o pulso que você acabou de fazer. — Seus olhos se estreitaram e eu sorri mais largo. — Calma, matadora. Estou apenas brincando com você.

Ela levantou uma sobrancelha. — Você provoca todos os seus novos alunos?

— Talvez. — Eu sorri. — Então, o que você tem...

— Alinhem-se! — Robert chamou.

Poppy se virou e correu para a linha com os outros alunos, e me juntei aos instrutores na frente, e a aula começou. O tempo todo, meus olhos ficaram cravados em Poppy. Ela estava fazendo o seu melhor para esconder isso, mas ela continuou olhando para mim também.

Isso foi até que sua atenção se concentrou, apenas tentando acompanhar o treino.



Robert voltou para o escritório e escolheu um instrutor mais novo, Danny, para liderar o exercício. O canalha tomou isso como rédea livre para torturar todo mundo. Eu não estava tendo dificuldade em continuar - inferno, eu mal tinha suado - mas Poppy, e todos os outros daquele lado da sala, pareciam infelizes.

Não havia como negar que Poppy estava em forma. Na calça justa e na regata de segunda pele, seu corpo deixava pouco à imaginação, mas um treino de karatê era um animal diferente. E Danny estava pressionando demais, mesmo para alguns dos alunos mais antigos.

— Isso é o suficiente — , eu disse a Danny quando ele pediu outro conjunto de cinquenta flexões. Nós já tínhamos feito cem.

— Está tendo problemas em acompanhar, Sensei Cole? — A pequena merda estufou seu peito.

— Isso está bom, todo mundo — eu chamei, anulando Danny com um olhar fixo. — Vão em frente e peguem uma bebida.

Poppy levantou do chão para caminhar até a fonte de água. Seu rosto estava vermelho e sua testa suada, mas aquelas malditas bochechas rosadas a faziam parecer ainda mais bonita. A imagem dela deitada ao meu lado na cama, suas bochechas coradas de um tipo diferente de treino, surgiu na minha cabeça.

Porra.

A última coisa que eu precisava era ficar de pau duro em meu quimono. Felizmente, a parte de cima estava baixa o suficiente para esconder minha ereção rápida, enquanto todos estavam na fila para a água.

— Agora isso é uma coisa que vale a pena apertar — Danny sussurrou, com os olhos colados na bunda de Poppy. Eu não tinha certeza se ele quis dizer isso em voz alta, mas eu vi vermelho. Ele estava certo, sua bunda era espetacular, mas ele não chegou a dizer isso em voz alta.

— Cuidado, Danny. — Eu apertei minha mão em seu ombro e o arrastei para fora da linha. — Você foi longe demais com esse treino. Nós não pressionamos muito quando temos estudantes convidados e você sabe disso. Eu estava disposto a deixar isso passar, mas você acabou de cruzar a

linha. Você tem exercícios de suicídio e flexões para o resto da aula. Se eu te ver afrouxar, então vamos ficar até mais tarde, e fazer outro treino, até que você aprenda os limites. Entendido?

Seu rosto empalideceu. — Sinto muito, Sensei.

— Tratamos as mulheres com respeito, dentro e fora deste dojo. Pense nisso. Não fale assim. — Apontei para o outro lado da sala e avistei para a minha altura total de um metro e oitenta. — Agora, comece a trabalhar.

Ele assentiu com a cabeça, os ombros caídos enquanto se afastava.

Depois de todo mundo ter tomado uma bebida, eu bebi um pouco de água da fonte e, em seguida, fiz sinal para Poppy se juntar a mim, no canto mais distante da sala.

Ela enxugou a testa com as costas da mão esquerda, os anéis de casamento brilhando na luz do teto.

— Está tudo bem para esta noite — eu apontei para o dedo anelar, — mas da próxima vez, você vai ter quer tirar isso. É melhor deixá-los no vestiário do que apertar o dedo e ter que mandar cortar no hospital.

— Hum... — Ela baixou a mão e inspecionou o anel de noivado de esmeralda e a aliança de casamento de ouro branco. — Eu não tirei isso desde que Jamie... Você sabe.

— Oh, certo. — Eu acho que não precisava perguntar se ela havia se casado novamente - não se ela ainda estivesse usando os anéis do falecido marido. — Bem, pense nisso da próxima vez. Você está bem depois do treino?

— Estou viva e não caí de cara. — Ela sorriu. — Isso é uma vitória para mim esta noite.

Eu ri. — Então, vamos garantir que você passe os próximos trinta minutos.

— Gostaria disso.

Passei os minutos seguintes ensinando-lhe sobre suas posições, e como dar os passos semicirculares apropriados. Quando ela aprendeu, pedi para ela dar um soco.

— Assim?



— Não é bem assim. — Peguei suas mãos nas minhas para ajustar seu aperto, mas no momento em que nos tocamos, eu esqueci tudo sobre o karatê.

Meus olhos se encontraram com os dela e nós dois congelamos, as outras pessoas no dojo desapareceram. Assim como aquele aperto de mão no corredor, seu toque bloqueou o mundo e enviou fogo ardendo em minhas veias.

E direto ao meu pau.

Eu me afastei rapidamente, precisando de um momento para pensar em coisas assexuais, antes que as coisas ficassem realmente estranhas. — Hum... — Eu fiz sinal para ela avançar. — Vá em frente e pratique mais alguns passos, como eu acabei de mostrar a você.

— Certo. — Sua voz musical não ajudou minha crescente ereção.

Enquanto ela andava em direção aos espelhos, eu procurei no meu cérebro por imagens pouco atraentes e fiz o meu melhor para evitar encarar suas pernas esbeltas. Eu olhei para a cabeça careca de Robert. O suor caia nas esteiras. Os pés peludos de Danny. Eu girei através de todos eles e no momento em que Poppy voltou para o meu lado, o inchaço na minha boxer era pelo menos gerenciável.

— Tudo certo?

— Você foi ótima. Vou pegar algumas almofadas para nós. — Dei-lhe um amplo espaço enquanto caminhava até a pilha de almofadas na parede oposta, mas o cheiro de baunilha dela parecia me seguir.

— Recomponha-se — eu murmurei quando peguei um grande bloco e um pequeno.

— O que disse, Sensei? — Um faixa verde perguntou.

— Oh, uh, eu disse que sua técnica está realmente melhorando.

— Obrigado!

Eu fiz o meu melhor para não tocar Poppy durante o resto da aula, mas mesmo com as almofadas como uma barreira, nos encostávamos de vez em quando. No momento em que nossos trinta minutos terminaram, eu estava desesperado por uma ducha fria.



— Como ela foi? — Robert perguntou, se juntando a nós antes da aula terminar.

— Bem. — Eu limpei o bloco na minha garganta. — Ela é natural.

— Ha — Poppy zombou. — Mais como uma desastrada. Chutei seus dedos mais do que chutei o bloco. — Seus grandes olhos azuis olhavam para mim, para seu centésimo pedido de desculpas. — Desculpa.

— Como eu disse, estou bem. Não doeu nem um pouco.

Ela se virou para Robert e sorriu. — Obrigado por me aceitar esta noite.

— Que bom que você se juntou a nós. Volte a qualquer hora.

— Eu agradeço a oferta e gostei de fazer isso, mas acho que o karatê não é para mim.

Robert assentiu. — Justo. Não é para todos. Se você mudar de idéia, será sempre bem-vinda. — Ele apertou a mão de Poppy e então pediu que toda a classe se curvasse.

Sem uma palavra, Poppy correu para a porta, seu cabelo deslizando pelas costas enquanto ela desaparecia no vestiário.

A visão dela recuando me atingiu no estômago. Ela não estava voltando para o dojo, e eu não queria esperar mais cinco anos para vê-la novamente. Então, em vez de visitar os outros alunos, corri para o saguão e esperei Poppy sair do vestiário feminino.

Não demorou mais que um minuto para sair no corredor, com as chaves na mão e tênis nos pés. No momento em que ela me viu, seus pés pararam. — Oh! Olá.

— Eu, hum... Eu só queria dizer que foi bom ver você.

— Obrigada. — Ela deu alguns passos em direção à porta.

— Espere — soltei antes que ela pudesse sair. — Posso te ver de novo? Para conversar.

Ela parou e se virou, uma guerra travando atrás de seus olhos. Ela não queria dizer sim. Ela não queria dizer não. — Eu não sei.

Foi honesta.



Honesta, eu poderia trabalhar com isso.

— Você vai pelo menos pensar sobre isso?

— Tudo bem. — Ela foi para a porta novamente, mas pouco antes de tocar a maçaneta, ela fez uma pausa, falando por cima do ombro. — Obrigada por ficar comigo naquela noite.

Então ela se foi, antes que eu pudesse dizer, *você é bem-vinda*.

— Porra — , eu resmunguei e esfreguei meu rosto.

— O que é que foi isso? — Robert apareceu ao meu lado.

— Oh nada. Apenas um longo dia. É melhor eu me trocar.

Entrei no vestiário, não querendo ficar por lá durante a conversa, e acenei um tchau antes de ir para casa.

O que eu precisava era de uma cerveja - ou três - e algum tempo sozinho para pensar.

Algo sobre Poppy era diferente, e não foram apenas as circunstâncias extremas com que nos conhecemos. Nenhuma mulher jamais mexeu com meu sangue, como ela tinha mexido hoje a noite, nem mesmo Aly.

Aly, cujo carro estava na minha garagem, bloqueando a entrada, quando cheguei a minha casa.

— Droga. Não essa noite. — Eu balancei a cabeça, estacionei meu caminhão preto na rua e saí, ela estava entrando pela porta da frente com uma caixa em seus braços.

— Ei — disse Aly, descendo os degraus da varanda.

Atravessei a calçada curta e a encontrei no carro dela. — Ei.

— Desculpa. Eu estava tentando ir embora antes de você chegar em casa.

— Está bem. Aqui, deixe-me ajudar. — Eu estendi a mão e levantei a caixa de seus braços.

— Obrigada. — Ela abriu a porta dos fundos do carro e eu coloquei a caixa dentro. Quando me levantei, ela estava torcendo a chave da minha casa. — Aqui está.



Nossos dedos encostaram quando eu as peguei da mão dela, mas eu não tive nem um pequeno solavanco. Tocar Aly, a mulher que eu tinha namorado por dois anos e vivido junto por seis meses, não era nada comparado ao toque que eu senti mais cedo com Poppy.

Isso consolidou a decisão que tomei na semana passada. Romper com Aly não foi fácil, mas estava certo.

— Cole. — Ela se aproximou, olhando para mim com olhos suplicantes. Os mesmos olhos que ela usava sempre que ela queria que eu transasse com ela sem sentido.

— Não, Aly. — Eu recuei. — Nós dois sabemos que só tornaria isso mais difícil.

Seus ombros ficaram tensos quando ela se afastou. — Mais difícil para mim, você quer dizer? Porque você está bem. Uma semana depois de terminarmos e você voltou ao normal. Como se os últimos dois anos juntos não significasse nada. Enquanto isso, estou morando no quarto de hóspedes da minha irmã, chorando até dormir, todas as noites.

— Eu estou...

— Desculpa. Eu sei. — Ela fechou a porta do carro e girou nos calcanhares enquanto contornava o capô. Ela abriu a porta do motorista, mas parou, olhando para mim por cima do carro. Então ela esperou.

— Cuide-se, Aly.

Ela bufou, entrou no carro e saiu da garagem, limpando as lágrimas das bochechas.

Esperei que seu carro desaparecesse na rua antes de entrar. De pé na minha sala de estar, passei os olhos pela mobília. Os travesseiros tinham ido. Aly os levara, junto com o cobertor que sempre usávamos quando assistíamos à TV.

Eu odiava tê-la magoado. Ela era uma boa mulher, mas não a única para mim. Mesmo depois de dois anos, nunca me senti como se fosse ela. Eu nunca imaginei pedir a ela para casar comigo. Nem uma vez. Nós tínhamos entrado e saído do nosso primeiro ano e meio juntos, mas depois ela perdeu a colega de quarto e foi morar comigo. Mesmo depois

de seis meses de Aly me dizendo que ela me amava, eu nunca me senti obrigado a dizer isso de volta.

Eu fiz meu caminho até a cozinha para uma cerveja, e quando abri a porta da geladeira, meu telefone tocou. Eu puxei para fora do meu bolso e pressionei entre a minha bochecha e ombro. — Oi mãe.

— Oi docinho. Como você está?

— Eu estou bem. — Ou pelo menos eu estava. A geladeira estava vazia. Aly também tomou toda a minha cerveja. *Droga.* Quem toma cerveja de um homem? Isso foi cruel. Ela nem bebia cerveja - o que eu deveria ter tomado como um sinal.

— Eu estava ligando para ver se você e Aly poderiam vir para o jantar amanhã. Nós não nos vemos faz semanas.

— Eu vejo o meu pai quase todos os dias.

— Isso não conta. *Eu* não vejo vocês dois há semanas.

Respirei fundo e fechei a porta da geladeira. Mamãe ficaria chateada por eu ter terminado com Aly. Ela tinha esperanças de casamento e netos. — Mãe, escute. Aly e eu terminamos.

— O quê? — ela ofegou. — Quando?

— Na semana passada — eu murmurei e me preparei.

— Semana passada! — ela gritou. — Por que você não ligou para me dizer? Ela está bem? Onde ela vai morar?

— Com a irmã, até que ela encontre um novo lugar. Ela está magoada, mas foi o melhor.

— E como você está?

— Tudo bem, mas eu me sinto como um idiota.

— Oh, Cole.

Suspirei. — Eu tentei, mãe. Eu realmente tentei. Mas eu simplesmente, não sei...

— Você não a ama. Eu sei. Não era difícil de notar.



Abandonei minha geladeira e tirei um banquinho da parte de baixo da ilha, caindo no assento. — Eu deveria ter terminado antes. Eu não deveria ter me arrastado por tanto tempo e a magoado ainda mais.

— Bem — disse a mãe, — pelo menos você não se casou com ela.

— Verdade.

Meus olhos pousaram no laptop ao meu lado e o peguei. Quando mamãe falou no meu ouvido, meus dedos puxaram o Google. Então eles digitaram o nome de Poppy.

Sua página no Facebook apareceu primeiro. Em vez de uma foto de perfil, havia um logotipo para o The Maysen Jar. O que era o The Maysen Jar? Eu cliquei na foto para ler a legenda. *Grande inauguração amanhã!*

Poppy tinha um restaurante e estava abrindo amanhã?

— Cole! — Mamãe gritou para o telefone.

— Hã? Oh, desculpe. O que foi?

— Eu perguntei se *você* queria vir para o jantar amanhã.

Fechei a foto do perfil e cliquei em outra foto do Facebook. Esta era de Poppy do lado de fora de um restaurante. Seu cabelo estava preso em um coque e seu braço estava enganchado com uma morena. Ela era pequena, mas suas pernas continuaram por quilômetros em seus jeans apertados e saltos. A foto era impressionante, mas o que realmente me atraiu foi o sorriso dela.

Um sorriso que eu queria ver por mim mesmo.

— Cole — , mamãe bufou.

— Desculpe, mãe. — Eu fechei o laptop. — Eu não posso ir para o jantar amanhã. Eu tenho planos.



CAPÍTULO 03

29º Aniversário: Saltar de para-quedas

Poppy

— Eu amo o nome do seu restaurante. — Minha cliente me entregou seu cartão de crédito.

Eu sorri e passei. — Obrigada.

— Só que ela escreveu errado — grunhiu Randall do outro lado do caixa.

Ele tinha estado acampado em seu banquinho a tarde toda e à noite, oferecendo comentários às pessoas quando iam pagar suas contas. Ele estava falando e comendo. Randall havia entrado logo antes da hora do almoço e desde então comeu dois quiches, uma salada de espinafre, uma empada de frango, três tortas de maçã e duas tortas de pêssego.

— Mason — , ele murmurou. — M-A-S-O-N. É assim que você soletra pote de conserva.

Minha cliente olhou para ele, prestes a vir em meu socorro, mas eu apenas ri. — Ignore-o — eu disse a ela quando entreguei seu cartão. — Ele está apenas rabugento porque eu o cortei depois de *cinco* sobremesas.



Randall franziu o cenho. — Um homem crescido não pode nem se entregar a sobremesas, hoje em dia, sem um sermão.

— Você vai me agradecer mais tarde, quando você não estiver em coma de açúcar. — Atirei-lhe o meu olhar *para lá* e voltei para a minha cliente com um sorriso. — Obrigada por ter vindo! Espero que tenha gostado de tudo.

— Oh, sim, foi maravilhoso. Você tem um cardápio fantástico. E tão criativo. — Ela olhou para Randall. — Especialmente o nome. Eu definitivamente voltarei.

— Obrigada novamente! — Eu acenei adeus quando ela se virou para sair.

Quando a porta se fechou atrás dela, examinei as mesas vazias no restaurante. Pela primeira vez desde as sete da manhã, estavam todas vagas.

— Uau. — Molly se juntou a mim no caixa com um pano molhado. — Isso foi uma loucura. Eu imaginei que estaríamos ocupadas, mas nunca *tão* ocupadas. Nós estamos esgotados de tudo, menos um pote e três saladas.

— É uma coisa boa que estaremos fechando — olhei para o relógio, — em vinte e sete minutos.

Não que eu estivesse indo para casa. Eu estaria na cozinha a noite toda fazendo pratos de café da manhã e reabastecendo a geladeira com sobremesas frescas.

O sol do fim de tarde do verão estava começando a se pôr e a hora do jantar finalmente diminuíra. Eram quase oito horas, o horário de fechamento do meu pequeno café estava logo ali, e por mais que eu não quisesse afastar os clientes, esperava que minhas mesas vazias ficassem assim. Eu não queria ter que explicar - mais uma vez - por que eu tinha tão poucas opções do menu para oferecer.

— Eu preciso ajustar os planos de estoque para esta semana. Eu me senti como uma idiota dizendo às pessoas que quase não restava nada.

Não se preocupe com isso. — Molly deu um tapinha na minha mão. As pessoas entenderam. Você pode fazer alguns ajustes e tudo ficará bem.



— O tráfego provavelmente vai desacelerar uma vez que não é mais a coisa nova, mas até então, deveríamos planejar mais.

Ela assentiu. — Concordo. Já atualizei o orçamento e as projeções de vendas.

— Você tenha a certeza de adicionar algumas tortas extras no seu pedido para mim. — Randall puxou o boné. — Eu não quero que acabe enquanto eu estiver aqui.

Molly revirou os olhos, mas eu apenas sorri. — Ok, Randall. Vou me assegurar de guardar algumas sobremesas.

Ele escorregou do banquinho e pegou a bengala. — Vejo vocês amanhã, meninas. — Ele me deu um olhar fixo. — Não fique até muito tarde.

Eu cruzei minhas mãos sobre meu coração. — Prometo.

Molly e eu esperamos que ele partisse antes de nós duas começarmos a rir. Ontem, eu achava que minhas chances de ver Randall James de novo eram quase nulas. Agora, eu estava pensando que ele seria meu cliente mais frequente.

— Hoje foi um bom dia. — Molly pegou o pano e começou a limpar o balcão.

— Um dia muito bom. — Com exceção da falta de comida, eu não podia imaginar uma inauguração melhor. Os clientes ficaram felizes. Os potes tinham sido raspados. E eu havia encontrado meu ritmo rapidamente, equilibrando o trabalho na cozinha e gerenciando o balcão com Molly.

E embora ele fosse um pouco rabugento, Randall tinha sido uma presença bem-vinda e reconfortante hoje. Toda vez que eu ficava nervosa ou começava a me estressar, encontrava seus olhos esperando por mim, com um pequeno aceno de cabeça. Seu encorajamento silencioso me salvou hoje.

Molly terminou de limpar o balcão e começou a arrumar as mesas. — Estou feliz que estamos contratando um ajudante de meio período em breve. Eu não acho que posso lidar com o horário, das seis da manhã até depois das oito da noite, com frequência. Eu estou morta em meus pés.



— Eu também. — Exceto que eu estive aqui desde as quatro e provavelmente ficarei até bem depois da meia-noite.

Enquanto Molly limpou, eu peguei uma bandeja de talheres e guardanapos de papel preto em uma mesa, e desmoronei no assento. Fechando os olhos, relaxei por alguns segundos antes de voltar ao trabalho, enrolando os talheres nos guardanapos e os finalizando com um anel de papel branco.

Molly terminou com as mesas e veio se sentar, ajudando-me com os talheres. — Estou indo para casa, tomando um longo banho quente e indo direto para a cama. Pela primeira vez, fico feliz que Finn esteja com as crianças em sua casa para que eu possa descansar.

Finn tinha chegado antes com Kali e Max para que eles pudessem jantar. Quando Molly se juntou a eles, eu tive uma esperança momentânea de que os quatro pudessem ter uma boa refeição em família, mas então Finn havia destruiu isso. Ele virou a cadeira para o lado, longe de Molly, com um espaço de dois pés entre eles, para que ele não tivesse que fazer contato visual. Ele literalmente deu a ela a indiferença.

— Você e Finn conversaram durante o jantar? — Eu perguntei.

Molly sacudiu a cabeça. — Não. Ele não fala comigo. Eu tentei por meses, mas... Você sabe.Ele nunca me perdoará.

Eu dei a ela um sorriso triste. Ela desistiu de ter esperança, mas eu não. Não quando ainda havia amor lá.

Porque Finn e Molly se amavam. Qualquer um que passasse trinta segundos com eles poderia sentir isso. Mas o casamento deles não foi fácil. Um ano atrás, os dois estavam passando por um período difícil. Finn trabalhava muito e não passava muito tempo em casa. Quando ele estava lá, ele descontava o estresse do trabalho em Molly. Eles estavam brigando tanto que Finn realmente saiu de casa. Eles concordaram com uma separação e terapia, mas Finn nunca encontrou tempo para se encontrar com seu conselheiro.

Então Molly cometeu um erro.



Ela estava sozinha e certa de que seu casamento tinha acabado. Ela tinha ido a uma festa de despedida de solteira, saiu e fez sexo com um cara aleatório do bar. Ela estragou tudo, por um momento, mas para seu crédito, ela cometeu seu erro. Ela contou a verdade a Finn e implorou por perdão. Ele disse a ela para conseguir um advogado em seu lugar.

Eu tive dificuldade em acreditar que minha amiga pudesse ter feito isso com meu irmão. Eu estava com raiva e disse algumas coisas que não queria dizer, mas depois pedi desculpas e perdoei. As coisas tinham sido tão difíceis para ela quando Finn saiu de casa. Ela ficou arrasada.

Então eu assumi meu papel como a Suíça, apoiando Molly como minha melhor amiga e Finn como meu único irmão. Enquanto isso, eles eram infelizes. Finn estava punindo Molly por um erro. Molly ainda estava se punindo por perder o amor de sua vida.

— Sinto muito, Molly.

Ela encolheu os ombros. — É minha culpa. Se eu estivesse em seu lugar, se ele tivesse traído, estaria arruinada.

Por que ela sempre diz que traiu? Eu odiava essa palavra. E o jeito que ela disse foi pior do que qualquer maldição de quatro letras. Molly não era uma traidora. Molly era apenas humana, lidando o melhor que podia com um coração partido. — Você não estava centrada.

— Nós ainda éramos casados. Eu ainda estava apaixonada por ele. Eu entendo porque ele está ferido e irritado. Há erros que você simplesmente não consegue perdoar.

Ou esquecer.

Molly lamentaria esse erro pelo resto de sua vida.

— Chega disso. — Molly forçou um sorriso, afastando a conversa dela e de Finn, como de costume. — Como foi sua aula de karatê na noite passada?

Ao contrário do meu irmão, Molly aceitou mais a minha decisão de trabalhar na lista de Jamie.

— Foi... Interessante.

Tão interessante que eu fiquei acordada a maior parte da noite pensando naquela aula. Minha mente



girou a noite toda, mas não sobre o karatê. Sobre Cole Goodman. Certamente foi um choque vê-lo novamente, mas mais surpreendente foi a onda de sentimentos que ele provocara.

Sentimentos químicos, sentimentos elétricos, que eu não tinha há muito tempo.

— Interessante? O que aconteceu? Você aprendeu a chutar alguns traseiros?

— Oh sim. Eu sou uma perita em chutes, — brinquei, então ri. — Estou feliz por ter sobrevivido ao treino. Para mim, isso foi uma vitória.

— Você riscou isso da lista?

Eu assenti. — Ontem à noite quando cheguei em casa.

— Você está bem?

— Eu acho que sim. Eu chorei como de costume, mas quando as lágrimas pararam, eu realmente me senti bem.

— Estou feliz. Isso é o que você estava procurando, certo? Alguma conclusão?

Eu balancei a cabeça e rolei outro pacote de talheres. — Eu realmente estive pensando em tentar percorrer a lista mais rapidamente.

A grande objeção de Finn era que, passar pela lista de Jamie se arrastasse por anos, e eu podia ver seu ponto. Agora que eu estava começando a riscar mais itens, estava me sentindo motivada para continuar.

— Com que rapidez? — Molly perguntou.

— Um ano? Talvez menos?

Ela pensou por um momento. — É ambicioso. Você acha que é possível?

O maior item da lista de Jamie era o restaurante. Também foi o item que exigiu mais dinheiro. Para os outros, eu principalmente precisava de tempo. Felizmente, alguns itens eu já comecei.

— Eu acho que sim. Um ano vai ser um empurrão, mas se eu fizer da lista uma prioridade maior, talvez eu seja capaz de encerrar tudo antes do aniversário de Jamie. — Isso me daria até o dia de Ano Novo.



— Bem, você sabe que eu vou ajudar com tudo o que puder.

— Obrigada.

Ela colocou seus rolos acabados de talheres na bandeja. — Você ainda não comeu. Por que você não volta para a cozinha e eu termino aqui?

Eu olhei para o meu relógio. 19:49. — Nós sobrevivemos ao primeiro dia. Acho que vou voltar e fazer um sanduíche. Estou com fome...

A porta da frente se abriu. *Droga. Eu falei cedo demais.*

Virando-me para a porta, sorri, pronta para cumprimentar meu freguês, mas vacilei quando a porta se fechou atrás dele.

Cole Goodman estava andando na minha direção.

Minha barriga mergulhou quando o levei para dentro. Seus óculos de aviador estavam em cima de seu cabelo castanho chocolate. Uma pólo preta se esticava sobre seus ombros largos e em seus braços musculosos. Sua calça jeans, azul-clara, se moldava às suas coxas tonificadas antes de cair em suas botas pretas, de bico quadrado. O cinto de couro na cintura de Cole segurava um distintivo brilhante e uma arma no coldre.

Cole sorriu e cravou seus olhos verde-claros nos meus, enquanto atravessava a sala.

Seus dentes retos e brancos fizeram minha respiração falhar, algo que tinha acontecido na noite passada mais vezes do que eu quero admitir.

Molly, que havia se virado para cumprimentar nosso cliente, se virou de costas para Cole. Suas bochechas coraram quando ela sussurrou: — Uau.

Uau estava certo.

Cole Goodman era, simplesmente, lindo.

Ele poderia dar uma multa por excesso de velocidade e receber um agradecimento em troca. Ele inspirava as mulheres a tentar flexões em uma aula de karatê apenas pela chance de vê-lo suar em seu quimono. Cole fez as mulheres adultas corarem como adolescentes e rirem nos cantos, como aquelas garotas do dojo na noite passada.

Além de Jamie, nunca vi um homem tão bonito. E se eu estivesse sendo honesta comigo mesma, Cole tinha até vencido Jamie.

O rubor nas minhas bochechas empalideceu quando um nó de culpa se instalou no meu estômago. Eu amava Jamie. Jamie também era um homem lindo. E como esposa, eu não deveria me sentir atraída por outro homem.

Meu sorriso se transformou em uma carranca no momento em que Cole se aproximou da nossa mesa.

— Ei, Poppy.

— Oi, Cole.

Seu sorriso caiu. — Você não parece feliz em me ver de novo.

— Novamente? — Molly perguntou.

Cole olhou para a minha amiga e estendeu a mão. Cole Goodman. Eu encontrei Poppy na escola de karatê na noite passada.

— Oh! — Ela se levantou e pegou a mão dele. — Eu sou Molly Alcott. Prazer em conhecê-lo. Poppy estava me contando sobre sua aula de karatê. Ela se virou para mim. — Mas ela não me disse que estava se gabando do restaurante.

— Eu não estava...

— Na verdade, eu ouvi sobre esse lugar on-line — disse Cole. — Eu vi o nome de Poppy e decidi dar uma olhada. — Ele olhou em minha direção. — Eu espero que você não se importe.

— Não. De modo nenhum. — Eu fiquei de pé, sacudindo meus sentimentos estranhos. Eu não podia me dar ao luxo de afastar os clientes, mesmo que eles fossem bonitos e me fizessem sentir coisas desconfortáveis.

— Eu tentei vir mais cedo, mas eu tinha algo aparecendo no trabalho. Eu suponho que você não tenham algum jantar sobrando?

— Por pouco. Nós tivemos mais clientes do que eu esperava e estamos reduzidos a apenas algumas coisas. Desculpa.

— Não se desculpe. Esse é um bom problema para o dia da inauguração.



— Você sabe — disse Molly, em pé também, — Eu estava dizendo a Poppy que ela deveria comer. Ela está correndo como louca o dia todo. Por que você não se junta a ela?

Meus olhos se voltaram para a minha amiga. — É tarde e tenho certeza que Cole só quer levar algo para...

— Gostaria disso. — Ele sorriu para Molly.

Ela sorriu de volta.

Eu olhei de um para o outro e de volta novamente. Eu levantei um dedo para Cole. — Você nos desculparia por apenas um minuto?

Ele riu e puxou uma cadeira na nossa mesa, sentando-se. — Leve o tempo que precisar.

Eu agarrei o cotovelo de Molly, em seguida, puxei-a para longe da mesa e voltei para a cozinha. Quando a porta se fechou atrás de nós, eu a soltei e plantei minhas mãos nos meus quadris. — O que você pensa que está fazendo?

— Você gosta dele.

— O quê? — Eu gritei. Minha voz era tão alta que faria cães latirem histericamente.

— Verdade! — Ela me deu seu sorriso de satisfação. — Você gosta dele.

Eu balancei a cabeça. — Não, eu não sei. Eu não gosto dele.

— Mentirosa.

Eu bufei. — É complicado. Eu o conheço.

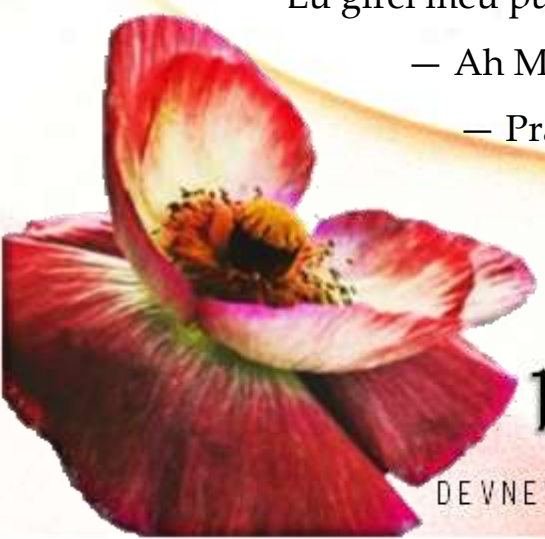
— Sim. Do karatê.

— Não. — Eu balancei a cabeça e respirei fundo. — Eu o conheci antes do karatê. Ele era o policial que veio à minha casa para me dizer que Jamie...

— Eu girei meu pulso ao invés de terminar a minha sentença.

— Ah Merda.

— Praticamente.



Molly andou de um lado para o outro na minha mesa de preparação por alguns instantes, mexendo nas mãos dela. Quando ela parou de andar, ela plantou as duas mãos na mesa. — OK. Eu posso ver como isso soa estranho, mas o fato ainda permanece. Você gosta dele.

Dei de ombros. — Ele é bonito. Mas eu não *gosto* dele.

— Bonito?

— Muito gato. Tanto faz. Nada disso importa. Não estou em lugar algum para gostar de um homem.

Ela suspirou e deixou a mesa, vindo parar na minha frente. Então ela colocou as mãos nos meus ombros. — OK. Eu tenho guardado esse discurso para um dia como hoje.

— Estou com medo agora.

— Silêncio e escute. — Ela respirou fundo e começou a recitar algo que ela claramente praticou uma vez ou outra. — Você é minha melhor amiga e eu amo você. Eu quero que você seja feliz e tenha amor em sua vida. *Jamie* queria que você fosse feliz e tivesse amor em sua vida. E acho que é hora de você abrir seu coração novamente para essa possibilidade.

— É muito cedo. — Eu balancei a cabeça. Até pensar em estar com outro homem fazia meu coração doer. Eu não poderia fazer isso com Jamie. Ainda não. Talvez nunca.

— Poppy, sussurrou Molly, em algum momento, um homem apareceria e chamaria sua atenção. Não há nada de errado com isso. Não há nada de errado com você explorando algo com esse cara. Não é uma traição a Jamie.

O nó na parte de trás da minha garganta começou a engasgar. — Parece que sim. Eu não posso fazer isso com ele.

— Compreendo. Eu realmente posso. Todos nós amamos Jamie. Todos nós sentimos falta de Jamie. Mas já faz cinco anos. Você está passando por sua lista para tentar seguir em frente, certo?

Eu assenti.

— A lista é uma coisa boa, você sabe que eu apoio você nisso. Mas apenas marcar todos os itens de Jamie não será suficiente. Em algum momento, você tem que



viver para você também. *É* assim que você vai seguir em frente.

— Mas eu... — Eu queria seguir em frente, mas eu estava com medo de seguir em frente. Tanto quanto eu queria ser feliz e deixar o passado, eu estava com medo de perder o pedaço de Jamie que ainda há no meu coração.

— Mas o quê?

Eu respirei fundo e confessei as preocupações que me impediram de dormir na noite passada. — E se eu me apaixonar por outro homem e esquecer Jamie?

Ela me deu um sorriso triste. — Você realmente acha que isso aconteceria?

— Não — eu suspirei. — Na verdade, não. Eu só estou com medo.

— Entendi. Mas não estou dizendo para ir para a cama com Cole ou ter seus bebês. Eu só estou dizendo, você acha que ele é bonito. Pelo olhar dele, ele acha que você é bonita também. Vocês dois deveriam passar algum tempo sendo *bonitos* juntos.

— OK. Eu oficialmente odeio a palavra bonito.

— Eu também. — Ela riu. — Então o que você diz? Jante com ele. Faça isso por mim. Por favoooooor?

Eu gemi. — Pare com isso. Agora você está falando como Kali.

— Onde você acha que aprendi isso? Ela diz 'por favor' por tanto tempo e alto que eu sempre desisto. Você quer que eu faça de novo? Eu vou fazer de novo. Por favoooooor...

— OK! Já que eu já estou fazendo um sanduíche pra mim, vou fazer um pra ele também.

— Sim! — Ela aplaudiu antes de me puxar em seus braços. — Amo você, urso-Poppy.

Eu sorri com o apelido que ela me deu no meu primeiro ano na faculdade. — Também te amo, Molly-moo.

— Que tal eu terminar lá fora e fechar? Então vocês podem comer aqui.



Eu a deixei ir. — Tudo bem. Você vai me dar um minuto antes de mandá-lo aqui?

— Eu vou te dar dois.

Quando ela desapareceu da cozinha, minhas mãos vieram ao meu rosto e eu tomei algumas respirações longas.

Jantar. Era apenas um jantar.

Jantar com um conhecido no meu novo restaurante. Cole e eu podíamos conversar enquanto comíamos. Então ele iria embora e eu poderia voltar ao trabalho. O jantar não significava nada. Eu ainda era a esposa de Jamie. Eu sempre seria a esposa de Jamie, e não havia nada de errado comigo cozinhando uma refeição para Cole.

Este é apenas um jantar.

Minhas afirmações ajudaram a aliviar minha ansiedade, mas não a eliminaram inteiramente. Então eu fiz a próxima melhor coisa para acalmar meu coração acelerado, comecei a cozinhar.

Sacudi as mãos e fui até a grande geladeira de aço inoxidável. Então peguei os ingredientes para sanduíches de queijo grelhado, empilhando comida na mesa de preparação. Eu recolhi todos os meus suprimentos quando a porta se abriu e Cole entrou na cozinha.

— Disseram para sair de sua sala de jantar se eu quisesse comida.

Eu ri. — Ela tem jeito com os clientes.

Ele sorriu e se aproximou da mesa de preparação. — Eu posso ir se isso for um pé no saco. Eu realmente só queria dizer oi e conhecer o seu lugar.

— Você está com fome. Eu estou com fome. Fazer o jantar não é um pé no saco. Que tal um queijo grelhado? Eles não estão no cardápio, mas me disseram que não são ruins.

— Considerando que eu não comi desde as dez da manhã, eu comeria qualquer coisa.

— Dia cheio?

Ele suspirou. — Ano ocupado. Bozeman está crescendo tão rápido que temos pouco pessoal, como



oficiais superiores. Eu passei a ser detetive no verão passado e tem sido agitado desde então.

— É por isso que você não tem que usar mais um uniforme? — Eu acenei para suas roupas casuais. Quando o vi há cinco anos, ele estava de uniforme.

— Sim.

Eu balancei a cabeça e comecei a cortar um tomate.

— Posso ajudar?

— Eu faço isso. Você pode simplesmente relaxar. — Eu apontei para as banquetas ao lado da mesa.

Cole sentou-se e apoiou os cotovelos na mesa. Enquanto eu cortava fatias de um bloco de queijo, seus antebraços bronzeados estavam bem na minha linha de visão. Em um pulso estava um relógio com um enorme rosto prateado. Aposto que meus dedos não se tocariam se eles tomassem o lugar do relógio.

Meus olhos vagaram de seus pulsos e antebraços para seus bíceps. Os braços de Cole eram grandes, mas não volumosos. Os músculos estavam perfeitamente definidos, mesmo sob o algodão da camisa. Minha mão pareceria minúscula descansando em seu braço. Minhas bochechas coraram quando percebi que estava olhando por um momento por muito longo.

Eu pisquei e olhei para a mesa, depois para o rosto de Cole.

Droga. Ele me pegou olhando. O sorriso em seus olhos era inconfundível, mas eu não desviei o olhar. Seus olhos também estavam... Fascinados.

Eu nunca tinha visto olhos verdes como o de Cole antes. A cor me lembrou de sálvia seca, e seus cílios escuros e grossos os tornaram ainda mais dramáticos. Seu rosto atraia com sua mandíbula esculpida e nariz reto, mas aqueles olhos eram o que faziam você ficar.

Meu coração estava batendo quando eu abaixei a faca, mas não consegui me afastar dos olhos de Cole.

E ele olhou de volta.



Molly veio correndo pela porta da cozinha, me fazendo pular. — Tudo limpo e trancado.

Eu me mexi para pegar minha faca, então pisquei algumas vezes antes de cortar uma fatia de pão. — Obrigada. Você gostaria de algo para comer? Estou fazendo seu sanduíche favorito.

Fique. Molly, fique. Eu queria que ela viesse em meu socorro, para pegar o banquinho ao lado de Cole e ser meu escudo, mas ela continuou andando em direção ao escritório.

— Não posso fazer isso. Minha banheira está chamando meu nome. Eu te vejo de manhã. Cole, prazer em conhecê-lo.

Ele acenou. — Prazer em conhecê-la também.

Ela desapareceu no escritório e voltou com a bolsa pendurada no ombro. — Tchau!

— Noite. — No minuto em que a porta dos fundos se fechou, uma nova onda de tremores me atingiu. Eu estava sozinha com um homem bonito, que não era meu marido.

Minha cozinha, algo que eu tinha projetado para ser grande e espaçosa, de repente era muito pequena. O ar condicionado, que eu continuei mantendo no alto, deve ter acabado de trabalhar, porque todo o meu corpo estava em chamas. E eu tinha esquecido como fazer um sanduíche de queijo grelhado, a faca ainda imóvel na minha mão.

— O que você achou do karatê na noite passada? — Cole perguntou, quebrando o silêncio.

Jantar. Este é apenas um jantar. Respire.

Forcei um pouco de ar nos meus pulmões, depois me afastei da mesa para ligar a grelha de ferro. — Foi interessante, mas já estou ficando dolorida. Especialmente meus braços. Eu imagino que até amanhã todo o meu corpo estará em greve.

Ele riu. — Sim. É um treino difícil. Tem certeza de que não vai tentar de novo?

— Tenho certeza. — Voltei para a mesa e untei quatro fatias de pão com um pouco de azeite, depois



espalhei uma fina camada de patê caseiro, antes de adicionar o queijo e o tomate. — Para ser honesta, eu só fui para um única aula. Espero que isso não ofenda seu instrutor.

— Não, ele não se importa. Mas por que apenas uma vez? Foi um desafio ou algo assim?

— É, hum... De uma lista.

— Uma lista?

Explicar a lista de aniversários de Jamie era tão pessoal, que poucas pessoas sabiam disso. Ainda menos sabiam que eu estava passando por isso sozinha. No entanto, por alguma razão, eu queria contar para o Cole. — Meu marido, Jamie, ele fez uma lista de aniversários. Era como sua lista de desejos, exceto que ele separava tudo o que fazer antes de certos aniversários. Fazer uma aula de karatê era algo que ele queria fazer antes de completar vinte e seis anos.

Cole assentiu. — E você está passando por sua lista.

— Eu estou. — Eu estava pronta para defender a lista, e o porque de eu estar passando por isso, mas seus olhos não estavam cheios de preocupação, julgamento ou perguntas. Eles apenas... Entendiam.

Ele entendeu sem uma palavra.

— Idéia interessante. O que mais está nessa lista, se você não se importa de eu perguntar?

— De modo nenhum. — Eu retomei a montagem de sanduíche. — Jamie colocou vinte e duas coisas na lista. A maioria delas é boba, mas totalmente ele. Ele adicionou algumas coisas que encontrou na internet, que achou legal. Outras eram coisas bobas que ele sonhava, ou coisas que ele não conseguiu fazer quando criança. Saltar em gelatina verde. Ter uma luta de tinta. Coisas assim. Algumas eram mais sérias, como me comprar este restaurante.

Cole inclinou-se para tirar três laranjas da fruteira sobre a mesa. — Você já fez muitas delas?

— Não, nem perto. — Eu sorri quando ele começou a fazer malabarismos com as laranjas. — Eu só marquei três. O restaurante. A aula de karatê. E pára-quedismo.

Cole deixou cair uma laranja, que rolou pela mesa. — Pára-quedismo?

Eu ri do choque no rosto dele. — Você não é o único surpreso por eu ter feito isso. Mas sim. Eu fui no mês passado.

Enquanto Cole pegava a laranja caída e retomava o malabarismo, eu levei os sanduíches para a grelha, colocando no metal quente. Então corri para fora da cozinha e para a sala de jantar, onde todas as luzes estavam apagadas e a placa na porta tinha sido virada para, *Fechado*. Com dois conjuntos de talheres e alguns pratos, voltei para a cozinha para colocar os talheres e virar os sanduíches. Então fui até a geladeira e peguei um pote de salada.

— Aqui. — Eu entreguei o frasco para Cole. — Use esses músculos e agite isso.

Ele sorriu e colocou de volta suas laranjas antes de começar a agitar. — OK. De volta ao pára-quedismo. Você me deixou em um suspense.

Eu sorri. — Era o único item na lista que me assustou, então decidi acabar logo com isso antes de continuar.

Ele deslizou o pote de salada sobre a mesa. O molho que estava debaixo de uma camada de legumes e alface agora cobria o vidro. — E o que você achou?

— Eu realmente adorei. O piloto disse algo antes de eu pular que realmente me despertou. Ele disse: — Se você quiser nadar, saia do barco. O mesmo acontece com o vôo. Você precisa sair do avião. — Então eu pulei. Eu estava amarrada a um hippie, com dreads e mau hálito, mas ele era tão legal. A tripulação inteira tornou tudo divertido.

— Você nunca iria de novo?

— Não. — Eu enfatizei o meu ponto. — Eu me diverti, mas uma vez foi o suficiente. Você já pulou?

Ele balançou sua cabeça. — Não, mas agora eu quero.



Eu sorri e voltei para os sanduíches, tirando da grelha. Então eu joguei metade da salada no prato de Cole e metade na minha, deslizando seu prato antes de tomar o banquinho ao seu lado. — Coma.

— Isso parece ótimo. Obrigado por fazer isso.

— Imagina. Não é nada demais.

Comemos em silêncio, ambos nos concentrando na comida e ouvindo o zumbido dos eletrodomésticos da cozinha. Mas a nossa refeição não demorou muito, desde que ambos tínhamos estado com fome.

Cole engoliu a última mordida de seu sanduíche. — Assim. Potes?

— Potes.

— Eu gosto disso. Vou ter que voltar e experimentar suas sobremesas.

Eu sorri. — Eu recomendo a torta de maçã.

Seus olhos, cravados nos meus, escureceram um tom. — Eu vou pegar o que você me der.



CAPÍTULO 04

27º Aniversário: Um dia inteiro sem tecnologia

Cole

Duas semanas se passaram, desde a noite que passei na cozinha de Poppy, e ela tinha estado em minha mente o tempo todo. Uma refeição com ela e eu estava completamente sob seu feitiço.

Depois que terminamos nossos sanduíches, ela deixou de lado nossos pratos e encheu a mesa com potes e ingredientes para assar. E eu fiquei na cozinha dela, a vendo cozinhar até a uma hora da manhã.

Quando ela perguntou se eu precisava ir para casa, eu disse que não. Quando ela me agradeceu por ter vindo, eu disse que era um prazer e mantive minha bunda naquele banquinho.

Ela nunca me pediu para sair, e eu nunca ofereci.

Então, enquanto ela fazia bandejas de tortas, crumbles e quiches, eu assumi o dever de lavar a louça. Eu tinha feito o meu melhor para me concentrar na pia do que na forma como a calça jeans dela se esticava sobre sua bunda. Eu tinha esfregado potes para ignorar os centímetros de sua barriga lisa, que ela expunha sempre que pegava coisas na prateleira de cima, de armazenamento. E quando ela lambeu o recheio de torta de maçã de uma colher, eu limpei uma panela até que meus dedos



estivessem crus, para resistir ao impulso de beijar sua boca rosada. Quando ela declarou que estava pronta para a noite, finalmente me tirando do meu sofrimento, eu a levei para fora e fiquei ao lado do prédio, enquanto ela entrava no carro e ia embora.

Então eu fui para casa tomar um banho e aliviar meu pau dolorido. Eu gozei forte em meu punho, pensando na maneira como a respiração de Poppy falhava, sempre que eu chegava perto.

Minha atração por ela era mais forte do que eu já senti em relação a uma mulher, e é por isso que recuei nessas últimas duas semanas.

Por mais que eu quisesse passar todas as noites em seu restaurante, isso só a assustaria.

Poppy estava atraída por mim. Ela sentiu a química entre nós.

E isso a aterrorizou.

Se minha intuição estivesse certa, e geralmente estava, eu era o primeiro homem a quem ela tinha sido atraída desde o marido, e se eu quisesse a chance de explorar as coisas com ela, não poderia assustá-la, movendo-me rápido demais.

Eu não sabia onde iríamos acabar. Talvez ela fosse uma maníaca por limpeza e me deixasse louco. Talvez ela quisesse me acariciar à noite, quando eu só quisesse um pouco de espaço. Talvez ela mascasse seu chiclete muito alto, algo que eu não suportaria. Eu não sabia.

Mas eu queria a chance de descobrir.

— Ei, Cole.

Eu olhei para cima da minha mesa - onde eu estava sonhando com Poppy e ignorando minha papelada, e acenei para o detetive Matt Hernandez.
— Ei, Matt. O que está acontecendo hoje?

Ele caiu na cadeira atrás de sua mesa, ao lado da minha. — Não muito. — Ele bateu em um arquivo grosso no topo de uma pilha de cinco. — Eu tenho que passar por tudo isso hoje. Você?

— O mesmo. — Eu dei um tapinha na minha pilha de arquivos. — Eu tenho adiado.



Ele riu. — Sim, eu também. Eu passei a manhã toda correndo atrás de algumas pistas, em um caso de roubo, atribuído a Simmons.

Olhei por cima do ombro e franzi as sobrancelhas para Derek Simmons, que estava sentado cinco mesas ao lado. Quando voltei para Matt, ele estava franzindo a testa para Simmons também.

— Esse caso de roubo pode realmente ser resolvido, se você estiver olhando para ele.

Ele bufou. — Pelo menos estou tentando.

Eu girei e olhei para Simmons novamente. Ele estava empurrando uma rosquinha, com uma porra de cobertura de todas as coisas, em sua boca. Os braços de sua cadeira estavam cavando em seus lados, e sua bunda estava balançando através do pequeno espaço, entre o assento e o encosto.

Simmons não tinha pilhas de papéis em sua mesa, apenas rosquinha, porque ele era o único detetive que priorizava a papelada no trabalho de campo. Não era de admirar que o índice de casos fechados fosse o mais baixo do departamento. Ele nunca saiu da mesa para realmente fazer perguntas.

Mas ele não ia a lugar algum, não importava o quanto o resto de nós reclamava. Simmons esteve na força por quase trinta anos. Ele morreria sentado naquela cadeira, enquanto o resto de nós arrombava nossas bundas, resolvendo nossos próprios casos e pegando a folga daqueles que lhe eram designados.

— Preguiçoso — , eu murmurei.

— Uh-uh — , Matt concordou, em seguida, empurrou o queixo para os meus arquivos. — O que você tem?

— Eu tenho um roubo e seis apreensões de drogas que pegamos na semana passada, na força-tarefa.

— Bom. Parece que tivemos um bom começo.

— Claro que sim, nós tivemos. — Eu sorri abertamente. — Eu tenho seis casos, Higgins tem quatro, Smith tem cinco e Colton dois. Estou lhe dizendo, ter um ex-traficante do nosso lado tem

sido ouro. Agora que sabemos que tipos de coisas devem ser observadas, é muito mais fácil descobrir onde os negócios estão indo.

— Foi uma jogada inteligente da sua parte, conseguir que o ex-traficante participasse.

Eu assenti. — Sem ele, estaríamos na estaca zero.

Eu tive sorte quando planejamos a força-tarefa de drogas no ano passado. Nosso foco era unicamente sobre o comércio de metanfetamina em Bozeman, e eu conhecia um ex-traficante que estava precisando de algum encorajamento para ficar limpo. Eu saí em seu favor e paguei pessoalmente por sua reabilitação. Ele se limpou e voltou um novo homem.

Ele também voltaria como meu professor.

Eu passei meses com ele, aprendendo tudo sobre o comércio de metanfetamina e obtendo nomes dos principais produtores e revendedores. Ele me ensinou as pistas. O que assistir nas mídias sociais. Linguagem de rua para ouvir. Lugares comuns para trocas rápidas.

Por causa de sua ajuda, minha força-tarefa estava finalmente começando a reduzir o comércio de metanfetamina, que havia enlouquecido Bozeman, na última década.

Meu pai vinha implorando aos poderosos, há anos, um financiamento para iniciar essa força-tarefa. Não foi até que, um garoto do ensino médio - um maldito aluno da oitava série - teve uma overdose no ano passado, aí a cidade entrou em histeria e papai finalmente conseguiu algum dinheiro para nos impulsionar.

Nosso objetivo era tirar, este ano, as drogas das escolas de ensino médio, depois atingir o ensino superior no ano que vem.

— Quando você conseguir uma abertura na sua equipe, me avise — disse Matt. — Eu estaria interessado em aderir também.

— Você será avisado.

Fiz uma anotação mental para pedir outro membro para a equipe, na reunião do comitê de força-tarefa do próximo mês. Com tanto sucesso quanto tínhamos tido no começo, o conselho poderia realmente considerar acrescentar

mais à minha equipe, e Matt Hernandez estaria no topo da lista.

— Tudo bem — ele resmungou. — Hora de ir atrás disso.

Eu sorri e girei minha cadeira de volta para a minha própria papelada, que eu estaria trabalhando pelo dia todo, exceto pelo tempo que passaria pensando em Poppy.

Uma hora depois, eu só consegui passar por um arquivo, porque ela estava perseguindo meus pensamentos novamente. Ela estaria no restaurante hoje? Ela se importaria se eu fosse almoçar? Eu estava com fome e era quase meio-dia. Duas semanas foi tempo suficiente para dar-lhe algum espaço, não foi?

— Olá, detetive Simmons.

Cristo. Agora eu estava até ouvindo a voz dela.

— Olá, senhora Maysen. Como você está hoje?

Qual a foda real? Minha cabeça chicoteou da minha mesa, e por cima do meu ombro, em direção a Simmons.

E lá estava ela.

Minha linda Poppy, puxando a cadeira cinza em frente à mesa de Simmons.

Eu saí do meu assento tão rápido, minha cadeira rolou para trás e bateu na parede. Eu passei em torno das mesas entre nós até que eu estava de pé atrás da cadeira de Poppy com as mãos nos meus quadris. — Poppy.

Ela se virou, os olhos arregalados quando sua respiração falhou. *Porra, eu gostei disso.*

Simmons parou de olhar para o peito e olhou para cima. — Olá, Cole. O que podemos fazer por você?

Eu ignorei Simmons e me concentrei em Poppy.

Seu cabelo vermelho-amarelado estava solto hoje, algo que eu nunca vi. Descia pelas costas em ondas soltas, destacadas por algumas mechas de ouro, que emolduravam seu rosto oval.

— O que você está fazendo aqui? — Eu perguntei. — Está tudo bem?



Ela assentiu. — Eu só estou aqui checando o caso de Jamie.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Caso de Jamie?

— Seu, hum... Assassinato. — Seus ombros caíram e ela se virou para Simmons.

Simmons tinha o caso do assassinato do marido de Poppy? Eu sabia que eles nunca haviam encontrado a pessoa responsável pela morte de Jamie, mas depois de todo esse tempo, eles deveriam ter marcado o fim e notificado sua família. Não tinha sido fechado?

Eu não precisei perguntar. A visita de Poppy, aqui, respondeu minhas perguntas.

Uma onda de raiva aqueceu meu peito. Simmons estava iludindo Poppy, achando que ele poderia realmente encontrar o assassino?

Eu olhei para o meu colega de trabalho, quando seus olhos voltaram para os seios perfeitos de Poppy. Ela estava vestindo um top preto simples, com alças largas. Não era curto ou indecente, mas com a maneira como Simmons babava, você pensaria que ela estava de biquíni.

E esses seios não eram dele para cobiçar.

— Você e eu vamos conversar. — Eu apontei para Simmons, então me abaixei e peguei Poppy pelo cotovelo, a puxando da cadeira.

— Cole! — ela protestou, mas se levantou.

— Vamos.

— Mas eu preciso obter uma atualização sobre...

— Você tem uma atualização? — Eu gritei para Simmons.

Ele balançou a cabeça e sua pele estava com manchas avermelhadas. — Oh não.

— OK. Atualização entregue. Vamos.

— Ir aonde? — ela perguntou enquanto eu a arrastava para a minha mesa.

— Almoçar.



Abri minha gaveta para pegar minhas chaves e carteira.

— Saindo? — Matt perguntou.

— Sim. — Fechei a gaveta e depois fiz as apresentações. — Poppy, esse é o detetive Matt Hernandez. Matt, esta é Poppy Maysen. Ela é dona daquele novo restaurante na Seventh Street.

Matt se levantou e estendeu a mão. — Prazer em conhecê-la, Poppy.

Ela deixou cair o olhar chocado em seu rosto, e passou por mim para apertar a mão de Matt.

— Minha esposa estava me dizendo que queria ir jantar lá, esta semana — Matt continuou.

Ela sorriu. — Isso seria bom. Obrigada. Estou ansiosa para ver vocês.

— Volto depois do almoço. — Eu peguei meus óculos de sol na minha mesa e os coloquei na minha cabeça. Então, deslizei minha mão em torno do cotovelo de Poppy novamente, impulsionando-a para frente.

Seus pés caíram ao lado dos meus. — Cole, o que você está fazendo?

— Levando você para o almoço. Eu estou com fome. — Eu a levei para fora do escritório do detetive, e em direção às escadas que levavam para fora. Quando entramos no vestíbulo de mármore, eu larguei seu cotovelo.

Ela olhou por cima do ombro antes de começarmos a descer os degraus. — Mas eu precisava checar com o detetive Simmons.

— Não se preocupe. Ele estará ainda em sua mesa quando voltarmos.

O bastardo provavelmente estava preso em sua cadeira. Normalmente, ele pedia o almoço, e pedia a uma das recepcionistas do saguão que o informasse. O homem subia pelo elevador ao invés de dois lances de escada e não pôde passar no exame físico, nem para salvar sua vida.

Maldita posse.

Cinco minutos atrás, Simmons era um aborrecimento. Agora, ele era um grande problema. Eu não tinha certeza porque ele estava enrolando Poppy, mas eu ia descobrir.



— Onde você sente vontade de comer? — Eu perguntei, quando viramos para um lance de degraus. — Seu restaurante?

— Não. Eu não posso ir lá hoje.

Meus passos desaceleraram. — Diga isso de novo?

— Eu não posso ir ao restaurante hoje. — Suas mãos tremularam no ar. — Molly é uma ditadora do mal e está me fazendo tirar um dia de folga por mês. Desde o final de junho, ela declarou que este era o meu dia.

Eu ri. Mais tarde, eu teria que agradecer a Molly por impedir Poppy de trabalhar.

— Além disso, — Poppy disse enquanto descia as escadas, — se eu fosse lá, ficaria tentada a verificar as vendas, e não estou autorizada a usar tecnologia, hoje.

Meus passos desaceleraram novamente. — Nenhuma tecnologia? Molly não vai deixar você assistir televisão ou fazer ligações telefônicas no seu dia de folga também? Ela enlouqueceu com o poder.

Poppy riu. — Não, a tecnologia não é Molly. É um item na lista do Jamie. Nenhuma tecnologia por um dia.

— Ah. Isso faz mais sentido.

Nós chegamos ao patamar, no primeiro andar, e acenei em direção a um corredor que levava à parte de trás da delegacia. — Por aqui.

— Mas meu carro. — Ela apontou para o estacionamento dos visitantes.

— Eu vou dirigir e trazer você de volta.

Seu cabelo balançou em suas costas enquanto ela olhava entre mim e a saída principal.

— Estamos em uma delegacia de polícia, Poppy. Tenho certeza de que seu carro vai ficar bem.

Eu provoquei, mas eu sabia que ela não estava preocupada com o carro dela. Ela estava debatendo se ela queria ou não estar em um espaço confinado comigo.

— Isso não é... — Ela ergueu as mãos e fez o pequeno círculo de pulso. — Deixa pra lá. Vamos.



Sorri quando ela passou por mim até a porta.

Porra, ela era alguma coisa. Pela minha vida, eu não conseguia lembrar por que esperei duas semanas para vê-la novamente.

— Que tal Colombo? — Eu abri a porta para ela.

— Isso parece ótimo. Eu não vou lá há séculos. — Sua voz se acalmou. — Não desde que Jamie e eu estávamos na faculdade.

— Se é um problema...

— Não, tudo bem.

— Você tem certeza?

Ela assentiu e sorriu. — Eu amo Colombo.

— OK. — Eu deslizei meus óculos de sol da cabeça para o nariz e a levei para o caminhão.

Não poderia ser fácil para ela, morar em Bozeman. Eu aposto que ela era agredida com memórias de seu marido em todos os lugares que ela ia. Era admirável que ela não tivesse deixado que eles a afastassem.

Poppy era uma lutadora.

Eu acionei as trancas do meu caminhão e abri a porta do passageiro. Peguei seu cotovelo e a ajudei a subir. Aquele zumbido familiar de eletricidade subiu pelo meu braço no momento em que minha pele tocou a dela. Querendo testar sua reação, eu me inclinei um pouco.

Ela não se afastou, e seu queixo levantou alguns centímetros, quando seus olhos pousaram na minha boca.

Eu queria beijá-la. Se não estivéssemos em um estacionamento, cercados por carros de patrulha e os sons de motores passando, eu teria cedido à tentação. Mas agora não era a hora. Embora houvesse luxúria no olhar de Poppy, também havia medo por trás deles.

— Suba.

Ela baixou os olhos dos meus lábios. — Obrigada.

Quando ela estava em seu assento, fechei a porta, em seguida, contornei o capô ao meu lado. Sentado no banco do motorista, dei ré e apontei o caminhão para



a estrada. — Então, um dia sem tecnologia. Do que exatamente você está sem?

Ela sorria pelo pára-brisa. Ela jogou o cabelo por cima do ombro e um par de cabelos estava descendo pelo braço nu. Suas mãos delicadas estavam dobradas em seu colo.

Esse era o lugar de Poppy agora. Toda vez que eu olhava para o couro, eu a imaginava no banco do carona.

— Eu basicamente estou evitando telas — disse ela, lembrando-me que fiz uma pergunta. — Eu considero aparelhos modernos aceitáveis, porque estou tentando me deixar levar pela lavanderia. E aparelhos de cozinha não contam, mas além disso, nada mais. Sem telefone. Sem rádio. Sem TV.

— Ah Merda. — Eu desliguei o rádio. — Desculpa. Eu estraguei o seu dia? Você tem que começar de novo?

Sua risada doce encheu o carro. — Eu não sei do que você está falando. Você não estava cantando? Alguém já lhe disse que você se parece muito com George Strait?

Eu sorri abertamente. — Eu acho que você pode ser a primeira.

Ela era espirituosa também. Essa mulher tinha tudo. Beleza. Cérebro. E um senso de humor.

A viagem até Colombo foi apenas alguns quarteirões, mas quando entrei no estacionamento, o perfume de baunilha de Poppy impregnou o ar. Eu pulei e bati a porta em um só movimento, na esperança de evitar que o cheiro escapasse.

— Este lugar não mudou muito, não é? — Ela perguntou enquanto caminhávamos até a porta.

— Nem um pouco. — Minha coisa favorita sobre Colombo é que nunca mudou. Era exatamente o mesmo de quando meus pais trouxeram minha irmã e eu aqui quando crianças.

Colombo era uma instituição de Bozeman. Localizado do outro lado da rua da Universidade Estadual de Montana, sempre estava lotado de estudantes universitários. Eu parava de vir durante o ano letivo, mas no verão, esse era meu ponto de parada para o almoço.



Abrindo a porta, eu a deixei entrar primeiro. No minuto em que entrei atrás dela, o cheiro de cebola, alho e molho de tomate encheu meu nariz.

— Oh, Deus — , ela gemeu. — Eu senti falta deste lugar. Cheira muito bem.

Aquele gemido e o sorriso no rosto dela não ajudaram o problema no meu jeans.

— Você deve saber que eu não sou bom em compartilhar pizza — declarou ela. — Você terá que pegar a sua própria.

Eu ri. — Eu posso viver com isso. Eu sou mais um fã de seus calzones de calabresa.

Nós não perdemos tempo em encomendar as nossas refeições a partir do interfone e obter bebidas da fonte. O filho de Colombo estava trabalhando na cozinha aberta e eu acenei para ele antes de levar Poppy a um estande, na parte de trás do restaurante estreito.

— Como vai tudo no restaurante? — Eu perguntei quando nos sentamos.

— Bom. — Ela sorriu. — Ocupada, mas estou pegando o jeito de quanto de comida fazer, e até agora, eu não tive nenhuma reclamação ou crítica ruim.

Não que ela receberia. Eu duvido que alguém encontrasse falhas na comida dela, e eu só comi um sanduíche e salada.

— Você está dormindo ou está escrava da cozinha?

— Aquela primeira semana foi difícil, mas temos um novo funcionário de meio período, que começou na semana passada, então espero que Molly e eu possamos entrar em uma rotina melhor e não estar lá vinte e quatro por dia.

— Bom. Eu não gosto da idéia de você vir e ir tarde da noite, sozinha. Certifique-se de estar sempre estacionando no espaço ao lado da porta.

— Eu sei — ela murmurou. — Eu vou estacionar na porta. Não vou tirar o lixo depois de escurecer. Não vou esquecer de trancar a frente na hora em que fecharmos.

Tomei um gole da minha água para esconder meu sorriso. Ela se lembrou da minha palestra de



duas semanas atrás, e pelos sons dela, ela estava seguindo minhas instruções. Colocando meu copo, me inclinei para frente na mesa. Tanto quanto eu teria adorado visitar Poppy, eu precisava de algumas informações antes de voltar para a delegacia.

— Então, antes do nosso almoço chegar, eu tenho que saber. O que você está checando com Simmons?

Ela suspirou e mexeu no papel descartado do canudo. — Eu venho vindo uma vez por mês, desde que Jamie foi morto, para ver se ele descobriu alguma coisa sobre o caso. Ele nunca tem informações, mas eu não quero que ele esqueça que o assassino de Jamie ainda está por aí.

Porra.

Ela estava esperando por algo que ela provavelmente nunca conseguiria. Um caso de cinco anos sem novas evidências e Simmons como o líder? O assassino de seu marido provavelmente tinha ido embora há muito tempo.

Maldito Simmons.

— Estou realmente surpresa por não tê-lo visto antes — disse ela antes que eu pudesse pensar no que dizer.

Dei de ombros. — Eu não amo o escritório e evito o quando posso. A maioria de nós geralmente só passa tempo lá quando estamos fazendo papelada. — *Exceto por Simmons.* — Todos nós começamos nossas carreiras no campo, fazendo patrulhas. A maioria de nós gosta de estar fora da delegacia, fazendo perguntas.

Porque o trabalho de campo era como os casos eram resolvidos, não sentados em uma cadeira, comendo barras de chocolate.

Os olhos de Poppy ficaram cravados no papel amarrotado em seus dedos. — Você acha que eu deveria desistir? Você acha que há uma chance de encontrar quem matou Jamie?

Quando ela olhou para cima, um pouco da luz diminuiu em seus olhos. Pela primeira vez em duas semanas, ela se parecia mais com a mulher que eu tinha visto cinco anos atrás, do que a que tinha ido ao meu dojo.



— Eu vou ser honesto — eu disse suavemente. — Faz muito tempo. Cinco anos sem novas evidências não é bom. Eu não vi o arquivo do caso, mas meu palpite é que todas as pistas são becos sem saída.

Seus ombros caíram e ela enfiou as mãos no colo. Ela estava encolhendo bem na minha frente, se curvando em si mesma. Foi isso que aconteceu com ela depois de cada uma de suas visitas a Simmons? Porque eu faria praticamente qualquer coisa para fazer isso parar.

— Eu vou te dizer o que, quando voltarmos para a delegacia, vou dar uma olhada no arquivo. Eu não sei o que vou encontrar, mas vou verificar o caso. OK?

— Você realmente faria isso?

— Num piscar de olhos.

— Obrigada — ela suspirou. — Não me entenda mal, o detetive Simmons foi ótimo. Ele me recebe todo mês e é sempre legal. Mas eu não sei. Acho que não sinto que este caso seja sua prioridade.

Ela leu certo. Sua prioridade, nos dias de hoje, parecia ser estar fazendo o mínimo possível. — Deixe-me ver o que posso fazer — prometi, assim que nossa comida foi entregue.

— Obrigada — ela me disse enquanto eu dizia o mesmo para a garçonete.

Com o meu calzone e a pizza dela, nós almoçamos principalmente em silêncio, como no jantar em sua cozinha.

Poppy não precisava preencher cada momento com a conversa. Aly tinha sido uma faladora constante, sempre querendo conversar enquanto comíamos. Isso me deixava louco, quando dava uma mordida e ela imediatamente fazia uma pergunta. Às vezes eu só queria comer. Como meus pais faziam nas refeições. Eles conversavam, sabiam do dia um do outro, mas também se contentavam em estar juntos.

O silêncio me deu tempo para desfrutar da minha comida e também uma chance de pensar.



A primeira coisa que eu estaria fazendo, quando voltasse para a delegacia, era requisitar o arquivo de Jamie Maysen, de Simmons.

Se todas as pistas estivessem mortas, eu faria o que precisava ser feito. Eu sentaria com Poppy e diria a verdade. Que o assassino de seu marido estava livre e permaneceria assim, a menos que novas evidências viessem à tona.

Mas se o arquivo tivesse mais, se Simmons não tivesse investigado todas as pistas e virado todas as pedras para encontrar o assassino, eu estaria pedindo um favor de papai. Eu faria algo que nunca, jamais fiz: usaria minha posição como filho do chefe da polícia para escolher um caso. Eu tiraria o caso de Simmons e faria o meu melhor para levar o assassino de Jamie à justiça.

Não importa quanto estresse acrescentaria à minha vida, eu faria isso porque era a coisa certa a fazer.

Eu faria isso por Poppy.



CAPÍTULO 05

36º Aniversário: Aprender a tocar guitarra havaiana

Poppy

— Jimmy? Estou aqui!

Uma semana depois do meu almoço com Cole no Colombo, eu estava tirando a tarde do restaurante para visitar o avô de Jamie, Jimmy, em sua casa de repouso, The Rainbow.

— Um segundo. — O grito de Jimmy foi abafado pela porta fechada do quarto.

Eu sorri e me sentei no sofá da sala enquanto esperava. As faxineiras deviam ter varrido essa manhã, porque a pilha normal de latas de Mountain Dew e os velhos jornais na mesinha de cabeceira tinham sumido, e a quitinete estava livre das migalhas habituais de biscoito Ritz. Elas até penduraram os casacos de Jimmy, aqueles que ele normalmente só jogava no sofá.

— Gladys, você *tem* que vê-lo, — uma mulher sussurrou a partir do corredor.

— Eu ouvi tudo sobre isso no café da manhã — respondeu Gladys com uma risada abafada.



Elas estavam falando sobre Jimmy? Porque parecia que Gladys, e sua amiga fofoqueira, estavam pairando bem do lado de fora de sua porta aberta. Eu não me preocupei em fechá-la quando cheguei. A porta aqui *nunca* estava fechada. Por que Jimmy gostava de sua porta aberta o tempo todo eu não tinha a menor idéia. Ele tratou essa facilidade de vida assistida mais como um dormitório de faculdade, do que um lugar para se estabelecer.

Mas pelo menos a porta sempre aberta me dava a chance de ver as mulheres, enquanto elas passavam.

— Olá! — Eu acenei e sorri quando duas mulheres idosas me ignoraram completamente, e esticaram seus pescoços para dentro, procurando na pequena sala de estar por Jimmy. Quando viram que ele não estava na poltrona, franziram a testa e continuaram andando.

Eu ri quando elas estavam fora do alcance da voz. Toda vez que eu vinha aqui, parecia que sempre um morador diferente estava se confraternizando com meu avô.

— Ah, a minha Poppy. — A porta do quarto de Jimmy se abriu e ele saiu para a sala de estar. — Como você está hoje?

— Eu vou bem, oh meu Deus. O que você fez? — Eu pulei do sofá. Meus olhos estavam trancados em seus cabelos, cabelos normalmente brancos como a neve, agora pintados de rosa-choque.

Jimmy não respondeu. Ele apenas cruzou a pequena distância de seu quarto e me puxou para seus braços. Quando ele me soltou, seus olhos me deram uma inspeção completa de ponta a ponta, antes de ele se sentar em sua poltrona reclinável.

— Você vai me responder? — Eu perguntei, ainda de pé.

Ele franziu a testa e apontou para o cabelo. — Eu perdi uma aposta.

— Uma aposta. Você apostou onde o perdedor teria que pintar o cabelo de rosa?

— Sim — ele resmungou. — Eu vou te contar, Poppy. Você simplesmente não pode confiar em algumas pessoas. Você conhece aquele cara novo que se mudou para a casa ao lado?



Eu balancei a cabeça, embora eu não tivesse conhecido o novo vizinho de Jimmy.

— Ele é um trapaceiro. Uma fraude mentirosa. Convidei-o para jogar no nosso clube de poker, na tarde de terça-feira. Pensei que seria de boa vizinhança. Ele me disse que não sabia jogar pôquer, mas gostaria de aprender. — As mãos de Jimmy se fecharam nos braços da cadeira. — Não sabia minha bunda. Ele é um maldito tubarão! Ficamos todos rindo e brincando. Convenceu-nos a fazer uma aposta. A primeira das fichas tinge o cabelo de rosa. Aquele filho da puta. Me colocou no segundo pote e me limpou.

— Então você está com o cabelo rosa e perdeu um monte de dinheiro. Quanto perdeu?

Ele encolheu os ombros. — Eh, não muito. Nós só jogamos moedas de um centavo. Talvez cinco dólares. Mas aquelas senhoras no salão certamente me arrancaram dinheiro. Trinta dólares pelo cabelo rosa. Você acredita nisso?

— Isso é inacreditável. — Eu franzi meus lábios para esconder meu sorriso, e me sentei de volta. — Eu trouxe sua torta de pêssego favorita, isso vai fazer você se sentir melhor.

A carranca no rosto de Jimmy desapareceu. — Basta sua visita para me fazer sentir melhor, mas eu vou levar essa torta como um bônus. Como vão as coisas no restaurante?

Eu sorri. — Além das minhas expectativas mais loucas.

O Maysen Jar estava aberto há três semanas e, nesse período, tínhamos vendido o dobro do que Molly e eu projetávamos durante todo o primeiro trimestre. Eu tinha visto mais clientes repetidos trazerem potes para recargas do que esperava, e eu fechava todas as noites com um pote de gorjetas quase cheio.

— Estou animado para ver na próxima semana. Debbie e Kyle já escolheram uma noite?

— Não — eu suspirei. — Eu mandei uma mensagem para Debbie, mas ela não respondeu ainda. Ela não fala muito comigo, hoje em dia.



Debbie, a mãe de Jamie, costumava me mandar uma mensagem várias vezes por dia. Agora eu passava semanas sem ter notícias dela, e então era só porque eu tinha chamado primeiro. Kyle, o pai de Jamie, eu não tinha ouvido falar em anos. Os pais de Jamie moravam em uma fazenda, cerca de uma hora fora de Bozeman, e quando Jamie estava vivo, eles vinham nos ver a cada duas semanas. Mas desde que ele foi morto, suas viagens pararam. Agora, raramente vinham visitar Jimmy, o pai de Kyle e o homônimo de Jamie, e eu só os via em ocasiões especiais.

— Eles amam você, Poppy. É apenas difícil para eles.

— Eu sei. Eu só sinto falta deles. — Forcei um sorriso quando olhei para Jimmy, aquele cabelo rosa...

Eu não tinha perdido só Jamie quando ele morreu. Eu perdi Kyle e Debbie também. Eles se tornaram pais substitutos para mim na faculdade. Eles me levaram para sua casa de férias, quando eu não ia para o Alasca. Eles se sentaram na minha cama de hospital, durante o meu penúltimo ano, quando precisei de uma apendicectomia de emergência, segurando minha mão até meus próprios pais chegarem. Eles até assinaram um empréstimo de carro para mim, quando o meu morreu num inverno e eu precisei de um substituto rápido. Depois de Jamie e eu nos casamos, nosso vínculo ficou ainda mais forte.

Agora estava quase quebrado.

Mas pelo menos eu ainda tinha Jimmy. Ele fazia parte da minha família aqui em Montana, junto com Finn, Molly e as crianças, e eu adorava nossas visitas semanais.

— Será bom para eles verem o seu restaurante na próxima semana. — Jimmy se sentou na cadeira e deu um tapinha no meu joelho. — Se eles virem que você está tentando seguir em frente, talvez eles também o façam.

— Ou então eles vão ficar com raiva de novo.

— Sinto muito por dizer que é uma possibilidade real também.

A última vez que Kyle e Debbie vieram me ver, eles organizaram o jantar comigo e com Jimmy. Eu tinha mencionado casualmente, passando por algumas das coisas de Jamie, perguntando se eles queriam



alguma de suas roupas velhas ou livros, que eu estava guardando no sótão, e o jantar foi arruinado. Debbie começou a chorar e Kyle se recusou a olhar para mim pelo resto da refeição.

— Você acha que eles vão parar de me culpar pela morte de Jamie? — Eu sussurrei.

Afinal de contas, tinha sido minha culpa ele ter estado naquela loja de bebidas.

Jamie estava no caixa quando um homem encapuzado entrou correndo na loja. O homem atirou em Jamie, depois no caixa, sem hesitar. Estrondo. Estrondo. Dois tiros e meu marido e uma mãe solteira, de uma filha de onze anos, foram assassinados. O assassino roubou o dinheiro do caixa, depois fugiu, desaparecendo sem deixar vestígios.

Nenhuma testemunha Nenhuma pista a seguir.

Não há justiça.

Jamie estava no lugar errado, na hora errada, tudo porque eu queria fazer uma festa com algo para beber, além de doses de tequila.

— Eles não te culpam — disse Jimmy.

Eu dei a ele um sorriso triste. Nós dois sabíamos que ele estava mentindo.

Kyle e Debbie perderam o filho mais velho. Desde que eles não podiam culpar o assassino real, eles me culparam em vez disso. Kyle não conseguia mais me olhar nos olhos e, sempre que eu tentava abraçar Debbie, ela se encolhia.

Mas eu entendia. Eu me culpava também.

A culpa era parte da razão pela qual eu tinha sido tão diligente em visitar o detetive Simmons. Se eu pudesse descobrir quem matou Jamie, eu poderia ganhar seus pais de volta. Eles poderiam parar de me culpar por sua morte.

Talvez eu pudesse parar de me culpar.

E agora que Cole estava investigando o caso, tinha a sensação de que poderíamos realmente fazer algum progresso. Era tolice ter minhas esperanças, mas, as tinha.

Minha fé nas habilidades de Cole me energizava. Era o tipo de fé que eu sempre reservava para amigos e família e, na melhor das hipóteses, Cole era apenas um conhecido casual. No entanto, de alguma forma, depois de uma aula de karatê, um jantar e um almoço, ele ganhou minha total confiança. Quando ele me disse que iria investigar o caso de Jamie, a ansiedade profunda que senti por cinco anos havia aliviado, só um pouquinho.

Porque se alguém pudesse resolver o caso de Jamie, seria Cole.

Jimmy recostou-se na cadeira. — O que mais tem de novo?

— Nada demais. Estou bastante confinada ao restaurante agora, embora esteja fazendo uma aula de guitarra havaiana hoje à noite. — Depois de deixar Jimmy, eu iria para a minha aula.

— Guitarra havaiana? — Ele ficou com uma expressão distante em seus olhos. — Jamie sempre quis aprender guitarra havaiana.

— Sim, eu sei. Eu pensei em experimentar por ele.

Toda a família de Jamie sabia sobre sua lista de aniversários - Jamie praticamente gritara dos telhados quando surgiu a idéia. Mas enquanto sua família sabia sobre a lista, nenhum deles sabia que eu estava trabalhando para terminar no lugar de Jamie.

Eu não tinha mencionado isso para Kyle e Debbie, porque eu sabia que eles não reagiriam bem. E eu não havia mencionado isso para Jimmy, porque não queria deixá-lo triste. Nos últimos sete anos, ele perdeu a esposa para o câncer, depois o neto e depois duas irmãs. Ele tinha tristeza suficiente, então, por enquanto, a lista de aniversários - e minhas reais motivações para ter lições de guitarra havaiana - era algo que eu guardaria para mim mesma.

— Jamie já lhe contou por que ele queria aprender?

Eu balancei a cabeça. — Não. Você sabe por quê?

— Foi por Debbie. — Jimmy sorriu. — Ela sabia tocar e sempre quis ensinar Jamie. Exceto que na sexta série, ele decidiu pela bateria, então ele poderia estar naquela



banda de garagem horrível. Ele já lhe contou o nome de sua banda?

Eu ri. — The Roach Eaters.

— Idiotas — Jimmy murmurou com um sorriso. — Estou feliz que tenha sido apenas uma fase. De qualquer forma, ele tocou bateria, mas prometeu a Debbie que ele aprenderia a guitarra havaiana algum dia, e você sabe como ele era sobre a mãe.

— Ele penduraria a lua — dissemos em uníssono.

Jamie tinha adorado Debbie e, exceto por mim, sua mãe era sua pessoa favorita no mundo. Uma promessa feita a ela, só a morte dele poderia quebrar.

— Talvez na próxima semana você possa trazer sua guitarra havaiana e me mostrar o que você aprendeu.

— Pode apostar. — Eu assenti. — Agora, antes de eu ter que sair, vamos discutir essa situação do cabelo. Por quanto tempo, exatamente, ele será rosa?

Jimmy sorriu e se levantou, caminhando até uma sacola de supermercado perto da televisão. O plástico enrugou enquanto ele tirava uma lata de creme de barbear e um pacote de lâminas de barbear descartáveis. — Pelo tempo que demorara para você raspar minha cabeça.

— O quê? — Meus olhos se arregalam. — Isso é loucura! Eu não vou raspar sua cabeça. Apenas branqueie de volta.

— E gastar mais trinta dólares? De jeito nenhum. Isso só me custou seis. — O brilho em seus olhos se tornou diabólico. — Aquele desgraçado da trapaça acha que me pegou. Espere até eu aparecer no refeitório hoje à noite, parecendo o Sr. Clean. Isso vai mostrar a ele. Ele tem uma queda por Millie Turner, mas eu tenho uma boa oportunidade, ela tem uma queda por carecas. Vamos ver seu rosto quando eu entrar e levar sua garota.

— Jimmy, por favor, não entre em uma briga com esse cara e seja expulso do The Rainbow. Estou te implorando.

Ele sorriu. — Por Millie Turner, vale a pena.

Esse sorriso era tão familiar, eu tive que sorrir de volta. Jamie herdara muito do avô. Seu sorriso. Seu lado romântico. Seu espírito selvagem e livre.



E um sorriso que era impossível negar.

— Bem. Vamos fazer isso. — Eu me levantei do sofá e segui Jimmy até a cozinha. Depois passei os vinte minutos seguintes, ajudando um senhor de setenta e dois anos, a raspar a cabeça e pensava o tempo todo que Jamie teria adorado aquilo.

E ele teria adorado aprender a guitarra havaiana de sua mãe.

— É oficial. Eu não tenho talento musical.

Duas horas depois de eu ter saído do apartamento de Jimmy, qualquer esperança de se tornar uma virtuosa da guitarra havaiana foi perdida.

— Oh, eu discordo. — Mia sorriu. — Você só precisa de alguma prática. Vamos dar àquele último acorde mais uma tentativa.

— OK. — Eu peguei a guitarra havaiana do meu colo e cuidadosamente coloquei meus dedos.

Ela ajustou meu dedo indicador. — Mova este aqui.

Eu dedilhei as cordas e, pela primeira vez, o som que veio do meu instrumento era realmente melódico. Meus olhos dispararam para cima de Mia, e um enorme sorriso se espalhou no meu rosto. — Eu fiz isso!

— Viu? Nenhum talento musical, — ela zombou. — A prática faz o progresso.

Eu gostei daquilo. *Progresso. Imperfeito.*

Eu toquei as cordas novamente, então larguei o instrumento, querendo terminar minha aula com uma boa nota. — Muito obrigada, Mia.

— Quando quiser. Deixe-me te dar algumas coisas. — Ela colocou a própria guitarra havaiana de lado e ficou de pé, desaparecendo no quarto dos fundos.

Meus olhos vagaram pelo pequeno espaço quadrado. Três guitarras estavam penduradas na

parede oposta, e as duas empoleiradas no canto estavam cobertas de lenços brilhantes. Ao meu lado havia um piano vertical preto, a parte superior coberta de molduras coloridas e fotos de estudantes felizes. O sofá floral em que eu estava sentada ocupava a outra parede livre, deixando apenas espaço suficiente para a cadeira de madeira, que Mia tinha posicionado no meio da sala, para que ela pudesse se sentar à minha frente durante a aula.

O estúdio de música de Mia era tão eclético quanto sua dona.

Eu encontrei Mia Crane através do Google. Ela teve tantas críticas de cinco estrelas por suas aulas de violão, que eu não hesitei em perguntar se ela seria minha instrutora de guitarra havaiana, e quando cheguei na casa dela, uma hora atrás, eu sabia que tinha feito a escolha certa.

Mia estava esperando por mim, de pé descalço, em sua varanda da frente. Um olhar para o sorriso despreocupado dela e o nervoso que sentia com essas lições havia desaparecido. Ela me envolveu em um abraço, em vez de um aperto de mão, depois me levou até o estúdio de música dela - aquele prédio pequeno e fofo que ela construiu ao lado de sua casa.

— Ok, linda Poppy. — Sua voz cantada a precedeu quando ela saiu da parte de trás.

Poppy linda. Minha família também me chamava assim, quando criança.

O leve aroma de eucalipto e loção de pepino voltou com Mia. Seus longos cabelos castanhos estavam trançados de um lado para o outro, e o número de pulseiras penduradas em um braço era quase tão impressionante, quanto seus enormes brincos de argola.

— Você pode levar aquela guitarra havaiana para casa. — Ela colocou uma maleta preta no sofá. — Aqui está um caderno e incluí algumas notas sobre o que praticar esta semana.

— Obrigada. — Eu me levantei e alisei meu vestido preto. — Eu realmente aprecio você me tendo como estudante. — Ela me disse que estava com a agenda completa quando liguei, mas que encontraria uma maneira de me encaixar.

— O prazer é meu. Eu amo todos os meus pequenos, mas ter alunos adultos pode ser muito divertido. Assim que chegarmos ao básico, podemos interferir.



Eu ri. Eu nunca tinha ouvido uma guitarra havaiana— sendo tocada — antes, mas se alguém pudesse fazer isso bem, era Mia Crane.

— Você tem ensinado por muito tempo? — Eu perguntei enquanto arrumava o instrumento.

— Por anos. Desde que meus filhos começaram o jardim de infância. Eu estava tão entediada e solitária enquanto eles estavam na escola, decidi começar a ensinar guitarra durante o dia.

— Seus filhos tocam?

— Minha filha. — Seus olhos se suavizaram. — Evie é professora de música na escola agora. Mas nunca consegui convencer meu filho. Ele sempre foi muito ativo nos esportes e não estava realmente interessado.

Uma porta de carro bateu do lado de fora e o sorriso de Mia ficou tão grande, que eu não pude deixar de sorrir de volta. — Falando no diabo. Eu o chantageei para vir jantar hoje à noite.

— Então eu vou sair do seu caminho. — Eu fechei o estojo e coloquei minha bolsa no meu antebraço. — Vejo você na próxima semana?

— Estarei aqui. E se você precisar ajustar sua agenda para o restaurante, é só me avisar. Sou só eu e meu marido hoje em dia, e ele está sempre trabalhando. — Ela sorriu. — Podemos fazer uma lição no final da tarde. Eu separarei o vinho.

Eu sorri. — Gostaria disso. E eu vou trazer o chocolate.

— Eu sabia que gostaria de você.

Nós duas estávamos rindo quando passamos pela porta de seu estúdio, no caminho que levava para frente de sua casa.

— Mamãe? — Uma voz de homem chamou de volta da varanda.

Meus pés pararam e meu sorriso vacilou. Eu conhecia essa voz.

— De a volta aqui, Cole! — Mia gritou.

Cole é filho de Mia?

Sim. Com certeza ele é.



Ele contornou a esquina da casa e parou. O choque em seu rosto espelhou o meu, mas ele se recuperou primeiro.

— Ei. — A surpresa se transformou em um lento sorriso, quando seus olhos se encontraram com os meus, e ele começou a se aproximar novamente. Ele não usava seus óculos de sol normais hoje, e seus olhos brilhavam no sol do início da noite.

— Oi. — *Maldita falha de respiração!* Eu soava como uma adolescente apaixonada.

A reação natural do meu corpo a Cole não estava alinhada com minha mente. Na semana, desde que o vi, eu estava tentando entender Cole Goodman. De como ele me fazia sentir.

Eu estava tentando sem sorte.

Cole trouxe muitas emoções, que eu não estava pronta para explorar.

Me incomodou que, mesmo depois de uma semana, eu pudesse fechar os olhos e ainda ver os dele. Que eu ainda podia sentir o cheiro do seu sabonete Irish Spring. No entanto, eu não conseguia mais lembrar como Jamie cheirava.

Então eu me resignei em manter algum espaço de Cole, para conseguir alguma distância, até que eu tivesse essa atração sob controle. Eu manteria nosso relacionamento estritamente profissional, enquanto ele investigava o caso de assassinato de Jamie.

Eram minhas intenções.

Eu me inscrevi para aulas de guitarra havaiana com a mãe dele.

— Eu vejo que você conhece Poppy — disse Mia, assim que Cole chegou ao seu lado.

Ele arrancou os olhos dos meus para sorrir para sua mãe, então se inclinou para beijar sua bochecha. — Claro que sim. Oi mãe.

Ela deu um tapinha no peito dele. — Estou surpresa que eu te reconheci. Quanto tempo tem sido? Um ano? Dois?

Ele riu e a puxou em seus braços. — Tão dramática. — Seu sorriso era largo quando olhou por cima da cabeça de sua mãe, para o estojo de guitarra

havaiana na minha mão. — Você sobreviveu a sua câmara de tortura? Estou impressionado.

— Cole! — Mia deu um soco no estômago dele.

— Ouf. Jesus, mãe. — Ele fingiu estar ferido, a deixando ir e recuando para esfregar seu estômago, *extremamente* liso. — E você se pergunta por que eu não te visito com mais frequência.

Ela riu e eu olhei para os meus pés, levando alguns segundos para banir todos os pensamentos do abdômen de Cole.

— Então, como vocês se conhecem? — Mia perguntou, olhando entre nós.

— Uh... — Como eu explico isso? *Seu filho estava lá na pior noite da minha vida. Seu filho está investigando o caso do assassinato do meu marido. Seu filho me faz sentir coisas que não quero sentir.*

Não. Isso não funcionaria.

Felizmente, eu não tive que explicar, porque Cole veio em meu socorro. — Poppy veio ao dojo na outra noite.

— Karatê e guitarra havaiana? — Mia perguntou. — E proprietária de uma empresa. Estou impressionada.

— Obrigada. — Meus olhos encontraram os de Cole, e eu olhei de volta para Mia. — Eu vejo você em breve.

— Você vai ficar para o jantar — Mia interrompeu.

— Ah não. Obrigada, mas não quero me intrometer em um jantar em família. — O estojo de guitarra havaiana balançou descontroladamente ao meu lado, enquanto eu agitava meus braços.

Cole passou por sua mãe e direto para o meu espaço, e - *droga* - minha respiração falhou novamente. *Chega disso já.*

— Aqui. — Cole se abaixou e pegou o estojo da minha mão. O roçar de seus dedos enviou um arrepio pelos meus ombros. — Você também pode desistir agora. Ela é mais teimosa do que eu e papai juntos. Você não tem a menor chance.

— Mas...

— Vamos lá, crianças. — Mia caminhou em direção à porta lateral de sua casa. — Cole, você acompanha Poppy, enquanto eu começo o jantar.

— Ok, mãe — ele chamou e começou a seguir.

— Eu realmente deveria ir.

Ele apenas continuou andando. — Você ouviu a mulher no comando. Nós vamos jantar.

Eu fiquei presa no caminho. Eu não queria ser rude com Mia, mas outro jantar pessoal com Cole só iria adicionar mais confusão aos meus sentimentos já confusos.

— Poppy. — Quando Cole bateu na porta, ele olhou por cima do ombro. — Jantar. Vamos.

— Mas...

— Se você não vier aqui, ela virá atrás de você, e acredite em mim, você não quer isso. É só jantar.

É só o jantar.

Eu tinha dito isso a mim mesma, semanas atrás, quando Cole tinha jantado comigo no restaurante. Exceto que não era só o jantar. Foi jantar com um homem cujo toque me fez formigar. Foi jantar com um homem que parecia romper minhas defesas. Foi jantar com um homem que despertou sentimentos, que eu reservara somente para o meu marido.

— Oi filho.

Eu desviei meu olhar das costas de Cole, enquanto outro homem contornava a lateral da casa. Sua gravata estava solta e seu paletó estava colocado sobre um dos braços. Sem perguntar, eu sabia que este devia ser o pai de Cole. Eles pareciam quase idênticos, exceto pela diferença de idade. O pai de Cole tinha uma pitada leve de cinza em seu cabelo escuro e ele era um pouco mais suave no queixo, do que seu filho.

— Olá pai. Conheça Poppy Maysen. Ela vai ficar para o jantar. — Cole acenou para mim, em seguida, saiu do caminho para que seu pai pudesse entrar.



— Oi, Poppy. Eu sou o Brad. — Ele acenou. — Entre e sinta-se em casa.

— Na verdade, eu deveria estar...

Brad desapareceu em sua casa antes que eu pudesse terminar a minha sentença.

— Eles ficarão desapontados se você não ficar — disse Cole.

Jesus. — Um sentimento de culpa? Mesmo?

Ele sorriu. — Tudo o que for preciso para você ficar.

Duas horas depois, eu estava na varanda da casa de infância de Cole com um enorme sorriso.

O jantar foi... Apenas jantar.

Cole deve ter sentido meu tumulto interno porque se concentrou principalmente em seus pais, durante a refeição. Ele provocou Mia sobre sua obsessão, de duas décadas, com*o Hospital Geral.* Ele discutiu com o pai sobre o time de futebol americano de Montana e suas chances de chegar às eliminatórias no outono. E ele me tratou como se eu tivesse jantado lá umas cem vezes antes. Como se eu fosse um membro natural na mesa de jantar, que só precisava de uma explicação ocasional, para uma piada interna.

E seus pais forneceram o atenuador perfeito para nossa atração.

— Obrigada por se juntar a nós. — Mia me abraçou na varanda da frente.

— Estava tudo ótimo. Obrigada pela refeição. Eu não tive nada tão delicioso a muito tempo.

Cole riu. — Agora ela está mentindo, mãe. Você deveria comer no restaurante dela.

— Ah, nós planejamos isso — declarou Mia. — Nós vamos amanhã à noite. Entendeu, chefe? Você estará em casa às seis.

— Sim, Srta. Crane — Brad concordou quando Mia deslizou para o lado dele.

Eu sorri para seus carinhos mútuos quando acenei adeus. No jantar, eu soube que Brad e Mia tinham se casado jovens, mas ela nunca tinha usado o sobrenome dele. Ela o chamava de — chefe — por causa de seu trabalho e ele a chamava de —Srta. Crane.

— Eu vou levá-la ao seu carro — disse Cole, carregando meu estojo de guitarra havaiana descendo as escadas.

Brad e Mia desapareceram pela porta quando Cole me levou pela calçada da frente, em direção ao meu carro, algumas casas abaixo.

— Sua mãe é uma boa cozinheira.

Cole cantarolou. — Você supera ela.

— Eu não sei sobre isso, mas obrigada.

Revirei os olhos ao som da minha voz ofegante. Por que eu não conseguia encher meus pulmões quando Cole e eu estávamos sozinhos? Ele sentou-se à minha frente no jantar e eu não tive nenhum problema em respirar. Mas agora? Eu sentia como se tivesse acabado de correr cinco milhas.

Eu respirei lentamente algumas vezes, esperando que quando eu falasse novamente, minha voz voltaria ao normal. — Você descobriu alguma coisa sobre o caso?

— Desculpa. — Ele balançou sua cabeça. — Ainda não.

Suas sobrancelhas estavam franzidas e algumas linhas franziam a testa. Havia algo que ele não estava me dizendo, mas eu não pressionei. Eu estava simplesmente grata por ele estar ajudando o detetive Simmons.

— Então a guitarra havaiana? — ele perguntou, mudando de assunto. — Suponho que seja outra coisa da lista.

Eu sorri. — Você está certo. Embora, eu não possa acreditar que de todos os instrutores de guitarra em Bozeman, eu escolhi sua mãe como minha professora. Ou que eu entrei em sua aula de Karate.

— Coincidência. — Ele riu. — Parece meio que um tema recorrente para nós.



Algumas vezes. Eu estava grata por ele não ter mencionado todas essas coincidências para seus pais. Cole ficou quieto a noite toda sobre como nós realmente nos conhecemos, me dando a chance de curtir a conversa da noite, com pessoas que não conheciam Jamie. Foi bom ter uma noite em que ninguém olhou para mim com pena, ou preocupação com meu estado emocional.

Esta noite, eu tinha acabado de ser Poppy.

— Minha mãe está meio apaixonada por você. Espere um mandato para jantar após cada uma das suas aulas.

Eu estava meio apaixonada por Mia também. — Então, na semana que vem, vou levar a sobremesa.

— Sobremesa. Isso me lembra, eu ainda não experimentei sua famosa torta de maçã.

— Eu estarei no restaurante amanhã se você quiser passar. — O convite saiu da minha boca antes que minha cabeça pudesse interceder. E uma vez fora, não havia como voltar atrás.

Cole sorriu quando chegamos ao meu carro. — Então é um encontro.

Um encontro.

Um encontro com Cole Goodman.

Uma onda de excitação e um arrepio de terror deslizaram pela minha espinha.



CAPÍTULO 06

41º Aniversário: Dizer sim a tudo, durante um dia inteiro

Cole

— Que porra é essa?

Eu pisei forte no freio, mal conseguindo entrar no estacionamento, onde um carro do Bozeman PD estava estacionado atrás de um Olds mobile verde-menta dos anos 70. O patrulheiro segurava a prancheta em uma mão, enquanto a outra fazia gestos tranquilizadores a uma mulher irada, com cabelos grisalhos e crespos. Seu vestido azul-marinho estava girando em torno de seus tornozelos e chinelos cor-de-rosa, quando enfiou um dedo nodoso no peito do policial.

Quando estacionei logo atrás do carro, eu podia ouvi-la gritando e xingando sobre o som do meu motor diesel. Estacionando meu caminhão, nem me incomodei em desligá-lo, eu saí para a cena. Cinco longos passos e fiquei atrás do patrulheiro - Oficial Terrell Parnow. Ele estava fazendo o melhor que podia para se manter firme, mas a mulher não era pequena, e seu dedo o cutucando sem parar.

A mulher olhou para mim, mas continuou gritando. — Eu estou chamando meu maldito advogado e *você*, seu filho de uma...



— Qual é o problema? — Minha voz continha um timbre suficiente para calar a senhora louca. Seus olhos voaram para os meus, quando Terrell olhou por cima do ombro.

Seu peito se esvaziou quando sua mão caiu ao lado de seu corpo. — Detetive Goodman. Eu estava apenas escrevendo uma multa,porque...

— Eu vou te dizer qual é o problema aqui. — A mulher deu um passo ao redor de Terrell e entrou na minha frente. — Esse garoto está tentando me dar uma multa por excesso de velocidade, quando eu não estava em alta velocidade!

— Senhora, você estava andando a quarenta onde é permitido vinte e cinco. — Ele olhou para mim com olhos castanhos suplicantes. — Honestamente, detetive. Eu a tenho no radar.

Ela girou em torno de Terrell, seu vestido me chicoteando nas canelas, mas antes que ela pudesse se lançar em outro discurso, eu entrei entre eles. Fiquei mais alto, olhando diretamente para o nariz, no rosto pálido da mulher. — Acelerar e agredir um agente da polícia. Não é bom.

Ela gaguejou de volta um passo, colocando a mão no peito. — O quê? — ela ofegou. — Agredir?

— Isso mesmo.

— Mas...

— Oficial Parnow, me empreste suas algemas? Eu deixei as minhas no caminhão.

A mulher ofegou novamente.

— Detetive, eu não, hum... — Ele saiu de trás de mim para o meu lado, falando debaixo de sua respiração. — Eu não acho que precisamos acusá-la de agressão.

— Eu vou pegar a multa de alta velocidade. — A mulher voou para o lado de Terrell, como se fosse sua nova melhor amiga. — Por favor.

Eu segurei um sorriso, lutando para manter a carranca no meu rosto. — Eu não sei. Parecia sério quando eu parei.



— Às vezes me deixo levar — ela me disse, depois olhou para Terrell, acenando ferozmente. — Eu estava indo rápido demais. Você está certo.

Terrell olhou para mim e eu encolhi os ombros. — É a sua chamada, oficial.

Ele assentiu, voltando-se para a mulher que agora estava agarrada ao seu braço. — Senhora, se você voltar ao seu carro, terminarei com a multa por excesso de velocidade. Então você pode seguir seu caminho.

— Oh, obrigada. — Ela apertou o braço dele e então o soltou, abaixando o contato visual comigo, enquanto corria de volta para o seu carro.

Quando a porta do seu motorista se fechou, eu ri.

— Você teria algemado ela? — Terrell perguntou.

— Não. Eu só queria calar a boca dela.

Terrell sorriu. — Inteligente.

Dei de ombros e empurrei meu queixo para Olds. — Dê a ela a multa e a deixe seguir seu caminho.

— Sim senhor. — Ele levou sua prancheta para a janela, devolvendo sua licença e registro. Então ela arrancou sua multa de velocidade e saiu correndo para longe, saindo do estacionamento com uma pressa cuidadosa.

— Obrigado. — Terrell se juntou a mim e suspirou. — Isso saiu do controle. Parece estar acontecendo comigo ultimamente.

— Infelizmente, isso faz parte do trabalho.

— Toda vez? Eu não tenho uma parada em um mês sem ter uma carga de merda. Você acha que estou fazendo algo errado?

— Eu duvido. — Eu bati a mão em seu ombro. — Vamos. Eu vou sair em patrulha com você por um tempo.

Seu rosto inteiro se iluminou. — Mesmo?

— Mesmo. Deixe-me pegar minhas chaves. — Voltei para a minha caminhonete, inclinei-me para desligar a ignição e pegar minhas chaves. Então eu tirei meus óculos de sol do console e fui para a viatura.



Deslizando para o banco do passageiro, sorri para a excitação de Terrell. Seu rosto escuro estava dividido com um largo sorriso branco e os dedos tamborilavam no volante.

— Então você tem tido algumas paradas difíceis ultimamente? — Eu perguntei quando ele saiu do estacionamento.

— Sim. — Seu sorriso desapareceu. — Não importa o quão educado eu seja, todo mundo luta contra a advertência. Eu perguntei a alguns dos outros caras em patrulha, mas nenhum deles parece estar tendo o mesmo problema.

Eu não queria ser o único a quebrar o garoto, mas o rosto dele era provavelmente a razão pela qual ele tinha passado tanto tempo difícil ultimamente. Não por causa da cor de sua pele, mas porque, aos vinte e poucos anos, Terrell Parnow tinha um rosto de bebê, se eu tivesse visto um.

Bochechas redondas e rechonchudas. Olhos castanhos suaves. Não havia nada difícil ou angular sobre ele. Acrescente a isso sua estatura mais baixa e seu corpo magro, e a única coisa intimidadora sobre o garoto era sua arma.

Mas se alguém não interferisse, sua confiança continuaria a ficar abalada e só pioraria a situação. Ele deixaria a Força ou alguém poderia pressioná-lo longe demais.

— Olha, Terrell. Eu vou ser direto com você aqui. — Eu deslizei meus óculos de sol para que ele pudesse ver meus olhos. — Você está lutando uma batalha difícil. Você é metade do tamanho da maioria dos caras em patrulha, e as pessoas não vão te levar a sério por padrão. Você tem que descobrir uma maneira de ser assertivo, mas não parecer um idiota. Encontre o equilíbrio entre ingênuo e babaca. Compreende?

Terrell ficou quieto. O rádio ligou e desligou quando a central fez ligações para outros carros, mas o garoto não disse uma palavra.

Merda. Isso foi muito contundente? Eu tinha assustado ele? Ele tinha que saber que ele parecia um adolescente, certo? Eu abri minha boca para diminuir um pouco, mas ele falou primeiro.

— E se eu deixar crescer uma barba?

Eu sorri abertamente. — Vale a pena arriscar.



— Obrigado, detetive. Eu aprecio a honestidade.

— Sem problemas. E é Cole.

Ele assentiu. — Cole.

— Uma outra coisa — eu disse quando passamos por outro carro de patrulha indo na direção oposta. — Se os outros caras em patrulha dizem que cada parada é boa, eles estão mentindo. Com cada quatro paradas, você terá uma ruim. Isso é normal para todos nós que já estivemos lá. Endureça essa cara e não deixe os maus chegarem até você.

— OK. — Ele assentiu. Andamos em silêncio por alguns quarteirões, até Terrell falar de novo. — O que eu deveria ter feito diferente com essa mulher?

Eu esfreguei meu queixo, a barba mais grossa do que o normal, porque eu não tinha me barbeado esta manhã. — Se eu estivesse no seu lugar hoje, eu não a teria deixado sair do carro. Eu não teria deixado ela me xingar, e eu com certeza não teria deixado ela me tocar. Mas quando eu tinha a sua idade? Quando eu era novato? Eu provavelmente teria feito a mesma coisa que você. Eu teria ficado lá e não fazer merda nenhuma até ela se acalmasse. Então eu teria entregado a multa para ela e voltado para a minha viatura e tomado uma cerveja quando chegasse em casa.

— Sério? — Sua estrutura se animou.

— Sério.

Durante a hora seguinte, dirigimos em torno de Bozeman, ficando relativamente quietos. Eu estava a caminho do restaurante de Poppy, num intervalo para o jantar, quando vi Terrell, mas esse momento era importante para o jovem patrulheiro. Então eu segui em frente, maravilhado com o quanto minha cidade natal havia mudado ao longo dos anos.

Bozeman fora uma vez uma pequena cidade de esqui universitária, mas a população havia prosperado nos últimos dez anos. Grandes lojas e cadeias de restaurantes se aglomeraram no vale da montanha. A construção atingiu um ponto alto, quando os construtores substituíram os campos de trigo por complexos de apartamentos e moradias. Os lotes abertos estavam cheios de centros de tecnologia e prédios de escritórios.

— Você mora aqui há muito tempo? — Eu perguntei a Terrell.

— Apenas dois anos. Eu me mudei do Arizona para Montana por causa do esqui, então decidi ir para a academia de polícia.

— Bozeman está mudando rapidamente. Nada disso estava aqui quando eu estava no ensino médio. Apontei para as novas subdivisões dos dois lados da rua. Estávamos na extremidade da cidade, a quilômetros de onde me lembrava do último sinal de trânsito, quando eu era criança.

Terrell sorriu. — Ouvi dizer que podemos estar comprando uma Best Buy[1].

Eu fiz uma careta. — Ótimo. — Eu poderia viver sem uma Best Buy.

Sentia falta da cidade natal que Bozeman era. Eu encontrava menos rostos familiares na mercearia nos dias de hoje. Eu ficava preso no trânsito quase todas as manhãs. E andando pela Main Street, algo que eu lembrava com carinho quando criança, agora só me irritava. As lojas locais perderam parte de sua autenticidade, tornando-se muito extravagantes, em um esforço para imitar as cidades de esqui como Aspen ou Breckenridge.

Fora que acabou o charme da cidade pequena e aumentou muito a taxa de criminalidade.

Bozeman estava ficando tão ruim quanto uma grande cidade. Drogas. Assassinato. Estávamos enfrentando uma forte influência de gangues.

— Uau. Que diabos?

Eu fui tirado dos meus pensamentos quando a cabeça de Terrell virou para o lado. Uma Chevy Blazer laranja passou por nós, acelerando na direção oposta.

Em uma fração de segundo, Terrell ligou a sirene estridente e as luzes piscando, e estava fazendo um U, fazendo um barulho estrondoso. Seu pé afundou no acelerador enquanto o motor da viatura acelerava. Nós paramos a Blazer em pouco tempo.

— Você assume a liderança — eu disse a Terrell enquanto me soltava.

---

[1] Loja com o nome de Melhor Compra

Ele assentiu e nós dois saímos da viatura. Nos aproximamos com cautela, sempre a postos, como ambos fomos ensinados, Terrell apareceu na janela do lado do motorista enquanto eu ia para o lado oposto.

— Boa Noite — Terrell cumprimentou o motorista. — Licença, registro e comprovante de seguro, por favor?

Eu me abaixei para olhar pela janela aberta do passageiro. O motorista, um jovem universitário, estava mexendo na carteira. Seus dedos trêmulos tiveram que tentar três vezes para tirar sua licença da abertura de plástico. — Aqui está. — Sua voz estava tão agitada quanto seus dedos quando ele entregou sua licença para Terrell.

— Você sabe por que eu parei você — Terrell olhou para a licença, — Quincy?

— Eu estava, hum, acelerando?

Terrell assentiu. — O limite de velocidade aqui é de quarenta.

— Oh. Mesmo?

Vamos, Quincy. Não se faça de bobo. Por que os jovens sempre tentam se fazer de idiotas?

Terrell franziu a testa. — Vá em frente e me dê seu registro e comprovante de seguro.

— OK. — Quincy estendeu a mão através do painel, seu olhar deslizando para longe do meu. Com um estalo, ele abriu o porta-luvas e detonou uma explosão de papel. Recibos. Embalagens de doces. Bilhetes de estacionamento da universidade. Tudo saiu derramando, incluindo uma identificação que caiu no banco perto da minha janela, virada para cima.

Meus olhos se estreitaram no ID do Colorado. A foto de Quincy estava ao lado do nome Jason Chen. Eu apertei os olhos e vi uma data de nascimento.

— Jason Chen — tinha vinte e sete anos.

Porra. Se esse garoto tinha vinte e sete anos, eu estava nos meus malditos quarenta.

— Quincy, acho melhor você sair do carro — eu disse. — E traga aquele outro ID com você.



Dez minutos depois, Quincy estava apertando minha mão e prometendo nunca mais comprar uma identidade falsa.

— Obrigado. Muito obrigado, oficial.

Eu deixei a mão dele ir. — Não faça isso de novo.

— Eu não vou. — Ele balançou sua cabeça. — Eu prometo. Eu não vou. Foi estupidez da minha parte ter essa identidade falsa, em primeiro lugar.

— Esta é a sua chance, Quincy. — Eu levantei um dedo em direção ao nariz dele. — Seu passe livre e sua única chance de aprender com o seu erro. Não tome como garantido, porque você não receberá duas vezes.

— Sim senhor. Obrigado.

— Bom. — Eu empurrei minha cabeça para o Blazer. — Agora saia daqui.

Ele assentiu e correu de volta para o SUV, acenando para Terrell e para mim enquanto ele voltava para a estrada.

— Por que você fez isso? — Terrell perguntou. — Por que você o deixou com um aviso?

Dei de ombros. — Voltei no tempo, alguém me deu uma chance, uma vez, e isso mudou minha vida. Eu pago quando posso. Além disso, aquele garoto era inofensivo. Nós pegamos sua identidade falsa. Poderíamos tê-lo multado, mas acho que causamos uma impressão mais duradoura, não é?

— Com certeza. Aquele garoto estava prestes a se mijar. — Terrell assentiu e começou a voltar para a viatura. — Imediatamente. Eu gostei disso.

Eu sorri, sabendo que Terrell estava roubando um termo que eu mesmo roubara. — Basta usá-los com sabedoria.

Congelado na entrada do The Maysen Jar, vi Poppy sorrir e rir com um homem idoso sentado no caixa.

Porra, ela era linda.



Horas depois, eu planejava estar no restaurante. Terrell me deixou na minha caminhonete, após o incidente com Quincy, e eu vim direto para cá, tão ansioso para ver Poppy, que tive dificuldade em obedecer ao limite de velocidade.

Mas eu estava aqui, agora, e não conseguia passar pela maldita porta.

— Com licença.

Uma senhora estava atrás de mim, querendo passar. — Desculpa. — Eu andei e entrei, segurando a porta aberta para ela.

Quando a senhora se juntou a um amigo em uma mesa, fiquei na parede do fundo, vendo Poppy trabalhar. Seu cabelo estava preso, amarrado em um nó preso por dois lápis. Um avental preto foi amarrado ao redor do cós da calça jeans. Sua camiseta branca, com decote em V, com o logotipo do restaurante no bolso, cobria perfeitamente seus seios, insinuando apenas um pouco de decote que acabava em sua barriga lisa.

Bonita.

Seu sorriso era tão natural e carismático. Ela hipnotizava seus clientes, rindo e conversando enquanto trabalhava. Ela me hipnotizou.

Então eu fiquei na parte de trás, fazendo o meu melhor para me misturar na parede de tijolos, enquanto eu a assistia. Eu apreciei cada segundo de seu sorriso desprotegido, porque assim que ela me visse, ela estaria de volta em alerta. Ela levantaria uma parede, como fizera na noite anterior, quando me viu do lado de fora do estúdio de música da mamãe.

Eu ensinei para Terrell mais cedo, sobre encontrar um equilíbrio, mas porra, se eu não estivesse tendo um bom tempo para encontrar um com Poppy. Eu estava a pressionando muito? Demais? Não o suficiente?

Quando eu estava por perto, ela enfrentava uma guerra furiosa dentro de sua cabeça. Ela olhava para mim e eu via aquele desejo brilhar atrás de seus olhos. Mas então ela o sufocava, deixando seu rosto se contorcer de culpa. Eu odiava esse olhar. Eu odiava colocá-lo em seu rosto.



Se eu fosse um homem mais forte, teria ficado longe e lhe daria tempo. Mas aqui estava eu, espreitando na parte de trás de seu restaurante, tão atraído por ela, que mal pisquei.

Como se soubesse que eu estava pensando nela, os olhos de Poppy revistaram o restaurante. No segundo que ela me viu, seu corpo se tencionou. Ela desviou o olhar, observando o balcão por um momento, enquanto seus ombros subiam e desciam com uma respiração profunda. Mas então ela me chocou com um sorriso lento e lindo.

Eu estava condenado.

Aquele sorriso - e a onda de dedos que o acompanhava - teria me deixado cair, se não fosse a parede de tijolos nas minhas costas.

Um cliente roubou a atenção de Poppy e levei um momento para controlar meu ritmo cardíaco. Três respirações profundas e eu estava firme, caminhando pelo restaurante.

— Este assento está ocupado? — Eu perguntei ao homem idoso no balcão.

— Não — ele grunhiu.

— Obrigado. — Eu deslizei no banco, olhando para Poppy, enquanto ela anotava o pedido de seu cliente. — Ei.

— Oi. Me dê um segundo.

— Não tenha pressa. — Ela voltou para o pedido do cliente e eu me virei para o velho. — Se importa se eu pegar um cardápio?

Ele grunhiu de novo quando levantou um da pilha e o empurrou pelo balcão.

Examinei o cardápio, debatendo minhas opções. Talvez um dia eu não precisaria de um menu. Talvez eu estivesse por perto o suficiente para memorizar todas as opções. E talvez um dia eu receba uma saudação diferente de Poppy. Eu seria permitido atrás do balcão, para que eu pudesse colocá-la de lado e beijar seu cabelo, enquanto dizia olá.

— Estarei aqui esperando — eu murmurei.



— O que é que você disse? — o homem idoso perguntou.

— Oh, uh, só esperando que ela tenha mais desse Mac queijo. — *Desculpa esfarrapada, Cole. Desculpa esfarrapada.* — Você come muito aqui?

— Todo dia. — Seu peito inchou quando ele fez sua declaração. — Este é o meu lugar.

— Um especialista. Agradável. Alguma recomendação?

— Bem. Seus potinhos são bons.

— Tudo bem? — Poppy deu um passo à frente do velho e colocou as mãos nos quadris. — Jesus. É por isso que você comeu quatro deles hoje? Porque eles estavam *bons*?

O homem olhou para Poppy enquanto ela fazia uma careta de volta. Foi isso que esse cara fez? Ele entrou em seu restaurante e criticou a comida dela todo o maldito dia? Eu abri minha boca para colocar esse velhote em seu lugar, mas o canto de sua boca se contraiu.

— Oh, pare. — Ela abanou o olhar e sorriu. — Randall James. Conheça Cole Goodman.

Randall se virou para me reconhecer. Ele me olhou de cima a baixo duas vezes, cada vez seus olhos se demoravam um pouco na minha arma.

Eu estendi minha mão primeiro, e ele se assustou comigo, na verdade, a tomando. — Prazer em conhecê-lo, Randall.

— O mesmo.

— Você quer jantar? — Poppy me perguntou.

— Por favor. Surpreenda-me, mas não se esqueça da minha sobremesa desta vez.

— No último fim de semana, inventei uma nova torta de frutas vermelhas. Ainda não adicionei ao cardápio, mas estão disponíveis. Você quer experimentar uma daquelas ou uma torta de maçã?

— O que! — Randall quase saiu do banquinho antes que eu pudesse responder. — Você disse mais cedo que acabou aquelas tortas de frutas.



— Não, eu disse que acabou, para *você* acabou. — Ela apontou para o peito dele. — Você conhece as regras. Cinco tortas são tudo que você ganha em um período de vinte e quatro horas.

— Eu não sei porque eu continuo vindo aqui e pegando essa porcaria. — Randall girou em torno de seu banquinho. — Estou indo embora. Não conte comigo voltando.

Sua ameaça não perturbou Poppy. — Não esqueça seu café. — Ela se virou e pegou um copo para viagem e o encheu na cafeteira, na parede do fundo.

Randall grunhiu enquanto colocava o boné e preparava a bengala. Então ele pegou o copo da mão de Poppy e começou a se arrastar em direção à porta.

— Vejo você amanhã — Poppy falou em suas costas.

Randall apenas balançou a cabeça e continuou andando.

— Cara animado — eu provoquei.

Poppy riu. — E você o pegou em um bom dia. Ontem ele ameaçou me deixar uma revisão ruim no Yelp[2], porque eu não lhe dei seis expressos. Mas ele estará de volta amanhã para me fazer companhia e à Molly.

— Rabugento por fora, coração de ouro? — Imaginei.

— Exatamente. — Ela sorriu. — Espere, eu vou pegar sua comida. Você quer sentar aqui ou em uma mesa?

— Você se sentaria...

— Poppy... — Molly saiu correndo da cozinha, interrompendo meu convite para jantar, mas parou quando me viu. — Oh, ei, Cole. Como você está?

— Bem. — Eu devolvi o sorriso dela. Acabei de pedir o jantar.

— No momento ideal! Poppy também ia fazer uma pausa para o jantar. Vocês podem ter a companhia um do outro.

Acho que não precisei pedir a Poppy para comer comigo depois de tudo. *Obrigado, Molly.*

---

[2] Empresa multinacional que conta com sites e aplicativos voltados à avaliação de estabelecimentos comerciais

— Eu nunca deveria ter dito a você — Poppy murmurou.

Disse a ela o quê?

— Você vai comer com o Cole? — O sorriso de Molly se alargou quando olhei entre ela e Poppy. — Sim ou não, mamãe-urso?

— Sim.

— E amanhã, você vai tirar a manhã de folga? Sim ou não?

Os dentes de Poppy rangeram. — Sim.

— E você vai me deixar contratar outro funcionário meio período, para que você não se queime?

— Isto é ridículo.

— Responda a pergunta — pressionou Molly. — Sim ou não? Você vai me deixar contratar outra pessoa?

— Sim — Poppy assobiou.

Que diabos? Eu definitivamente estava perdendo alguma coisa aqui, mas antes que eu pudesse perguntar, Poppy jogou as mãos para o ar e voltou para a cozinha e Molly caiu na gargalhada.

Quando ela recuperou o fôlego, Molly enxugou as lágrimas dos cantos dos olhos e encostou o quadril no balcão. — Ela tem que dizer sim para tudo hoje, e eu estou aproveitando, porque é para o bem dela.

— Ah — Eu assenti. — Deixe-me adivinhar. Outro item da lista de aniversários?

Molly se endireitou. — Ela lhe contou sobre a lista?

— Sim. A última vez que estive aqui. — *Merda.* — Eu deveria ter mantido isso em segredo?

— Não, mas *é* interessante. — Molly me observou por um longo momento, depois sorriu. — Eu gosto de você, Cole. Poppy também, mesmo que ela não admita isso. Apenas vá devagar, meu amigo. Vá com calma.

— Você vai direto ao assunto, não é?



Ela encolheu os ombros. — Gosto de poupar tempo.

— Concordo. — Eu sorri, então deslizei do meu banquinho e caminhei até uma mesa vazia, ao longo da parede distante.

O restaurante estava ocupado hoje à noite, mas não lotado. Todos já tinham feito suas refeições, então me sentei e olhei para as pessoas, até que Poppy saiu da cozinha com uma bandeja de comida e água. Ela colocou dois potes de compota cheios de macarrão com queijo.

Eu inalei o cheiro de queijo. — Isso cheira muito bem.

— Obrigada. — Ela me entregou um pote de salada fechado. — Agite isso e eu já volto.

Fiz o que me foi dito, tremendo quando ela foi atrás do balcão para pratos e talheres. Ela voltou e arrumou a mesa, dividindo a salada entre nós.

— Vou dividir a salada, mas é melhor você não pegar nada da minha torta. Você me prometeu a sobremesa e me recuso a compartilhar.

Ela riu e fez uma saudação fingida. — Entendido, detetive.

Nós comemos tranquilamente, cada um de nós mergulhando em nossa salada e macarrão. O zumbido suave de outras conversas encheu a sala, até que Poppy quebrou o silêncio. — Posso te perguntar uma coisa?

Eu assenti enquanto engolia minha porção de macarrão. — Pergunte.

Ela esperou um segundo antes de falar baixinho. — Por que você ficou naquela noite? Você ficou comigo por horas, mesmo depois que meu irmão chegou.

Eu pisquei, surpreso com a pergunta séria, então abaixei meu garfo e me inclinei para mais perto. — Eu fiquei porque não queria que você ficasse sozinha. Seu irmão estava no telefone e lidando com as coisas. Eu só... Eu não queria que você ficasse sozinha naquele sofá.

Ela olhou para o prato, cutucando a salada. — Obrigada.

— Você não precisa me agradecer. Eu estava apenas fazendo meu trabalho.



Era mais que isso, mas meus motivos reais eram muito difíceis de explicar. Dar a notícia da morte de James Maysen foi extremamente radical, algo que eu nunca fiz antes. Na época, eu fiz minha vigília noturna para a difícil situação. Mas agora, que eu estava perto dela, eu sabia que não eram apenas as circunstâncias que me fizeram ficar.

Foi Poppy.

Eu não tinha sido capaz de sair do lado dela, até saber que ela estava em boas mãos. Então me sentei ao lado dela, até que ela adormeceu no sofá, e seu irmão tomou o meu lugar.

— O que te fez perguntar?

Ela encolheu os ombros e espetou uma garfada de alface. — Apenas curiosidade.

Ela pode muito bem ter dito: — Fim do assunto. Não que eu teria pressionado de qualquer maneira. Eu não podia imaginar o quão difícil seria para ela pensar naquela noite, quanto mais falar sobre isso. E com um restaurante cheio de pessoas, esta noite não era o momento para uma recapitulação.

Se ela quisesse falar sobre aquela noite, eu seria todo ouvidos. Se ela nunca quiser falar sobre isso novamente, tudo bem também.

— Ouvi dizer que você está dizendo sim, para tudo, hoje? — Eu peguei uma garfada de macarrão com um pouco de água.

Ela assentiu, sorrindo de novo enquanto mastigava.

— Um cara poderia tirar vantagem disso.

Sua mastigação parou e seus olhos azuis se voltaram para os meus.

— Eu, por exemplo. Eu poderia usar isso para obter exatamente o que eu quero.

Eu não sentia falta do jeito que os olhos dela queimavam e, *porra*, era sexy. Se as coisas estivessem mais longe - se fosse daqui a um ano e estivéssemos em um lugar diferente - eu poderia ter usado esse jogo para que ela gemesse *sim a* noite toda. Mas nós não estávamos lá, e eu não era um idiota completo.



Mas eu amava provocar.

— Poppy — eu sussurrei, me inclinando mais perto.

Sua respiração era superficial enquanto esperava.

— Você vai me trazer a torta de frutas *e* a torta de maçã?

Ela piscou duas vezes, depois uma mão voou sobre a boca - ainda cheia de salada - cobrindo-a enquanto ria. — Sim.

Eu sorri, sentando na minha cadeira e observando minha comida. — Talvez você possa me dizer mais sobre essa lista também? Parece que toda vez que vejo você, você está em algo novo.

Sua mão desceu. — Você realmente quer saber?

— Eu realmente quero saber.



CAPÍTULO 07

35º Aniversário: Tirar uma selfie, sozinha, por dia, durante um ano

Poppy

O interesse de Cole na lista de aniversário de Jamie me surpreendeu. Ninguém, a não ser eu, ficou animado com a lista, desde que Jamie morrera, mas Cole estava genuinamente curioso. E ansioso, talvez? Fosse o que fosse, eu gostei do brilho que acrescentou aos seus olhos.

— Ok, hum... — A melhor maneira de eu explicar tudo da lista, era apenas entregar o diário, exceto que ninguém, fora eu e Jamie, já o tocara antes. Seria estranho deixar Cole ler? Isso teria incomodado Jamie? Eu sorri para mim mesma. *Não.* Jamie estava tão orgulhoso de sua lista, que teria colocado em um outdoor.

— Volto logo. — Levantei um dedo para Cole, em seguida, me levantei da mesa e caminhei até o caixa. Inclinando-me sobre o balcão, eu procurei minha bolsa, que eu escondia debaixo do balcão. Quando meus dedos esbarraram no couro, tirei o diário de Jamie, acariciando a capa uma vez, antes de levantar de volta.

No segundo em que virei para a nossa mesa, encontrei o olhar de Cole cravado no lugar, onde minha bunda estava. Seus olhos eram mais escuros, a faísca atrás deles



agora era uma chama. Ele nem tentou escondê-lo enquanto seu olhar traçava minha barriga e meus seios. Ele se demorou um pouco nos meus seios, prolongando sua inspeção, até que ele finalmente continuou no meu rosto. Quando seu olhar encontrou meus lábios, lutei contra o desejo de lambê-los. Quando ele encontrou meus olhos, eu não conseguia piscar.

Sexy. Cole era a personificação do sexy. O homem mais sexy que eu já vi.

Não, não Cole. Jamie. O que estava errado comigo? Eu pisquei, forçando meus olhos longe de Cole, enquanto eu mentalmente me castigava novamente. Jamie era o homem mais sexy que eu já vi. *Jamie. Meu marido.*

Cole era apenas novo. É por isso que o achei tão atraente. Eu não tinha passado anos com ele, observando seu rosto e encontrado falhas. Aposto que, se olhasse para ele por tempo suficiente, perceberia que as orelhas dele eram pontiagudas e as sobrancelhas estavam no lado espesso. E ele tinha que ter algumas imperfeições debaixo de seu jeans e pólo preto. Ninguém tinha *esse* porte - não na vida real.

Se eu passasse o tempo com Cole, como com Jamie, perceberia que ele não era um Adônis. Ele era apenas um homem. Um homem que não era Jamie.

Um homem que agora estava olhando para mim com as sobrancelhas franzidas - que não eram nada espessas.

Eu coloquei meus calcanhares de volta no chão e caminhei para a mesa, segurando o diário para Cole. — Aqui. Esta era a lista de aniversários de Jamie.

Ele olhou por um momento, não tirando o diário da minha mão estendida. — Você tem certeza?

Eu dei-lhe um sorriso triste, feliz por ele entender o quanto eu estava confiando nele. — Continue.

Cole limpou as mãos em um guardanapo antes de pegar o livro, então ele cuidadosamente abriu a capa. Sentei-me novamente, me concentrando em minha refeição, enquanto ele folheava o diário lentamente, e fiz o melhor que pude para não olhar, com cada farfalhar de uma

página virada. De vez em quando, ele soltava uma pequena risada. Em outras páginas, eu o pegava carrancudo - eu duvido que ele gostasse do item de alarme de incêndio.

Quando ele chegou ao fim, Cole me surpreendeu voltando ao começo, começando de novo.

— Vou pegar a sobremesa.

Cole não tirou os olhos do diário. — Obrigado.

Limpando meu prato e o dele, voltei para a cozinha e coloquei os pratos na pia. Então voltei para frente, para pegar as sobremesas de Cole no forno. Molly estava ocupada, limpando um par de mesas, então levei alguns instantes para respirar e observar o cronômetro no forno.

Eu descobri uma maneira de assar parcialmente minhas minis tortas quando eu estava as preparando, para que quando um cliente chegasse, só tivessem que esperar cinco minutos em vez de vinte. Não eram tão boas quanto completamente frescas, mas a única pessoa que sabia a diferença parecia ser eu.

Então, pelos cinco minutos que as tortas de Cole estavam assando, eu fiz o meu melhor para resolver a ansiedade que tinha crescido, desde que eu lhe entreguei o diário.

Meus dedos tocaram no balcão enquanto eu tentava entender meus nervos. Eu estava nervosa em ouvir o que Cole tinha a dizer sobre a lista de Jamie? Ou nervosa que ele achasse que eu estar cumprindo a lista era idiotice? Ou pior, eu estava nervosa que Cole pensasse que as ideias de Jamie eram estúpidas?

Dado o pouco tempo que passamos juntos, me surpreendeu o quanto a opinião de Cole importava. Eu sabia que ele gostava de mim, mas eu queria que ele gostasse de Jamie também.

E a lista de aniversários *era* de Jamie.

O cronômetro apitou, terminando meu alívio, e no piloto automático, tirei as tortas e as envolvi em guardanapos antes de adicionar uma porção de sorvete em ambos. Então eu os carreguei em uma bandeja de volta para a mesa, onde Cole tinha fechado o diário e estava me

observando com uma seriedade que só fez minha ansiedade aumentar.

— Estes ainda estão quentes. — Eu abaixei seus potes e me sentei. Eu deslizei minhas mãos debaixo dos meus joelhos saltitantes para que eu não os agitasse enquanto conversávamos.

Cole pegou a torta de maçã primeiro, dando uma pequena mordida na colher. — Uau. Não é de admirar que Randall queira dez dessas por dia. — Ele deu outra mordida, soprando um pouco de ar para esfriar a crosta. — Isso é incrível.

Eu sorri enquanto o orgulho aumentava. Eu sabia que minhas sobremesas eram boas, mas a aprovação de Cole era incrível. Eu não estava tão animada com as minhas tortas de maçã, desde a primeira noite que as fiz para Jamie.

— Isso é uma lista e tanto. — Cole acenou com a cabeça em direção ao diário entre as mordidas.

— Isto é. — Meu sorriso vacilou no modo como seu maxilar endureceu.

— Você está planejando fazer tudo sozinha?

— Hum, sim. — De que outra forma eu iria passar por todos eles?

— Isso vai demorar um pouco.

— Eu espero que não — eu suspirei. — Meu objetivo é fazê-los antes do Ano Novo.

— O quê? — Sua colher caiu no pote, tilintando contra o vidro. — Isso é menos de seis meses.

— Eu sei. — Só de pensar em tudo que eu ainda precisava fazer, meus ombros caíram. — Eu pensei que poderia fazê-lo, mas com o restaurante e algumas coisas grandes da lista, vai demorar mais tempo. Eu realmente esperava que fosse feito antes do aniversário de Jamie.

Isso parecia impossível agora. Com o restaurante e todas as outras coisas que eu estava adicionando à minha agenda diária, acumular mais ia me desgastar. Se eu não desistisse, o meu prazo, auto imposto, iria me estressar ao máximo.



O que significa que levaria muito mais tempo para colocar essa lista atrás de mim. Eu poderia fazer isso se eu adicionasse outro ano? Talvez dois?

Eu não tinha que fazer isso tudo tão cedo. Mas eu queria. Eu queria fazer isso por Jamie e deixá-lo ir. Todos os dias eu estava ficando mais forte. Eu estava voltando aos meus pés. Eu estava começando a viver de novo - para mim.

E até que a lista não estivesse pronta, ainda estaria vivendo para Jamie.

— Veja. — Cole apoiou os cotovelos na mesa. — Eu não quero pisar em seus dedos. Esta é uma lista impressionante e ele tinha algumas ideias legais. Se você quiser fazer por conta própria, eu entendo. Eu entendo que isso é incrivelmente pessoal. Mas se você quiser, eu ficaria feliz em ajudá-la com alguns deles.

— O quê? — Eu não sabia o que me fez sorrir mais. Que ele achava que a lista de Jamie era legal ou que ele queria ajudar. Independentemente disso, eu estava radiante. — Você realmente ajudaria?

Os olhos de Cole estavam brilhando novamente. — Num piscar de olhos.

— Bem? O que você acha? — Eu perguntei.

O restaurante estava limpo e fechado, e enquanto estávamos nos preparando na cozinha para amanhã, eu estava contando tudo a Molly sobre o meu jantar com Cole.

— Eu não sei. — Ela pegou outro tomate para cortar e colocar nos potes de salada. — Você quer a ajuda dele?

— Sim — eu admiti quando rolei minha massa de pão.

Finn e Molly ajudariam se eu perguntasse, mas cada um deles já tinha muito a fazer. E algo sobre trazer Cole a bordo parecia... Certo. No instante em que ele me disse que ajudaria, uma onda de confiança se espalhou por

minhas veias. Pela primeira vez em semanas, senti que isso poderia realmente acontecer. Eu poderia realmente terminar a lista de Jamie até o final do ano.

— Eu acho que é uma coisa boa. — Molly sorriu. — Se ele estiver disposto, aceite sua oferta. E além disso, acho que vai ser bom para você passar algum tempo com outra pessoa. — Um *homem,* não outra pessoa.

— Não é disso que se trata.

— Eu sei. Suas intenções são estritamente platônicas. Mas também sei que você tem tesão pelo cara.

— Eu não tenho.

— E isso te assusta até a morte.

A negação seria inútil, então parei de rolar a massa para lhe contar a verdade. — Muito. E isso me faz sentir culpada. Tão culpada.

Molly pousou a faca para olhar para mim. — Você não tem nada para se sentir culpada. Jamie gostaria que você fosse feliz.

— Mas não quero esquecê-lo. Todos os dias sinto que ele está se afastando cada vez mais de mim. E cada momento que passei com Cole, esse deslize aconteceu mais e mais rápido. Ontem à noite eu me quebrei em lágrimas, porque não consegui tirar a imagem dos olhos de Cole da minha cabeça. Eu acabei observando a foto de Jamie por uma hora, tentando memorizar novamente seus olhos e bloquear os de Cole.

Mas, tanto quanto eu queria bloqueá-lo, Cole Goodman estava na minha cabeça.

— Poppy, só porque você se sente atraída por outro homem, não significa que você vai esquecer Jamie. Significa apenas que você está deixando ele ir. Não era isso que essa lista inteira significa?

Eu assenti. — Sim. Eu só... Isso dói.

Meu coração estava em pedaços desde a noite em que Jamie havia sido morto. Levou todos os dias, dos últimos cinco anos, para que a dor no meu peito diminuísse para uma dor surda. Ainda assim, estava lá. E depois de cada uma das minhas interações com Cole, essa dor queimava. Porque quando eu estava com Cole, eu não lembrava de Jamie.



Cole me fazia esquecer a dor.

— Eu sinto falta de Jamie. — Minha voz falhou quando a queimadura de lágrimas atingiu meus olhos. — Sinto falta dele todos os dias. Ao mesmo tempo, quero seguir em frente, com minha vida. Eu sei que Jamie ficaria chateado por eu ter passado os últimos cinco anos chorando por ele. Mas se eu seguir em frente, quem vai se lembrar dele? Tudo o que ele tem é sua família e eu, para mantê-lo vivo.

Molly contornou a mesa e me puxou para um abraço. — Lembra do que você decidiu depois que Jamie morreu? Como você passaria?

Eu assenti. — Minuto por minuto.

Depois do funeral de Jamie, passei meses na cama. Eu mergulhei em uma depressão incapacitante, mal capaz de funcionar sozinha. Finalmente, Finn e Molly ficaram tão preocupados que levaram meus pais para a cidade, e fizeram uma intervenção. Meus pais me pediram para morar no Alasca, e eu quase aceitei, até que Finn e Molly anunciaram que estavam grávidos de Kali. Essa foi a primeira vez que sorri depois que Jamie morreu, e esse foi o meu ponto de virada. Naquele dia, decidi ficar, para poder estar aqui para o nascimento de Kali e decidi levar a vida minuto a minuto. Alguns minutos eram melhores que os outros, mas era a única maneira de viver uma vida sem meu marido.

Minuto por minuto.

— Meu conselho é levar as coisas com Cole minuto a minuto. Você pode tentar isso? E lembre-se, você tem que dizer sim.

Eu sorri e a abracei com mais força. — Sim. Vou tentar.

O telefone de Molly tocou na mesa, interrompendo nosso abraço. Funguei quando ela me soltou, engolindo a queimação na minha garganta, determinada a não chorar.

— Ei — Molly respondeu a chamada. — OK, claro.

Ela levantou o fone do ouvido e o segurou, quando o pedido de Finn no Face Time apareceu na tela.

— Oi mamãe! — A vozinha de Kali encheu a cozinha.



— Oi docinho! — Molly sorriu para sua filha. — Como você está? Você parece tão bonita e limpa. Você acabou de tomar banho?

Kali assentiu. — Eu estou na minha cama, também.

— Estou tão feliz por você ter ligado. Você se divertiu com o papai hoje à noite?

— Uh-huh. — Ela sorriu e se aconchegou mais perto, no peito de Finn.

— Eles estão bem? — Molly perguntou ao meu irmão.

— Sim. Desculpe, Max adormeceu cedo, antes que pudéssemos ligar.

— Tudo bem.

— Mamãe? Amanhã é uma noite de papai ou uma noite de mamãe?

— É uma noite da mamãe.

Eu puxei meu lábio superior entre os dentes para não falar. *Noites da mamãe. Noites de papai.* Eu queria gritar com Finn e bater na mesa, até que Molly e meu irmão percebessem o que estavam perdendo. Eles estavam jogando o amor fora. Eu daria qualquer coisa para ter Jamie de volta, e aqui estavam eles, desperdiçando uma vida feliz, porque eles eram muito teimosos para olharem além de alguns erros.

Mas, como sempre, mantive minha boca fechada e voltei para a minha massa de pão.

— Diga boa noite, Kali — ordenou Finn. — Está tarde.

Kali bocejou. — Boa noite, mamãe.

Molly deu um beijo nela. — Boa noite, Kali. Eu te amo.

— Tchau — Finn murmurou e terminou a ligação.

Molly jogou o telefone no balcão e apoiou as mãos no metal, pendurando a cabeça entre os ombros.

Oh, Molly. O meu coração não era o único perturbado nesta cozinha.

Quando seus ombros começaram a tremer, eu abandonei minha massa e fui para o lado dela, envolvendo-a em outro abraço. — Eu sinto muito.



Ela assentiu e enxugou as lágrimas. — É minha culpa. Eu não deveria chorar.

— Você sempre pode chorar, especialmente comigo. — Eu chorei no ombro dela mais vezes do que podia contar. — E não é só sua culpa. Vocês dois cometeram erros.

Molly sacudiu a cabeça. — Não. Isso é comigo.

— Mas...

— Eu *traí* ele, Poppy. — Eu me encolhi quando ela enfatizou aquela palavra feia, novamente. — Fim da história. Fim do casamento.

Fim de discussão.

Ela saiu do meu abraço, secando o rosto enquanto voltava para o seu corte e eu voltei para a massa de pão. Nós trabalhamos em silêncio por uma hora, ambas profundamente em nossos próprios pensamentos, até que finalmente Molly falou.

— Eu não sei se vou amar alguém que não seja o Finn. Talvez você nunca ame outra pessoa além de Jamie. Mas você me promete algo? Eu não quero que nós duas vivamos nossas vidas com corações partidos. Se alguém novo aparecer - se ele já o fez - prometa que você não deixará o medo impedi-la de tentar novamente.

Eu cruzei as mãos sobre meu coração. — Sim, eu prometo.

16

Alguns dias depois que Cole se ofereceu para me ajudar com a lista de aniversários de Jamie, eu estava em Lindley Park, com meu telefone em meu rosto enquanto tentava tirar uma selfie.

— O que você está fazendo? — Cole perguntou.

Larguei meu telefone, surpresa ao ver Cole parado a poucos metros de distância. *Droga.* Eu esperava ter alguns minutos sozinha para tirar minha foto diária.



— Hum, nada. Apenas tirando uma selfie. — *Ou doze.*

Ele sorriu. — As fotos geralmente ficam melhores quando você sorri.

— Eu odeio selfies. — Eu fiz uma careta. — Meu nariz é grande demais para selfies.

— O quê? Você não tem um nariz grande.

— Eu tenho quase duzentas fotos provando que você está errado. — Eu nunca pensei que meu nariz fosse grande, até que comecei este ritual de selfie. Agora eu estava achando adereços - um livro, uma caneca de café, minha mão - para cobri-lo, para minha foto diária.

— Me dê isso. — Cole pegou o telefone da minha mão. — Agora sente-se no banco e sorria.

Eu sentei no banco de metal, amassando meu nariz para lhe dar um sorriso dentuço e exagerado.

Ele baixou os braços e franziu a testa. — Eu já vi fotos melhores do que isso.

Eu ri e, assim como fiz, ele tirou uma foto. — Aqui. Isso foi tão difícil?

Eu me afastei do banco e caminhei para o lado dele, olhando em volta dos braços para a foto. — Nada mal, detetive. Nada mal mesmo.

— Imagino que seja todo dia, por um ano? — ele adivinhou.

— Sim — eu disse, abrindo a *imagem*. — Houve um par de dias em que quase me esqueci, no começo, mas agora é um hábito.

Minha primeira foto foi no aniversário de Jamie. Eu fiz o seu bolo de chocolate favorito e tirei uma foto com todas as suas velas. Desde então, eu tentei tirar minhas selfies sem lágrimas e olhos inchados.

A foto de hoje seria a minha primeira sorrindo a ser adicionada à pilha.

— Obrigada por me encontrar hoje. — Como o restaurante fechava depois do almoço, aos domingos, eu mandara uma mensagem para Cole, perguntando se ele me encontraria no parque, para que pudéssemos fazer um plano para lidar com alguns dos itens maiores da lista de aniversários.



— É um prazer. Você quer ficar aqui ou andar por aí?

— Um passeio parece bom. — Eu balancei meu braço. — Indique o caminho.

Cole passou por mim e eu senti um cheiro de seu aroma natural misturado com traços de Irish Spring. Meu nariz agiu por conta própria e seguiu aquele cheiro, sugando tanto ar pelas minhas narinas que elas zumbiram. Para um espectador, eu provavelmente parecia ridícula, seguindo os movimentos de Cole com meu nariz, mas ele cheirava tão bem, tão diferente, eu precisava apenas de mais uma respiração.

— Alergia? — Cole perguntou por cima do ombro.

Minha mão voou para o meu rosto, esfregando meu nariz rapidamente enquanto eu mentia. — Não, apenas uma coceira.

Sutil, Poppy. Muito sutil.

Eu descobri meu nariz e corri para o lado de Cole, andando o mais perto possível da beira do caminho, esperando que a distância me impedisse de sentir outro cheiro inebriante.

— Não me lembro da última vez que fui a um parque — disse Cole enquanto eu entrava em sintonia com ele. — Faculdade, talvez.

— Você foi para a MSU?

Ele assentiu. — Sim. Eu fiz meu bacharelado antes de ir para a academia.

— Devemos ter estado lá, mais ou menos, na mesma época. Quantos anos você tem?

— Trinta e um. Você?

— Vinte e nove. Eu me pergunto se algum dia passamos um pelo outro em um corredor.

Ele balançou sua cabeça. — Duvido.

— Você não estava no campus ou algo assim?

— Não. — Ele olhou para mim e sorriu. — Duvido porque eu teria me lembrado de ter visto você por perto.

Talvez fosse a luz do sol da tarde - ou talvez porque eu estivesse olhando para a boca dele - mas,

pela primeira vez, notei que Cole tinha duas pequenas covinhas quando ele sorria. E maldito se elas não faziam seu sorriso muito mais sexy.

Apenas quando pensei que tinha a coisa de falhar a respiração sob controle, ele produziu covinhas.

— Com certeza está quente hoje. — Abanei meu rosto, esperando que ele pensasse que minha falta de ar e bochechas coradas eram do clima.

Cole apenas riu. — Claro que está.

Caminhamos em silêncio por alguns minutos e, a cada passo, relaxava cada vez mais na companhia de Cole. Sempre era assim. Eu precisaria de cinco a dez minutos apenas, para acalmar meu coração acelerado - para me acalmar e respirar de novo. É por isso que eu amei que Cole nunca nos apressou em conversar. Ele estabeleceu o ritmo perfeito onde eu estava preocupada. Não muito devagar. Não muito rápido.

Assim nós levamos nosso tempo, enquanto caminhávamos pelo parque, desfrutando a tarde de verão.

Estava realmente quente hoje, o sol de julho brilhando alto no céu azul sem nuvens, e eu estava feliz por ter me trocado e vestido um par de shorts e uma camiseta verde, antes de sair do restaurante. Minhas sandálias de borracha rangiam ao longo do caminho de cascalho, que serpenteava entre as árvores. Até Cole estava de chinelo; as tiras de lona marrom pareciam tão pequenas em seus grandes pés.

Hoje foi a primeira vez que vi Cole fora de sua pólo normal, da Bozeman PD ou camiseta preta. Ele ainda usava jeans azuis desbotados, que pendiam perfeitamente de seus quadris estreitos, mas sem a arma e o distintivo presos ao cinto, ele parecia diferente. Mais jovem. Menos sério. Mais bonito. Não eram muitos caras que poderiam usar uma camiseta coral, mas Cole sim. A cor mostrava as manchas verdes escuras em seus olhos e destacava o bronzeado em seu rosto e antebraços.

Eu fiz o meu melhor para não olhar, mas roubava olhares a cada poucos passos.

— A feira está chegando em algumas semanas. — Cole finalmente falou quando chegamos a uma parte da trilha sombreada por sempre-vivas altas. — Quer



companhia enquanto você faz os passeios?

Jamie sempre quis participar de todos os passeios da feira do condado. Cada um deles, incluindo os brinquedos infantis. Mas enquanto eles tinham sido coisa do meu marido, passeios de feira definitivamente não eram para mim.

— Você se importaria? Eu fico um pouco enjoada. Eu poderia precisar de algum encorajamento para passar por todos eles.

Cole parou de andar. — Você vai vomitar em mim?

— Não. — Eu ri e chutei uma pinha. — Bem, não intencionalmente.

Ele sorriu. — Eu vou concordar em ir contanto que você prometa não comer nada antes.

Eu cruzei as mãos sobre meu coração. — Prometo.

Nós dois rimos quando voltamos a caminhar.

— Eu estive pensando muito sobre o velho caminhão de Jamie. Eu chamei alguns mecânicos na cidade para ver quanto custaria recuperá-lo, e é uma fortuna. Eu não suponho que você conheça um mecânico decente que me faria um acordo?

Jamie comprou um caminhão velho no ensino médio, com a esperança de restaurá-lo. Como eu não sabia nada sobre consertar carros, eu ia ter que contratar a restauração, mas com tudo que eu tinha aplicado no restaurante, eu não podia me dar ao luxo de gastar uma quantia enorme. Definitivamente não tanto quanto eu tinha cotado nas últimas duas semanas.

Cole esfregou o queixo. — Eu provavelmente posso lidar com as coisas simples. Substituindo painéis. Sintonizando o motor. Coisas assim. Meu pai e eu na verdade consertamos alguns carros juntos, quando eu era criança, apenas como um hobby. Eu vou ter que ver o caminhão para saber exatamente o que precisa ser feito, mas se eu fizesse parte do trabalho, você economizaria algum dinheiro.

— Cole, eu não posso te pedir para fazer tudo isso. Você está muito ocupado.



— Eu vou fazer no meu tempo livre. — Ele cutucou meu cotovelo com o dele. — Além disso, gosto de consertar clássicos antigos. Vai ser divertido para mim também.

Ter alguém restaurando aquele caminhão não era o que Jamie queria - ele próprio teria feito isso -, mas eu não tinha esse luxo. Ou era pagar alguém para fazer isso por mim ou deixar Cole.

— Eu não vou poder ajudar. Eu não sei absolutamente nada sobre carros.

— Tudo bem. Eu cuidarei disso.

E assim, Cole fez um dos itens mais assustadores na lista de Jamie, administrável. Isso era grande, pedindo a Cole para consertar o caminhão de Jamie com pouca ou nenhuma ajuda minha. E depois disso, eu não pediria mais. Eu não me aproveitaria da generosidade de Cole. Mas eu deixaria ele pegar o caminhão.

Uma onda de confiança me atingiu de novo. *Eu terminarei a lista de Jamie.* Eu farei isso pelo meu marido.

— Obrigada. Por me ajudar. Por olhar o caso de Jamie. Eu realmente gostei disso.

Ele se aproximou. — Eu farei tudo o que puder para ajudá-la.

Seu tom suave e íntimo me deu um coração palpitante, mas a dor rapidamente os afugentou.

Meu coração palpitava por Jamie.

Culpa. A culpa era uma fera pesada. Estabeleceu-se como um peso morto no meu peito. Eu dei um passo para longe de Cole, recuando o mais longe possível dele no caminho estreito, em uma tentativa de diminuir a carga de culpa.

Cole sentiu isso - a linha que eu desenhei entre nós - e ele ficou do seu lado da trilha.

Caminhamos por um tempo, quietos de novo, observando enquanto os outros desfrutavam do dia de verão. Cães brincavam na grama, perseguindo bolas e uns aos outros. As crianças estavam escalando todo o ginásio



da selva, com as mães assistindo de perto. Um jovem casal abraçado em um grande cobertor, a mulher lendo enquanto o homem cochilava.

— Conte-me sobre Jamie — disse Cole, desviando a minha atenção das pessoas.

— Você quer saber sobre Jamie?

— Sim. Como ele era? Ele era professor, certo?

Eu assenti. — Inglês de sétima série e estudos sociais. Eu nunca poderia fazer esse trabalho, mas ele adorava. Crianças dessa idade eram as favoritas dele. Mais velhos que isso, já são adolescentes imbecis.

Cole riu. — Eu faço melhor com os adolescentes idiotas.

Eu sorri. — E eu faço melhor com as crianças.

— O quê mais?

Eu pensei sobre isso por um minuto, analisando todas as coisas maravilhosas que eu poderia dizer sobre Jamie. — Ele era um brincalhão. Ele adorava fazer os outros rirem - provavelmente por que ele era tão bom com os pré-adolescentes. Ele não se importava se ele fizesse um idiota de si mesmo. O que você via com Jamie era o que você conseguia.

Tipo como Cole. Ele não tentou mascarar seus sentimentos. Ele não fingiu ser outra coisa senão quem ele era.

— Ele amava me provocar. — Era uma das maneiras que Jamie mostrava às pessoas que ele as amava. Eu sentia falta da provocação.

Com exceção de Cole, ninguém realmente zombou de mim, desde que Jamie morreu. Todos ao meu redor andavam em cascas de ovo. Molly brincava às vezes, mas, mesmo assim, ela sempre foi cautelosa. Então era Finn.

Mas Cole, ele apenas me tratou como eu. Não uma Poppy quebrada. Ou uma triste Poppy. Apenas eu.

E eu poderia provocá-lo de volta.

— Então, qual é o futuro para você, detetive Goodman? Chefe de polícia? Prefeito? A Casa Branca?

Cole riu. — Não, estou feliz por ser policial. Embora meu pai tenha planos maiores.



— Oh? O que ele quer?

— Ele quer que eu siga seus passos, para ser o próximo chefe, quando ele se aposentar. — Ele soltou um suspiro alto. — Mas eu odeio política. Eu odeio comissões e todas as reuniões. Eu gosto de estar em campo e trabalhar nos casos.

— Eu posso ver isso. Aposto que você sufocaria se estivesse preso o dia inteiro, de terno e gravata.

Ele olhou para mim e sorriu, suas covinhas aparecendo novamente. — Poppy Maysen, acho que você me descobriu.

Meu coração bateu um pouco mais forte. — Não é bem assim.

— De tempo a isso.

Eu tentaria, minuto por minuto.



CAPÍTULO 08

38º Aniversário: Ir nos brinquedos da feira

Cole

— Alguma pergunta?

Matt fechou o arquivo da força-tarefa que eu acabei de colocar em sua mesa. — Não. Tudo isso é bem simples. Vou começar a trabalhar nisso agora.

— Obrigado. Eu realmente aprecio você se aprofundando.

Ele sorriu. — Apenas feliz por fazer parte da força-tarefa.

Eu bati no ombro dele antes de voltar para a minha mesa. Eu recrutei Matt para se juntar à minha força-tarefa antidrogas, depois que tirei o caso de assassinato de James Maysen de Simmons.

Assim como eu suspeitava, o trabalho que Simmons tinha feito para investigar o assassinato da loja de bebidas tinha sido uma merda. Declarações de testemunhas eram fracas, as fotografias da cena do crime estavam faltando detalhes, e as imagens de vídeo das câmeras de segurança da área tinham sido revisadas por um novato, que não estava mais na força. Surpresa, porra de surpresa, eles não tinham encontrado uma pista para rastrear o assassino de Jamie.

Cinco anos depois, não havia nada que eu pudesse fazer sobre os depoimentos das testemunhas e



fotografias, então meu plano era usar o vídeo na esperança de encontrar uma pista. Talvez, se tivesse sorte, encontrasse algo que Simmons tivesse esquecido.

Meu telefone de mesa tocou, ecoando na silenciosa sala. Não fiquei surpreso quando o nome, *Chefe de Polícia,* apareceu no identificador de chamadas - ninguém nunca me ligou no meu telefone de mesa, exceto papai.

— Goodman — eu respondi, apenas no caso de ser o assistente do papai.

— Tem alguns minutos para conversar? — Papai perguntou.

Eu chequei meu relógio. — Sim, mas eu tenho que sair daqui a quinze minutos.

Eu estava saindo cedo hoje, para poder encontrar Poppy no restaurante às duas e depois ir para a feira. Isso nos daria algumas horas para poder ir nos brinquedos antes que a multidão de sexta-feira à noite lotasse a feira, e as filas ficassem compridas.

— Não será um problema. Venha para cima.

Desligando o telefone, eu peguei as chaves do meu caminhão e a carteira da gaveta da minha mesa.

— Convocado pelo homem lá em cima? — Matt brincou.

— História da minha vida. — Eu sorri abertamente. — Vejo você segunda-feira. Tenha um bom fim de semana.

— Você também.

Acenei adeus a Matt e a alguns outros caras da sala antes de subir as escadas, de dois em dois, para o quarto andar. Quando cheguei ao patamar, deixei de lado algumas pessoas que passavam. Mesmo em uma tarde de sexta-feira, o escritório de papai estava ocupado. Eu não tinha idéia de como ele fazia as coisas, com as pessoas sempre entrando e saindo das reuniões.

Reuniões. A idéia de passar cinco dias por semana em reuniões consecutivas fazia minha pele arrepiar. Eu sufocaria de terno e gravata, assim como Poppy tinha adivinhado.

Fazia quase duas semanas desde a nossa caminhada no parque e eu estava ansioso por hoje, desde então. Nós dois estávamos ocupados com o trabalho e eu



só a vi uma vez, nas últimas duas semanas, quando eu parei no restaurante para almoçar com Matt e alguns outros caras da força. Eu acenei e a apresentei para os caras, mas ela estava ocupada, então eu não fiquei muito tempo.

Mas hoje era só nós dois, e não havia como me atrasar.

Eu chequei meu relógio de novo enquanto caminhava pelo corredor, até o escritório da esquina. Papai sempre pedia alguns minutos, mas eu ficava aqui por uma hora. Isso não estava acontecendo no meu dia com Poppy. Papai teria treze minutos e nem mais um segundo.

Quando cheguei ao seu canto, acenei para sua assistente, mas não parei para dizer oi - ela estava falando em seu telefone de qualquer maneira. Em todos os anos em que ela trabalhou para o papai, eu provavelmente só disse vinte palavras para a mulher, então passei pela porta aberta do papai. — Oi.

Ele se levantou do frigobar, segurando uma garrafa de água. — Oi. Quer uma?

— Não. Eu estou bem. Tudo bem?

Ele sentou-se na cadeira da escrivaninha. — Sente-se.

Merda. Isso demoraria mais do que treze, agora doze minutos.

— Eu não posso ficar muito tempo. Realmente pai. Eu tenho que sair no horário.

Ele assentiu enquanto engolia um gole de água. — Isso não vai demorar muito. Eu só quero uma atualização sobre o assassinato de Maysen-Hastings.

Eu fiz uma careta. Essa era uma das condições do papai para puxar as cordas com meu chefe e transferir o caso de Simmons no mês passado. Papai queria estar — totalmente informado. Eu estava aprendendo que, mantê-lo totalmente informado, parecia muito próximo de ser micro gerenciado. Mas como eu não estava saindo do escritório até que ele tivesse uma atualização, sentei-me na beira da poltrona de madeira e apoiei meus cotovelos nos joelhos.

— Nenhuma mudança na minha teoria, desde a minha última atualização. Eu ainda acho que o assassino se escondeu no shopping em algum lugar, e escapou horas depois.



A loja de bebidas onde Jamie Maysen e a caixa, Kennedy Hastings, haviam sido mortos fazia parte de um complexo de mercearias. Ou o assassino se escondera em uma das lojas menores, perto da loja de bebidas, ou entrara na mercearia por meio de uma doca de carregamento. Independentemente disso, nenhuma das testemunhas ou câmeras o tinham visto, depois que os tiros foram disparados, o que significava que ele provavelmente estava se escondendo em uma área de funcionários, que não era monitorada em vídeo.

— Essa coisa toda me irrita — disse papai depois de outro gole de água. — Tivemos socorristas em cena minutos depois que os tiros foram disparados. Como não sentimos falta dele?

Dei de ombros. — Porra, se eu sei, mas de alguma forma ele fugiu. Eu estou supondo que ele se escondeu por algumas horas e se calou. Então ele saiu do complexo como apenas outro cliente. Ele provavelmente passou pela fita da cena do crime e entrou em um carro.

Bastardo escorregadio. A câmera da loja de bebidas pegou o suspeito matando o caixa e Jamie, então nada, de acordo com o arquivo do caso de Simmons.

Ter um novato revendo as imagens de vídeo foi provavelmente o maior erro de Simmons, no caso. Eu estava achando que o novato só revisou o cronograma diretamente após os assassinatos, não horas depois.

— Então, como você está na revisão das fitas? — Papai perguntou.

— Eu observei tudo o que tínhamos em evidência, mas não é muito. Eu ainda estou esperando para ouvir de volta da mercearia e de algumas das outras lojas do complexo, para ver se eles têm gravações estendidas em algum lugar. Dedos cruzados, nós vamos conseguir outra coisa. E eu também solicitei todas as filmagens das câmeras de semáforos de toda essa área. Está sendo retirado dos arquivos. Eles devem tê-lo no início da próxima semana.

— Espero que ele apareça em uma câmera.

Eu assenti. — Eu também, mas senão, eu vou para o Plano B.

Plano B era minha Ave Maria, *minha salvação*.

O complexo de supermercados ficava ao lado de uma das ruas mais movimentadas de Bozeman. Se não pegássemos o assassino na câmera deixando o



complexo, o Plano B deveria catalogar todos os carros que passavam pelos semáforos da área, durante um período de cinco horas após o assassinato. De lá, eu começaria a combinar carros com aqueles vistos nas filmagens das várias câmeras de segurança das lojas. Eu estava esperando conseguir compilar uma pequena lista de carros que estavam no complexo e, em seguida, executar placas das câmeras dos semáforos. Com as placas, eu poderia puxar registros de veículos e talvez encontrar alguém que correspondesse à descrição do assassino.

O plano B não era apenas um trecho, era realmente um grande trabalho que iria me levar um longo tempo.

— O plano B é um grande trabalho, Cole. — Quando eu disse a ele sobre isso uma semana atrás, ele se encolheu com o número de horas que eu estimava que o Plano B levaria.

— Vamos esperar que não chegue a isso, mas se não vermos o cara na câmera, é o único ângulo que eu tenho.

Papai suspirou. — Isto é minha culpa. Eu deveria ter feito mais para acompanhar a investigação de Simmons. Eu nunca deveria ter deixado isso passar sem resolução por tanto tempo.

— Bem, não foi só você. Todos nós ficamos ocupados e isso acabou por ser esquecido. Por todos nós. Todos, exceto Poppy.

— Quando você me pediu para este caso há algumas semanas, eu disse que você poderia ter, mas foi em seu próprio tempo e você não estava recebendo nenhuma ajuda.

Papai e meu chefe não queriam que o ímpeto que tivemos com a força-tarefa antidrogas fosse atingido, por eu estar envolvido nesse caso de assassinato, que tinha poucas chances de ser resolvido.

Eu respeitava suas ordens, mas isso não tornava mais fácil encontrar horas extras. Eu já estava colocando longas horas na força-tarefa. Acrescente a esse tempo gasto com Poppy para ajudá-la nessa lista, e eu estaria esgotado em um futuro previsível.

— Sim. Eu lembro. Mas vou encontrar uma maneira de encaixar isso.



— Estou mudando de idéia.

Eu pisquei surpresa. — O que você quer dizer?

— Você ainda vai ter que apertá-lo entre o trabalho da força-tarefa, mas eu estou chamando outro favor ao seu chefe e pedindo a Matt Hernandez para participar também. Talvez entre vocês dois, o caso do assassinato possa ter mais força.

Eu sentei na minha cadeira, atordoado. — Não brinca?

— Não estou brincando. — Ele tomou outro gole de sua água.

— Por quê? Por que mudou de ideia?

— Estou chateado, este caso não foi tratado corretamente, e além disso, sua mãe está apaixonada por Poppy.

Que faz de nós dois.

Papai soltou a gravata. — Ela é tudo que eu já ouvi desde que ela veio jantar. Cristo, nós comemos em seu restaurante quatro vezes nos últimos dez dias.

Eu sorri abertamente. — Soa como a mamãe.

— E ela não é a única apaixonada. Não pense que eu perdi o jeito que você também olhou para ela durante o jantar.

Droga. Quando eu pedi ao papai para transferir o caso, eu não tinha revelado exatamente meus sentimentos por Poppy. Espero que, se eu fosse honesto com ele agora, eu não levasse o caso para longe.

— Eu não vou mentir e dizer que este caso não é pessoal ou dizer que não tenho sentimentos por ela.

— E eu não vou mentir e dizer que meus sentimentos por você não são a razão pela qual você tem esse caso em primeiro lugar. O que vou dizer é que você precisa ser inteligente. Estou te dando Hernandez para que ele possa assumir a liderança.

Porra, não. Este era o meu caso. — Papai...

— Pense nisso, Cole. — Ele levantou a mão para me cortar. — Você quer um relacionamento com essa mulher?



Eu fechei minha boca.

— Então isso tem que ser feito pela lei. Eu não estou dizendo que você iria estragar a investigação, mas se coloque no lugar de um advogado. Vamos dizer que você realmente encontre o assassino. Como é que vai parecer a um advogado de defesa, quando o nome do namorado da viúva está por todo o relatório da polícia? Não dê mais chances ao assassino do que ele já teve.

Suspirei e me recostei na cadeira. Papai estava certo. Se realmente encontrássemos o assassino, eu queria que o filho da puta pagasse e, para que isso acontecesse, a investigação em si não poderia ser questionada.

— OK. Mas ainda posso participar?

— Participe — papai assentiu, — mas fique atrás da cortina. Faça o trabalho pesado. Gaste seu tempo olhando para filmagens, mas deixe Matt executar todo e qualquer questionamento. Que ele seja o rosto da investigação.

— Entendo.

— E não se preocupe. Mesmo que você não seja o líder, este caso pode ser grande para sua carreira.

— Não é por isso que estou fazendo isso.

— Eu sei. — Ele ergueu as mãos. — Estou apenas dizendo. Pode ser o caso que garanta que você consiga meu emprego, quando me aposentar.

Eu balancei a cabeça. — Isso agora não, não temos tempo para falar sobre isso hoje.

— Você está certo. Vamos conversar sobre isso depois. — Seus olhos olhavam para o relógio na parede atrás das minhas costas. — Treze minutos. Pode ir.

Eu me levantei da cadeira. — Obrigado, papai.

— Diga olá para Poppy, por mim.

— Vou dizer. — Papai tinha sido um policial infernal em seu dia - inteligente o suficiente para saber para onde eu estava fugindo esta tarde, sem precisar ser informado.



Mas até mesmo bons policiais tinham pontos cegos, e minha carreira era o dele. Não importa quantas vezes eu disse a ele, ele simplesmente não podia ver o porque eu nunca iria querer o emprego dele.

Algum dia, eu teria que *fazê*-lo ver. E espero que ele não fique desapontado com seu filho.

16

— Ei, Molly. Poppy está lá atrás?

— Sim. — Molly acenou para mim, mais perto do caixa, enquanto ela se inclinou sobre o balcão. — Ouça, ela teve uma manhã difícil. Eu sei que vocês estavam planejando ir a feira esta tarde, mas ela pode não estar pronta para isso.

Uma manhã difícil? Minha frequência cardíaca subiu um pouco. — O que aconteceu?

— Eu vou deixar ela te dizer. — Ela apontou para a porta da cozinha. — Ela está no escritório, apenas pensando.

Eu não perdi tempo empurrando a porta e andando direto para o escritório, onde encontrei Poppy em sua mesa, com a cabeça nas mãos.

— Ei.

Seus olhos vermelhos e inchados subiram para os meus. — Ei.

O queixo dela estava tremendo? Ela ia quebrar meu maldito coração. Eu nunca a vi chorar, nem mesmo depois que o marido foi morto. Foi um soco no estômago.

— O que aconteceu? — Fui até a escrivaninha, empurrando uma pilha de papéis para poder sentar na beirada. Eu achatei minhas palmas nas minhas coxas, pressionando-as para baixo, lutando contra o desejo de puxar Poppy em meus braços.

Poppy enxugou os olhos e fungou. — Eu almocei hoje com os pais de Jamie e Jimmy, o avô de Jamie. Nós entramos em uma grande briga. Perguntei se eu



poderia ter o caminhão velho de Jamie, já que tecnicamente é meu, mas eles o tinham no rancho todos esses anos. Eles perguntaram por que eu queria o caminhão, o que me levou a dizer que eu queria consertá-lo, o que os levou a perguntar por que novamente e eu finalmente admiti que estava fazendo a lista de aniversários de Jamie.

— Não foi bem, hein?

Ela zombou. — De modo nenhum. Debbie, sua mãe, começou a chorar. Kyle me informou que não era meu direito fazer a lista de *seu* filho, e que eu estava cruzando a linha.

— Idiotas. — Eu pessoalmente não conhecia os pais de Jamie, mas tratar Poppy dessa maneira falava muito. Mas chamá-los de idiotas provavelmente não ajudaria. — Desculpa.

— Está bem. — Ela encolheu os ombros. — Eu esperava que eles ficassem chateados com isso, mas eu acho que eu esperava, no fundo, que eles entendessem por que eu queria fazer a lista dele. Todos nós costumávamos estar tão próximos. Agora... As coisas são diferentes. Eles me culpam pela morte de Jamie.

— Que porra é essa? — Os pais de Jamie culpam Poppy por sua morte? Isso era besteira. — Você não é responsável por sua morte. — Essa responsabilidade pertencia ao doente de merda, que eu estava ficando cada vez mais dedicado a caçar, a cada segundo que passava.

Poppy olhou para o colo. — Não, eles estão certos. Eu sou parcialmente culpada. Eu sou a única que pediu para Jamie ir à loja de bebidas, em primeiro lugar. Ele realmente não queria ir, mas fez por mim.

Ela pensou seriamente que isso era culpa dela? — Você *não* é culpada.

Algumas lágrimas começaram a cair de novo e ela correu para secá-las. — Eu sou. Ele estaria vivo se eu não tivesse pedido a ele para ir àquela loja.

— Não. — Eu me inclinei mais perto. — Você não é culpada. O cara que puxou o gatilho? Ele tem a morte de Jamie em sua cabeça. Você não.

Ela assentiu, mas não olhou para cima.



— Poppy, olhe para mim. — Eu levantei o queixo com o lado do meu dedo. — Existem coisas no mundo fora do nosso controle. Ações de outras pessoas principalmente. Nada do que você fez causou a morte de Jamie.

— Eu sei — ela sussurrou. — Logicamente, sei que você está certo. Mas ainda *sinto* que tudo isso é minha culpa. — Seus ombros começaram a tremer quando o aperto em suas lágrimas quebrou, enviando-as escorrendo pelo seu belo rosto.

Droga. Eu agarrei seus braços e a puxei para fora da cadeira. Então eu a segurei, sussurrando em seu cabelo, enquanto ela chorava na minha camisa preta.

Ela não tentou nenhuma vez se afastar. Em vez disso, ela desmoronou contra o meu peito, suas mãos agarrando a manga da minha camisa, enquanto ela se soltava. Quando ela se agarrou com mais força, eu segurei com mais força. Cada uma de suas lágrimas enviou uma lança em meu coração.

Ela estava vivendo com essa culpa há cinco anos? Não admira que ela tenha sido tão diligente em visitar Simmons. Ela estava procurando por algumas respostas, um lugar para colocar a culpa, para que ela pudesse tirá-la de seus próprios ombros.

Poppy chorou muito, mas não durou muito tempo. Ela se recompôs, fungando e respirando fundo algumas vezes antes de se afastar.

— Eu sinto muito. — Ela limpou as manchas molhadas na minha camisa.

— Não se desculpe. — Eu prendi a mão dela debaixo da minha, até que ela me olhou nos olhos. — Sem desculpas pelas lágrimas, ok?

Ela assentiu e eu soltei a mão dela, para que ela pudesse secar o rosto. Então ela deu outro passo para trás, de pé. *Droga. Mesmo manchada, ela era linda. Ela deixou sua graça - sua incrível força - brilhar através de seu sorriso triste.*

Meus braços já pareciam vazios com ela em pé a um metro de distância. Quando seus ombros caíram, tive um breve lampejo de esperança, de que ela precisaria de mim novamente, mas ela se sentou de novo em sua cadeira.

— Estou bem. — Ela assentiu. — Estou bem.



Ela estava. Ela ficaria bem. De alguma forma, eu encontraria uma maneira de fazer tudo certo. Eu não poderia trazer o marido de volta, mas eu poderia rastrear o assassino dele. Eu poderia ser o ombro que ela choraria. E talvez eu pudesse ser o homem ao lado dela, quando ela começasse uma nova vida.

— Você sabe que a pior parte do almoço foi Jimmy. — Ela baixou a cabeça. — Eu deveria ter dito a ele mais cedo. Eu o vejo uma vez por semana, e nunca disse a ele que estava fazendo a lista de Jamie. Ele parecia tão magoado no almoço. Eu deveria ter contado a ele.

— Dê-lhe algum tempo e tenho certeza que ele vai entender. Todos eles vão. — Eu estava falando da minha bunda aqui, eu nunca conheci essas pessoas, mas eu estava me agarrando a qualquer coisa para fazê-la se sentir melhor.

— Vou fingir que você sabe do que está falando, e acreditar em você.

Eu ri. — Bom plano.

— Falando de planos. É melhor irmos à feira se quisermos passar por todos os brinquedos hoje.

— Nós não temos que ir. Se você preferir fazer isso mais tarde, então podemos esperar.

Ela balançou a cabeça. — Não, eu quero ir. Será uma distração divertida.

— Tudo bem. — Eu estendi a mão para ajudá-la a se levantar. — Vamos brincar.

16

Quatro horas depois, eu estava afivelando meu cinto de segurança enquanto um funcionário da feira nos trancava em uma jaula. Uma gaiola, que outrora fora branca, mas agora estava manchada de ferrugem.

— Eu odeio o Zipper[3], — eu murmurei. — Você tem certeza disso?

Poppy parecia verde. — Tenho certeza.

Mentirosa. Não havia um pingo de confiança em sua voz. — Talvez devêssemos fazer uma pausa. Voltamos e fazemos isso em uma hora ou mais. — Nós deixamos The Zipper por último, porque era o passeio que mais a assustava.

— Não. — Ela clicou o próprio cinto de segurança com as mãos trêmulas. — Este é o último passeio e depois terminamos. Nós apenas temos que passar por isso e terminamos.

OK. — Eu estendi a mão e segurei a alça do lado do carro. Minha mão parecia escorregadia, porque eu estava suando. Estava quente, provavelmente mais de trinta graus, e não tinha nenhuma brisa. Estar preso neste carro de metal quente não estava ajudando.

Eu precisava de água. Melhor ainda, uma porra de cerveja. Eu não tinha ido em tantos passeios desde que eu era criança, e mesmo assim, mamãe e papai tinham limitado meus ingressos. Mas não havia limite hoje. Eu gastei quase duzentos dólares em ingressos, porque me recusei a deixar Poppy pagar.

Essas malditas feiras itinerantes estavam superfaturando tudo. *Bastardos. Até os brinquedos das crianças custavam cinco dólares. Você acha que eles não poderiam comprar tinta spray para enfeitar essas gaiolas.*

— Aproveite o passeio. — Com o nosso carro trancado, o trabalhador bateu na lateral e depois voltou para o painel de controle.

— Oh meu Deus — Poppy gemeu quando o carro balançou para trás, seu rosto indo de verde para branco, combinando os nós dos dedos na barra em nossos joelhos.

— Diga-me novamente por que estamos fazendo isso? — Eu esperava que uma distração a levasse através do processo de carregamento. E então nós teríamos que ficar com o passeio de dois minutos.

[3] Nome do brinquedo

— Jamie nunca teve a chance de fazer muitos passeios. Ele estava sempre mostrando que não se importava, mas ele amava coisas assim. Ele até me implorou para ir à Disneylândia na nossa lua de mel.

Eu engoli em seco, não querendo imaginar Poppy em uma lua de mel. Um pequeno formigamento subiu pelo meu pescoço. Eu estava empurrando as imagens de Poppy e seu marido de lado, compartimentando-as em uma caixa, que eu não tinha planos de abrir, mas a maldita tampa continuava se abrindo.

Não ajudava quando havia lembretes em todos os lugares, como seu anel de casamento sempre brilhando em seu dedo.

A pior parte foi que eu pedi a ela para me contar sobre ele. E não era isso que eu queria saber? Eu queria. Eu queria saber tudo sobre Poppy. Eu só não percebi como ouvi-la falar sobre Jamie, vendo seu rosto suavizar, me faria sentir.

Com ciúmes. Como um idiota, eu estava com ciúmes.

O carro balançou novamente e Poppy engasgou, puxando meus pensamentos de volta para a jaula. Minha mão livre se estendeu e tirou uma das dela da barra.

Ela entrelaçou seus dedos com os meus e apertou. — Mantenha me distrainda.

Eu sorri, surpreso de novo, com o quão bem essa mulher tinha me descoberto. — Você foi em passeios quando criança?

— Não. Isso sempre foi mais uma coisa do Finn.

Eu não me lembrava muito de Finn Alcott, além de seu cabelo, que era da mesma cor do de Poppy, e como ele se aproximou de sua irmã há cinco anos. Depois que ela mandou uma mensagem para ele, ele veio até a casa dela e assumiu, fazendo os telefonemas difíceis, para que ela não tivesse que dar a notícia do assassinato de Jamie.

— Como ele está? — Eu perguntei.



— Ele está bem. — O carro sacudiu e Poppy agarrou minha mão com tanta força, que meus dedos estalaram. — Ele e Molly estão lutando para se adaptarem ao divórcio.

Eu tentei ajustar minha mão e restaurar algum fluxo de sangue, mas ela não estava deixando, então eu apenas a deixei apertar. — Eu não sabia que eles tinham se casado.

— Sim. Eles se divorciaram há pouco tempo.

Abaixo de nós, o funcionário da feira gritava algo, que eu não conseguia distinguir, e o carro começou a balançar.

— Última carona. Último passeio. Última viagem — Poppy gritou.

— Apenas feche seus olhos. Dois minutos e tudo isso acabará.

Ela assentiu e fechou os olhos com força.

Então nós continuamos no Zípper.

Enquanto Poppy mantinha os olhos fechados, o tempo todo, eu mantive os meus abertos e nossas mãos unidas. No momento em que o passeio acabou e nosso carro parou de tremer, memorizei a sensação de seus dedos delicados atados com os meus.

— Poppy. — Seus olhos ainda estavam fechados enquanto nosso carro parou para descarregar. — Poppy, eu preciso da minha mão de volta para que possamos sair.

Seus olhos se abriram e toda a sua estrutura relaxou. — Nós fizemos isso — ela respirou.

— Você fez isso.

— Não. Nós fizemos isso. — Seus olhos olhavam para os meus enquanto ela sorria. — Eu não teria feito isso sem você, Cole.

Eu me inclinei mais perto, não mais com pressa para sair desta jaula quente. Não com seus olhos e a sua mão segurando as minhas. — Estou feliz que eu...

— Ei — o operador de passeio estalou. — Vocês vão sair?

Droga.



— Desculpa. — Poppy soltou a mão e correu para desatar o cinto de segurança.

Eu me soltei também, saindo para a plataforma. Minha camisa estava grudada nas minhas costas e eu segurei o corrimão enquanto seguindo Poppy pela escada abaixo.

— Não importa que novos brinquedos eles inventem, o Zipper sempre parece tocar meu sino, como nenhum outro.

Ela riu e olhou para o brinquedo. — Eu e você terminamos, Zipper! Você ganhou.

Quando o sorriso dela voltou para mim, meu coração pulou em um ritmo estranho - quase como se tivesse pulado uma batida. Eu nunca senti nada parecido antes.

— Eu poderia tomar uma cerveja. O que você diz, detetive? Posso comprar uma gelada para você?

Minha mulher perfeita. — Definitivamente.



CAPÍTULO 09

43º Aniversário: Ir a um cinema ao ar livre

Poppy

Trinta minutos depois que tinha deixado o Zipper, eu estava na minha segunda cerveja e me sentindo praticamente eufórica. A combinação de álcool e a descarga de adrenalina dos brinquedos da feira, colocaram um sorriso no meu rosto que ficou a noite toda. Além disso, Finn havia acabado de mandar uma mensagem, dizendo que trouxera as crianças para a feira, e mal podia esperar para ver seus rostos felizes.

— Ei, você se importaria se nos encontrarmos com meu irmão e seus filhos?

— Claro que não. — Cole sorriu e bebeu a última cerveja.

Eu sorri e fiz o mesmo, jogando meu copo de plástico no lixo em nosso caminho para fora do jardim da cerveja.

Quando entramos pelo portão, a mão de Cole chegou às minhas costas.

— Mostre o caminho.

Um formigamento viajou das pontas dos meus dedos até meu pescoço, com o gesto não familiar. Jamie nunca fizera isso por mim - me guiar enquanto caminhávamos. Ele tinha sido mais um tipo de 'agarrar minha mão e me arrastar



atrás dele.’

Mas eu gostei disso com o Cole. Eu gostei que fosse diferente. Gostei que fosse sutil. Eu gostei disso em um mar de pessoas, nos uniu. E quando a mão dele caiu, alguns passos depois, perdi a pressão de seus dedos enquanto caminhávamos pela multidão da noite de sexta-feira, de volta para os brinquedos.

Ao contrário de quando chegamos ao recinto da feira, a visão de luzes brilhantes e brinquedos girando, não me deixou enjoada. Um enorme peso havia sido tirado, agora que terminamos com esse item específico da lista. De agora em diante, nunca me sentiria obrigada a fazer mais do que andar na roda-gigante.

— Obrigada novamente por vir comigo esta noite. — Se não fosse pela ajuda de Cole, duvido que teria conseguido passar.

— Certo. — Ele me cutucou com o cotovelo. — Obrigado por não vomitar em mim.

Eu ri assim que vi Finn parado do lado de fora do portão do pequeno trem, com tema de dinossauro. — Ali estão eles. — Eu apontei e mudei de direção.

— Ugh — ele gemeu, olhando para os carros de dinossauro.

Ele mal tinha conseguido se encaixar naquele brinquedo. Ele teve que sentar no vagão sozinho, porque era o único carro grande o suficiente para suas longas pernas. Mesmo assim, os joelhos dele subiram quase até o queixo. Mas ele resistiu ao longo das quatro voltas lentas, e quando tínhamos atraído uma multidão de adultos, o encarando com rostos confusos, Cole apenas sorriu e acenou, fingindo que não era grande coisa que um homem adulto fosse no trem infantil.

— Você não gostou deste? — Eu provoquei. — Eu acho que este foi o meu passeio favorito do dia.

Cole zombou. — Minha parte favorita foi quando eu fiquei preso, tentando sair do maldito carro.



Eu ri. Eu tive que ajudá-lo a sair do carro segurando seu braço, para que ele pudesse se equilibrar, enquanto ele puxava seus pés livres. — Eu sinto muito.

Eu não deveria rir. Eu tentei controlar, mas não consegui parar de imaginar os rostos dos pais que estavam assistindo. Eles tinham apertado em torno de seus filhos, enquanto assistiam Cole xingar os Tricerátops. — Você viu aquela mãe? Ela parecia estar prestes a chamar a polícia para você.

— Graças a Deus ela não fez. — Ele balançou sua cabeça. — Eu nunca teria vivido para isso na estação.

Eu sorri para ele, agradecendo em silêncio. Era difícil acreditar que tenha tido um almoço tão horrível com os pais de Jamie, mais cedo. Cole virou o meu dia todo me trazendo aqui.

Ele, e fazendo isso por Jamie.

Apesar de seus pais serem contra, hoje reforçou minha decisão de terminar a lista de aniversários. Não importa o quanto Debbie e Kyle se opusessem, eu estava fazendo isso. Um ano atrás, nada teria ajudado após um encontro tão ruim com Kyle e Debbie. Eu teria deixado estragar o meu dia, provavelmente uma semana inteira. Mas fazer algo divertido, algo por Jamie, fez tudo ir embora.

— Tia Poppy! — Kali gritou, acenando descontroladamente de seu assento no trem dos dinossauros.

— Kali! — Eu acenei de volta quando cheguei ao lado de Finn. Meu irmão me deu um abraço rápido, antes de eu me inclinar para Max em seu carrinho. — Como está o meu Max? — Eu beijei sua bochecha.

— Pop, Pop. — Ele apontou para Kali. — Oi.

— Eu vi isso. Não é legal?

Ele olhou para sua irmã com um olhar confuso, provavelmente se perguntando o que ela estava fazendo ou desejando que ele fosse velho o suficiente para segui-la.

Eu sorri e o beijei novamente, então fiquei assim e Cole e Finn estavam apertando as mãos.

— Eu conheço você — disse Finn.



Cole assentiu. — Cole Goodman.

— Certo. — Finn olhou para mim e depois de volta para Cole, soltando sua mão. — Bem, é bom vê-lo novamente, em melhores circunstâncias.

— O mesmo. Este é seu filho?

— Esse é Max. — Eu dei um tapinha no carrinho e apontei para o passeio. — E essa é Kali.

— A mini-Molly? — Cole perguntou.

Eu sorri. — Essa é a única.

— O que vocês dois estão fazendo aqui? — Pelas sobrancelhas franzidas de Finn, ele não tinha certeza do que fazer comigo e com Cole, mas eu explicaria depois.

— Bem, sua irmã passou a maior parte da tarde me arrastando para todos os brinquedos da feira. Cada. Brinquedo. Um por um. — Cole circulou seu dedo ao redor, indicando cada um dos brinquedos infantis que nos cercavam.

— Caramba. — Finn riu. — Como você se encaixou?

Cole e eu nos entreolhamos, depois começamos a rir. — Finn — eu segurei meu lado, você deveria tê-lo visto tentar entrar nas abelhinhas voadoras. Ele teve que implorar ao cara que dirigia a máquina para deixá-lo tentar. Então eles tiveram que equilibrar o passeio comigo e um grupo de crianças no braço oposto. Todas essas pessoas estavam de pé ao redor, olhando para Cole, para sua dor. Foi hilário.

Cole balançou a cabeça com a minha provocação. — Eu sabia que deveria ter tirado uma foto do seu rosto verde quando estávamos no The Zipper.

— Desculpe, detetive. Você perdeu sua chance, porque isso nunca acontecerá novamente.

— Você a levou no The Zipper? — Os olhos de Finn se arregalaram. — Estou impressionado.

Cole encolheu os ombros. — Eu não posso levar muito crédito. Ela teria enfrentado isso com ou sem mim. —



Ele não tinha idéia do quanto eu confiara nele hoje, mas eu não iria debater isso na frente do meu irmão.

— Então, você é um detetive agora? — Finn perguntou a Cole.

— Sim. Eu fui promovido há um ano. E você? O que você faz?

— Eu possuo uma empresa de paisagismo aqui na cidade. Nós principalmente fazemos construções novas, alguns cortes aqui e ali.

— Finn está sendo modesto — eu disse a Cole. — A Alcott Landscaping é uma das maiores empresas de paisagismo do Vale Gallatin. E quando ele diz nova construção, ele quer dizer que ele projeta o paisagismo para algumas das maiores casas da região.

Finn apenas deu de ombros. — Paga as contas.

Eu estava orgulhosa do sucesso de Finn, mas tinha um preço. Na minha opinião, sua dedicação à sua empresa havia colocado a brecha entre ele e Molly em primeiro lugar. Ele levou seus assistentes de design para jantares em vez de sua esposa. Ele se certificou de que o gramado de todo mundo fosse cortado, mas esqueceu de fazer o seu próprio, forçando Molly a fazê-lo sozinha. Ele passara as noites com seu laptop em vez de dormir na cama ao lado dela.

O Alcott Landscaping superou todos os outros, exceto as crianças. Finn pode não ter ganho prêmios como marido, mas ele era um ótimo pai. Mesmo que seus pais fossem divorciados, Max e Kali tinham dois pais que os amavam incondicionalmente.

— Papai! Tia Poppy! — Kali gritou quando o passeio chegou ao fim. Ela desceu do brontossauro roxo e foi correndo pela plataforma e pelo portão de saída. — Você me viu? Você me viu? — Ela se lançou em Finn, rindo quando ele a pegou e a jogou no ar.

— Você foi incrível! Foi divertido?

Ela assentiu descontroladamente. — Posso ir de novo?

— Certo. Você quer ir no trem dos dinossauros novamente ou tentar outra coisa? — Finn sorriu para Cole. — Cole, amigo da tia Poppy, disse que o passeio de abelha foi muito divertido.



Kali olhou para Cole, mas o dispensou completamente, muito mais preocupada com seus passeios do que com outro adulto em nosso meio. — Hmmm. — Ela bateu no queixo – como se algo fosse tão fétido que mal podia suportar. — Abelhas!

— Abelhas! — Finn e eu torcemos enquanto Cole murmurava: — Abelhas.

Eu ri e peguei o cabo do carrinho de Max, liderando o caminho para o outro brinquedo.

Uma hora depois, Kali estava em todos os carrinhos, eu passava um bom tempo com meu sobrinho, e Cole e Finn tinham feito planos para se encontrarem para uma cerveja na semana que vem. Meu irmão estava pressionando Cole. Difícil. E eu não podia esperar para falar sobre isso mais tarde.

— Eu posso fazer isso, papai? Por favoooooor? Kali apontou para o Tilt-A-Whirl.

Finn sacudiu a cabeça. — Você tem que ser mais alta para montar aquele, bebê.

— Mas há uma criança. — Os olhos de Kali se concentraram em um garoto, não muito mais alto do que ela, andando com seu pai.

— Viu isso, não é? — Finn murmurou e se ajoelhou para olhar para a filha. — Você não pode fazer aquele passeio sozinha e eu não comprei ingressos. Eu sinto muito.

— Finn, eu tenho um par extra — disse Cole. — Você pode tê-los ou eu posso levá-la.

— Oba! — Kali gritou. — Posso ir? Posso ir papai? Por favoooooor?

Finn sacudiu a cabeça e bateu no ombro de Cole. — Ela é toda sua. Boa sorte.

Cole riu quando Kali agarrou sua mão e o arrastou para o brinquedo. Ele sorriu para mim, enquanto minha sobrinha continuava puxando. — Pelo menos eu me encaixo nesse.

— Divertam-se! — Finn e eu batemos nas costas deles.



Quando Cole e Kali tomaram seu lugar na fila para o passeio, Finn se aproximou do meu lado. — Eu gosto dele.

— Não. — Eu fingi choque. — Mesmo? Eu não poderia dizer pelo jeito que você estava saltando nele.

— Provoque tudo o que você quiser. Você gosta dele também.

Cole ainda estava segurando a mão de Kali, sorrindo para ela enquanto esperavam na fila. — Sim. Eu gosto dele também. Ele é um amigo.

— Um amigo? Vamos. O que está acontecendo com vocês dois?

Dei de ombros. — Eu me encontrei com ele na aula de karatê que fui no mês passado. Jantamos juntos e ele está me ajudando com algumas das coisas da lista de Jamie.

— E...

— E ele também está investigando o caso do assassinato.

— E...

— E... É isso aí. Nada mais. Acabei de te falar. Ele é um amigo.

— Poppy — Finn repreendeu.

Eu zombei de seu tom. — Finn.

— Seja honesta.

A desvantagem de estar extremamente perto do meu irmão era que eu nunca poderia passar nada por ele. — Honestamente? Eu não sei.

— Justo. — Finn acenou para Kali enquanto ela sorria do carro Tilt-A-Whirl. Ela estava sentada ao lado de Cole, as mãos segurando o corrimão em seus colos. E Cole estava sorrindo para mim.

O passeio começou e acenei para ambos quando começaram a girar.

— Ele gosta de você também. Mais do que apenas um amigo.

Suspirei. — Eu sei.

Eu não queria seduzir Cole. Eu sabia que ele tinha sentimentos por mim, assim como eu tinha sentimentos por ele. Mas como eu não sabia como lidar com eles, era mais seguro apenas classificá-lo como amigo.



Finn jogou o braço em volta nos meus ombros e me abraçou ao seu lado. — Tudo bem em sempre amar Jamie.

— Eu sempre vou. — Sempre.

— Mas talvez você possa amar outra pessoa também.

Dois anos atrás, eu teria dito absolutamente não. Eu teria dito que meu amor por Jamie estava consumindo tudo, e eu nunca encontraria espaço em meu coração para mais ninguém. Mas agora eu não tinha certeza. Em algum momento, eu queria mais na minha vida. Uma família. Crianças. Amor.

Então, ao invés de dizer absolutamente não, eu sussurrei: — Talvez.

Finn me abraçou com mais força. — Algo para pensar. Como Jamie era meu melhor amigo no mundo, sinto que estou qualificado para dizer isso. Ele também teria gostado de Cole.

Finn está certo. Você teria gostado dele, Jamie.

Ficamos quietos enquanto assistíamos Kali e Cole no brinquedo. Quando voltaram, Kali reivindicou Cole como se fosse seu, implorando que ele a levasse em um último passeio. Eles fizeram até que todos os bilhetes de passeio tivessem desaparecido e estivéssemos passeando pelo meio do caminho, pegando algumas bebidas e comprando um lanche para as crianças.

— Provavelmente é melhor irmos — disse Finn depois que os minidonuts e limonadas recém-espremidas acabaram.

Kali ainda estava correndo ao nosso redor, em círculos - literalmente correndo ao redor de nossas pernas -, mas Max estava a cerca de trinta segundos de adormecer em seu carrinho. E pelos círculos sob seus olhos, a energia de Finn estava se desvanecendo rapidamente também. Ele provavelmente ficou acordado a maior parte da noite anterior, trabalhando.

— Você quer alguma ajuda com a hora de dormir hoje à noite? Eu poderia vir e ajudar com banhos.

O rosto de Finn se iluminou. — Você não se importaria?

— De modo nenhum. Você pode passar algum tempo trabalhando.



— Eu vou aceitar sua ajuda. Estou atrasado em um orçamento.

Isso não foi surpreendente. Enquanto Molly tinha mais tempo em suas mãos, desde o divórcio, Finn estava lutando para continuar no trabalho. Eu nunca diria em voz alta, mas este foi um bom sinal de alerta para ele. Ele tinha dado como certo o quanto Molly tinha feito para gerenciar as crianças e administrar sua casa. Agora ele estava tendo que fazer tudo sozinho - ser o Sr. Mamãe três dias por semana e Finn Alcott, paisagista e empreendedor.

Mas ele ainda era meu irmão e eu queria ajudá-lo antes que ele se desgastasse.

— Eu vou com vocês. — Cole colocou a mão nas minhas costas quando todos nós começamos a ir para o estacionamento de cascalho.

Eu tive o mesmo formigamento que tive antes, quando ele me tocou lá, gostando mais da segunda vez do que da primeira.

Quando chegamos ao estacionamento, Finn apontou o queixo para uma longa fileira de carros. — Eu fico aqui.

— Vejo você no R Bar na próxima semana. — Cole apertou a mão dele.

— Estou ansioso por isso. — Finn sorriu. — Foi muito bom rever você.

— Você também. — Cole olhou para Kali e um Max dormindo. — Tchau, crianças.

Kali correu e o abraçou pelos joelhos. — Tchau, Cole!

Com um último adeus, Cole e eu nos viramos e rangemos ao longo do cascalho, até onde tínhamos estacionado nossos veículos.

— Obrigada novamente por vir comigo. Foi divertido.

— Foi um prazer.

Chegamos ao meu carro e parei no porta-malas. — Então o que vem depois?

— Que tal jantar?

Eu hesitei. Quando passávamos tempo juntos para a lista, eu tinha uma desculpa para ver Cole. Mas jantar? O jeito que ele



perguntou parecia muito mais um encontro. Mas antes que eu pudesse pensar em uma desculpa, Cole falou primeiro.

— É só um jantar, Poppy.

Apenas um jantar. Ele estava certo. Eu estava fazendo mais do jantar do que precisava ser. — Certo. Qualquer noite da semana que vem que você estiver livre, me avise. Podemos comer no restaurante ou ir a outro lugar.

Ele sorriu. — Nem muitos restaurantes podem se comparar ao seu. Na verdade, praticamente perdi o apetite por qualquer coisa que não fosse servida em um pote.

Eu sorri. — Então eu vou te ver na próxima semana.

— É um encontro.

Assim como da última vez que ele disse aquelas três palavras, meu coração pulou.

E talvez um dia, o sentimento de culpa que veio com ele, fosse embora.

11

— Ei! — Eu cumprimentei Cole enquanto ele entrava no restaurante.

Fazia três semanas desde a feira e Cole se tornara meu companheiro de jantar favorito. Se não estivéssemos comendo juntos no restaurante, ele me encontraria com Brad e Mia, depois das minhas aulas de guitarra havaiana.

Três semanas, e houve apenas um punhado de vezes em que jantamos separados.

O jeito que minha respiração falhava quando ele sorria não me assustava mais. Eu gostei dos formigamentos que ele poderia provocar com o menor toque. E comecei a desejar o modo como ele enviava meu coração ao máximo, com um olhar aquecido daqueles olhos verdes.

Foi uma correria estar perto de Cole. Uma correria que eu estava aprendendo a gostar.



— Você está aqui cedo. — Não que eu estivesse infeliz em ver seu lindo rosto, mas eram horas antes de nossa hora normal das sete da noite.

— Mudança de planos.

Meu sorriso caiu no cenho franzido do rosto dele. — Uh-oh. Está tudo bem? — Fiquei tensa, esperando que ele não estivesse aqui para dar más notícias sobre o caso de Jamie.

— Lembra que eu te disse na semana passada que eu encontrei um cinema ao ar livre?

Dei um suspiro de alívio por ele estar pensando na lista, algo que ele se tornara quase tão dedicado a terminar quanto eu. — Sim. Você não pode ir no próximo fim de semana? Você quer reagendar?

— Algo parecido. Nós estamos indo agora.

— Agora? Eu não posso ir agora. — Eu era tinha que ficar no restaurante.

— É agora ou nunca. Eu verifiquei a programação deles hoje, só para ter certeza de que estávamos no caminho certo para o próximo fim de semana, e vi no site que eles estão fechando cedo para o verão. Eu acho que há algum tipo de emergência em sua família e eles não estão mostrando nada até o próximo verão. Esta é a última noite deles.

— O quê? Não! — O cinema ao ar livre que ele encontrara era o único no estado, a três horas de Bozeman, em uma pequena cidade chamada Lewistown. Se não pudéssemos chegar a um filme lá, terminar esse item na lista de Jamie seria muito mais difícil.

— Precisamos sair — ele checou o relógio, — em dez minutos.

— Merda. — Eu joguei minhas mãos no ar. — Eu não posso sair em dez minutos. Molly está com as crianças esta noite e eu sou a única a fechar.

— E quanto a Helen? — Cole apontou o queixo para a estudante de meio período, que Molly havia contratado há algumas semanas. Helen estava limpando uma mesa e corou quando viu Cole olhando em sua direção.

— Ela nunca fechou sozinha antes.



— Você acha que ela pode fazer isso?

Dei de ombros. — Sim. Eu acho. — Eu a treinei para fechar, mas na maioria das noites Molly ou eu estávamos aqui para ajudar, apenas no caso.

— Então a deixe. Qual é o pior que poderia acontecer?

— Uh, meu restaurante pode queimar completamente.

Ele sorriu. — Esse é um risco que você terá que assumir se formos ver a pré-estréia.

Suspirei pesando minhas opções: confiar em minha auxiliar ou deixar Jamie para lá.

Não tinha muita escolha.

— Ok, nós vamos. Mas preciso de alguns minutos para encaminhar tudo.

Dez minutos depois, Helen estava emocionada por estar dirigindo o restaurante hoje à noite e eu chamei o outro trabalhador em tempo parcial, apenas no caso. Os dois deveriam ser capazes de lidar com a correria do jantar na sexta à noite, e eu esperava que tivesse feito comida suficiente para durar até amanhã de manhã.

Saindo da cozinha, pendurei minha bolsa no ombro e me juntei a Cole no balcão. Ele estava conversando com um homem, que deve ter entrado enquanto eu estava lá atrás.

Não querendo interromper, eu apenas sorri, mas o estranho me puxou para a conversa.

— Oi. — Ele estendeu a mão, mas seus olhos foram para o meu peito. — Como você conhece Cole?

Antes que eu pudesse responder, Cole entrou em cena. — Esta é Poppy Maysen, minha namorada. Ela é dona deste lugar.

O sorriso no meu rosto vacilou quando eu apertei a mão do homem. Ele disse algo mais para Cole, mas eu não consegui ouvir. A única coisa em meus ouvidos era a palavra *namorada* na voz profunda de Cole.



— É melhor nós irmos. Até a próxima. — Cole acenou para o homem, em seguida, colocou a mão na parte inferior das minhas costas, me levando em direção à porta. — Idiota — ele murmurou em voz baixa.

Atordoada demais para falar fui direto para a porta, enquanto aquela palavra continuava ecoando.

Namorada.

Eu era namorada dele? Não, eu não poderia ser sua namorada. Era cedo demais. Eu era casada. Eu era uma esposa. As esposas não eram namoradas.

Eu não poderia fazer isso com Jamie.

— Poppy — Cole abriu a porta de seu caminhão para mim quando chegamos lá fora, — Helen tem o restaurante coberto hoje à noite. Você não precisa se preocupar com nada.

Eu pisquei para ele, mas ainda não tinha nada a dizer, então subi em sua caminhonete.

Ele pensou que eu estava preocupada com o restaurante. Ele não tinha idéia da bomba que acabara de lançar sobre mim. Que com uma palavra, ele apagou todo o conforto e a facilidade que havíamos encontrado um com o outro nas últimas semanas.

Que ele acabou de trazer de volta uma onda de culpa incapacitante.

Uma culpa que me consumiu enquanto dirigíamos três horas em completo silêncio.

No momento em que Cole entrou no estacionamento para o teatro, eu estava prestes a quebrar. Minha cabeça latejava e meu estômago deu um nó. Eu estava prestes a pular de seu caminhão e voltar para Bozeman, só para provar que era leal ao meu marido.

Minha cabeça estava em tal estado de turbulência, eu mal notei quando Cole pagou nossos ingressos, estacionou em um lugar vazio e colocou uma caixa de rádio sobre sua janela. O que eu notei foi a mão dele atravessando minha frente e cuidadosamente tirando meus dedos do bolso da minha calça jeans.

— Poppy, olhe para mim.



Eu virei meu pescoço e encontrei seus suaves olhos verdes esperando. Eles estavam cheios de compreensão. De compaixão. Eles me fizeram querer chorar muito mais.

— Aquele cara no restaurante é um idiota. Eu estudei na faculdade com ele, e a última coisa que eu queria era que ele olhasse para você ou começasse a ir ao restaurante regularmente, porque acha que você está disponível.

— OK. — Eu relaxei um pouco, feliz que em algum momento nas últimas três horas, Cole tinha adivinhado por que eu tinha desligado.

— Algum dia, eu gostaria de chamá-la de minha namorada e você não entrar em coma, mas eu sei que ainda não estamos lá, então respire fundo.

Eu obedeci, segurando seus olhos enquanto eu deixava um pouco de tensão sair.

— Eu sei disso, eu, assustei a merda fora de você. Eu sei que você está sentada aí por três horas se preocupando. Mas, Poppy, — ele apertou minha mão, — isso é apenas um filme.

Eu senti minha garganta começar a queimar e meu nariz arder. — Não é. — Meus sentimentos por Cole fizeram isso muito mais do que apenas um filme.

— É mesmo. Esta noite é apenas um filme. — Ele entrelaçou os dedos nos meus e se virou para a tela.

Eu olhei para o perfil dele enquanto a caixa de rádio enchia o carro com som.

Apenas um filme. O que aconteceria depois do filme? O que aconteceria quando não fosse apenas almoço, ou jantar, ou um filme? O que aconteceria quando ele quisesse mais?

Eu estaria pronta?

Eu rasguei meus olhos longe do rosto bonito de Cole e me virei para a tela, bloqueando as perguntas não ditas.

Esta noite é apenas um filme.

Exceto que nunca tentei tirar minha mão da de Cole.

E ele nunca me deixou ir.




the
birthday
list
DEVNEY PERRY

CAPÍTULO 10

37º Aniversário: Restaurar meu Ford Ranger 79

Poppy

— Jimmy? — Eu bati meus dedos em seu batente da porta.

— Oi. — Ele acenou para mim, mas manteve os olhos na televisão. — Entre. O episódio está começando.

Suspirei, entrando em seu apartamento e me sentando no sofá. Fazia mais de um mês desde o terrível almoço com Kyle e Debbie no restaurante, e todas as minhas visitas semanais ao The Rainbow tinham sido assim: eu sentada no sofá enquanto Jimmy assistia à televisão.

Eu pedi desculpas várias vezes por não compartilhar a lista de aniversários de Jamie com ele, e Jimmy prometeu que estava tudo bem. Mas o gelo que eu estava recebendo dizia o contrário.

Embora sua atitude fria não tivesse parado minhas visitas semanais. Jimmy era uma das pessoas mais importantes da minha vida, e eu passava por temporada após temporada de gravações da HBO, enquanto esperava que ele descongelasse.

— Como está indo seu final de semana? — Eu perguntei. — Alguma coisa divertida planejada para a sua noite de domingo?



Jimmy não desviou o olhar da tela. — Por enquanto, tudo bem. Acho que um dos vizinhos virá mais tarde.

— Isso é bom. — Eu esperei, esperando que ele parasse o seriado - ou algo assim - mas ele apenas continuou assistindo. Seu cabelo estava crescendo em espinhos brancos e grossos, e ele parecia mais com o Jimmy que eu conheci anos atrás. Exceto pelo sorriso que estava faltando em seu rosto.

Eu afundei mais fundo no sofá, me virando para a TV, mas desde que eu não sabia nada sobre o seriado, isso não despertou meu interesse.

Foi uma semana depois do meu encontro no cinema com Cole, e eu vim visitar Jimmy, antes de encontrar Kyle e Debbie no final desta tarde. Eu os chamei há alguns dias e perguntei se poderia ir buscar o caminhão de Jamie. Cole estava me levando para pegá-lo de seu rancho. Ele pegou emprestado um trailer de um amigo, para que pudéssemos levar o caminhão de volta para Bozeman e começar a consertá-lo.

Eu esperei por um mês, desde que disse a Kyle e Debbie que eu queria o caminhão, para que tivessem tempo suficiente para se adaptarem à idéia. Porque um mês era o tempo todo que eu podia esperar. Para Cole ter a chance de recuperar o caminhão antes do final do ano, eu tinha que me apressar.

— Eu estou indo para o rancho, para pegar o caminhão de Jamie.

Isso chamou a atenção de Jimmy. *Finalmente.*

Ele pegou o controle remoto e parou o episódio. Então o Jimmy que eu amava e adorava - o Jimmy que eu estava sentindo falta o mês todo - estendeu a mão e a colocou no meu joelho. — Você precisa que eu vá junto? Posso cancelar meus planos.

Eu sorri e coloquei minha mão na dele. — Não, não cancele. Eu vou ficar bem. Mas obrigada pela oferta. — Eu respirei fundo. — Eu sei que já disse isso antes, mas realmente sinto muito por não ter contado sobre a lista de aniversários de Jamie. Por favor, não fique bravo comigo.

— Oh, Poppy. — Ele me deu um sorriso triste. — Eu não estou bravo. Apenas me surpreendeu, é tudo.

— Eu sinto muito.



— Desculpas aceitas. — Ele escorregou a mão e sentou-se. — Estamos bem.

— Então por que você está me dando um tratamento silencioso?

Ele inclinou a cabeça. — Tratamento silencioso?

— Toda vez que estou aqui, você está com os olhos fixos na TV, me ignorando.

— O quê? Não, não estou. Eu tenho guardado todos os novos episódios para suas visitas. Você não disse que esse seriado era um dos seus favoritos?

— Isso não foi eu quem disse.

Ele estudou meu rosto. — Você tem certeza? Eu poderia jurar que era você.

— Desculpa. Eu não. Eu não estou realmente interessada em dragões e tronos, e tudo isso.

— Bem, merda — ele murmurou. — Eu acho que essas últimas visitas foram meio chatas, na verdade. Desculpa.

Eu sorri. — Você não precisa se desculpar. *Sou eu* quem precisa pedir desculpas.

— Chega por...

— Por favor. — Eu estendi a mão. — Apenas deixe-me dizer isso, uma última vez. — Ele fez uma careta, mas fechou a boca. — Espero que você saiba que não fiz isso porque queria esconder a lista de Jamie. Eu só guardei de você porque não queria deixar você triste.

A carranca de Jimmy desapareceu. — Você nunca precisa esconder as coisas de mim porque está preocupada que eu fique triste. Estou triste todos os dias. Eu perdi muitas pessoas na minha vida, isso vem com a idade.

Meu coração se partiu um pouco, mas antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, ele continuou.

— Mas também estou feliz todos os dias. Eu ainda tenho muitas pessoas na minha vida. Família. Amigos. Você. O truque é aprender a deixar o feliz superar o triste.



Suspirei. — Eu ainda estou aprendendo esse truque.

— Eu sei que você está, e se passar pela lista de Jamie vai ajudar, então eu sou totalmente a favor. Eu só queria que você tivesse me dito antes. Eu gostaria de ajudá-la com qualquer coisa que tivesse nessa lista.

Eu deveria saber que Jimmy gostaria de ajudar. Que vergonha de mim por não confiar que ele seria solidário. — Eu não estou nem perto de acabar, se você quiser ajudar. Há alguns deles lá que acho que são o seu estilo. Quer ver?

Ele se sentou em sua cadeira, empurrando o apoio para os pés em sua poltrona e pegando seus óculos de leitura. — Claro que sim.

Eu vasculhei minha bolsa, tirando o diário de Jamie e entregando-o. — Eu assinalei os que já fiz. Todos os outros ainda faltam.

Ele passou o dedo pela capa de couro e abriu o livro. Com cada página virada, o sorriso de Jimmy ficava maior e maior.

— Agora isso é bom. — Ele olhou por cima da borda de seus óculos. — Eu vou ajudar com a luta de tinta.

Eu sorri abertamente. — Eu pensei que você gostaria desse.

— Ha! Puxar um alarme de incêndio. Eu sempre quis fazer isso também.

— Bem, nós podemos fazer isso juntos. Você pode ser meu companheiro de cela, quando me jogarem na cadeia.

— *Se* formos pegos.

Quando seus olhos brilharam, página após página, eu me castiguei novamente por não compartilhar antes. A lista de aniversários estava me ajudando a lidar com a perda de Jamie. Talvez pudesse ajudar a família dele também.

— Você acha que eu deveria perguntar a Kyle e Debbie se eles gostariam de ver a lista?

Jimmy pensou por um momento, depois sacudiu a cabeça. — Eu tive uma longa conversa com Kyle depois do nosso almoço, no mês passado.

Eu fiquei tensa quando ele fechou o diário e o devolveu, tirando os óculos.



— Eu disse a ele que você acha que eles te culpam pela morte de Jamie.

Meu peito deflacionou quando sussurrei: — Eu sei que eles me culpam.

— Não, eles não culpam. — Ele se inclinou para frente para falar baixinho. — Mas eles têm dificuldade em estar perto de você. Quando eles te vêem, eles esperam ver Jamie ao seu lado. Vocês dois nunca foram a lugar algum sem o outro. É difícil para eles verem a peça que falta.

Eu balancei a cabeça, mas meu coração estava doendo. Eu sabia que eles tinham dificuldade em me ver, mas desejei que, em vez de encontrar dor na minha face, eles tivessem encontrado amor. Talvez até algum conforto.

— É difícil para mim também. Eu sinto essa falta de peça todos os dias, mas isso não me impediu de querer tê-los em minha vida.

— Eu não estou dizendo que eles estão certos. Eu só estou tentando explicar. Kyle e Debbie podem não ser capazes de seguir em frente, mas isso não significa que você tenha que ficar no passado. No fundo, eles querem que você seja feliz. Para viver uma vida feliz. E para sua própria sanidade, isso pode significar deixá-los ir.

Eu funguei, engolindo o nó na garganta antes que eu pudesse chorar.

Jimmy se levantou da cadeira e sentou ao meu lado no sofá, colocando um braço em volta dos meus ombros. — Eles amam você, Poppy.

Eles amavam? Se você ama alguém, você deixa uma experiência trágica afastá-lo? Anos atrás, eu acreditava que o amor prevalecia acima de tudo. Mas agora eu estava aprendendo que até o amor não é forte o suficiente para consertar algumas feridas.

Apoiei a cabeça no ombro de Jimmy enquanto piscava uma lágrima. — Não é justo. Eu sinto falta deles.

— Eu sei. Mas você ainda não me perdeu.

— Promete?

Ele cruzou as mãos sobre seu coração, assim como eu sempre fiz antes de fazer uma promessa. — Prometo.



Nós nos sentamos juntos por alguns momentos, nos apoiando um no outro, até que um resmungo veio do corredor.

— Eu vejo que você está assistindo sem mim, idiota.

Jimmy zombou. — Não me chame de idiota, idiota. Estou pagando pela maldita HBO. Se você quiser assistir sua programação, pode desembolsar o dinheiro.

Eu me afastei de Jimmy e me inclinei para frente, olhando em torno dele para seu visitante. Eu fiquei boquiaberta com o homem entrando no quarto de Jimmy. — Randall?

— Huh — ele murmurou, em seguida, sentou-se na poltrona de Jimmy. — O que você está fazendo aqui?

— O que estou fazendo aqui? — Minha mão acenou de um lado para o outro entre nós. — O que você está fazendo aqui?

— Eu moro aqui, preso ao lado desse idiota. — Ele apontou o polegar para Jimmy. — Eu não me importo o quanto você já assistiu, estamos começando este episódio.

— Tudo bem — Jimmy resmungou. — Mas você não vai beber todo o meu Mountain Dew, como na semana passada. Você pode ter uma lata. Só uma.

Acho que eu não era a única Maysen a limitar o consumo de açúcar de Randall.

Jimmy levantou-se do sofá e olhou para Randall. — E dê o fora da minha cadeira, seu trapaceiro de poker.

Trapaceiro de Poker? — Randall era o vizinho que te bateu no poker e fez você pintar seu cabelo de rosa?

Randall riu e Jimmy me lançou seu olhar *calado,* quando trocaram de lugar.

— Desculpe por falar sobre isso. — Cada grama de força de vontade foi para segurar meu riso.



— Então Poppy é a neta que você está sempre falando? — Randall perguntou enquanto Jimmy mexia no controle remoto.

Meu coração aquecia sempre que Jimmy dizia aos moradores do The Rainbow que eu era sua neta.

— Ela é. Como você se conhecem?

Randall encolheu os ombros. — Eu vou ao restaurante dela, de vez em quando.

— De vez em quando? — Eu zombei. — Você vai todos os dias.

— Interessante. — Jimmy se inclinou para frente e cravou os olhos com Randall. — Eu vou fazer um acordo com você. Se você quiser continuar assistindo minha HBO, você vai me levar até o restaurante na próxima vez.

— Jimmy — eu repreendi. — Eu disse a você que eu viria buscá-lo sempre que quisesse ir.

Ele me dispensou. — Você está ocupada. Ele não tem mais nada para fazer, então ele pode me levar até lá, quando ele for.

Jimmy não dirigia muito mais. Sua irmã mais velha foi morta em um acidente de carro quando teve um derrame ao volante e bateu em uma árvore. A partir de então, ele só dirigia se não houvesse outra opção. Foi por isso que o estilo de vida do The Rainbow o adequou perfeitamente. Eles tinham refeições, entretenimento e uma loja de conveniência a poucos quarteirões de distância.

— Vou levá-lo — Randall me disse, — mas ele não vai sentar no meu banco.

— Eu vou sentar em qualquer um que eu quiser. Ela é *minha* neta.

Eu estendi minhas mãos, parando a discussão deles. — Que tal nós decidirmos quem senta no banquinho, amanhã?

— Nós estaremos lá para o café da manhã — declarou Jimmy. — Eu não tomei café da manhã lá ainda.

— OK. Eu vou fazer para você algo especial. — Me levantei do sofá, me abaixei e beijei a bochecha de Jimmy. — É melhor eu ir.



Jimmy deu um tapinha no meu braço. — Boa sorte, esta noite.

— Obrigada.

Eu tinha a sensação de que precisaria disso.

— Como isso vai acontecer? — Cole perguntou enquanto dirigia.

Meu pé saltou no tapete do caminhão dele. — Eu não faço idéia.

Depois que deixei o Rainbow, esperei por Cole no restaurante. Ele chegara com um longo reboque de plataforma acoplado na traseira de sua caminhonete. Quanto mais nos aproximamos do rancho, mais rápido meu pé saltava.

Eu não estava apenas nervosa em ver Kyle e Debbie e pegar o caminhão de Jamie. Eu também estava nervosa por estar lá com Cole.

Na semana desde nosso filme no drive - in, nós voltamos a nossa rotina normal de jantar no restaurante. Eu fiz o meu melhor para lembrar que ele, só me chamara de sua namorada, para me proteger de uma trepadeira em potencial, mas eu ainda tinha medos.

Medos sobre onde está coisa entre nós estava indo. Medo que estivéssemos nos aproximando cada vez mais daquela linha invisível na areia. A linha que, quando cruzada, significava que eu não seria mais a esposa de Jamie Maysen. Eu seria namorada de outro homem.

Uma parte de mim queria fugir daquela linha. Outra queria dar um salto voador para o outro lado. Como estava, eu estava de pé, com os dedos dos pés na borda. Congeladas.

Porque eu sabia que o homem que me puxou foi Cole. Eu não estava esperando por algum homem sem nome e sem rosto, do futuro. Quando imaginei beijar outro homem, foi Cole. Quando imaginei dormir com outro homem, foi Cole.

Ele era o homem do futuro, esperando pacientemente do outro lado da linha. Eu podia imaginá-lo ali parado, estendendo a mão.

Eu queria pegar a mão de Cole. Seus dedos eram tão compridos que se entrelaçaram com os meus e fizeram minhas mãos parecerem tão pequenas. Sua pele não era macia, mas também não era áspera. Foi apenas a mão de um homem. Dura e quente. A temperatura perfeita para manter por horas e horas.

Eu queria pegar a mão de Cole, mas as memórias me seguravam.

Ou falta de memória.

Eu não conseguia lembrar como minha mão se sentia em Jamie - eu nunca tinha pensado nisso naquela época. Eu odiava ter perdido essa parte dele. Que eu não tinha tido tempo para memorizar a sensação da mão dele na minha.

Especialmente quando eu memorizava tudo sobre a sensação de Cole.

Cada minuto que passamos juntos, Cole estava pegando mais pedaços do meu coração.

Algo que, se Kyle e Debbie percebessem isso, tornaria esta noite muito mais difícil.

— Você vai virar à esquerda aqui. — Eu apontei o desvio para o rancho. — E então, basta descer a estrada de cascalho até chegarmos a casa deles.

Cole diminuiu a velocidade e virou o volante. — É onde Jamie cresceu?

— Sim. Ele não queria ser um fazendeiro, mas seu irmão mais novo, Adam, ainda mora aqui com sua namorada. Eventualmente, ele vai ficar com a parte de Kyle e Debbie, assim como eles assumiram o lugar da avó de Jimmy e de Jamie.

— Você e Jimmy fizeram as pazes?

Eu sorri. — Sim. E lembra como te contei sobre o desastre do cabelo rosa? Adivinhe quem é o suposto truque do pôquer.

— Quem?

— Randall.

Ele riu. — Sem merda?



— Nenhuma merda. — Eu ri com ele até que a casa apareceu depois de uma curva na estrada e a ansiedade encolheu meu sorriso.

— Lugar legal — disse Cole ao entrar na área de cascalho em frente à casa.

Kyle e Debbie construíram uma nova casa, há cerca de dez anos, e decoraram com tudo que há de melhor. Seu antigo lugar, também bom, era agora onde Adam e sua namorada viviam. Pelo menos, presumi que era onde os dois moravam. Desde o funeral de Jamie, eu só tinha visto Adam uma vez, e já que Kyle e Debbie não falavam mais comigo, eu não estava atualizada sobre os últimos acontecimentos no rancho.

E provavelmente não estaria no futuro. Se o que Jimmy me dissera hoje estava correto, essa poderia ser minha última viagem ao rancho Maysen. Para a casa de Jamie.

O turbilhão nervoso que era meu estômago girou mais rápido. *Jamie, se você estiver ouvindo, ajude isso ir tudo bem. Não deixe que isso seja outro adeus.*

Eu puxei uma respiração trêmula quando a mão de Cole chegou ao meu ombro. — Não precisamos ficar muito tempo. Use-me como desculpa, se quiser sair. Ou se você quiser ficar por horas, tudo bem também. Faça o que quiser, mas vou seguir sua liderança.

Seus lindos olhos verdes estavam cheios de preocupação.

— Obrigada. Tenho certeza de que tudo ficará bem.

Nós dois sabíamos que isso era mentira, mas ele não ligou. Ele apenas soltou meu ombro e desligou o caminhão antes de sair.

Eu tomei mais uma respiração, então saí do caminhão no momento em que a porta da frente da casa de Kyle e Debbie se abriu.

— Oi! — Debbie desceu os degraus do alpendre ao redor, e entrou no meu espaço para um abraço. — É tão bom ter você aqui.

Eu congelei por um segundo, surpresa com sua recepção calorosa - uma que eu não recebia desde antes de Jamie ter morrido -, mas o choque passou rápido e eu devolvi seu abraço.

— É bom estar aqui.



— Oi, Poppy. — Larguei Debbie enquanto Adam saía da casa.

Eu sorri para esconder o estremecimento ao ver seu rosto. Adam parecia mais com Jamie do que nunca, com o cabelo crescido longo como o irmão o usara. — Oi, Adam. Como você está?

— Bem. Maldito, mas bem.

Atrás dele, Kyle saiu da casa e acenou. — Olá.

— Oi. — Eu me aproximei para um abraço. Kyle estava menos entusiasmado que Debbie, mas era melhor do que o aperto de mão que ele vinha me dando ultimamente.

— Eu vejo que você trouxe reforços? — Kyle acenou para Cole.

— Eu fiz.

Cole se aproximou para apertar a mão de Kyle. — Cole Goodman, prazer em conhecê-lo.

Cole se apresentou para Kyle, depois para Debbie e Adam. Meus olhos corriam de um lado para outro entre eles, observando um olhar estranho ou desaprovador, mas a família de Jamie era agradável e acolhedora enquanto conversavam com Cole.

Talvez isso fosse melhor do que eu esperava. Talvez ter Cole e Adam aqui seria uma ótima salvaguarda. Talvez terminássemos a visita por um tempo e superássemos o embaraço dos últimos cinco anos. Talvez até nos convidassem para jantar.

— Tudo bem. — Kyle acenou com a cabeça em direção à grande garagem, do outro lado da casa. — Vamos colocar esse caminhão no reboque e então vocês podem voltar para a cidade.

Esqueçam o jantar.

— Lidere o caminho. — Cole acenou para Kyle, depois colocou os dedos nas minhas costas.

Eu soube no segundo que seus dedos roçaram minha camisa que era um erro. Não que Cole tivesse feito isso para causar problemas - o gesto era inocente e habitual. Mas o corpo inteiro de Debbie estremeceu quando ela engasgou, enquanto o rosto de Kyle se transformava em pedra.



O único que não parecia que eu tinha acabado de dar um tapa no rosto era Adam.

— Pronto? — Eu dei um passo enorme para longe de Cole e mantive meu foco em Adam enquanto ele girava em um salto e seguia para a garagem.

Eu podia sentir o olhar de Cole nas minhas costas enquanto caminhávamos, mas eu não me virei. Eu apenas mantive meus olhos focados no cascalho e na garagem, esperando que atrás de mim Debbie não estivesse chorando e Kyle não estivesse furioso.

Quando chegamos ao barracão, peguei uma prancha em uma fileira de caixas de ferramentas, para ficar fora do caminho, quando Kyle e Adam puxaram uma lona empoeirada do caminhão amarelo de Jamie.

Os painéis laterais estavam manchados com ferrugem. O pára-choque dianteiro precisava ser recolocado, porque estava solto de um lado. E o pára-brisa dianteiro estava rachado em tantos lugares que parecia uma teia de aranha.

Mas era de Jamie. Algo que ele comprou quando adolescente e dirigiu até a faculdade, quando comprou um carro melhor.

— Eu ainda não consigo acreditar que Jamie não levou isso para a faculdade. — Adam passou a mão pelo capô amarelo e sorriu para mim. — Lembra como ele disse que nunca conseguiria um encontro para sentar aqui?

Eu sorri de volta. — Bem, considerando que o assento do passageiro está perdendo a maior parte da almofada, eu teria concordado.

— De jeito nenhum. — Adam riu. — Você ainda teria saído com ele se ele tivesse conduzido essa coisa antiga.

Jamie poderia ter me levado pela cidade no guidão de uma bicicleta por tudo que eu teria me importado. — Você provavelmente está certo.

— Devemos ver se ainda funciona?

— Oh, vai funcionar. — Kyle foi até o lado do motorista do caminhão. — Eu vim aqui algumas noites atrás e me certifiquei. — Ele passou a mão pela janela aberta, como se estivesse se despedindo.



Do meu lado, Debbie fungou. — Vai ser estranho não vir aqui e ver o caminhão de Jamie.

Uma onda de dúvida me atingiu com força. *Talvez eu não devesse pegar o caminhão. Talvez eu deva mandar para o inferno aquele item na lista de Jamie e deixá-lo ir. Talvez Kyle e Debbie precisassem desse caminhão em sua garagem, mais do que eu precisava para verificar uma lista.*

Eu estava prestes a ceder quando Adam bateu a mão no capô. — Obrigado por terminar, Poppy. Jamie sempre quis ter feito isso.

Ele tinha. Jamie tinha falado sobre consertar isso o tempo todo. Nós nunca tínhamos o espaço e ele nunca teve tempo. Mas agora eu podia ver através disso.

Eu tinha que ver isso.

Então engoli o nó na garganta e dei um pequeno sorriso para Adam. — Azul da meia noite. Ele sempre quis que fosse azul meia-noite.

— E creme no interior — Kyle acrescentou quando ele abriu a porta.

Eu assenti. — E creme no interior.

O som do caminhão de Jamie encheu a garagem quando Kyle o ligou. Enquanto ele dirigia para fora, todos nós seguimos atrás enquanto ele dirigia em direção ao trailer de Cole.

— Eu acho que eu poderia ter vindo e conseguido eu mesmo — eu disse a Cole enquanto caminhávamos. — Desculpa.

— Não, é melhor assim. A última coisa que quero é que você fique encalhada na beira da estrada. O motor pode funcionar, mas esses pneus não duram mais cinquenta milhas.

Eu não sabia se isso era verdade, mas isso me fez sentir melhor.

Cole correu para frente, puxando as rampas do trailer para que Kyle pudesse colocar o caminhão no carrinho. Então juntos, Cole, Kyle e Adam acorrentaram tudo.

— Obrigada, Debbie. Foi bom ver você.



Ela assentiu com a cabeça e forçou um sorriso, depois me deu um abraço antes de virar e voltar para dentro da casa, sem dizer uma palavra.

Eu olhei para a casa, desejando que houvesse algo que eu pudesse fazer para conseguir um convite para dentro. Eu olhei para a casa, sabendo que não havia. Então voltei para os caras, parados sozinhos e esperando que eles terminassem.

— Obrigada — eu disse a Kyle quando ele e Adam se aproximaram.

Kyle assentiu e olhou de volta para o caminhão. — Tome conta disso.

— Eu vou.

Então, sem um aperto de mão, um abraço ou até um adeus, entrou com Debbie. O clique da trava da porta ecoou por quilômetros.

— Tchau, Poppy. — Adam acenou para mim e Cole enquanto voltava para a garagem. — Prazer em conhecê-lo, Cole.

Cole acenou com a cabeça, mas Adam já havia virado as costas para nós, feito com o trabalho e para o próximo.

Eu olhei para o meu relógio antes que eles se turvassem de lágrimas. Vinte e nove minutos. Eu tinha sido demitida depois de apenas vinte e nove minutos.

A família de Jamie não precisava dizer isso - eu ouvira alto e claro.

Adeus.

Kyle e Debbie não voltariam a Bozeman para visitar meu restaurante. Eles não me convidariam a voltar a este rancho para passar férias, como eu fiz tantas vezes antes. Eles não seriam uma parte da minha vida.

Sem olhar para trás, passei por Cole para sua caminhonete. — Vamos.

— Você entendeu. — Ele não hesitou em nos tirar do rancho, dirigindo em silêncio até chegarmos à estrada. — Você está bem?

— Não.

Eu queria que Jamie estivesse vivo para poder consertar seu próprio caminhão. Para fazer sua própria lista de aniversários. Eu queria que ele estivesse aqui, então seus pais não estariam tão arrasados.



Eu queria que a dor no meu peito desaparecesse. Eu queria que ele parasse de me provocar com indulgências, apenas para me torturar a cada retorno.

Eu quero ser feliz.

Eu não conseguia lembrar como era ser feliz de verdade.

— Me dê sua mão. — Cole colocou a mão, palma para cima, no console entre nós.

Eu balancei a cabeça, sabendo que se eu tocasse nele, eu nunca manteria as lágrimas à distância.

— Poppy, me dê sua mão.

— Eu não posso — eu sufoquei.

— Poppy — ele sussurrou. — Me dê sua mão.

Eu não tinha forças para resistir à voz gentil dele, então tirei a mão entre os joelhos e a coloquei na sua. No segundo em que seus longos dedos se fecharam sobre os meus, a primeira lágrima caiu. Então a segunda. Então o resto.

Eu chorei pela perda de uma família. Pela perda dos pais de Jamie como amigos.

Eu chorei porque a mão de Cole sob a minha me fez sentir melhor.

Melhor e pior, tudo ao mesmo tempo.



CAPÍTULO 11

46º Aniversário: Fazer uma tatuagem

Cole

— Nada. — Eu desliguei a TV e joguei o controle remoto na mesa.

Eu tive uma dor de cabeça de ficar olhando para uma pequena tela toda a tarde, assistindo a fita de vigilância do assassinato de Jamie Maysen pela décima vez hoje. Assim como nas nove vezes anteriores, não havia nada para continuar.

Quando apertei a ponte do meu nariz, fechei os olhos, esperando que as batidas no meu crânio fossem embora.

Fazia duas semanas desde que levei Poppy para pegar o velho Ford de seus sogros. Duas semanas e eu sentia que tudo que fiz foi sentar nesta maldita sala de conferências e assistir aos filmes de segurança. Toda noite, ia para casa sentindo que minha cabeça estava sendo dividida em dois.

E esta noite não seria muito diferente.

Eu pressionei as palmas das minhas mãos em minhas têmporas e comecei a esfregar assim que a porta se abriu.

Matt entrou e pegou a cadeira ao meu lado. — Qualquer coisa?



— Não. — Eu deixei cair minhas mãos. — Eu estive estudando a fita da loja de bebidas e correndo contra as filmagens do estacionamento que pegamos da mercearia. Ninguém que corresponda à descrição do assassino entra ou sai dentro, de cinco horas, após o assassinato.

— Se importa se eu assistir a filmagem da loja de bebidas novamente?

— Vá em frente.

Ele passou o controle remoto e rebobinou o vídeo até o começo, depois apertou o play. Eu estava grato por não haver som na filmagem. Ver o que aconteceu naquela loja de bebidas era horrível o suficiente sem adicionar uma trilha sonora à mistura.

A tela da TV estava cheia de um vídeo granulado, tirado de uma câmera, que estava localizada no canto superior da loja. A caixa, Kennedy Hastings, sorria e conversava com Jamie Maysen, enquanto ele carregava suas bebidas - gim, vodca e margarita. Ele as colocou no balcão, depois tirou uma carteira do bolso de trás, dizendo alguma coisa para Kennedy, que a fez rir.

Ela tinha um sorriso bonito. O cabelo castanho encaracolado de Kennedy tinha sido cortado curto, mas combinava com o rosto redondo e escuro, e o corpo pequeno. E ela estava se atrapalhando um pouco, provavelmente nervosa porque o marido de Poppy era um cara bonito.

Jamie tinha usado o cabelo loiro um pouco longo, mas era como uma vibração descontraída. Ele era um cara grande também, provavelmente tão alto quanto eu e com bastante volume. Ele estava usando sandálias de dedo e bermudas, com a camisa ocidental de cor pérola. E na sua mão esquerda uma aliança de prata, que refletia na tela.

Minhas entranhas se torceram enquanto a filmagem girava. Trágico. Essa foi a palavra que eu encontrei para descrever este vídeo. Fodendo trágico.

Na tela, Jamie entregou algum dinheiro a Kennedy quando o assassino entrou na loja de bebidas. O assassino mal estava dentro da porta quando começou a acenar com a arma no ar. Jamie disse alguma coisa, dava para entender a palavra *não*, e então deu um passo à frente. No momento em que ele se moveu, o assassino segurou a arma com as duas mãos e atirou na cabeça de Jamie. A boca de Kennedy estava larga enquanto ela gritava,

antes de o assassino virar a arma para ela e disparar sua massa no centro.

Então, sem hesitação, como se ele não tivesse acabado de tomar duas vidas inocentes, o assassino estendeu a mão pelo balcão e retirou todo o dinheiro da gaveta do caixa, já aberta.

Ele ficou de costas para a câmera enquanto saía da loja. O ângulo da câmera nunca havia captado seu rosto - apenas dicas de seu perfil. Tudo o que podíamos ver era o simples capuz de carvão e jeans que ele usava. Quando ele tirou o dinheiro do caixa registrador, pudemos ver uma lasca de seu nariz, de pele clara e um pequeno tufo de cabelo castanho no ouvido. Os óculos de sol pretos cobriam os olhos e luvas pretas as mãos.

Com o caixa vazio, ele saiu da loja, deixando para trás dois cadáveres.

Deixando para trás uma jovem filha sem uma mãe, e uma esposa que teve que enterrar seu marido, em um funeral de caixão fechado.

Matt e eu nos sentamos em silêncio, ambos olhando para a tela enquanto ela passava. Eu tinha visto muitas coisas fodidas como policial, mas esse vídeo foi o pior. Talvez fosse porque eu conhecia Poppy. Talvez porque eu sabia o que aconteceu horas depois, quando apareci na varanda dela. Talvez porque a imagem do coração dela quebrando diante dos meus olhos era algo que eu nunca esqueceria.

Além de entregar a notícia a Poppy, de que seu marido havia sido morto, assistir a esse vídeo repetidas vezes foi a coisa mais difícil que já fiz como policial.

Matt parou o vídeo e quebrou o silêncio na sala. — Isso é fodido.

Eu assenti. — E para quê? Algumas centenas de dólares do registro? Não parece valer a pena, não é?

Matt sacudiu a cabeça. — Temos que encontrar esse cara.

Eu enfiei meus dedos de volta em minhas têmporas. — Passei por todas as fitas do complexo, todas as filmagens que recebemos do supermercado e de todas as outras lojas. Eu não consigo encontrar um vislumbre desse cara em qualquer lugar.

Matt suspirou. — O que significa que estamos no Plano B. Câmeras de luz dos semáforos.



— Sim.O que significa que se você está procurando por mim a qualquer momento antes das oito ou depois das cinco, eu estarei nesta sala.

Eu não tinha a mínima idéia de quanto tempo levaria para começar a capinar imagens da câmera no meu tempo livre. Um mês? Talvez dois?

Mas para Poppy, eu faria qualquer coisa. Eu me sentaria nesta maldita sala e sairia do trabalho todas as noites com uma dor de cabeça, apenas pela chance de dar-lhe algum encerramento.

Porque o fechamento era a única coisa que ela ansiava tanto quanto o amor. Ela estava desesperada para alguém dizer a ela que estava tudo bem em começar a viver novamente. E já que ela com certeza não iria conseguir dos pais de Jamie, eu faria o meu melhor para dar a ela, eu mesmo.

Nestas últimas duas semanas, ela construiu uma parede de tijolos entre nós. Quando eu ia ao restaurante para jantar, ela estava ocupada demais na cozinha para ficar sentada comigo por mais de dez minutos. Quando eu enviava uma mensagem para o celular, ela respondia com respostas curtas.

Eu: Como foi seu dia?

Poppy: Muito bem.

Eu: Você se importa se eu for ao restaurante para o jantar?

Poppy: Claro. Isso é bom.

Eu: Você está bem?

Poppy: Estou bem.

Bem. As coisas não estavam *bem*. Mas se ela achava que poderia me excluir, Poppy Maysen tinha algo a aprender.

Eu não ia a lugar nenhum.

Eu sabia que entrando nessa coisa com ela que a estrada seria difícil. Que ela tinha mais a superar do que eu poderia imaginar. Eu tive que dar tempo a ela. Então, enquanto esperava que ela percebesse que eu era a nova constante em sua vida, eu estava aqui, assistindo a vídeos.



E arrumando aquele velho caminhão.

Eu tinha esquecido o quanto gostava de mexer em carros clássicos. Quanta diversão eu tive quando criança trabalhando em velhos batedores com meu pai. Além dos meus breves encontros com Poppy, aquele caminhão tinha me dado algo para se distrair, no final de cada dia longo.

Eu acabei o levando para a casa dos meus pais, porque meu pai tinha ferramentas melhores e uma garagem maior. Ele ficou mais do que feliz em dividir o espaço da garagem, emocionado por entrar no projeto comigo. Mamãe estava feliz porque eu estava lá quase todas as noites, nas últimas duas semanas.

Todas as noites, exceto quando Poppy estava lá para suas aulas de ukulele.

Aquelas noites, eu dei a ela algum espaço.

— Você deveria sair daqui. — Matt desligou a TV.

— Acho que vou. — Sair soou como uma maldita boa idéia. Eu precisava de algum tempo longe desta sala. Algum tempo para pensar sobre o caso. — Vejo você segunda-feira. —

Matt acenou com a cabeça quando nós dois nos levantamos e voltamos para nossas mesas. Eu não perdi um segundo pegando minhas chaves, óculos de sol e carteira e dando o fora da estação.

No minuto em que saí para o estacionamento, minha dor de cabeça começou a diminuir. Eu debati indo para casa, mas quando passei por uma loja de conveniência, tive uma ideia melhor. Com um pacote de seis[4] no banco do passageiro, fui até a casa dos meus pais, para passar a noite trabalhando na caminhonete de Jamie Maysen.

Ainda era cedo - apenas quatro da tarde - quando cheguei na casa da mamãe e do papai, o que significava que eu tinha a garagem para mim. Papai ainda não estava em casa e mamãe estava ensinando em seu estúdio. Então me deixei entrar, tirei minha arma e distintivo, troquei minha polo Bozeman PD por uma camiseta branca simples, que eu escondi na parte de trás da minha caminhonete. Eu tirei a

[4] Referência a embalagem de cerveja

tampa de uma cerveja e comecei a trabalhar, deixando o barulho das ferramentas no metal abafar os tiros silenciosos do vídeo do assassinato, que eu assisti muitas vezes.

Três horas depois, eu destruí completamente o interior do carro. O banco havia sido retirado, junto com as tábuas do assoalho. O volante e os painéis das portas tinham sumido. Eu até removi o rádio, o porta-malas e os manómetros. A única coisa que ficara era o painel preto, que estava em boa forma, mas precisava de uma limpeza e condicionamento.

Com o interior basicamente uma concha, eu comecei nos itens menores, usando uma chave de fenda para tirar a viseira do lado do motorista. Eu apenas soltei um parafuso quando a viseira se abriu e uma foto caiu no chão.

Pousei a chave de fenda e limpei as mãos no meu jeans antes de levantar a foto.

Era uma foto de Poppy e Jamie da faculdade. Jamie tinha os braços ao redor do peito de Poppy, seu queixo descansando em seu ombro. Ambos sorriam para a câmera enquanto estavam em fila no estádio de futebol da MSU.

Droga. Ela parecia feliz. Tão fodidamente feliz.

Meu coração batia forte enquanto eu estudava o rosto de Poppy. Ela não mudou muito desde a faculdade. Alguns dos jovens que ela tinha na foto tinham sumido - e a dor havia apagado um pouco de sua inocência - mas ela era tão bonita agora quanto estivera naquela época.

Tão bonita, mas nem de longe tão feliz.

Eu queria ver esse tipo de alegria crua no rosto dela novamente. Eu queria ser o homem que colocou lá.

Eu. Não Jamie.

— Ei.

Meus olhos se voltaram para a porta da garagem. Tão perdido na minha inspeção da foto dela, eu não tinha ouvido a própria mulher entrar. Mas lá estava ela. Minha linda Poppy. O sol a iluminou em um halo de âmbar, e meu coração fez aquela estranha batida dupla antes de eu encontrar minha



voz. — Oi.

— Desculpe se eu te assustei. — Ela caminhou em direção à parede distante, onde todos os bancos de ferramentas do papai estavam alinhados.

— Tudo bem. — Eu contornei o capô do caminhão para me juntar a ela, segurando a foto. — Aqui. Eu acabei de encontrar isso.

Ela tirou a foto e sorriu. — Olha como nós éramos jovens. Isso parece uma vida inteira atrás. — Com um dedo, ela tocou o rosto de Jamie e colocou a foto de lado em uma bancada de trabalho.

Eu esperei, me perguntando sobre a parede que ela construiu entre nós, mas ela me surpreendeu, plantando as duas mãos no topo do banco e pulando para se sentar.

Isso significava que ela estava acabando de me desligar? Não mais me evitando? Porque isso iria transformar minha longa semana de merda.

— Você sabe, — ela disse, — acho que aquela foto foi a última vez que fui a um jogo de futebol da Bobcat. Eu meio que quero ver o estádio expandido. Você iria a um jogo comigo neste outono?

— Num piscar de olhos.

Isso me deu o sorriso que eu não via há muito tempo.

Porra, eu senti falta dela nas últimas duas semanas. Aquele sorriso. A risada dela. Seus gestos malucos. A distância que ela colocou entre nós estava me matando.

Ela apontou para o caminhão. — Como vai o progresso?

Eu me virei e me inclinei contra o banco, meu quadril ao lado de seu joelho. — Bem. Acho que vou conseguir fazer todo o interior sozinho. Consegui pedir um novo assento e todas as peças. Eu tenho um cara vindo para substituir o para-brisa na semana que vem, e perguntei a um amigo do papai se ele pode ajudar com as coisas do corpo e pintura.

— Me desculpe, eu não posso ajudar. Mas você está anotando o quanto eu devo a você, não é? —

— Certo. —



Seja qual fosse o total, eu estava batendo na metade. Não havia como ela pagar por todo esse caminhão, não importasse o que ela dissesse. Não quando ela estava tentando administrar um novo negócio, para sustentar seus empregados e ela mesma.

— Acho melhor que você salve os recibos.

Eu ri. Nunca deixava de me surpreender o quanto ela conseguia ler meus pensamentos. — Quais as novidades? Tudo indo bem?

— Eu estou bem. — Ela assentiu. — Eu acabei de terminar uma aula com sua mãe e vi seu caminhão, então vim dizer oi.

Minhas sobrancelhas se juntaram. — Eu pensei que suas aulas eram às terças-feiras.

— Elas são, mas pedi para mudar esta semana. Eu tirei a tarde toda para um compromisso. — Ela alcançou a gola de sua camisa. Ela não estava vestindo sua camiseta normal de restaurante hoje. Em vez disso, ela usava algum tipo de sutiã esportivo com um moletom solto de mangas curtas por cima. A gola tinha sido cortada de modo a cobrir um dos seus ombros, provocando-me com um pedaço de pele impecável.

Quando ela puxou a gola larga, eu enfiei a mão no meu bolso, para que eu não ficasse tentado a ver o quão sedosa essa pele era. Meu pau empurrou contra o meu zíper, enquanto ela continuava puxando o colarinho mais e mais, esticando-o para que seu ombro estivesse completamente nu.

— Está vendo? — Ela inclinou as costas para mim e me inclinei para mais perto.

— Você fez uma tatuagem hoje?

Ela assentiu e espiou por cima do ombro. — Minha primeira e única. Essa coisa doeu como uma merda.

Eu sorri abertamente. — Eu vou tomar sua palavra para isso.

— Nenhuma tatuagem?

Eu balancei a cabeça. — Ainda não. Eu simplesmente não consigo pensar em nada que eu queira ter. — Eu apontei para a blusa dela, querendo segurá-la para que eu pudesse olhar mais de perto. — Posso?



— Continue.

Meus dedos substituíram os dela pelo colarinho e eu gentilmente puxei para baixo. Tive o cuidado de não tocar em sua pele, sabendo que seria macia, mas também para que meu pau não tivesse nenhuma idéia de onde isso estava indo.

No ombro direito, coberto de plástico, havia uma longa série de letras delicadas - *o restante ainda não foi escrito*.

— Eu gosto disso. — Eu esperava alguma tatuagem que ela pudesse ter sobre Jamie, mas isso parecia mais algo para ela. — O que isso significa?

— É uma letra de música. Algo que sempre ficou comigo. — Ela ajeitou a camisa por cima do ombro enquanto meus dedos deixavam passar. — Os primeiros anos após a morte de Jamie foram difíceis. Não vi muito de nossos velhos amigos. Somente eu, apenas guardei para mim mesmo. Trabalhei como recepcionista para o consultório de um dentista até comprar o restaurante e, se não estava no trabalho, passava meu tempo em casa, ou com Finn e Molly.

Eu balancei a cabeça e fiquei quieto, não querendo que ela parasse.

— Mas depois de três anos, comecei a sair mais. Eu comecei a encontrar velhos amigos. Eles sempre conversavam comigo como nos velhos tempos, mas assim que eu me afastava, eu os ouvia sussurrar *viúva*. Essa foi a primeira palavra que eles usaram para me descrever nas minhas costas. Aquela pobre viúva, Poppy Maysen.

Ela olhou, sem piscar, para o caminhão enquanto falava, enquanto a raiva brilhava em seus olhos.

— Eu odeio essa palavra. Viúva. — Suas mãos se fecharam em punhos na bancada de trabalho. — Toda vez que ouço isso, eu quero gritar. As pessoas dizem que viúva é como quem eu sou agora. Como se espera que eu permaneça nesse estado permanente de pesar. Como se fosse inaceitável pensar em seguir em frente com minha vida.

Ela não precisava dizer seus nomes, mas eu sabia que ela estava se referindo aos pais de Jamie.



— De qualquer forma. — Ela relaxou as mãos. — Foi quando eu comecei a pensar em fazer a lista de aniversários de Jamie. E é isso que minha tatuagem significa.

— Que o resto da sua vida ainda não foi escrito.

Ela assentiu e trancou seu olhar azul com o meu. — Eu tenho pensado muito sobre você nessas últimas semanas.

— Sim? — Meu peito apertou enquanto eu me preparava para ela vomitar na parede. Enquanto esperava que ela me dissesse que eu não faria parte da vida não escrita.

— Sim. — Ela olhou para o colo. — Você assusta o inferno fora de mim, Cole — ela sussurrou.

— É por isso que você está me evitando?

— Eu sinto muito. Eu só precisava de um tempo para pensar.

Eu queria tocá-la, inclinar o queixo para que ela olhasse para mim, mas mantive minhas mãos apertadas ao meu lado. — E o que você pensou?

— Eu gosto de você — ela disse a seus dedos. — Eu gosto muito de você.

A tensão correu para fora dos meus ombros e soltei um suspiro. *Ela gosta de mim*. Essa foi boa. Não, isso foi ótimo. Se ela estivesse realmente disposta a reconhecer seus sentimentos por mim, minha batalha difícil poderia começar a nivelar. — Eu também gosto muito de você.

— Mas eu...

— Espere. — Meu dedo voou para os lábios dela. — Deixe-me dizer algo antes de tirar a melhor sensação que tive em semanas.

Ela sorriu contra a minha pele.

— Eu não estou tentando tomar o lugar de Jamie ou apagar sua memória, ou fazer você esquecer que o amava. Estou apenas tentando explorar essa coisa entre nós. Eu me aproximei, descansando meu quadril contra sua coxa.

Sua respiração engatou sob o meu dedo e eu a larguei, descansando minha mão no outro lado do seu colo, a prendendo no meu espaço.



— O que eu ia dizer era — seus olhos seguraram os meus enquanto sorriam, — que eu gostaria de levar as coisas devagar e só ver o que acontece.

Lento. Ela não ia recuar ou me manter a distância. Ela só queria levar isso devagar. E lento definitivamente eu poderia lidar.

— Deus, eu quero beijar você. — Eu queria tirá-la e levá-la aqui mesmo nesta bancada, mas como ela não estava pronta para isso, eu me contentaria com um beijo. — Isso assusta você?

Ela assentiu.

— Você quer que eu te beije, Poppy?

Ela não se mexeu. Ela apenas olhou nos meus olhos, enquanto nossas respirações se misturavam. Então, ela fez todo o meu ano, me dando o menor aceno de cabeça.

Fechei os centímetros entre nós até meu nariz roçar contra o dela. Parei quando ela ficou tensa, depois esperei, sem mover um músculo. Mas assim que eu estava prestes a me afastar e dar-lhe algum espaço, ela se inclinou em meus lábios com uma escovação hesitante.

— Cole! Você quer pizza?

Poppy e eu nos afastamos, nossas cabeças virando para mamãe enquanto ela entrava pela porta lateral da garagem.

— Porra — eu murmurei ao mesmo tempo que Poppy choramingou.

Saí do espaço de Poppy e franzi a testa para mamãe. Ela não teria sido capaz de nos ver pela porta lateral, então eu não poderia ficar muito bravo, mas maldição - beijo bloqueado por minha mãe. Parecia o tempo na escola, quando ela me pegou fazendo com a minha namorada na garagem.

— Oh, Poppy! — Mamãe disse, andando pelo caminhão velho. — Eu não sabia que você ainda estava aqui. Estamos pedindo pizza. Você ficará?

Ela sorriu. — Certo. Obrigada, Mia.

— Cole e Brad gostam de carne, mas eu pego a vegetariana. Tudo bem?

— Parece bom.



— OK! Eu te aviso quando chegar aqui. Mamãe piscou para mim antes de se virar e sair pela porta.

Passei a mão pelo meu cabelo e demorei alguns segundos para controlar meu pau. Ele teve a idéia de que estaria recebendo mais do que apenas a minha mão esta noite e estava preso contra o meu zíper, pronto para sair e brincar.

Os dedos de Poppy estavam trabalhando em círculos emaranhados, o lábio inferior entre os dentes.

— Desculpa. — Eu levantei minhas mãos. — Você disse devagar.

Ela balançou a cabeça. — Está bem. Eu estou apenas...

— Ei. — Eu andei de volta em direção ao banco, prendendo as suas mãos entre as minhas, antes que elas se agitassem. — Nós vamos devagar até que você esteja pronta para acelerar o ritmo. Apenas me dê o sinal quando estiver pronta. — Eu deixei-a ir e demonstrei a minha versão de sua coisa no pulso. — Ok. Me dê esse sinal.

Ela riu. — OK.

Eu andei pelo banco até a mini geladeira e peguei outra cerveja. — Quer uma?

— Sim por favor.

Eu abri a garrafa e entreguei. Derrubando o liquido de cor âmbar aos lábios, ela deu um longo gole. O jeito que sua garganta sexy se movia enquanto ela bebia não estava fazendo nada para ajudar o problema no meu jeans.

Largou a cerveja e deixou os olhos vagarem pelo banco de ferramentas. Eles demoraram-se na minha arma e distintivo a poucos metros de distância. — Eu posso, hum... — Ela apontou para minha arma.

Eu abaixei minha cerveja e peguei a Glock, deslizando-a para fora do coldre. — Certo. A segurança está ligada e eu a descarreguei quando cheguei aqui.

Ela segurou-a com cuidado na palma da mão. — Eu não sei muito sobre revólveres. Eu só usei um rifle quando fiz a segurança do caçador, quando criança. É



pesada. — Lentamente, ela envolveu o aperto com as duas mãos. Você segura isto assim?

Eu balancei minha cabeça e reposicionei as mãos dela, de modo que uma delas estivesse em volta do aperto e a outra sob a base para suportar seu peso. — Veja isso. Esta arma seria muito grande para você sem muita prática. Tem um grande recuo e é feita para mãos maiores. A maioria das oficiais femininas que conheço, tem uma versão menor disso.

Este provavelmente enviaria seus braços sobre a cabeça e a balançaria para trás um pé ou dois.

Tipo como o assassino levou o recuo na loja de bebidas.

Que porra é essa? Minha mente começou a correr. Como eu não pensei nisso? Como alguns de nós não pensamos nisso? E se o assassino de Jamie fosse uma mulher?

Passei a mão pelo meu rosto quando as coisas amanheceram sob uma nova luz. Simmons não tinha realmente fodido este caso de assassinato. Ele apenas olhou para ele do ângulo mais óbvio. Ele estava procurando por um homem.

Todos nós tínhamos ido à procura de um homem.

— Cole?

Eu pisquei e me concentrei de novo em Poppy. — Desculpa. Eu estava pensando em alguma coisa. Eu tirei a arma das mãos dela e guardei.

— Está tudo bem? — Ela perguntou, as sobrancelhas franzidas.

Eu sorri e menti. — Sim. Tudo ótimo. Você quer ficar comigo enquanto eu trabalho no caminhão antes do jantar, ou você quer entrar e conversar com a mamãe?

— Eu estou bem aqui.

Ela estava. Ela estava perfeita bem aqui.

E ela ficaria ainda melhor se eu pudesse encontrar o assassino de Jamie.



CAPÍTULO 12

39º Aniversário: Entrar num taxi e gritar: Siga aquele carro!

Poppy

— Estou derretendo. — Molly abanou o rosto dela.

— Eu também. Eu só espero que o táxi tenha ar condicionado.

Foram três dias depois de eu ter feito minha tatuagem e admitido meus sentimentos com Cole, e Molly e eu estávamos do lado de fora do restaurante. Suor escorria nas minhas têmporas enquanto olhávamos para a rua, na esperança de ver um sedan com a luz do seu táxi acesa.

— Oooh! — Molly ficou na ponta dos pés e olhou para a rua. — Ali vem. Ok, estou indo.

Com um enorme sorriso, ela correu ao redor de seu SUV, entrando e puxando para a rua no segundo em que o táxi entrou no estacionamento.

Ok, Jamie. Aqui vai.

Eu respirei fundo, em seguida, empurrei no banco de trás do táxi, abrindo a porta e mergulhando dentro.

— Siga esse carro! — Eu gritei para o motorista, apontando para o Explorer de Molly.



— O quê? — O taxista olhou por cima do ombro.

— Siga esse carro! — Eu balancei meu dedo e dei a ele o meu *vá,* olhar de poucos *amigos*.

— Olha, senhora...

— Apenas vá! Por favor!

Ele franziu a testa, mas apertou o acelerador, empurrando o táxi para o tráfego e se aproximando de Molly.

— Ela poderia pelo menos ir um pouco mais rápido, — eu murmurei.

— O que é que foi isso? — O motorista perguntou no espelho retrovisor.

— Nada. Apenas por favor, siga o carro.

E ele fez. Ele seguiu Molly pelo quarteirão e voltou ao estacionamento do restaurante.

— Obrigado, senhor.

— O quê? É isso aí?

Eu balancei a cabeça e enfiei a mão no bolso por vinte. — É isso aí. Obrigada.

Entregando-lhe o dinheiro, saí do táxi e voltei para dentro do restaurante, onde Molly estava esperando.

— Pronto? — Ela perguntou. — Como foi?

— Minha corrida de táxi de um minuto? Caro.

Ela riu. — Bem, pelo menos esse foi fácil. Agora você pode riscá-lo da lista.

Através das janelas, eu mantive meus olhos no táxi enquanto ele voltava para a rua. — Jamie teria pensado que isso era hilário. Ele provavelmente teria filmado a coisa toda para postar no Facebook.

— E ele provavelmente teria se vestido de terno ou algo assim, fingindo ser um agente secreto.

Eu assenti. — Sim. Ele teria mapeado toda essa rota para eu dirigir, para que ele pudesse me seguir por toda a cidade e acabar neste lugar modesto. Ele teria



planejado essa perseguição épica.

— Eu acho que você está certa.

Molly e eu compartilhamos um sorriso triste. Nossa pequena aventura tinha sido mansa em comparação com o que meu marido teria planejado, mas eu ainda estava feliz por termos feito isso juntas.

— OK. De volta ao trabalho. — Ela se virou e caminhou em direção ao balcão.

— Sim, chefe. — Eu tinha dado três passos para longe da porta quando ela se abriu atrás de nós. Olhei por cima do ombro e parei quando vi Cole.

— Oi. — Meu sorriso aumentou quando minha respiração engatou.

Sentia-me livre para aproveitar o engate. Para aproveitar a aceleração do meu batimento cardíaco e o nervosismo que tive quando ele estava perto. Porque agora que eu tinha colocado para fora, agora que eu tinha admitido a Cole meus sentimentos, eu tinha me dado permissão para desfrutar de tudo.

O que eu disse a ele era verdade. Eu tinha pensado muito sobre ele nas semanas após a minha viagem ao rancho de Kyle e Debbie. E apesar de uma parte de mim ter pensado que a vida seria mais fácil se eu simplesmente o cortasse, eu não consegui.

Durante essas duas semanas, eu me encontrei digitando textos que nunca tinha enviado. Eu fiz para ele jantares especiais que ele nunca viria para comer. E percebi que a vida era curta demais para perder alguma coisa... Qualquer coisa.

Porque esse era o ponto da lista de Jamie. Não perder.

Então eu não ia sentir falta disso com Cole.

— Oi. — Ele estudou meu rosto quando ele alcançou meu lado.

— O quê? — Parei de sorrir para poder passar a língua sobre os dentes. Eu não conseguia sentir nada, mas mantive meus lábios apertados quando perguntei: — Eu tenho algo preso nos meus dentes?

Ele sorriu e abanou a sua cabeça. — Não. É legal ver esse sorriso. Eu não consegui ver muito ultimamente.



Minhas bochechas coraram quando meu sorriso voltou. — Isso é doce.

Ele assentiu. — Gentil de sua parte.

— Aww! — Molly desmaiou quando ela apareceu ao meu lado. — Diga outra coisa assim. Eu estou vivendo indiretamente através do seu romance.

— Ignore-a — eu disse a Cole, agarrando a mão de Molly antes que ela pudesse começar a acariciá-lo. — Você não estava apenas dizendo que precisávamos voltar ao trabalho?

— Motorista e escrava, — ela resmungou enquanto eu a arrastava para o balcão.

Atrás de nós, Cole riu enquanto seguia.

O restaurante estava vazio - daí a nossa corrida de táxi -, mas logo a multidão estava chegando para pegar as refeições a caminho de casa do trabalho e a corrida do jantar estaria a todo vapor. Mas por enquanto, Molly, Helen e eu estávamos aproveitando a calmaria e nos preparando para o trabalho de preparação.

— É melhor eu ir ao escritório pagar algumas contas. Chame, se precisar de ajuda. — Molly encheu um copo do grande jarro de água com limão, depois sorriu para Cole enquanto desaparecia na cozinha.

— Oi, Cole. — Helen espiou debaixo de seus cílios enquanto rolava talheres atrás do balcão.

— Olá, Helen. — Ele sorriu para ela e o rosa em suas bochechas ficaram vermelhos.

— Posso pegar algo para você? — Eu perguntei ao Cole.

Ele afundou no banco à minha frente - o que ficava ao lado do de Randall, que Jimmy alegara ser seu - e suspirou. — Eu tenho uma puta dor de cabeça. Eu pensei que alguma cafeína poderia ajudar.

— Desculpa. — Minha mão alcançou sua têmpora, mas congelou quando eu estava a centímetros de distância.

Isso é o que sempre fazia quando Jamie ficava com dor de cabeça. Eu esfregava as têmporas dele e penteava seu cabelo com meus dedos, até que a dor se aliviasse.



Meus olhos vagaram da minha mão para o olhar de Cole. Seus olhos estavam esperando, implorando silenciosamente pelo meu toque. Com um coração acelerado, coloquei a palma da mão no lado do rosto dele. Meu polegar estava em sua têmpora enquanto as pontas dos meus dedos enfiavam-se em seus cabelos, massageando seu couro cabeludo.

Cole fechou os olhos e relaxou a cabeça na minha mão. Quando ele soltou um suspiro, todo o restaurante desapareceu, deixando apenas eu e Cole - minha mão em seu cabelo macio.

Depois de alguns minutos, ele abriu os olhos. — Obrigado.

— Melhor?

Ele assentiu. — Muito melhor.

— Boa. — Eu relutantemente tirei a mão do seu rosto. — Que tipo de café você quer?

— Surpreenda-me.

Sorrindo, voltei para a máquina de café expresso, começando a trabalhar no meu assassino pessoal de dor de cabeça - um mocha de dose tripla com uma bomba extra de chocolate.

Enquanto eu trabalhava, um contentamento profundo tomou conta de mim. Ter Cole no restaurante parecia... Certo. Nas duas semanas que eu tentei afastá-lo, eu não me sentia assim, exceto pelas vezes em que Cole tinha vindo jantar. Aquelas noites eu estava muito — ocupada — para sentar com ele.

Quem sabia o que aconteceria entre nós. Talvez Cole e eu acabássemos sendo apenas amigos. Talvez ele não quisesse ter filhos, se tornasse um pateta ou se transformasse em um fanático do Fantasy Football durante a temporada de futebol. Ninguém sabia o que nos tornaríamos.

Mas eu queria descobrir.

E eu confiava que ele cuidaria do meu coração danificado.

Seu café foi feito, eu coloquei na mesa, então fui até a geladeira para pegar uma das tortas de creme de banana, que fiz antes. — Aqui. Cafeína e Açúcar. Você estará novo em folhas antes de sair.



Ele sorriu e cavou direto na torta. — Porra mulher, você sabe cozinhar.

— Estou feliz que você tenha entrado. Eu preciso te perguntar uma coisa.

Ele parou de mastigar. — Uh-oh.

— Não é ruim e você não precisa dizer sim. Eu sempre posso perguntar ao Finn.

Ele balançou a cabeça e engoliu em seco. — Não, eu vou fazer isso.

— Você não sabe o que é.

Cole encolheu os ombros. — Não importa.

— Claro que sim.

Ele deu de ombros novamente. — Na verdade, não.

— E se eu pedir para você me comprar tampões? — Jamie sempre se recusara a entrar no corredor de produtos femininos da mercearia. Eu tinha certeza que Cole faria o mesmo.

— Me escreva o que você precisa e eu vou para a loja mais tarde.

Quando ele deu outra mordida, eu bati meus dedos no balcão. — E se eu pedir para você me levar para um filme estrangeiro? — Eu tinha certeza que ele passaria isso. Eu nunca conheci um homem que gostasse de filmes estrangeiros, nem que eu fosse louca por eles também.

— Eles não são meus favoritos, mas contanto que eles tenham pipoca e Milk Duds, eu estou dentro.

— OK. Eu tenho um. — Eu dei a ele um sorriso maroto. — E se eu te pedir para quebrar a lei?

— Como puxar um maldito alarme de incêndio? — Ele zombou e apontou a colher para o meu nariz. — Esse é um item da lista que você não vai fazer, a propósito. Não quando você pode acabar com uma multa enorme ou um ano na cadeia.

Eu fiz uma careta. Eu não tinha idéia de como terminaria aquele item da lista de Jamie, mas claramente, eu não pediria ajuda a Cole. Talvez eu visse se Jimmy tinha alguma idéia.



Cole engoliu outro pedaço de torta. — Você vai me fazer sua pergunta ou apenas jogar hipotéticos a tarde toda? Porque em algum momento, eu preciso voltar para a delegacia, e aconteceria muito mais rápido se você percebesse que, além de violar a lei, eu direi sim para qualquer coisa que você pedir.

Eu sorri e me inclinei mais perto. Molly definitivamente teria desmaiado sobre isso. — Eu tenho que ir a um casamento no sábado. — Minha colega de quarto de primeiro ano vai se casar e eu gostaria de ir. Eu não a via há alguns anos, mas ela era a única amiga do meu passado que não me tratou de forma diferente porque meu marido havia sido assassinado. — Você iria comigo?

Cole ergueu os olhos de sua torta. — Como um encontro?

Encontro.

Talvez essa palavra não fosse tão assustadora, afinal.

— Sim. Como um encontro.

11

— Você está... — Cole engoliu em seco, — Deslumbrante.

— Obrigada. — Eu alisei a saia do meu vestido verde-floresta. Ele tinha um design simples, mas foi ajustado no corpete para os meus quadris e joelhos. Eu não usava esse vestido há anos, mas ainda se encaixava perfeitamente e me dava a ilusão de curvas e decote.

Eu olhei para cima dos meus saltos nude patente, deixando meus olhos se demorarem em Cole. — Não está ruim mesmo, detetive.

Ele estava vestindo uma camisa branca de botões enfiada em algumas calças de carvão. O cinto de couro apertado em sua cintura estreita acentuou seus ombros largos. E suas pernas pareciam longas - muito longas - e suas coxas mais grossas do que elas vestiam com jeans.

Eu estava vergonhosamente olhando para seus quadris altos quando ele limpou a garganta. — Pronta para ir?



Eu balancei a cabeça, esperando que o calor nas minhas bochechas não fosse muito vermelho, e desci a varanda. — Isso é meio estranho, ter você aqui novamente. — Esta noite foi a primeira vez que Cole me pegou em casa, em vez do restaurante.

— Sim. — Ele estendeu a mão, mas não disse mais nada sobre aquela noite.

Quando eu coloquei minha mão na sua, os nervos no meu estômago se estabeleceram no instante em que nos tocamos.

Uma hora depois, fomos esmagados juntos em um banco de madeira na igreja. No altar, minha amiga estava dizendo seus votos a um homem que olhava para ela como se ela fosse a única pessoa no santuário.

Eu estava lutando contra a queimadura e inchaço na garganta desde o momento em que ela andou pelo corredor. No momento em que ela disse *que sim*, perdi a luta e lágrimas inundaram meus olhos.

Eu nunca chorei em um casamento antes. Nunca. Nem mesmo o meu.

Talvez tenha sido porque este foi o primeiro casamento em que eu estive, desde que Jamie morreu. Talvez fosse porque os votos tradicionais que eles trocaram eram exatamente os mesmos que eu disse a Jamie. Talvez eu estivesse me tornando mais sentimental. Seja qual for o motivo, eu estava prestes a perdê-lo completamente.

Respire. Não chore. Não chore. Mas não importa quantas vezes eu disse a mim mesma para não chorar, eu fiz isso de qualquer maneira. Um fluxo constante de lágrimas derramava sobre minhas pálpebras mais baixas e eu golpeei furiosamente para que não borrassem minha maquiagem. Eu funguei quando limpei minhas mãos no meu vestido, secando-as para que eu pudesse voltar para o meu rosto. Assim que eu os levantei pela segunda vez, Cole pegou minha mão entre a sua.

Eu olhei para cima através dos olhos embaçados quando ele colocou um lenço na minha mão.

— Mamãe sempre chora em casamentos — ele sussurrou com um sorriso.

Cole não disse, *não chore*.Ele não se importava se eu perdesse agora e depois. Ele só me deu um



pouco de aço extra para minha espinha, na forma de um lenço branco liso.

Eu solucei uma risada, pegando o lenço de suas mãos para secar meus olhos. Então, encostando-me no lado de Cole, agarrei o lenço e usei-o para impedir que meu rímel corresse enquanto a cerimônia terminava e os convidados levantassem para aplaudir o casal recém-casado.

— Ela está linda — eu disse enquanto minha amiga e seu marido passavam pela nossa fila.

A mão de Cole chegou às minhas costas enquanto ele se aproximava. — Você também.

Eu estava um desastre. Eu não precisava de um espelho para saber que minha pele clara estava manchada pelo choro e meus olhos estavam tão vermelhos quanto o meu cabelo. Mas meu coração ainda inchou com o elogio de Cole e eu sorri para ele, por cima do meu ombro. — Obrigada.

Ele levantou a mão, usando o polegar para limpar uma mancha na minha bochecha. — Quer ouvir um segredo?

Eu assenti.

Ele se inclinou mais, pressionando seu peito quente contra minhas costas. Sua respiração fresca e mentolada franziu contra a minha bochecha enquanto ele sussurrava: — O cara na sua frente tem sua camisa desfeita.

Eu soltei uma risada, apesar de parecer mais como uma bufada, e me virei, tentando ver indiferentemente a camisa do meu vizinho. Com certeza, estava desfeita. As caudas azuis de sua camisa estavam espreitando para fora de suas calças.

Eu olhei de volta por cima do meu ombro para um Cole sorridente. Com uma piada boba, ele fez tudo melhor. Jamie sempre fez isso por mim - me deu brevidade. Exceto onde Jamie sempre achou que as piadas eram apropriadas, Cole as guardou para quando fosse a hora certa.

Enquanto nós lentamente nos arrastávamos para a linha de recepção, as diferenças entre Cole e Jamie filtraram minha mente. Eu estava obedientemente tentando não comparar os dois, principalmente porque não havia nenhum ponto - isso não

era uma competição -, mas também porque provocava dúvidas sobre o relacionamento que eu tive com Jamie.

Ele sempre esteve tão relaxado, às vezes descuidado, o que me deixava louca. Eu estava me perguntando ultimamente como o nosso relacionamento teria mudado, se tivéssemos tido tempo. Suas piadas constantes teriam ficado velhas? Ele teria deixado algumas de suas tendências de grande garoto e amadurecido? Eu sempre fui o adulto em nosso relacionamento. Eu teria ficado cansada de sempre ter que ser o adulto?

Não. Nós estaríamos bem. Pensar em outra coisa só me deixou triste. E com risos e pessoas felizes ao meu redor, eu não queria ficar triste. Então eu ignorei esses pensamentos e me juntei a Cole, enquanto ele visitava os outros convidados e esperávamos para parabenizar a noiva e o noivo.

Duas horas depois, jogamos o arroz, ouvimos brindes e comemos nosso bolo.

E agora, era hora de dançar.

— O que você diz, bonita Poppy? — A mão de Cole deslizou pela minha parte inferior das costas enquanto estávamos ao lado do bar. — Quer dançar?

— Certo. — Então eu deixei a pressão suave das pontas dos dedos me guiar para a pista de dança.

Cole me pegou em seus braços com uma mão segurando meu quadril, enquanto a outra segurava minha mão entre nós. Minha mão livre deslizou pelo peito dele, descansando em seu esterno. Por baixo do algodão fino de sua camisa, seu batimento cardíaco parecia rápido - mais forte que o normal. Aposto que se eu tocasse meu próprio peito, o meu próprio combinaria.

— Se divertindo? — Ele me balançou com a música.

Eu assenti. — Obrigada por vir comigo. Eu não fui a um casamento desde então... Você sabe.

— O que você precisar, eu estarei lá em um piscar de olhos.

Eu relaxei em seus braços, descansando minha cabeça ao lado da minha mão. Quando seu queixo atingiu o topo da minha cabeça, soltei um suspiro.



Isso é legal. As luzes de fadas acima de nós estavam brilhando. A voz do cantor era reconfortante. E tão brega como parecia na minha cabeça, o amor estava no ar. Essa dança com Cole foi, talvez, a dança mais romântica que eu tive... Desde sempre.

Eu sempre tive que implorar a Jamie para retardar a dança comigo. Sua idéia de dançar era uma chave inglesa rápida, ou um monte de coisas, como se estivéssemos em um clube de luta. A última vez que ele me segurou perto foi no nosso casamento. Mesmo assim, ele estava tão distraído - acenando para as pessoas que nos observavam - nossa dança não tinha muita ternura.

Nada como esse momento com Cole.

— Como foi o seu casamento?

— Agitado. — Eu fiz uma careta. — Jamie não tinha interesse em planejar o casamento, então fiz tudo sozinha. Eu queria um pequeno e agradável encontro no Alasca, mas Jamie queria uma grande festa no rancho. Nós realmente fizemos uma grande briga sobre isso e acabamos fazendo as duas coisas. Nos casamos no Alasca e depois fizemos uma festa no rancho.

— Bom compromisso.

Eu zombei. — Na verdade, não. Foi o dobro do trabalho que deveria ter sido. Mas Jamie não era conhecido por suas habilidades comprometedoras. Quando acabou, estávamos na garganta um do outro.

Tão relaxado quanto Jamie tinha sido, sua tendência competitiva tinha sido lendária. Às vezes, acho que ele gostava de discutir comigo apenas para provar que ele poderia ganhar. Nós entraríamos em pequenos debates inocentes, que se transformariam em brigas de arrasar, porque ele nunca admitiria que eu poderia ter um ponto. Depois de anos juntos, eu comecei a deixá-lo ganhar. Eu largava minha postura e ficava do lado dele para evitar a batalha, mesmo quando no fundo eu não concordasse.

Eu me inclinei para olhar Cole. — Você sabia que eu amo jogar jogos de tabuleiro?

— Não. — Ele balançou sua cabeça.



— Sim. Mas eu não toco desde a faculdade. Jamie *tinha* que vencer. Levou toda a diversão com isso. Eu odiava...

Pare. O que eu estava fazendo? Falando mal do meu marido quando ele não estava aqui para se defender? Eu deveria estar honrando sua memória, não questionando tudo sobre ele. Sobre nós.

— Você odiava o quê? — Cole perguntou.

— Nada. — Eu olhei para o chão. — Eu não deveria estar falando sobre Jamie assim. Ele foi o melhor. Ele apenas gostava de ganhar e talvez eu fosse uma má perdedora.

Cole usou o dedo para levantar meu queixo. — Ninguém é perfeito. Só porque ele tinha algumas falhas não significa que você o amou menos. Todos nós temos nossas fraquezas. Isso é o que nos faz humanos.

— Eu não deveria estar reclamando sobre ele. Não é justo e não quero que você pense mal dele.

Seu dedo deixou meu queixo enquanto sua mão emoldurava minha bochecha. — Eu nunca pensarei mal sobre ele. Eu provavelmente vou estar sempre com ciúmes. Ele teve você em primeiro lugar, e por mais que eu esteja tentando ser um adulto sobre isso, eu mesmo tenho uma tendência competitiva. Mas eu nunca pensarei mal dele. Ele foi especial para você, o que o torna especial para mim. Fraquezas e tudo mais.

Eu olhei em seus lindos olhos verdes enquanto as preocupações que eu tinha com Jamie se infiltravam com as palavras de Cole. — Como você sempre sabe o que dizer para me fazer sentir melhor?

— Estou *perto* de perfeito.

Eu sorri. — E muito modesto.

Ele encolheu os ombros. — Modéstia é para otários.

Nós dois rimos e eu inclinei minha cabeça contra o peito dele, para terminar a nossa dança. Ele estava brincando, mas pelo que eu poderia dizer, Cole Goodman *estava* perto da perfeição. Em nosso tempo juntos, eu ainda não descobrira uma brecha na armadura dele.

— Qual é uma das suas fraquezas?



Sua mão no meu quadril subiu minha espinha para que seus dedos pudessem brincar com meu cabelo. — Você.

Eu derreti nele novamente, fechando meus olhos enquanto continuávamos balançando. Ele também era uma fraqueza minha.

Logo, a música parou e os casais ao nosso redor voltaram ao foco. Quando ele me ofereceu seu braço, eu dei o meu com o dele e ele me escoltou de volta para a nossa mesa.

— Você quer ficar? — Ele perguntou.

Eu olhei em volta para a multidão desbastada. Não era tarde, mas minha amiga e seu novo marido estavam avançando em direção à saída, prontos para uma fuga silenciosa.

— Na verdade, não. — Eu peguei a embreagem da minha cadeira. — Vamos fugir.

Nossa fuga foi rápida e a viagem de volta para minha casa estava silenciosa. Eu olhei para fora da minha janela enquanto Cole dirigia, estudando as estrelas brilhando no céu claro. Meu bairro não tinha iluminação pública, então quando desci do caminhão, levei um momento para olhar para o céu da meia-noite. — Eu nunca fui capaz de encontrar a Estrela do Norte. — Não importa quantas vezes alguém tenha me dito o truque para encontrá-lo, eu nunca consegui.

Cole se juntou a mim ao meu lado e procurou as estrelas. — É logo ali.

Eu me aproximei, seguindo o braço estendido até o dedo apontando. — Eu ainda não vejo isso. As pessoas sempre dizem que é o mais brilhante, mas todas parecem iguais para mim.

Cole riu, soltando o braço em volta dos meus ombros.

Mesmo no escuro, pude ver a mudança em seus olhos. O brilho desapareceu quando o calor tomou seu lugar. Foi o mesmo calor que eu vi na garagem dos pais dele, semana passada, quando ele disse que queria me beijar.

Sua mão subiu e, pela segunda vez esta noite, segurou meu queixo. Seu polegar acariciou minha bochecha tão gentilmente, que um arrepio percorreu minha



espinha. E sua boca - aqueles lábios macios - começaram a cair.

Cole ia me beijar. Eu queria beijá-lo? *Sim. Não.* Minha respiração começou a vir em soluços quando eu pulei para frente e para trás. Cole não faria nada até que eu lhe desse um sinal. Tudo o que eu tinha que fazer era acenar com a cabeça ou levantar um pouco, e ele aceitaria como meu sim.

Exceto que minha resposta final foi não. Eu não podia beijar Cole. Aqui não. Não fora da casa que eu compartilhei com Jamie.

Cole percebeu minha decisão - a que eu fiz sem dizer uma palavra - porque seus lábios mudaram de rumo e pousaram suavemente na minha testa. — Noite, Poppy — ele sussurrou.

Fechei meus olhos e me inclinei ainda mais nele. — Boa noite, Cole.

Ele me soltou, recuando duas vezes antes de virar e entrar em sua caminhonete.

Eu acenei da minha garagem até que as luzes traseiras dele desapareceram ao redor do bloco. Uma leve brisa roçou minha pele, deixando arrepios e me mandando para dentro. Com a porta trancada atrás de mim, eu me encostei na parede na entrada e tirei meus saltos. Então acendi a luz e olhei para o corredor, que levava à sala de estar e à cozinha.

Imagens de Jamie e eu forrava as paredes de ambos os lados. Havia fotos da faculdade e do nosso casamento. Fotos do nosso primeiro e único ano como casal. Eu olhei para a porta do armário à minha esquerda. Eu não precisava abri-la para saber que havia um par de seus casacos velhos, que eu tinha guardado na parte de trás, junto com seu chapéu favorito. Eu poderia passear por todos os cômodos desta casa e encontrar algo de Jamie.

Este lugar era basicamente um santuário.

Nos cinco anos desde que perdi Jamie, não mudei muito. Tudo o que fiz foi arrumar algumas de suas coisas antigas para guardar, e mandar algumas roupas para caridade. Se eu realmente quisesse seguir em frente, eu não poderia fazer isso aqui. Não em um lugar onde eu passei centenas de noites sem dormir, desejando por uma vida que eu nunca teria de volta.



O que significava que se eu realmente quisesse deixar ir - explorar isso com Cole - era hora de eu me mexer.



CAPÍTULO 13

34º Aniversário: Pular em uma piscina cheia de gelatina verde

Cole

— Caramba, estou vencido. — Papai pendurou a mochila no ombro. — Você poderia ter tido calma comigo esta noite, você sabe.

— Você segurou o seu próprio ritmo. — Eu ri e o segui para fora do vestiário.

Papai tinha ido ao dojo para brigar hoje à noite, algo que ele não fazia há algum tempo. E mesmo que ele estivesse um pouco fora do treino, ele ainda conseguia me manter na ponta dos pés. Provavelmente porque ele não era o único fora de prática. Com tudo o que eu estava fazendo no trabalho, arrumando o caminhão para Poppy e tentando espremer o máximo de tempo possível para vê-la, esta foi a primeira vez que eu fui ao karatê em quase um mês.

— Vocês querem ir tomar uma cerveja? — Sensei Robert perguntou quando o encontramos na sala de espera. Ele era todo sorriso, porque papai e eu, fomos ao karatê esta noite e dado a ele a chance de chutar nossas bundas.

— Eu poderia beber uma cerveja.



Papai assentiu. — Eu também. Mas um de vocês dois está comprando. É o mínimo que você pode fazer por chutar minha bunda hoje à noite.

— Deixe-me pegar minhas coisas — disse Robert, desaparecendo no vestiário.

Papai e eu saímos para a área da recepção e nos sentamos. — Estou feliz por ter vindo esta noite.

— Eu também. Esse treino estava muito atrasado.

Treinar me deu a chance de liberar alguma frustração reprimida. Não era como eu preferia queimar meu excesso de energia - ter Poppy na minha cama era a minha melhor escolha - mas como isso não ia acontecer tão cedo, o karatê teria que fazer.

Isso e meu próprio maldito punho.

Fazia uma semana desde que levei Poppy ao casamento de sua amiga. Uma semana desde que eu quase perdi minha paciência e quebrei minha promessa de ir devagar. Uma semana desde que eu estive à beira de beijá-la sem sentido.

Mas eu aguentei para que ela pudesse ditar o ritmo.

Ela estaria tão desesperada por mim quanto eu por ela? Ou Jamie tinha tomado todos os seus momentos apaixonados? Ela nunca iria me querer como ela o queria? Essa porra de ciúme estava me incomodando. Todas as noites, eu voltava para casa, para a minha casa vazia, e me lembrava repetidas vezes - *não é uma competição*. Eu só queria que Poppy fosse feliz. Mas não importava quantas vezes eu me lembrasse desse objetivo, o ciúme não ia embora.

— Eu conversei com o prefeito da cidade hoje — disse o pai. — Seu nome surgiu um par de vezes como um potencial substituto para quando eu me aposentar.

Suspirei. — Papai, não. Eu não acho que é o trabalho para mim.

— Você diz isso agora, mas quem sabe o que vai acontecer? Ainda faltam anos, só quero que você pense nisso. Apenas no caso de. Não vamos fechar a porta para essa possibilidade até ter certeza.

— Tenho certeza.



Ele deu de ombros, ainda não me ouvindo. — Não há mal em manter isso como uma opção.

Eu fechei minha boca para não dizer algo que me arrependeria mais tarde. Papai estava apenas olhando por mim. Ele sempre foi melhor em olhar para baixo da estrada do que eu, e por mais que eu não quisesse seu trabalho, eu não queria desapontá-lo também. Felizmente, ele não estava se aposentando tão cedo. Nós não precisávamos arruinar uma noite perfeitamente boa porque eu disse a ele como eu realmente sentia e o decepcionei.

Então nós apenas conversamos sobre nada, enquanto o resto dos estudantes saía do dojo. Quando o último deles saiu, papai e eu seguimos Robert para fora.

— Onde vocês querem ir? — Eu joguei minha bolsa na parte de trás do meu caminhão assim que eu peguei um flash ruivo com o canto do meu olho.

Eu conheço está ruiva.

Eu fiz um duplo exame quando Poppy desapareceu no prédio do outro lado da rua. — Que diabos?

O que ela estava fazendo em um complexo de apartamentos de baixa renda? Eu fiz duas buscas com a força-tarefa de drogas naquele complexo, e estava na lista de vigilância regular do PD de Bozeman. Minha Poppy não tinha nenhum negócio em estar naquele prédio. Era inseguro e o último lugar que eu a queria vagando em uma noite de segunda-feira.

— Cole. Terra para Cole. — Papai bateu no meu braço.

— Desculpa. Eu vou, uh... — Acenei para ele e comecei a correr pelo estacionamento. — Eu vou encontrar vocês mais tarde!

Eu os ouvi gritar de volta, mas não me virei. Eu apenas peguei o ritmo, esperando pegar Poppy antes que ela desaparecesse em um apartamento.

Eu corri para o outro lado da rua e fui direto para a porta de vidro que ela usara, a abrindo e ouvindo sua voz.

— É isso. — A voz de um homem veio do segundo andar.
— Como eu te disse no telefone. Seiscentos por mês, mais taxas.



— Obrigada — disse ela. — Posso olhar em volta?

Ela estava querendo viver aqui? *Oh, foda-se não.* Subi as escadas de dois em dois, atingindo o patamar do segundo andar a tempo de vê-la atravessar a porta de um apartamento.

— Poppy.

Ela se virou na minha voz. — Cole? O que você está fazendo aqui?

Cruzei o patamar, pegando seu cotovelo e puxando-a para as escadas e para longe da porta. — Vamos.

— Mas...

— Ei, você não quer ver o apartamento? — O cara chamou de dentro da unidade.

— Não, — eu respondi por ela, ainda a puxando para as escadas. Quando chegamos ao degrau mais alto, soltei seu cotovelo e deslizei minha mão por seu braço para pegar sua mão.

— Cole, — ela sussurrou, puxando a mão livre. — O que você está fazendo? Eu queria olhar aquele lugar e esta noite é a única noite que tenho esta semana.

Eu fiz uma careta e agarrei a mão dela novamente, desta vez com um aperto mais firme. — Eu vou te poupar o tempo. Você não está olhando para aquele apartamento.

Ela resmungou alguma coisa, mas me seguiu descendo as escadas, pisando um pouco até sairmos. Então ela puxou sua mão livre novamente e agarrou-a em um quadril. — O que foi aquilo? E o que você está fazendo aqui?

Eu apontei para a escola de karatê do outro lado da rua, onde meu caminhão estava sozinho no estacionamento. — Eu estava saindo do dojo e vi você entrar aqui. Como este edifício definitivamente não é seguro, eu vim para verificar você. —

— Oh — ela murmurou. — Por que este edifício não é seguro? — Ela olhou ao redor do complexo de três edifícios. — Parece legal.



— Confie no policial, ok? Pode parecer legal do lado de fora, mas este não é um lugar que você precisa ficar por perto.

Ela me encarou por um longo momento, debatendo se deveria ou não continuar discutindo, até que ela jogou as mãos para o ar. — Bem.

— Por que você está procurando apartamentos? — Eu fui ao lado dela quando ela começou a andar em direção ao seu carro, estacionado a alguns passos na rua.

— Eu decidi que é hora de mudar.

— Oh-ooook — eu demorei. Eu fui duas vezes para jantares esta semana e ela não disse uma palavra sobre se mudar. — Por quê?

Ela encolheu os ombros. — Eu só acho que é hora.

Havia mais por trás de seus motivos, mas eu não ia pressionar. Talvez fosse muito difícil viver naquela casa, aquela que ela dividiu com Jamie. Talvez todo esse trabalho em sua lista estivesse realmente a ajudando a desistir. E se mover era o que ela precisava fazer, então eu a apoiaria cem por cento.

Contanto que não fosse em uma fossa criminosa.

Ou um buraco de merda.

Ou algo cheio de estudantes universitários.

Na verdade, não havia muitos lugares que eu queria que ela vivesse. O único lugar aceitável que me veio à mente era a minha própria casa. Lá, ela poderia usar minha cozinha para experimentar novas receitas. Ela poderia empilhar sua cerveja de trigo ao lado da minha Bud Light na geladeira. Ela poderia compartilhar minha cama.

Mas... Devagar. Ela precisava devagar.

Então, ao invés de movê-la completamente para a minha vida como eu queria, eu a ajudaria a encontrar um aluguel decente em que ela pudesse morar - por enquanto.

— Este é o primeiro lugar que você olhou?

— Você quer dizer que tentou olhar? — Ela me espetou nas costelas com o cotovelo.



Eu ri, lutando contra o desejo de puxá-la para um abraço.

— Não — ela suspirou. — Eu olhei para outros dois lugares esta semana. Você tem alguma idéia de como é difícil encontrar um aluguel decente em Bozeman? Todos os bons já foram feitos por estudantes universitários e pessoas que se mudaram para a cidade. E como você acabou de vetar minha melhor opção, volto à estaca zero.

— Desculpe.

Ela sorriu. — Mentiroso.

— Você está certa. Eu não sinto muito. Que tal eu fazer as pazes com você e ajudar você a vasculhar os anúncios de aluguel?

— Ceeeerto. — Ela estreitou os olhos quando paramos em seu carro. — Você só quer passar pela minha lista e filtrar para aqueles que você considera aceitáveis.

— Culpado — eu sorri, — mas minha oferta ainda está de pé. Que tal eu ir no restaurante amanhã para jantar e ajudá-la a fazer uma lista?

Ela me deu seu sorriso mais brilhante, fazendo com que todas as noites valessem a pena. — É um encontro.

16

— Tente este próximo. — Poppy colocou um pote na minha frente. No fundo, o que parecia ser pimenta e, no topo, uma camada de pão de milho.

Peguei minha colher no minúsculo pote de salada de quinoa que acabei de demolir e mergulhei direto.

— Bom? — Ela perguntou enquanto eu mastigava. — Bom o suficiente para o cardápio de outono?

Eu engoli minha mordida e assenti. — Bom. Muito bom. Adicione.

Ela sorriu e levou meu pote para longe, antes que eu pudesse dar outra mordida.



— Ei! Eu ia comer isso.

— Um segundo. — Ela ergueu um dedo e desapareceu na cozinha.

— Droga, mulher — eu amaldiçoei quando ela riu por trás da porta de vaivém.

Ela estava me fazendo experimentar novas receitas desde que eu cheguei aqui, trinta minutos atrás. Era setembro, ela estava em uma missão para ter seu menu de outono resolvido e eu era seu assunto de teste. Exceto que a única coisa que ela realmente me deixou comer foi a porra da quinoa.

Não que não fosse bom. Assim como tudo o que ela fazia, era gostoso. Mas eu era um cara de carne e batatas. Eu queria a porra do chili e do pão de milho. Ou o ensopado de carne que ela trouxe. Ou a sopa de macarrão caseiro de frango. Não quinoa com pimentão vermelho e abobrinha.

Quando ela voltou alguns momentos depois, ela tinha três novos potes.

— Se você tirar isso de mim — eu dei a ela a minha melhor carranca, — eu vou me revoltar.

Ela riu, colocando um pote do que parecia ser ziti assado. O próximo tinha minha empada de frango favorita e o último foi preenchido com cheesecake com algum tipo de molho de caramelo.

— Eu não queria que você ficasse muito cheio durante a minha degustação, mas está tudo pronto. Você pode simplesmente comer.

— Finalmente. — Eu comecei com o cheesecake, olhando-o sem demora antes de cavar o resto da minha refeição. Quando terminei, ela correu os pratos de volta para a cozinha e, em seguida, deu a volta para o meu lado do balcão, trazendo um jornal e seu laptop.

— OK. — Ela me entregou o jornal primeiro. — Estrelas verdes são os aluguéis que eu gosto. Vermelhos são os talvez.

Demorei menos de um minuto para dispensar completamente todo o vermelho, já que eles eram em sua maioria residências universitárias, e todas, exceto duas das estrelas verdes. — Não use essa empresa de administração de imóveis — eu disse a ela, apontando para uma das estrelas verdes que eu riscara. — Ouvi dizer que eles têm o hábito de manter os



depósitos das pessoas e são idiotas quando se trata de manutenção.

Ela franziu a testa. — Bem, então precisamos procurar online. Não havia muito mais para ver.

— Quão desesperada você está para se mudar?

— Não desesperada. — Poppy estudou meu rosto, seus olhos viajando dos meus, pelo meu nariz e até a minha boca. — Meio desesperada. — Ela balançou a cabeça. — Eu não sei. Eu gostaria de ter pensado nisso antes que tudo fosse alugado pelas estudantes universitários.

— Sim. Seu tempo está errado.

Era o começo de setembro e a faculdade estava de volta. Cafeterias pela cidade estavam cheias de estudantes. O trânsito era um pesadelo se você chegasse a uma milha da universidade. E o espaço de aluguel disponível era inexistente.

— Desculpe. — Eu cobri a mão dela descansando no balcão.

Ela virou a palma para cima e enfiou os dedos nos meus. — Está bem.

— Cole? — Uma voz estalou atrás de nós.

Porra. Eu conhecia esse estalo.

Aly.

Assim como eu esperava, ela estava a um metro e meio de distância quando Poppy e eu nos viramos. Seus olhos estavam trancados em nossas mãos unidas.

Eu sorri, esperando que ela fosse legal e não fizesse isso parecer estranho. — Aly.

Mas não.

Ela torceu a boca e deu a Poppy o brilho da morte - o mesmo brilho que costumava usar sempre que deixava minha toalha no chão do banheiro.

Aly marchou a distância restante e ficou do meu lado. — Quem é?

— Poppy, conheça Aly. Aly, esta é Poppy, e este é o restaurante dela.



Poppy destravou seus dedos dos meus e se levantou, estendendo a mão para Aly. — Oi. Prazer em conhecê-la. Posso pegar algo para você comer ou beber?

Aly olhou para a mão de Poppy, em seguida, cruzou os braços sobre o peito enquanto ela olhava para mim. — Isso não levou muito tempo, não é?

— Aly, não faça isso.

— Não, você fez. — Ela descruzou os braços e apontou um dedo no meu ombro. — Você poderia ter pelo menos esperado um pouco. Nós ficamos juntos por dois anos, Cole. Dois anos. Como você poderia ter se mudado? Nosso relacionamento não significou nada para você?

Olhei para Poppy, esperando que ela pudesse ler o *que sinto* em meus olhos. A última coisa que eu queria era trazer drama para a vida dela, mas conhecendo Aly, ela não ia tornar isso fácil para mim.

— Está bem. — O olhar de Poppy amoleceu — Vou deixar vocês conversarem. — Então ela recuou, desaparecendo na cozinha e enviando Helen para atender o balcão.

Quando ela se foi, fiquei de pé, apontando para a porta. — Vamos conversar do lado de fora. — Por algum milagre, Aly me seguiu sem uma palavra, embora ela bufasse atrás de mim, enquanto caminhávamos. No momento em que chegamos à calçada do lado de fora, sua raiva se transformou em dor.

— Eu sinto muito.

Ela assentiu enquanto as lágrimas começaram a cair.

— Não chore. — Meu pedido não fez nada, mas, novamente, Aly sempre foi uma praga. Sempre que mamãe, minha irmã ou Poppy choravam, quase me partia o coração. As lágrimas de Aly, por outro lado, pararam de me incomodar há um ano - em parte porque ela as usou para manipulação, em parte porque nunca tentou combatê-las.

Uma das razões pelas quais eu admirava muito Poppy era porque ela lutava muito para *não* chorar. E quando ela fez? Era porque a merda estava realmente.



Mas ainda assim, eu não queria que Aly chorasse. Eu não queria causar dor a ela.

— Eu nunca quis te machucar.

Ela assentiu, estendendo a mão para afastar uma lágrima. — Certo. Qualquer coisa que você diga.

— Nós apenas - nós não teríamos conseguido. Eu acho que no fundo, você sabe que é verdade.

— Eu faço? — Ela olhou para o restaurante e fungou. — E sobre ela? Você acha que vocês dois vão fazer isso? Ou você vai fazer com ela o que você fez comigo? Fazer com que ela se apaixone por você e nem vai tentar se afastar.

— Aly — eu sussurrei. — Eu tentei. — Eu tentei por dois malditos anos dizer que *te amo*, mas simplesmente não consegui.

Seu queixo estremeceu quando ela limpou outra lágrima. — Desculpe. Eu só não esperava ver você hoje à noite. E com ela. Foi um choque.

— Não se preocupe com isso.

Ela olhou para mim com os olhos suados e suplicantes enquanto se inclinava para mais perto. — Eu sinto mesmo a sua falta. — Sua mão se levantou entre nós, mas antes que ela pudesse tocar meu peito, eu dei um passo para trás.

— Eu não posso tocar em você agora? — A raiva brilhou em seus olhos marejados.

— Não. — A única mulher cuja mão pertencia ao meu coração estava lá dentro.

Com uma carranca assassina, Aly girou nos calcanhares e correu para o carro, depois correu para fora do estacionamento.

— Porra — eu murmurei, esfregando meu queixo.

Com o tempo, eu esperava que Aly encontrasse o cara para ela. Que ela encontraria o cara que daria seu coração a ela. Apenas não era eu.



Através das janelas do restaurante, vi que Poppy tinha voltado para o balcão. Ela estava tentando não espiar, mas seus olhos continuavam vagando na frente, procurando por Aly. Eu voltei para dentro e fui direto para o balcão.

— Desculpe.

— Está bem. Ex-namorada, suponho?

Eu assenti. — Sim. Aly e eu namoramos por alguns anos, mas terminamos no verão passado.

— Foi sério?

— Para ela — eu admiti. — Nós moramos juntos por um tempo, mas... Não estava certo. Eu finalmente terminei, mas não antes que ela se machucasse. Não antes de ela me dizer que me amava inúmeras vezes e eu não tinha dito de volta.

Eu bati no jornal que estávamos olhando quando Aly entrou. — Você quer chamar qualquer um destes?

— Eu não sou louca por eles. Eu acho que vou ficar sentada por um tempo.

— OK. Deixe-me saber o que posso fazer para ajudar.

— Na verdade, há algo. — Ela estava lutando sem sucesso num sorriso. — Eu fui a três mercearias mais cedo e comprei em cada uma delas toda a gelatina verde. Cada panela, cada pote e tigela que eu encontrei estão atualmente no meu caminho, cheios de gelatina verde.

Eu não estava mordendo a isca. — Bom para você.

Poppy estava tentando me convencer a fazer a coisa da gelatina com ela nas últimas duas semanas, mas eu odiava gelatina. A textura me fazia engasgar. O gosto era horrível. A idéia de rolar em uma piscina cheia disso? Em hipótese alguma, a menos que ela estivesse se afogando nela e eu tivesse que arrastá-la para fora.

Eu prometi ajudá-la na lista de Jamie, mas essa era uma das duas coisas em que eu traçava uma linha. Eu não ia deixá-la puxar um maldito alarme de incêndio, e eu não estava entrando em uma piscina de gelatina verde.



— Por favor? — Poppy me deu seus melhores olhos de cachorrinho.

Droga. Era apenas gelatina. Eu provavelmente poderia fazer o sacrifício. Se isso a fizesse feliz, eu provavelmente poderia fazê-lo. Se eu mantivesse meus olhos fechados e acabasse bem rápido.

Eu estava prestes a desmoronar quando ela murmurou: — Vou fazer isso sozinha. Hoje à noite, eu acho. A gelatina está feita e eu posso acabar logo com isso.

— Você conseguiu a piscina?

— Não, ainda não. Eu vou sair mais cedo e deixar Helen assumir para poder comprar uma.

— Eu vou pegar sua piscina. — Levantei e tirei as chaves do bolso da minha calça jeans. — Você termina aqui e eu vou voltar para pegar você e sua— eu fiz uma careta, — gelatina. Você se importaria se fizéssemos isso na minha casa? É mais perto.

— Isso seria bom. Obrigada. — Seu rosto inundou de alívio - uma onda inteira dele. Muito mais do que pelo motivo de economizar dez minutos de distância deve garantir.

Foi por isso que ela queria se mudar? Porque ela não me queria em sua casa?

Eu mantive as perguntas para mim mesmo quando acenei adeus, deixei o restaurante e fui para um lugar que eu odiava quase tanto quanto eu odiava gelatina.

Walmart.

Algumas horas depois, eu comprei para ela uma piscina infantil e fiz duas viagens do restaurante para transportar um monte de gelatina verde. Então, engasgando o tempo todo, eu enchi sua piscina com aquela maldita gelatina neon e usei uma pá para quebrá-la em pequenos pedaços.

No momento em que ela terminou no restaurante e veio, o sol estava começando a se pôr. Nós pulamos o tour pela casa e eu a levei direto para o quintal.

Ela se trocou no restaurante. Eu tinha certeza que ela estava indo para estar prática, com seu short de



corrida apertado e blusa branca simples sobre um sutiã esportivo com tiras. Mas ela optou pelo caminho prático e ficou sexy pra caralho.

— Você organizou tudo, mesmo que você odeie gelatina? — Ela sorriu para mim e eu lutei com todas as células do meu corpo para não beijá-la. — Obrigada.

Eu limpei o nó da minha garganta e apontei para a piscina. — É melhor você entrar lá antes que fique muito escuro.

Ela respirou fundo e pôs um pé na gelatina. — Oh meu Deus, isso é frio.

— Não volte atrás agora. — Eu estava com meu telefone pronto. — Sorria para a sua foto.

Ela franziu o cenho por cima do ombro - um olhar que eu peguei perfeitamente com a câmera - e depois colocou o outro pé na piscina. Ela assobiou quando caiu de joelhos e, em seguida, em um giro gracioso, sentou-se.

Suas pernas achataram apenas o suficiente para que o verde pudesse cobrir suas coxas. — Isso parece estranho. — Ela pegou a gelatina com os dedos antes de plantar as palmas das mãos na base da piscina e se levantar. Então ela limpou as partes verdes das pernas.

— É isso aí?

Ela encolheu os ombros. — Está congelando. Estou riscando esse aqui, a menos que você venha aqui comigo.

Eu balancei a cabeça e dei um passo para trás. — Não há a mínima chance disso acontecer.

— Você tem certeza? — Um sorriso lento se espalhou pelo rosto de Poppy. Ela deu um passo, depois outro, indo para a beira da piscina mais próxima de mim.

— Poppy — eu avisei.

Ela estendeu a mão e agarrou meu pulso.

Eu pulei para trás, apenas evitando os pedaços verdes que voaram de suas mãos. Ela usou muito impulso tentando me agarrar, porque enquanto a mão dela continuava viajando, seus pés começaram a deslizar. Como um



homem bêbado no gelo, seu torso torcido, seus braços em forma de pinça, e suas pernas tremiam enquanto ela tentava manter o equilíbrio.

Eu tinha certeza que ela estava indo para baixo, mas de alguma forma, ela conseguiu encontrar um aperto.

— Oh meu Deus — ela ofegou, olhando para mim enquanto ela firmava as pernas. — Essa foi por pouco. Eu quase saí daqui parecendo o Kermit the Frog[5].

Eu ri. — Ou o Hulk. Você pode se imaginar entrando no restaurante amanhã parecendo um Bruce Banner irritado? — Randall teria um dia e tanto se Poppy aparecesse com um rosto verde.

Eu ainda estava rindo enquanto Poppy colocava as mãos nos quadris. — O Hulk? Eu te lembro do Hulk?

Minha risada morreu. — O quê? Não! Claro que não. — *Ah Merda.* — Você seria como uma pequena pessoa verde. Como, uh... *Pense, Cole.* Que porra mais é verde? O Gigante Verde Alegre. Godzilla. O Grinch. — Yoda. — Eu estalei meus dedos. — Você seria como Yoda. Exceto que não é velho. Ou calvo. Ou enrugado...

— Cole. — Eu parei de falar enquanto Poppy sorria. — Boca fechada.

Eu assenti. — Boa idéia.

— OK. Estou saindo daqui.

Eu dei um passo à frente e estendi minha mão livre para ajudá-la, mas antes que ela pudesse segurar minha palma, ela mudou seu peso. Um segundo ela estava de pé, no seguinte ela estava voando pelo ar.

Splat.

A gelatina verde voou por toda parte, enquanto Poppy gritava. Ela gargarejou quando um pedaço caiu em sua boca - engasgando - então cuspiu, lutando para se sentar. Gosma pingava das pontas dos dedos e o nó do cabelo dela. Sua blusa nunca mais seria branca.

E eu não pude resistir. Meu telefone ainda estava na minha mão e eu levantei para uma explosão de fotos.

[5] O sapo Caco dos Muppets

— Você está brincando comigo agora?

Eu sorri abertamente. — Apenas no caso de você querer uma prova. — Eu joguei meu telefone de lado e me abaixei, a ajudando a se levantar. — Aqui.

Desta vez, quando ela ficou de pé, a gelatina a cobriu da cabeça aos pés.

Não ria. Não seja um idiota. Não adiantou. Um grunhido escapou, seguido por um ataque de riso quando Poppy olhou e segurou minha mão com toda a força.

— Desculpe. — Eu parei de gargalhar - embora meu peito ainda estivesse arfando - enquanto eu a ajudava a sair da piscina.

Com um dedo verde enfiado no meu rosto, Poppy falou através dos dentes presos. — Mencione uma coisa sobre Yoda ou Muppets ou duendes e você está morto.

— Sim, senhora. Nenhuma palavra.

Ela soltou seu olhar e minha mão, para que ela pudesse esfregar o ponto em sua bunda onde ela tinha tomado o máximo do impacto. — Isso dói. A gelatina não é uma boa almofada.

— Desculpe. — Eu peguei a toalha que eu tinha trazido de uma espreguiçadeira. — Quer tomar um banho?

Ela assentiu enquanto limpava o rosto, depois passou por mim em direção à porta.

— O chuveiro fica no andar de cima. Último quarto à direita! — Eu gritei de volta para ela.

Ela acenou e continuou correndo para dentro.

Eu sorri, balançando a cabeça enquanto examinava meu quintal.

Estava uma bagunça. Aquela piscina ia ser um puta trabalho para limpar, e eu esperava que os pedaços de gelatina se dissolvessem na grama, mas ainda assim, eu estava feliz por Poppy ter vindo aqui para fazer isso.



Decidindo que iria limpar a piscina amanhã, peguei meu telefone e entrei, me deitando no sofá para ver as fotos que tinha tirado.

Antes mesmo de ouvir o chuveiro, encontrei minha foto favorita.

Minha linda gnomo verde, Poppy.

Eu amava ela. Olhando para a foto dela no meu celular, ela me atingiu no peito.

Eu estava apaixonado por Poppy Maysen.

A ironia me atingiu em seguida.

Aly tinha me dito que ela me amava inúmeras vezes e eu nunca disse isso de volta. Nem uma vez. E agora, eu finalmente estava pronto para dizer aquelas três palavras para uma mulher, que não poderia dizer de volta.



CAPÍTULO 14

32º Aniversário: Travar uma guerra de tinta

Poppy

O chuveiro de Cole era fantástico. E enorme.

Telhas do chão ao teto estendiam-se de um assento de banco em uma extremidade até a porta do lado oposto. Não havia uma porta de verdade, porque o espaço era tão grande - a água que vinha dos três chuveiros de bronze não chegava nem perto de escapar. Mas, por mais lindo que o mármore marfim fosse, a melhor parte do banheiro de Cole era o cheiro.

Assim como eu suspeitava, em uma prateleira havia uma garrafa de sabonete líquido Irish Spring. O cheiro penetrou no azulejo, então, quando o chuveiro encheu-se de vapor, eu fui engolida pelo cheiro limpo e varonil de Cole.

Eu ri enquanto olhava para a garrafa. Seu verde escuro combinava perfeitamente com a minha pele verde-clara.

Eu tinha feito o meu melhor - esfregando com fúria - para tirar a cor dos meus braços e mãos, mas eu precisaria de uma esfoliação completa, com um esfoliante de açúcar e minha bucha, para voltar ao meu tom normal.

Fazer a piscina de gelatina na casa de Cole tinha suas desvantagens. Eu não tinha nenhum dos



meus produtos de beleza normais ou secador de cabelos. Eu estaria colocando de volta as roupas que usei anteriormente no restaurante, mesmo que eu desejasse algo fresco e limpo. Mas ainda assim, eu estava feliz por termos feito isso aqui. Não só estava evitando trazê-lo para minha casa, era bom ter companhia em vez de fazê-lo sozinha.

Eu sempre soube que o item da gelatina ia ser difícil - desde que Jamie o adicionara no dia em que ele morrera. Mas com Cole me provocando sobre ser verde, mais sua aversão estranha a gelatina, tinha sido suportável.

Sua mão firme me ajudando a sair da piscina aliviou um pouco da picada.

Eu estava realmente começando a confiar em suas mãos. Provavelmente demais.

Mas sem ele, não sei como teria chegado tão longe. Eu prometi a mim mesma que não continuaria pedindo a ajuda de Cole, mas só esta noite, eu deixei ele fazer todo esse trabalho para montar minha piscina de gelatina. Toda vez que ele ofereceu sua ajuda, eu concordei. Eu tinha que parar de tirar vantagem antes que ele se ressentisse de mim - eu simplesmente não sabia como.

Por causa de Cole, eu estava chegando perto do final da lista de aniversário de Jamie sem estar em um estado constante de lágrimas. Em vez disso, ele estava me ajudando a encontrar a alegria em cada item. A diversão que Jamie estava procurando em primeiro lugar.

Sorri para minhas cutículas verdes enquanto a água corria sobre o meu corpo até meus dedos verdes. *Você teria amado isso, Jamie.* Onde eu queria esfregar o verde, Jamie teria deixado ficar. Ele teria usado essa cor de gelatina como um distintivo de honra até que ela desaparecesse.

A água começou a ficar fria, então eu fiz uma última esfrega, depois a desliguei, roubando uma toalha nova de Cole antes de puxar meu jeans, com pó de farinha, e a camiseta do Maysen Jar. Amarrei meu cabelo úmido em um nó e saí do banheiro para o quarto de Cole.

Eu estava com tanta pressa para sair da minha roupa de gelatina, que não tinha realmente estudado seu quarto mais cedo quando corri para o chuveiro. Mas agora,



eu não pude deixar de deixar meus olhos permanecerem em sua cama de trenó, bem no meio do quarto.

Assim como o banheiro dele, era enorme. A madeira de café expresso do estribo e da cabeceira brilhava sob as luzes embutidas do teto. A simples roupa de cama caqui combinava bem com as paredes brancas e os pisos de madeira marrom-chocolate.

Cole tinha decorado aqui? Ou foi a ex dele? Meus lábios se afinaram quando pensei no encontro com Aly mais cedo.

Ela era bonita. Claro que ela era linda. Cole era mais quente que a grande maioria dos espécimes masculinos do planeta. Claro que sua ex-namorada era linda.

E claramente ainda apaixonada por ele.

Ele também a amava? Teria ele sussurrado aquelas três palavras em seu cabelo enquanto ele a segurava em seus braços fortes, nesta cama enorme?

Antes que minha cabeça pudesse se desviar muito para um caminho de olhos verdes, Cole bateu na porta. — Poppy?

Eu pulei do meu torpor, tirando meus olhos da cama dele. — Entre.

Seus pés estavam descalços quando ele entrou no quarto. — Eu só queria ver se você precisava de alguma coisa.

— Não. — Eu sorri. — Obrigada pela ajuda. Deixei suas toalhas no banheiro, mas não tenho certeza se o verde vai sair.

— Eu não me importo com as toalhas. — Ele passou por mim e sentou-se contra o estribo. Suas mãos estavam apoiadas na madeira ao lado do corpo, fazendo os músculos de seus braços estalarem. Quando ele cruzou um tornozelo sobre o outro, eu girei ao redor para que ele não visse minhas bochechas aquecidas.

Porra, ele era sexy. A imagem de Cole naquela postura aparentemente casual estaria para sempre estampada em meu cérebro.

Demorei alguns segundos para me recompor enquanto fingia estudar sua decoração. — Eu gosto da sua casa.



— Obrigado. Tive sorte e comprei por um bom valor, porque era a última casa do quarteirão que ainda não havia sido restaurada. Demorei um pouco, mas finalmente estou reformando isso até o fim deste século.

Eu balancei a cabeça e sorri, espiando por cima do meu ombro para ver que ele não se moveu. De volta veio o calor para o meu rosto, mas desta vez não parou nas minhas bochechas - foi até o fundo, mexendo um desejo que estava adormecido por um longo, longo tempo.

Ele saiu da cama. — Quer um tour completo?

— Sim, por favor. — *Jesus.* Eu escondi minhas bochechas em chamas, mas não havia como confundir minha voz ofegante.

Mas Cole - na verdadeira moda de Cole - apenas sorriu seu sorriso e atravessou a sala sem uma palavra.

Eu dei uma última olhada em sua cama. A imagem de eu dormindo nua sob os lençóis dele apareceu na minha cabeça, mas eu a afastei. Por que eu estava pensando em sexo com Cole? Nós ainda nem tínhamos nos beijado - a menos que você contasse o escovar dos nossos lábios na garagem de Brad e Mia. E mesmo assim, esse não foi o tipo de beijo que levou a uma longa e suada noite juntos e eu acordando em seus braços.

Meu corpo estava ficando na frente da minha cabeça e precisava diminuir a velocidade. Caminho. O que significava que eu precisava dar o fora do quarto de Cole.

Batendo a porta em todas as coisas do sexo e beijo, e da forma como a bunda de Cole preenchia seu jeans esta noite, eu o segui para o corredor, quando ele começou sua turnê.

— Aqui costumava ser dois quartos. — Ele bateu na parede enquanto me levava pelo corredor. — Eu converti um para o banheiro e closet.

Passei a mão pela porta enquanto espiava o quarto de hóspedes. — Eu amo que você manteve todas as portas originais e aparas.

— Eu também. Foi um puta trabalho para a equipe de construção limpar, mas valeu a pena o tempo adicional.



Cole morava em um antigo bairro no centro de Bozeman. Ao contrário de minha casa, localizada em uma das subdivisões mais novas, as casas nesta área estavam cheias de personalidade e cercadas por árvores centenárias.

O acabamento e as portas eram de um marrom rico, semelhante à cor dos pisos de madeira restaurados. A moldura da coroa, pintada de branco para combinar com as paredes e tetos, era espessa e esculpida com um padrão intricado, ausente em novas casas. E as velhas maçanetas de latão e vidro eram algo que as pessoas gastariam uma fortuna agora.

Depois de me mostrar outro quarto e banheiro de reposição, Cole me levou pelas escadas situadas no centro da casa. Assim como no andar de cima, o charme do estilo antigo tinha sido restaurado e misturado com os luxos da vida moderna.

A lareira na sala de estar tinha todo o tijolo original, mas a prateleira tinha sido trocada para caber uma TV ampla. Ele manteve o candelabro antigo na entrada, mas acrescentou iluminação embutida para iluminar o espaço. E ele derrubou algumas paredes, abrindo a planta para acomodar móveis maiores e mais confortáveis.

Tudo na casa de Cole fluiu perfeitamente, da sala de estar para a sala de jantar, depois para a cozinha dos meus sonhos.

— Isso é lindo. — Passei a mão pelo balcão de mármore cinza e branco. Ele tinha tudo isso. Aparelhos de aço inoxidável brilhantes. Um fogão a gás top de linha. Armários brancos imaculados. No momento em que pus os pés no piso xadrez preto e branco, tive vontade de começar a cozinhar.

— Tenho medo de dizer que praticamente não uso essa cozinha desde que a reformei.

Eu suspirei. — Que vergonha, Cole Goodman.

— Talvez você possa me ajudar a começar.

Quebre isso.

Ele estava se referindo às minhas habilidades culinárias, mas o visual que voou na minha cabeça não tinha nada a ver com comida. Eu me vi sentada no balcão, nua, com Cole entre as minhas pernas, seu pau enterrado profundamente



dentro de mim enquanto eu gemia até o teto.

Uma onda quente se espalhou pelos meus ombros e pelas minhas costas, enquanto eu pulsava entre as minhas pernas. Meus mamilos endureceram contra o meu sutiã, lutando contra o fino acolchoado, enquanto meus olhos vagavam para Cole.

Ele estava me observando, seus olhos escurecendo como se ele tivesse visto a mesma imagem malcriada em sua mente. Seu peito estava subindo e descendo com respirações curtas e suas mãos estavam em punhos ao lado do corpo - como se estivesse se segurando em seu lado da cozinha.

Meu olhar caiu para sua boca, incapaz de desviar o olhar de seus lábios macios e rosados.

Eu queria beijá-lo. Eu queria beijá-lo tanto, toda a preocupação, a indecisão que eu tinha segurado nesses últimos meses apenas... Desaparecendo. Não havia espaço na minha cabeça para outra coisa senão conseguir que o Cole me beijasse.

Lentamente, minhas mãos saíram dos meus lados, e com os olhos fixos no rosto dele, torci meus pulsos em um leve círculo.

Meu sinal.

Cole observou minhas mãos enquanto eu girava uma vez, depois duas vezes, antes que ele engolisse com força. — Poppy — Sua voz era áspera e profunda. — Você tem certeza?

Eu assenti. — Beije-me, Cole.

Em dois grandes passos, ele apagou a distância entre nós. Suas mãos mergulharam no meu cabelo úmido enquanto suas palmas pressionavam contra o meu queixo. Então seus lábios se moldaram aos meus.

Um zumbido disparou pelo meu corpo enquanto sua língua acariciava meu lábio inferior, abrindo minha boca. Quando meus lábios se separaram, sua língua varreu para dentro. E ele provou tão bom - melhor do que qualquer coisa que eu poderia fazer nesta cozinha.

Eu gemi em sua boca quando sua língua começou a explorar. Minhas mãos agarraram sua camisa, segurando enquanto suas mãos deixavam meu rosto e se



uniram em minhas costas.

Cole me puxou tão perto que cada centímetro dele estava pressionado contra mim. Seu peito sólido. Suas coxas musculosas. Seu pau esticado sob o jeans.

Com sua boca devorando a minha, Cole acendeu um fogo dentro de mim que tinha sido apenas brasas por anos. A queimadura era tão quente que eu mal conseguia aguentar. Então, com o desejo no comando, eu beijei Cole com tudo que eu tinha. Segurei mais perto, puxando e sugando-o, mas não foi o suficiente. Eu empurrei meus quadris para frente, moendo contra os dele, esperando por alívio, mas o atrito só abanou as chamas.

Soltei a camisa de Cole e corri minhas mãos pelo seu traseiro, apertando com força quando cheguei a sua bunda perfeita. Quando Cole gemeu, o estrondo vibrou na minha garganta, fazendo-me apertar novamente, desta vez ainda mais forte.

Um segundo sua língua estava trabalhando magicamente contra a minha, e então desapareceu. Ele se afastou de mim, ofegando enquanto eu fazia o mesmo.

— Porra, mulher. — Ele baixou a testa para a minha. — Deus, eu poderia te beijar para sempre.

Meus pulmões arfavam enquanto eu tentava preenchê-los com ar.

As mãos de Cole alisaram o cabelo que caíra em minhas bochechas, empurrando-o para trás das minhas orelhas. — Mas é melhor desacelerarmos.

Ele estava certo - devíamos desacelerar -, mas senti falta dos lábios dele. Eu os queria de volta tanto, que quase chorei.

Porque esse foi o melhor beijo que eu já tive na minha vida.

Minha vida *inteira*.

Nenhum homem, nem mesmo Jamie, jamais me beijou com tanta paixão.

Uma onda de emoção explodiu no meu peito e saiu da minha boca como um soluço. Entre a intensidade do beijo e a percepção de que eu tinha acabado de me libertar do meu marido, não pude conter o grito que se seguiu.



Ou aquele depois disso. Ou as lágrimas brotando nos meus olhos.

Eu bati a mão na minha boca quando a primeira lágrima caiu. E quando a segunda escorreu pela minha bochecha, Cole me puxou para seus braços.

— Sinto muito — eu chorei, enterrando meu rosto em sua camisa.

Eu lamentei por chorar depois do nosso beijo incrível. Eu lamentei por arruinar nosso momento íntimo. Mas, na maior parte do tempo, lamentei *não ter me* desculpado por beijar Cole.

Eu estava deixando Jamie ir.

E isso quebrou meu coração de novo.

— Está tudo bem — sussurrou Cole no meu cabelo. — Está bem. Eu entendo você. Deixe sair.

Com a permissão dele, não tentei lutar contra a dor. Eu chorei em sua camisa, molhando seu ombro com meus olhos e cabelos úmidos. Eu absorvi o conforto de seus braços até ser forte o suficiente para parar.

— Sinto muito — eu sussurrei em sua camisa antes de me inclinar para trás e enxugar os olhos.

Ele colocou a palma da mão na minha bochecha. — Nunca se desculpe.

— Eu não me arrependo desse beijo. Por favor, saiba disso. É só... Difícil.

— Eu sei.

Eu olhei em seus olhos, tão gentil e compassivo, e quase chorei de novo. Ele era um sonho. Como eu encontrei um homem que era tão compreensivo e paciente, que me via tão claramente? Não foi nada menos que um milagre.

Eu inalei uma respiração instável, segurando por um longo momento enquanto eu controlava minhas emoções. Quando soltei o ar, deixei meus ombros desmoronarem e fiquei de pé.

Eu odiava chorar na frente dos outros. Eu odiava me sentir fraca e patética. Eu odiava que eu me sentisse tão fora de controle das minhas emoções. Por cinco anos, eu me senti fora de controle, e toda vez que eu começava a retomar o controle, muitas vezes terminava comigo em lágrimas.



Eu estava exausta. As lágrimas estavam exaustas.

Eu não queria mais chorar. Eu não queria mais ficar triste. Eu não queria me machucar.

Quando isso iria acabar? Quando eu encontraria a força para colocar a dor no passado e parar de deixar manchar o presente?

Enojada comigo mesma por arruinar o que tinha sido um momento mágico com Cole, balancei a cabeça. — Estou tão, *tão* triste.

— Olhe para mim — ele ordenou e meus olhos foram para os dele. — Nenhuma desculpa. Você é a pessoa mais forte que já conheci. Um par de lágrimas não é grande coisa.

Eu zombei, acenando com a mão em sua camisa. — Eu estava chorando, Cole. Isso não foi apenas um par de lágrimas. Você está praticamente encharcado. Eu não acho que isso seja ser forte.

Ele se aproximou, a palma da mão novamente encontrando minha bochecha. — Chorar não te deixa fraca, Poppy. Às vezes, é preciso mais força para soltar do que para manter tudo dentro.

Eu não sabia se isso era verdade, mas as palavras pareciam maravilhosas quando se instalaram em meu coração. — Obrigada.

— Sempre que quiser.

Sua mão caiu do meu rosto e eu fiz sinal para o corredor. — É melhor eu ir.

— OK. — Ele me seguiu até a sala de estar, onde peguei minha bolsa e mochila do sofá de couro de camelo. — Ainda estamos para a guerra de tinta no domingo?

— Sim. Eu tenho tudo pronto para ir. Molly, Finn e as crianças vão estar lá. E você finalmente vai conhecer Jimmy.

— Eu não posso esperar. — Ele me acompanhou até a porta, abrindo-a para que eu pudesse sair em sua varanda.

O exterior de tijolos vermelhos de sua casa estava coberto de branco. Os pilares quadrados ao redor da varanda eram espessos e adornados com frontões. Uma videira serpenteava pelo canto mais distante até o segundo

andar. Tudo o que faltava eram duas cadeiras de balanço brancas e essa varanda seria o lugar perfeito para observar as crianças brincarem no jardim da frente.

— Te vejo domingo. — Cole se abaixou e beijou minha bochecha.

— Tchau. — Eu saí, mas parei, olhando por cima do meu ombro. — Obrigada. — Eu engoli em seco. — Obrigada por me beijar. Por ser o único.

Seus olhos se suavizaram. — Sempre serei.

Espero que sim. Eu lhe dei um pequeno sorriso antes de me virar e caminhar até o meu carro. Com uma onda rápida, me afastei do meio-fio e fui direto para casa. Mas em vez de tomar o banho que eu planejara, entrei e caí na cama. Então peguei a foto de Jamie da minha mesa de cabeceira.

Eu acariciava seu rosto no quadro.

Seu rosto sorridente, congelado sob o vidro, acalmou a dor no meu peito. Jamie nunca iria querer que eu ficasse triste. Ele não quer que eu fique sozinha. Se ele não pudesse estar aqui comigo, então ele iria querer que eu encontrasse a felicidade.

Eu sabia disso até os meus ossos.

Eu abaixei o quadro e peguei minha bolsa, ao meu lado na cama. Com o diário de Jamie e uma caneta na mão, eu peguei a página da gelatina e risquei o item.

Estamos quase terminando, Jamie. Apenas algumas coisas para fazer.

Fechei o diário e o abracei no peito. Eu chorei em Cole, então apenas sorri.

Jamie estava em algum lugar, olhando para baixo e sorrindo também? Ele estava feliz por eu estar fazendo as coisas que ele mais queria? Eu esperava que essa lista fosse sua maneira de me guiar pelo sofrimento. Eu esperava que essa fosse sua maneira de me ajudar a dizer adeus.

Eu esperava que esse fosse o jeito dele de me levar a uma nova vida.

Uma cheia de sorrisos. Com risadas.

Uma cheia de amor.



Dois dias depois, o verde desaparecera da minha pele e eu estava no apartamento de Jimmy, enchendo balões de água biodegradáveis com tinta. Eu passei os últimos trinta minutos trabalhando a coragem para contar a ele sobre mim e Cole, para que ele não ficasse surpreso quando chegássemos ao parque no final da tarde.

— Então, hum... Eu convidei Cole para fazer essa luta de pintura conosco.

— Sim, eu sei. — Seus dedos estavam cobertos de tinta azul enquanto ele amarrava um balão. — Eu me lembro quando você me disse o mesmo uma semana atrás. Você está preocupada que eu estou ficando senil ou algo assim? Porque eu não estou. Não importa o que aquele idiota do Randall diga, minha cabeça está tão clara quanto era quando eu tinha a sua idade, entendeu?

— Entendi. — Eu ri, amarrando meu balão vermelho e deixando cair na banheira com os outros. — Mas eu queria te dizer outra coisa. Cole não é apenas um amigo ajudando no caminhão de Jamie. Estamos namorando.

— Você realmente acha que eu sou senil. — Ele riu. — Relaxe, Poppy. Eu imaginei isso.

— Você imaginou? — Eu fiquei boquiaberta quando ele encheu outro balão.

Ele assentiu. — Você fala muito sobre ele. Parece que vocês passam muito tempo juntos. Molly me disse que ele entra no restaurante na maioria das noites. Eu sou velho, não cego. Presumi que havia algo mais acontecendo com vocês dois.

— E isso não te incomoda?

Ele balançou a cabeça, deixando cair a garrafa de tinta em suas mãos para me dar toda a sua atenção. — Eu só quero que você seja feliz. E se você gosta desse cara, eu dou o maior apoio.



— Você acha que está tudo bem em começar a namorar de novo?

Talvez porque Jimmy e Jamie estivessem tão perto, mas eu precisava da bênção de Jimmy. Foi a coisa mais próxima que tive da bênção de Jamie. Eu precisava que ele me dissesse que não havia problema em namorar com Cole.

Ele assentiu. — Eu não acho que está tudo bem. Eu acho que é hora. Cinco anos, Poppy. É hora de seguir em frente. E você sabe tão bem quanto eu que Jamie gostaria disso para você também.

Eu olhei para os meus dedos cobertos de tinta. — Obrigada — eu sussurrei. Ele não podia saber quantos medos e ansiedades ele apenas aliviou.

Sua mão azul se fechou sobre a minha. — É a verdade.

Eu olhei para ele e sorri.

— Vocês dois estão prontos para ir ou o quê? — Randall resmungou do corredor enquanto entrava no quarto de Jimmy. — Eu quero acabar com isso para que eu possa estar de volta a tempo para o jantar.

Eu comecei a encher outro balão. — Apenas mais alguns destes e depois podemos ir.

— Tudo bem — Randall murmurou quando entrou na cozinha. Ele estava usando macacão da cabeça aos pés, e em uma mão enluvada havia uma touca de banho.

— Olhe para esse cara. — Jimmy revirou os olhos. — Um macacão? Mesmo? Você é um maricas. É só um pouco de tinta.

— Eu não vou estragar minhas roupas. Alguns de nós se orgulham de nossa aparência. — Os olhos de Randall se estreitaram quando ele e Jimmy entraram em um de seus olhares habituais.

Jimmy vinha ao The Maysen Jar com Randall quase todos os dias agora, e uma coisa que aprendi foi que eles viviam para brigar. Aqueles dois vinham ao restaurante no meio da manhã e discutiam sobre qualquer assunto até bem depois do almoço.

No começo, tentei intervir – tentando ser a pacificadora -, mas depois da minha quinquagésima tentativa fracassada, eu desisti.



Então eu apenas balancei a cabeça e continuei enchendo meu balão. — Vocês podem pelo menos deixar um pouco para a guerra no parque, senhores?

— Sempre tomando o seu lado — Randall murmurou e se virou para a sala de estar.

— Ela é minha neta! — Jimmy chamou de costas. — Claro, ela fica do meu lado. — Ele olhou para mim. — Que idiota.

— Vocês dois são piores do que crianças pequenas.

Jimmy riu e acenou para mim mais perto para sussurrar: — Olha.

Ele checou que Randall estava fora de vista, depois enfiou a mão em um armário. Saiu com um balão de tamanho normal, dez vezes o tamanho dos mini-balões que estávamos enchendo.

— Jimmy — eu assobiei.

Ele riu. — De jeito nenhum que o macacão e touca de banho vai salvá-lo deste grande e velho bastardo.

Eu bufei, tentando engolir minha risada. Então me inclinei para a banheira e comecei a abrir espaço para seu balão monstro. — Esconda entre os pequenos para que ele não veja.

Jimmy sorriu. — Essa é minha garota.

Uma hora depois, eu estava de pé em um amontoado, tendo acabado de passar as regras para a nossa luta de pintura. Nenhum tiro direto na cara. Devagar com Max e Kali. Vá até todos os balões terem desaparecido.

À minha esquerda estava Jimmy e Randall, Cole à minha direita. E na minha frente estavam Finn, Molly e as crianças.

— Todo mundo pronto?

Eu fiquei animada enquanto nos separávamos para carregar balões.

— OK. Na contagem de três. Um. Dois. Três!

Um pandemônio se seguiu. Os balões começaram a voar, as pessoas começaram a correr e a tinta se espalhou por toda parte.



— Pegue a tia Poppy! — Finn gritou para Kali, que imediatamente começou a me perseguir.

— Não, Kali! Não! — Fingi correr rápido, mas deixei que ela me alcançasse e arremessasse um balão amarelo nas minhas costas. A tinta pegajosa instantaneamente encharcou minha camiseta branca e revestiu a parte de trás dos meus braços. — Você me pegou!

Ela riu, depois correu de volta para o balde para recarregar. — Pegue o papai! — Ela gritou, apontando um balão verde para Finn. Ela foi embora, juntando-se a Molly e Max, enquanto eles perseguiam Finn e o atiravam com balões.

Pela primeira vez em meses, Finn e Molly estavam sorrindo um para o outro. Sorrisos genuínos. Eu não tinha certeza se eles estavam se dando bem, porque essa luta de tinta era para Jamie, ou talvez eles estivessem colocando rostos felizes para mim. Independentemente disso, isso tornou toda essa idéia muito mais divertida.

Eu estava tão perdida em assistir os sorrisos em seus rostos que eu não percebi Cole se esgueirando atrás de mim. Um segundo, eu estava vendo Kali jogar o balão verde na camiseta branca de Finn. A próxima tinta azul estava escorrendo pelo meu cabelo.

— Gah! — Eu girei bem na hora de Cole jogou outro na minha cabeça, esse laranja. — Você! — Eu apontei um dedo para o sorriso dele, então corri de volta para a banheira para pegar um punhado de balões.

Eu tentei acertar ele, mas ele era muito ágil. Ele se esquivou de cada um dos meus tiros até que a grama ao redor dele parecia um unicórnio do arco-íris, que vomitava a seus pés.

— Eu desisto — eu fiz beicinho para Cole, então voltei para recarregar. Quando voltei para a guerra, escolhi um alvo diferente. — Peguei vocês! — Eu aplaudi quando o balão vermelho que eu joguei explodiu contra o peito de Randall.

Ele olhou para o macacão e zombou. — Você vai pagar por isso.



Eu estendi minha língua, o desafiando a vir atrás de mim, assim que Jimmy saiu de trás de uma árvore carregando o enorme balão que ele escondeu quando chegamos.

Eu me preparei, esperando pelo inevitável, mas assim que Jimmy levantou o balão, Randall se virou. Com uma agilidade que eu nunca teria esperado do velho homem que andava com uma bengala, ele deslizou para trás, jogando o balão que carregava no rosto de Jimmy.

Tinta rosa voou por toda parte.

O cabelo branco curto de Jimmy estava coberto. A cara dele. Seus ombros. Tudo estava pingando rosa.

— Seu *filho da puta* — ele cuspiu, enviando respingos rosa para o chão.

— Ha! — Randall riu. — Isso saiu pela culatra para você, não foi?

Ao meu lado, Cole começou a rir. Então Finn e Molly se juntaram. Tentei manter a cara séria, mas enquanto a tinta rosa ficava pingando do nariz de Jimmy, perdi a batalha. Eu ri tanto e por tanto tempo que meus lados doíam.

Eu me inclinei ao meio, lutando para recuperar o fôlego quando lágrimas felizes se misturaram com manchas de tinta no meu rosto. — Meu Deus. Aquilo foi hilário.

Quando me levantei, Cole me entregou uma das toalhas que eu trouxe. — Aqui.

— Obrigada. — Eu usei para secar meu rosto e depois entreguei para Cole para que ele pudesse limpar as mãos. Ele foi atingido com um balão verde bem no meio do peito. A cor e a luz do sol da tarde faziam seus olhos ferozmente brilhantes enquanto ele sorria.

Aqueles belos olhos seguraram os meus quando ele chegou mais perto, pegando a toalha e enxugando o lado do meu rosto. — Você perdeu um ponto.

Sem pensar - ou se importar - com o público, fiquei na ponta dos pés e toquei sua boca com a minha. — Obrigada por ter vindo hoje.

— Certo.



Eu o chocara um pouco com aquele beijo, mas estava feliz por tê-lo feito. Especialmente aqui. Na frente de familiares e amigos, eu queria que eles soubessem que ele era alguém especial.

Afinal, era disso que se tratava hoje. Hoje era para me divertir com as pessoas especiais da minha vida e honrar alguém que tinha sido especial, mas não estava mais conosco.

— Foi divertido. — Jimmy se aproximou e eu lhe entreguei uma toalha. — Eu acho que nós fizemos o meu menino orgulhoso.

— Eu também — disse Finn enquanto limpava o rosto de Max.

— Concordo. — Molly assentiu. — Jamie teria amado isso.

Eu sorri para Cole, então olhei para o céu azul e sem nuvens.

— Sim. Ele teria.



CAPÍTULO 15

31º Aniversário: Caminhada no Glacier

Poppy

— Estou esquecendo de alguma coisa.

Eu estava olhando para as minhas coisas no banco de trás do caminhão de Cole, certa de que tinha esquecido de embalar algo importante. Era o fim de semana depois da luta de pintura e Cole e eu estávamos dirigindo para caminhar no Glacier National Park.

O que estou esquecendo? Eu tinha minha bolsa de roupas e produtos de higiene pessoal com calcinha extra, pijamas, meias e uma camiseta, só por precaução. Eu tinha minhas botas de caminhada, meias de caminhada e cantil, que eu tinha arrastado para fora do armazenamento. Eu tinha minha bolsa com carteira, telefone, carregador de telefone, protetor labial e creme para as mãos que eu usava antes de dormir todas as noites.

Ainda assim, eu não conseguia me livrar da sensação de que algo estava faltando.

— Poppy! — Meus olhos foram para Cole no banco do motorista, seus dedos tocando o volante.

Eu acenei para ele. — Estou esquecendo de alguma coisa!



— Poppy, você está olhando para aquela pilha por cinco minutos. Você não está esquecendo nada. Nós estamos indo só por uma noite. Estaremos de volta amanhã.

— Bem. — Eu bufei e bati a porta dos fundos. Então pulei no banco do passageiro e bati a porta também. Nada me incomodava mais do que estar despreparada para uma viagem, mas como não conseguia me lembrar do que estava esquecendo, não tive escolha senão ficar sem.

Comigo finalmente pronta para ir, Cole não perdeu tempo saindo da garagem e nos apontando para a estrada.

Ainda era cedo, apenas seis da manhã, mas a luz da manhã de meados de setembro estava começando a brilhar.

— Espere! — Eu joguei minhas mãos quando Cole pisou no freio. — Meus óculos de sol. Eu esqueci meus óculos de sol.

Ele resmungou e empurrou o caminhão em sentido contrário, acelerando para trás para a minha casa.

Eu procurei as chaves da minha bolsa e pulei para fora, correndo para dentro para pegar meus óculos de sol no balcão da cozinha - exatamente onde eu os deixei para não esquecer. Eu sorri enquanto caminhava de volta para o caminhão, me sentindo muito melhor em começar o fim de semana bem.

Graças a um cancelamento de última hora, Cole e eu tínhamos reservado um quarto, em uma das pousadas mais agradáveis do parque. Nós seríamos capazes de fazer essa viagem - sem dormir em uma tenda - e cruzar este item na lista de Jamie.

— OK. Estou pronta agora.

Cole estava balançando a cabeça quando voltei para o caminhão. — Você é assim em toda viagem?

Dei de ombros e afiei o cinto de segurança. — Eu não acredito em pouca bagagem.

— Notei. — Ele sorriu. — Você tem certeza de que está pronta para ir? Nós poderíamos dar mais uma volta pela sua casa. Talvez arrume mais roupas. Embale um cooler no caso de ficarmos presos ao lado da estrada. Nós

provavelmente deveríamos levar algum gás extra também. Talvez outro pneu sobressalente.

Eu lutei um sorriso e deslizei meus óculos escuros no meu nariz. — Você está me provocando, podemos pegar a estrada?

Ele riu. — Para já.

— Boa. Então vamos fazer isso. Eu sorri, praticamente pulando no meu lugar. Eu não podia esperar para fazer esta caminhada.

Meu entusiasmo se foi oito horas depois.

Cada passo era excruciante. A dor atravessou meus dois pés enquanto eu seguia Cole pela trilha, em direção ao pico.

Droga. Droga! Não foi assim que imaginei o dia.

Chegamos ao alojamento logo depois do almoço e imediatamente nos preparamos para percorrer essa trilha. O sol estava brilhando. O ar estava puro. Eu nunca esperei estar com tanta dor horas depois.

Eu escolhi essa trilha porque foi classificada como uma das mais bonitas. A caminhada relativamente curta - apenas cerca de oito quilômetros de ida e volta - nos levaria a um pequeno lago, cercado por altos picos e algumas geleiras.

Mas agora, eu não tinha idéia se realmente chegaria ao fim ou seria capaz de riscar esse item na lista de Jamie.

Eu podia ver a crista à distância e, de acordo com meu pedômetro, esse era o último trecho antes de chegarmos ao lago. Eu só precisava fazer mais cem metros, mas poderia ter sido dez milhas.

Eu estava pronta para entrar em colapso.

Meus pulmões estavam queimando e minhas pernas estavam se transformando em mingau. Eu poderia ter passado por esse tipo de dor, mas meus pés? A

agonia a cada passo ia me deixar de joelhos.

Porra. Porra! Eu amaldiçoei e estremeci a cada passo. Tudo por causa dessas *merdas de* botas.

Meus pés tinham crescido desde a última vez que usei essas botas, na faculdade. Não muito - eu não tinha aumentado de tamanho nos meus sapatos comuns - mas o suficiente para que essas botas não se encaixassem mais.

Meus calcanhares estavam friccionados. Bolhas estavam crescendo. Tinha ficado tão ruim o meu pé direito que, a cada passo, o sangue escorria entre os dedos dos pés.

Como eu pude ser tão estúpida? Por que eu não tinha experimentado isso antes de sairmos de Bozeman? Eu cresci no Alasca - *caminhadas* no Alasca.Eu aprendi jovem como era importante ter boas botas de caminhada.

Eu queria gritar. Eu queria chorar. Eu queria jogar alguma coisa. Eu estava perto do fim. Tão perto, mas tudo que eu queria fazer era voltar.

Dei mais um passo e uma nova pontada de dor atravessou meu pé, fazendo-me vacilar e torcer meu tornozelo. — Ahh! — Eu soltei um grito estrangulado quando caí de joelhos e mãos. Pedaços de cascalho cavaram minhas palmas enquanto eu fechava meus olhos e respirava.

Eu tinha que continuar. Eu tinha que terminar essa caminhada.

Eu choraminguei enquanto tentava ficar de pé, lutando para encontrar o meu equilíbrio em dois pés doloridos. Eu teria caído novamente se não fosse pelas duas mãos grandes que vieram debaixo dos meus braços e me ajudaram a levantar.

— O que está errado? — O rosto de Cole procurou o meu. — Você está machucada? Você torceu o tornozelo?

Eu olhei para os meus pés traidores. — Não, eu estou bem.

— Besteira — ele cortou. — O que está errado?

Ele usava um chapéu hoje, um velho boné de beisebol do estado de Montana, mas não escondia a preocupação em seus olhos verdes.

Foi sua preocupação por mim que quebrou o aperto que mantive em minhas emoções. Lágrimas

frustradas brotaram e meu queixo tremeu quando olhei para minhas botas. — Minhas botas estão muito apertadas. Meus pés devem ter crescido. Estas foram minhas botas de caminhada do ensino médio e da faculdade, e eu... Eu não sabia.

— Ei. — Cole levantou meu queixo. — Está bem. Nós vamos apenas voltar para baixo.

— Não! — Eu balancei minha cabeça freneticamente. — Estamos tão perto. Eu tenho que fazer isso. Eu posso fazer isso. — Eu tentei dar um passo além dele, mas suas mãos apertaram meus bíceps e não me deixaram passar.

— Pare — sussurrou Cole. — Você caminhou pela Glacier. Talvez não para o lago, mas você fez isso. Você pode marcar isso da lista, mesmo que voltemos agora.

— Não, eu preciso fazer isso. — Minha voz falhou em desespero. — Não apenas para a lista de Jamie, mas por mim. Eu preciso terminar essa caminhada.

Cada passo agonizante dessa montanha se tornara muito mais do que apenas marcar uma caixa na lista de Jamie. Esta foi uma chance para provar a mim mesma que eu tinha a força que Cole viu em mim. Para provar que eu poderia superar qualquer dor.

Que não importa o que a vida jogou em mim, essa era a minha chance de provar que eu poderia lidar com tudo isso. Pés empolados, coração despedaçado - eu poderia sobreviver a tudo e continuar marchando.

— Eu posso fazer isso. — Prendi a respiração, pronta para a inevitável dor quando passei por Cole. Ele me soltou dessa vez, mas senti seus olhos nas minhas costas enquanto eu dava um passo, depois outro. Minhas esperanças aumentaram quando a dor não me derrubou.

Eu quase me convenci de que poderia fazer esse último alongamento quando dei outro passo e meu pé escorregou de novo, me forçando de volta a minhas mãos e joelhos. — Droga! — Eu chorei. — Estou tão perto.

A mão de Cole veio para minhas costas quando ele se ajoelhou ao meu lado. — Deixa eu ajudar. — Delicadamente, ele me posicionou, então eu estava

sentada na trilha estreita, para uma pausa atrasada.

— Eu só preciso de um minuto, então eu vou ficar bem. — Eu funguei e limpei um novo lote de lágrimas.

Ele suspirou, mas em vez de se sentar ao meu lado, ele se ajoelhou ao lado dos meus pés quando começou a desamarrar os cadarços das minhas botas.

— O que você está fazendo?

— Avaliando o dano. — Com um toque carinhoso, ele tirou minhas botas.

Mesmo que ele tenha tomado cuidado, eu estremeci quando eles se soltaram. Assim como eu suspeitava, minhas meias estavam manchadas de sangue. Meus calcanhares eram os piores, quase toda a área coberta de vermelho.

— Porra, Poppy. — Cole sacudiu a cabeça. — Essas botas não estão ajudando.

— Mas...

Ele levantou um dedo, me cortando. — Eu quero tirar essas meias também, mas vai doer.

— OK. — Eu respirei fundo e segurei enquanto os dedos de Cole esticavam minhas meias largas, as afastando da minha pele crua. O algodão ficou preso em alguns lugares e, quando se soltou, um grito de dor escapou dos meus lábios. O sangue correu para os dois pés, fazendo com que eles inchassem imediatamente.

Meus pés estavam destruídos. Não havia como eu conseguir subir mais e não tinha idéia de como voltaríamos. As solas dos meus pés estavam surpreendentemente ilesas. Talvez eu pudesse puxar minhas meias e andar nelas. Porque neste momento, qualquer coisa era melhor que as botas.

Eu abri minha boca para contar a Cole meu plano, mas ele falou primeiro. — Posso ver sua mochila?

— Certo. — Eu tirei dos meus ombros e entreguei. Não havia muito, apenas meu cantil e um par de barras de granola.



Cole enfiou minhas botas e minhas meias na mochila e depois afrouxou as correias antes de colocá-las sobre seus próprios ombros.

— Vou...

Precisar dessas meias. Mas antes que eu pudesse pronunciar as palavras, ele me tirou do chão, me saltando um pouco enquanto ele me situava em seus braços.

— Cole! O que você está fazendo?

— Carregando você.

— Você não pode me carregar.

Ele olhou para mim e sorriu. — Claro que eu posso.

— Eu sou muito pesada.

— Você é leve como uma pluma, além disso, não é muito mais longe.

Não é muito mais longe? — São quilômetros. — É só subir essa inclinação. — Ele deu um passo na direção errada. Em vez de virar e me levar de volta ao rastro, ele começou a marchar para frente, navegando cuidadosamente pela trilha rochosa enquanto me levava para o pico.

— Onde você vai? — Eu me contorci, tentando descer, mas ele apenas me segurou mais apertado. — Cole, não! Você vai se machucar. É muito íngreme.

Ele fez uma pausa e considerou minhas palavras. — Você está certa. — Ele me pôs de pé descalço e tirou a mochila. — Coloque isso para mim, você faria?

— Mas...

— Agora, Poppy. Eu quero voltar antes de escurecer.

Eu não discuti - apenas prendi a mochila. Com ele me carregando, nossa descida seria muito mais lenta e eu não queria atrasar a volta. A última coisa que eu queria era estar aqui à noite, com os ursos.

Ele bateu nas costas e se agachou. — Suba.

— OK. — Com um pequeno salto, envolvi meus braços ao redor de seus ombros e minhas pernas ao redor de sua cintura. Ele me impulsionou mais alto, então



seus braços estavam em concha debaixo dos meus joelhos.

— Você está bem? — Quando eu cantarolei um *uh-huh*, ele deu um passo, novamente na direção errada.

— Cole, o que você está fazendo? Precisamos voltar atrás. — Eu balancei um braço atrás de nós, na direção que deveríamos estar indo.

— Fique quieta, Poppy. — Ele deu outro passo. — E aperte suas pernas.

— Cole — eu implorei. — É muito. Volte.

Ele me ignorou, avançando na trilha sem olhar para trás ou respirar com dificuldade.

— Por favor? — Eu sussurrei em seu cabelo.

— Não é uma chance. Apenas segure firme.

Nenhuma quantidade de súplica mudaria sua mente, então eu fiquei quieta, fazendo o que ele pediu. Eu apertei minhas pernas firmemente e fiz o meu melhor para ficar parada, fazendo com que fosse o mais fácil possível para ele subir a trilha.

O que ele fez. Ele me levou até a trilha e até a margem do lago gelado da montanha.

Cole me colocou sobre meus pés descalços e deu um passo atrás de mim para abrir a mochila e cavar meu cantil. Quando o frio do chão penetrou em meus pés doloridos, diminuindo um pouco da dor, ele tomou um longo gole de água. Então ele colocou o cantil de volta e ficou ao meu lado, olhando para o lago.

— Olhe para isso. — Ele apontou para as geleiras abrindo caminho pelos vales dos altos picos. — Incrível.

Eu estava muito fixa em seu perfil para apreciar a paisagem. — Você me carregou.

Os olhos de Cole se separaram da vista. — Eu vou levar você de volta também.

— Mas por quê? Por que você não voltou atrás?

Ele encolheu os ombros. — Você disse que precisava fazer isso. Agora você fez.



Esse homem me tirou o fôlego.

— Cole, eu... — Por mais que eu quisesse agradecer a ele, para dizer qualquer coisa, nenhuma das palavras na minha cabeça era suficiente para transmitir o quanto isso significava.

Quando eu não tinha sido forte o suficiente para fazer alguma coisa sozinha - quando a dor tinha sido demais - ele fez isso por mim.

— Está tudo bem, Poppy. — Ele voltou para a vista. — Apenas aproveite isso.

— Tudo bem. — Eu me virei e deixei meus olhos absorverem tudo diante de nós. E enquanto eu estudava o lago, as geleiras e a montanha, percebi uma coisa.

Talvez eu não tenha que ser forte o suficiente para banir a dor sozinha.

Talvez ser forte significava aprender a confiar naqueles que tirariam um pouco da dor.

Como o homem ao meu lado.

11

Quando voltamos para a cabana, o sol começara a se pôr. Cole me carregou todo o caminho até a montanha - ele tinha suportado mais de quatro milhas comigo em suas costas. Quando chegamos à parte mais fácil da trilha, eu me ofereci para andar em minhas meias, mas ele se recusou a me colocar para baixo, não importa o quanto eu tivesse implorado.

Finalmente, meus pés bateram no chão quando chegamos a um banco do lado de fora da cabana.

— Você quer ir até o quarto ou gostaria de jantar primeiro?

Ele passou a mão pelo rosto. — Eu preciso de um banho, mas eu realmente gostaria de comer primeiro para que eu possa dormir depois do banho.

— O jantar então. Apenas me deixe pegar os chinelos que deixei no caminhão.

— Eu vou buscá-los.

— Cole, se sente e faça uma pausa. — Eu apontei para o banco. — Eu posso andar em um estacionamento pavimentado em meus pés descalços.

Ele cedeu, tirando as chaves do caminhão do bolso.

Eu peguei e me apressei em direção ao estacionamento, olhando por cima do ombro para vê-lo encurvado no banco. Ele parecia mais exausto do que eu já tinha visto antes.

Tudo por minha causa.

Eu andei mais rápido, meu ritmo combinando com a velocidade dos meus pensamentos de corrida.

Eu estava levando muito do Cole? Ele ofereceu sua ajuda livremente, mas eu estava aproveitando? Primeiro, ele assumiu o caso de assassinato de Jamie no trabalho. Então a lista de aniversários e tudo o que veio junto. O caminhão. As atividades de fim de semana. A caminhada.

Eu não queria que ele se ressentisse comigo quando terminássemos a lista. Eu não queria que ele pensasse que, tudo o que eu queria dele, era sua ajuda.

Minhas preocupações foram colocadas em espera quando cheguei a sua caminhonete. Eu escorreguei nos chinelos que joguei no banco de trás por precaução, então corri de volta para pegarmos algumas calorias, muito necessárias para Cole, e uma cerveja bem merecida.

Uma hora depois, Cole deu um tapinha no estômago, depois de ter acabado de comer um prato de batatas fritas caseiras e um enorme pedaço de costela. — Isso foi bom. Não é tão bom quanto sua comida, mas ainda assim.

Atingiu o objetivo.

— Obrigada. — Eu sorri. — Pena que não há uma maneira de servir bife em um pote.

Ele riu. — Se alguém consegue descobrir, meu dinheiro está em você.



— Acho que vou guardar as receitas de filé para casa. Eu vou desenterrá-los quando eu vier para invadir sua cozinha.

Sua mão cobriu a minha na barra entre nós. — Gostaria disso.

— Eu também. — Eu virei minha mão para enfiar meus dedos nos dele.

Nós não tínhamos discutido o beijo que nós tínhamos compartilhado na cozinha dele e nós não tivemos outro desde então. Eu só esperava que ele soubesse que as lágrimas que se seguiram não foram porque eu me arrependi daquele momento.

Eu nunca poderia me arrepender daquele beijo.

— Espero que você...

— Você quer outra cerveja? — A garçonete, uma jovem com cabelo preto espetado, interrompeu.

Cole soltou minha mão e enfiou a mão no bolso para pegar sua carteira. — Não. Apenas a conta. Obrigado.

— Você terá. — Ela bateu em um porta-copo de papelão do bar e foi até o caixa.

— Aqui. — Ele me deu uma pilha de vinte. — Eu volto já.

Ele se levantou do banquinho, se inclinando para beijar minha testa, depois caminhou em direção aos banheiros. Seus passos eram lentos e pesados. Seus ombros largos esticaram o algodão branco de sua camiseta enquanto ele se curvava para frente. E do jeito que ele estava rolando o pescoço, ele deve estar com uma de suas dores de cabeça.

— Aqui está. — A garçonete inclinou os braços no bar depois de trazer a nossa conta. — Seu marido parece que teve um dia difícil.

— Oh, hum — eu me atrapalhei com o dinheiro que eu entreguei, — ele não é meu marido.

Seus olhos dispararam para a minha mão esquerda, zerando meus anéis de casamento. — Oh-ok — Ela empurrou a conta e ergueu as mãos. — Nenhum julgamento aqui. Apenas estou supondo.



— Não! — Minhas mãos se agitaram quando eu fiz o meu melhor para explicar que eu não estava tendo um caso. — Não é desse jeito. Eu estou... Eu não sou casada. Meu marido faleceu e eu simplesmente não tirei meus anéis.

— Desculpe. — O rosto dela se suavizou antes de se virar e ir até o caixa para pegar o troco.

Ok, isso foi estranho. Eu girei os anéis no meu dedo. Era hora de tirá-los? Se eu realmente quisesse seguir em frente, não poderia continuar usando.

Antes que eu pudesse arranjar coragem para retirá-las, a mão de Cole pousou no meu ombro. — Tudo pronto?

Eu assenti. — Ela está apenas trazendo de volta o troco.

A garçonete apareceu com dinheiro na mão, mas Cole apenas acenou para ela. — Fique com o troco. Obrigado.

Eu pulei do banquinho, então segui Cole enquanto nós fizemos o nosso caminho até a recepção, para pegar as malas que havíamos deixado mais cedo. Nós as tiramos do recepcionista, em seguida, fizemos o nosso caminho para o segundo andar, e por um longo corredor para o nosso quarto.

Joguei minhas malas em uma cama enquanto Cole fazia o mesmo na outra antes de afundar na cadeira ao lado da porta da sacada. — Continue. Você pode tomar o primeiro banho.

— Você tem certeza?

Ele assentiu e apoiou a cabeça no encosto da cadeira.

— OK. Eu serei rápida. — Eu tirei minha bolsa da cama e corri para o banheiro, sabendo que quanto mais rápido eu tomasse banho, mais rápido Cole poderia entrar aqui e dormir um pouco.

Eu liguei a água e tirei minhas roupas. As bolhas nos meus pés começaram a secar graças a horas de estar exposta ao ar, mas ainda assim, quando eu pisei debaixo da água, eu assobiei com a picada aguda. Felizmente, ela desapareceu rápido quando tomei o banho mais rápido da minha vida.

Com o cabelo enrolado em uma toalha, saí do banheiro, vestida de short marrom e uma camisola combinando. — Tudo feito.



Meus pés pararam quando meus olhos pousaram em Cole.

Ele adormeceu na cadeira.

Seu chapéu estava apoiado em um joelho e seu cabelo estava emaranhado. Seu pescoço e mandíbula estavam cobertos de barba por fazer e suas roupas estavam sujas e enrugadas. Ele estava uma bagunça.

Ele era uma bagunça e o homem mais bonito que eu já vi.

Cole era simplesmente de tirar o fôlego.

Silenciosamente, coloquei minha mochila no chão e atravessei a sala. — Cole. — Eu toquei a mão em seu ombro.

Ele estremeceu acordado, piscando algumas vezes para limpar o sono. — Desculpa.

— Está bem. Vá tomar um banho e depois vá para a cama.

Ele assentiu, se afastando da cadeira e indo até o banheiro.

Eu tirei a toalha do meu cabelo, rapidamente o penteando e deixando secar ao ar. Quando o chuveiro ligou, abri a porta da varanda e saí. O ar da noite estava frio e me dava arrepios, mas ignorei o frio e me concentrei na minha mão esquerda.

Cuidadosamente, eu deslizei o anel que Jamie tinha me dado, no dia em que ficamos noivos, do meu dedo. Então eu deslizei o aparador simples que ele tinha me dado no dia do nosso casamento.

Eu sempre vou amar você, Jamie, mas é hora de deixar isso para lá.

Eu não podia mais usar seus anéis.

Não quando eu estava me apaixonando por Cole.



CAPÍTULO 16

44º Aniversário: Ter um cão para manter por toda a vida

Poppy

Eu estava apenas deslizando a porta da varanda quando a porta do banheiro se abriu.

— Eu me sinto como um novo homem.

— Boa. — Eu tinha um sorriso no rosto quando me virei, mas falhou quando Cole atravessou a sala.

Ele estava com a toalha secando o cabelo, vestindo apenas um par de calças de pijama pretas, que ficavam baixas - inacreditavelmente baixas - nos quadris.

Minha respiração não apenas engatou, ela desapareceu. Cada molécula de oxigênio evaporou com um único olhar.

Porque Cole era trincado - realmente trincado. Seus braços estavam tão esculpidos, os pontos entre seus músculos pareciam os vales das montanhas, que havíamos visto antes em nossa caminhada. As horas não seriam longas o suficiente para rastrear todos esses mergulhos. Seu peito estava coberto com apenas um pouco de cabelo, mas muito para entreter meus dedos, por dias. E seus abdominais pertenciam à capa de um romance. Eu esperava que seu estômago fosse plano. Suas



camisetas e pólos nunca foram estufados no meio, nem mesmo depois de uma grande refeição. Mas os abdominais de Cole não eram planos - eram rasgados. A pele que cobria o músculo era tão magra que seu abdômen era a definição de uma tábua de lavar.

Se eu soubesse quem inventou o karatê, eu enviaria uma nota de agradecimento.

Cole largou a toalha e eu virei meus olhos para o chão, tentando esconder o fato de que eu estava babando sobre a parte superior do seu corpo.

— Eu não suponho que você tenha algum analgésico na sua bolsa imensa.

— Claro — eu ofeguei, lembrando de respirar novamente. Meus braços levaram o caminho para a minha bolsa na cama, cavando freneticamente para o frasco de comprimidos no fundo. — Aqui está.

— Obrigado. — Ele abriu a tampa, sacudiu algumas pílulas e pegou uma das garrafas de água que eu trouxe.

As cordas de sua garganta me hipnotizaram quando ele inclinou a garrafa de volta para seus lábios e começou a engolir. Como se eu estivesse observando a água em seu caminho, meus olhos viajaram por sua garganta, deslizando por sua clavícula e descendo pela linha central que cortava entre seu peitoral e seu abdômen. Eu o vi fluir até o V, que desaparecia entre o cós do pijama, depois um pouquinho mais longe, até a protuberância que o algodão não conseguia esconder.

Cole soltou a garrafa de água de seus lábios. Voltei para a minha bolsa, fingindo organizá-la enquanto minhas bochechas esfriavam. — Dor de cabeça? — Eu perguntei, empurrando as coisas no fundo da minha bolsa.

— Eu vou ficar bem. — Ele colocou o frasco de comprimidos na TV e rolou o pescoço.

Ele estava tentando parecer bem, mas eu sabia que ele estava com dor. Colocando minha bolsa de lado, apontei para o final da minha cama. — Venha se sentar.

Sem dúvida, ele afundou no colchão. Seus ombros rolaram para frente enquanto ele abaixava a cabeça.



Eu subi na cama atrás dele, ficando de joelhos, enquanto eu caminhava para suas costas. Com o menor toque, coloquei minhas mãos em seus ombros nus. Um fio de eletricidade subiu até meus cotovelos e o calor de sua pele infundiu meus dedos frios.

Cole ficou tenso e os músculos de suas costas ficaram ainda mais pronunciados - ele também sentiu aquele fio.

Meu coração estava acelerado, mas ignorei sua batida e comecei a massagear meus polegares na base de seu pescoço.

— Você não precisa fazer isso.

Eu adicionei mais pressão. — Apenas feche seus olhos e relaxe.

Cole me deu um leve aceno de cabeça e depois abaixou a cabeça novamente, relaxando a cada segundo que passava enquanto eu subia e descia pelo pescoço dele, depois de um lado para o outro pelos ombros.

— Está ajudando?

Ele assentiu. — Você tem mãos mágicas.

— Se o restaurante não funcionar, talvez eu me torne uma massagista.

Uma risada silenciosa veio do fundo de seu peito, o estrondo enviando arrepios percorrendo meus antebraços. — Fale comigo sobre algo. Sua voz me acalma.

Minhas mãos pararam. Ninguém nunca havia elogiado minha voz antes. Era engraçado como um pouquinho de seu elogio me fez gostar de algo sobre mim, que eu realmente não tinha considerado especial antes. Então, se minha voz ajudasse a aliviar a dor de cabeça de Cole, depois de um longo dia literalmente me arrastando, eu leria para ele minha lista de compras. — O que você quer que eu fale?

— Qualquer coisa. Como algo sobre sua família? Você é próxima de seus pais?

O pensamento deles aqueceu meu coração. — Eu sou. Nós não conseguimos nos ver muito, mas eu converso com eles duas vezes por semana. E eles sempre vem para os aniversários de Kali e Max, e também para o Natal.



— Quando foi a última vez que você esteve no Alasca?

— Dois anos atrás. Eu fui pouco antes de comprar a garagem e começar a renová-la para o restaurante. Passei algumas semanas lá, recebendo o conselho do meu pai no meu plano de negócios, e tendo a minha mãe me ajudando com ideias para fazer um cardápio completo.

Minhas mãos cavaram com mais força no pescoço de Cole, afastando um dos nós.

— O que os seus pais fazem?

— Papai é um piloto. Ele tem seu próprio negócio voando suprimentos no norte do Alasca. Ele construiu ao longo dos anos e tem um monte de pilotos trabalhando para ele agora. Ele poderia se aposentar a qualquer momento, mas ele ama voar. E mamãe é uma chef particular em Anchorage.

— É aí que você tem o seu amor por cozinhar?

Eu sorri. — Sim. Mamãe me ensinou a cozinhar. Ela havia transmitido sua paixão por comida, enquanto meu pai pagará pelo meu diploma de negócios, do estado de Montana. Ambos me deram as ferramentas para fazer da comida minha carreira.

— E seus avós?

Minhas mãos desceram pelo pescoço de Cole até seus ombros novamente. Com cada círculo dos meus polegares, a tensão diminuía. — Eles ainda estão todos no Alasca. Os pais de papai moram no mesmo lugar que eles há cinquenta anos, a três quarteirões da casa dos meus pais. E os pais da mamãe estão em uma casa de repouso. Eles estão em seus noventa anos agora, mas têm boa saúde. Embora nenhum deles possa ouvir muito bem.

Ele suspirou. — É bom que você ainda tenha todos eles. Todos os meus avós morreram quando eu era mais jovem.

— Eu sinto muito.

Antes de Jamie, nunca perdi ninguém. Talvez essa fosse uma pequena parte do motivo de sua morte ter sido tão devastadora. Tão chocante. Foi um despertar que o tempo que tivemos com nossos entes queridos foi fugaz.



Como se ele pudesse sentir meu momento de tristeza, Cole estendeu a mão e colocou a mão sobre a minha, apertando uma vez antes de largá-la de volta no colo.

Eu esfreguei seus ombros e pescoço por mais algum tempo, até que meus dedos finalmente se desgastaram. Mas eu não queria parar de tocar em Cole, então eu aproximei meus joelhos. Minhas mãos deslizaram por seu pescoço, passando por suas orelhas e em seu cabelo. — Se incline para trás.

Cole olhou para mim através de cílios escuros, observando meus dedos massagearem seu couro cabeludo. — Dedos mágicos — ele sussurrou, — e belos olhos.

Minhas mãos continuaram trabalhando no cabelo de Cole, enquanto eu segurava seu olhar. A intensidade entre nós aumentava a cada segundo que nos recusávamos a nos separar - recusava-nos a piscar.

E nesse momento, eu me abri completamente para Cole. Sem palavras, eu disse a ele o quanto ele significava para mim. Como ele costurou meus pedaços quebrados juntos, novamente. E em seu olhar carinhoso - fundo em suas íris verde-claras - ele me mostrou uma vulnerabilidade que eu nunca tinha visto. Seus olhos pediram para eu cuidar do seu coração.

Eu protegeria sempre.

O calor entre nós cresceu quando os segundos se passaram, mas ainda assim, não quebramos o nosso olhar. Minhas mãos pararam de se mover enquanto meu peito arfava com respirações agitadas. Cole se sentou congelado contra mim - esperando.

Esperando pelo meu sinal.

Eu pisquei antes de encher meus pulmões com uma respiração irregular. — Você vai fazer alguma coisa por mim?

— Num piscar de olhos.

— Me beije.

Sua cabeça saiu do meu ombro enquanto ele se contorcia. Com seus braços envolvendo meus joelhos, Cole se inclinou para frente, encaixando seu peito nu contra a minha frente. Suas mãos deixaram a cama, viajando pelos



meus lados com o toque mais leve. Aqueles dedos longos roçaram os lados dos meus seios antes de correr sobre meus braços nus e para cima, no meu cabelo úmido.

O tempo todo, os olhos de Cole ficaram colados aos meus.

Quando seu rosto se aproximou, deixei meu olhar nos lábios dele. Eu só tive um segundo para estudá-los antes que ele me beijasse. No momento em que nos tocamos, meus olhos se fecharam e meus lábios se separaram por sua língua. Ele tocou a ponta da minha antes de sair correndo para traçar meu lábio inferior.

Um gemido ganancioso veio da parte de trás da minha garganta enquanto Cole brincava. Ele beliscou e chupou meus lábios, mas ele estava se segurando. Minhas mãos balançando ao meu lado, alcançaram sua cintura, mas ele empurrou seus quadris para trás, não me deixando agarrar.

— Cole — eu implorei quando ele se separou.

Ele estava ofegante enquanto procurava meus olhos. — Até onde você quer levar isso?

A resposta veio sem hesitação. — Todo o caminho.

Ele se inclinou para trás, como se não confiasse em si mesmo para estar perto demais. — Você tem certeza? Porque uma vez que fizermos isso, uma vez que cruzemos essa linha, não iremos voltar.

Eu segurei seu queixo. — Toda a certeza do mundo. Isto. Nós. Eu quero isso. Eu quero *você*.

Eu mal tinha conseguido a última palavra antes que a boca de Cole batesse na minha. Desta vez, não houve provocação. Sem jogar. Não retendo. Cole me beijou tão profundamente que eu estava perdida para outra coisa senão sua boca.

Minhas mãos agarraram suas costas quando eu o puxei para mais perto, precisando de mais. Eu estava tonta com o latejar entre as minhas coxas e a falta de oxigênio, mas eu apenas segurava firme, desesperada para consumi-lo completamente.



Em um gemido, suas mãos deixaram meu cabelo e desceram até minha bunda, apertando com força quando ele me levantou da cama e me deitou de costas, e nenhuma vez ele quebrou o trinco que ele tinha na minha boca. Enquanto meus quadris embalaram os dele, seu comprimento duro esfregou contra o meu clitóris dolorido. Eu arqueei, me esfregando contra o algodão fino que nos separava.

A língua de Cole mergulhou de volta em minha boca, saqueando implacavelmente, enquanto suas mãos percorriam meus seios. Ele os apertou sobre a minha camisola antes de abaixá-la, os libertando para que ele pudesse encher suas mãos grandes.

Eu arqueei meu peito em suas mãos, desejando um toque mais forte nos meus mamilos duros. E Cole não desapontou. Com as palmas das mãos ainda segurando meus seios, ele usou os polegares para apertar e provocar meus botões duros. Cada beliscada enviava meu pulso diretamente para o meu centro. Certamente minha umidade tinha vazado através da minha calcinha e calções de dormir. Certamente Cole podia sentir o quanto eu precisava dele dentro.

Minhas mãos deslizaram entre nós, trabalhando em direção ao cós da calça de Cole, mas antes que pudessem entrar, ele se afastou, amaldiçoando.

— Porra. Porra. Porra.

— O quê? — Eu respirei.

Ele caiu no meu peito, ofegando e ainda amaldiçoando em um travesseiro. Quando ele levantou a cabeça, sua mandíbula estava apertada. — Eu não tenho preservativos.

Porra.

Antes que eu pudesse dizer qualquer coisa, Cole rolou sobre mim, pegando o telefone na mesa de cabeceira. — Eu vou ligar para a recepção.

— Espere! — Eu bati a mão dele longe do receptor. A última coisa que eu queria era que um mensageiro trouxesse uma camisinha, que estava largada em volta de uma antiga cabana na montanha, para quem sabia quanto tempo. — Eu estou em controle de natalidade, e eu não estive com ninguém desde então...



Sua mão voltou para a cama. — Eu acabei de fazer meu exame físico anual. Estou limpo.

Eu levantei minha cabeça do travesseiro, pressionando meus lábios nos dele. — Então o que você está esperando?

Ele sorriu, a luz em seus olhos brilhando mais do que eu já vi. — Minha mulher perfeita.

Meu coração palpitava tão forte, era quase tudo que eu podia sentir. E com esse sentimento veio outra coisa, uma realização. Eu não deveria me sentir culpada por ter o coração palpitando com outra pessoa além de Jamie. Eu deveria me sentir sortuda - incrivelmente, inacreditavelmente, magicamente sortuda. Eu encontrei outra pessoa que me fez sentir querida, amada e protegida.

Cole ganhou esses palpites cardíacos.

E ele deveria tê-los.

Quando ele ajustou seus lábios de volta à minha boca sorridente, eu fechei meus olhos, saboreando a realização. Saboreando seu beijo e o calor entre nós que chamuscou minha pele. Eu ansiava mais pela queimadura, mais de sua pele e seu corpo, então eu deslizei minhas mãos no cós da calça dele. Com um aperto implacável, eu enchi minhas mãos com o traseiro de Cole.

— Poppy — ele gemeu quando eu apertei. Mesmo com meus dedos cavando com força, eles mal fizeram um dente no músculo. O corpo de Cole era muito sólido. Demasiado firme. Cada centímetro.

E eu terminei com essas roupas afastando isso.

Minhas mãos trocaram sua cintura pela minha. Eu coloquei meus polegares em meus shorts e fiz o meu melhor para libertá-los, mas com o peso dele em cima de mim, eles quase não deslizaram uma polegada.

Eu rasguei meus lábios longe de Cole e bufei.

Ele riu contra a minha bochecha. — Esse é o meu trabalho. — Começando no meu queixo, ele começou a chupar beijos no meu pescoço.

Eu abandonei meus esforços de despir e deixei minhas mãos caírem ao meu lado, apreciando o jeito



que a língua de Cole lambeu e sua boca sugou minha pele.

Ele se moveu para o mergulho entre a minha clavícula e depois para o inchaço de um seio. Sua boca quente encontrou meu mamilo duro e ele chupou para dentro, rolando uma vez com a língua antes de deixá-lo ir com um estalido.

Ele fez o mesmo com o outro mamilo enquanto suas mãos iam até a bainha da minha camisola. No momento em que ele arrastou o meu torso, eu estava me contorcendo embaixo dele. A tortura foi agonizante. Bonita. Isso estava me deixando louca, mas eu não queria que ele parasse.

— Cole — eu implorei. — Mais.

Ele cantarolou e se separou do meu peito, finalmente chicoteando minha camisola sobre a minha cabeça e jogando no chão. Ele se recostou nos joelhos, os olhos escurecendo enquanto se banqueteava na minha pele nua. — Você é tão bonita.

Meu coração inchou quando eu puxei uma respiração trêmula. Havia tanta coisa que eu queria dizer, lhe dizer o quanto ele me fazia sentir especial, mas estava perdida pelas palavras. Tudo o que eu pude fazer foi segurar seus olhos, enquanto ele lentamente tirava meus shorts e calcinha de renda rosa.

Sua boca voltou à minha pele e começou a explorar. Sua língua lambeu as ondas sob cada um dos meus seios antes de seus lábios fazerem cócegas pelas minhas costelas de um lado. Cole chupou e beliscou a curva suave do meu quadril. Ele beijou o interior da minha coxa, até a curva do meu joelho. Então ele voltou para o meu corpo para fazer a coisa toda de novo, desta vez do lado que ele havia negligenciado.

Ele estava em uma missão para devorar cada centímetro da minha pele, apenas para ver se uma parte tinha um sabor diferente do resto. Quando chegou ao meu centro, arrastando a língua pela minha fenda em uma longa e eufórica lambida, cada nervo do meu corpo estava pulsando, desesperado por liberação.

Cole desceu do pé da cama e tirou as calças. Quando ele se levantou, meus olhos caíram direto para seu pênis espesso e duro. Meu batimento cardíaco subiu outro ponto quando olhei em seu tamanho. Fazia tanto tempo desde que

eu fiz sexo e Cole era grande.

Rastejando de volta para a cama, Cole me cobriu com seu corpo, envolvendo um braço em volta das minhas costas enquanto o outro enfiava no meu cabelo. Ele pressionou um beijo suave nos meus lábios, apagando minhas preocupações com aquela doce carícia.

Enquanto sua língua acariciava meu lábio inferior, sua mão abandonou meu cabelo e veio entre nós para acariciar seu pênis. Ele puxou através da minha fenda, espalhando minha umidade até o meu clitóris. Meus quadris arquearam quando ele fez isso de novo e de novo - meu corpo implorando por mais.

Finalmente, ele posicionou a ponta na minha entrada e trouxe a mão de volta para o meu rosto. Então, com um simples deslizar, Cole me encheu completamente. Ele ficou parado por um momento, me dando a chance de se esticar ao redor dele, mas então ele começou a acariciar. Seu ritmo profundo e deliberado me trouxe mais e mais alto até que minhas pernas estavam tremendo e minha pele estava em chamas.

Eu não poderia durar. Tanto quanto eu queria arrastar essa sensação incrível, meu corpo estava liderando o caminho. Então eu fechei meus olhos, bloqueando tudo, menos a sensação de Cole dentro de mim. E eu deixei ir. Eu gemi quando meu orgasmo rasgou através de mim em ondas, minhas paredes internas apertando duro em torno de Cole, até que eu estava desossada por baixo dele.

— Deus, você é perfeita. — Cole me beijou novamente, depois começou a ir mais rápido.

Eu esperava que ele encontrasse seu próprio lançamento em breve, mas ele continuou. Mais e mais ele se moveu, me construindo de volta. Mostrando-me que, mesmo exausto, ele tinha força para ir por horas. Ele continuou empurrando, seus quadris definindo um ritmo errático que eu não podia prever, até que eu estava tremendo debaixo dele, pronta para vir tudo de novo.

— Goze, linda — ele ofegou. — Eu estou quase lá.



Com sua voz grave no meu ouvido e sua boca quente no meu pescoço, eu engasguei seu nome pouco antes do meu segundo orgasmo se romper com força.

Eu pulsava ao redor dele, meus quadris batendo contra os dele. Ele inclinou a cabeça para trás e soltou um gemido alto quando veio, quente e molhado dentro de mim. Eu ainda estava descendo, mas forcei meus olhos abertos, querendo ver seu rosto - seu rosto de tirar o fôlego.

Seus cílios escuros apertados juntos. As cordas do pescoço dele se flexionaram. Sua mandíbula trincada se fechou.

Tirar o fôlego.

Tanta coisa aconteceu desde o dia em que Cole voltou à minha vida. Os altos e baixos da minha montanha-russa emocional tinham sido quase demais para suportar. Mas eu não poderia me arrepender de um segundo daquele passeio. Aqui, nos braços desse homem incrível.

Cole desmoronou em cima de mim, me segurando perto, enquanto ofegávamos por ar. Eu pressionei minhas mãos em suas costas, não querendo deixá-lo ir ainda, até que, finalmente, recuperamos a respiração e a sala parou de girar. Ele deslizou para fora e caiu na cama ao meu lado. Então, com um puxão rápido, ele me puxou para o peito.

— *Agora*, eu estou cansado.

Eu ri em seu pescoço. Entre a caminhada e o sexo, aposto que ele estaria morto para o mundo em menos de cinco minutos. — Eu vou me limpar. Volto logo. — Com um beijo na bochecha, eu rolei para fora da cama e fui para o banheiro. Eu corri para limpar, querendo voltar para seus braços antes que ele adormecesse.

Cole estava esperando quando eu escorreguei debaixo dos cobertores que ele havia recusado. Ele me puxou para o lado e acariciou seu nariz no meu cabelo. Então ele pegou minha mão e entrelaçou nossos dedos juntos. — Você está bem? Ficando comigo?

Desde que eu tinha quebrado completamente após o nosso primeiro beijo, sua pergunta não me surpreendeu. Ele provavelmente estava esperando por mim para ter outro jorrar de lágrimas. Mas não havia nada sobre o



sexo com Cole para causar outra coisa, senão lágrimas de alegria.

— Estou melhor do que bem. — Eu beijei seu peito. — Eu estou maravilhosa. E você é o único com quem quero estar.

— Bom. — Ele soltou um suspiro aliviado. — Você quer falar sobre por que suas alianças se foram?

Eu deveria saber que ele sentiria falta disso. — Já era tempo.

— Você sempre pode falar comigo sobre ele. Sobre como você está se sentindo. Prometa que vai me dizer se alguma vez chegar a ser demais.

— Eu prometo, só não aqui. Esta cama é um lugar que é só para nós, ok? Isso é só nosso.

Ele beijou meu cabelo. — OK.

Fechei meus olhos e me aconcheguei mais perto, feliz por ele gostar de abraçar. — Boa noite.

Ele bocejou. — Noite, minha linda Poppy.

Então eu adormeci ao lado do segundo homem com quem eu já tive relações sexuais. O homem que partiu para conquistar meu coração danificado. O homem que estava curando desde então.

O homem que vi quando sonhei com o futuro.

16

Na manhã seguinte, Cole e eu demoramos para começar o dia.

Como eu não tinha botas, não podíamos fazer a caminhada matinal que planejei originalmente, então, em vez disso, ficamos na cama. Depois que ele me fez gozar duas vezes e dividimos o banho, nos forçamos a nos separar e deixamos o chalé, parando no Lago Mcdonald.

— Eu vi muitas fotos deste lago, mas nenhuma delas faz justiça. — Inclinando-se para o lado de Cole, eu não podia acreditar que este lugar era real.



A água vítrea refletia as montanhas azuis à distância. Algumas das árvores começaram a girar, suas folhas amarelas e âmbar contrastando com as sempre-vivas circundantes. Mas a minha parte favorita eram as rochas do lago. Pedras redondas e lisas, de todas as cores - vermelho, verde, azul e amarelo - descansavam sob a superfície da água.

— Eu quero voltar aqui um dia e andar de canoa no lago.

O braço de Cole em volta dos meus ombros se apertou. — Talvez devêssemos voltar todos os anos. Esta poderia ser nossas férias anuais.

Eu sorri. — Eu gosto disso.

Este parque sempre seria especial para mim, principalmente porque este era o lugar onde eu e o Cole tínhamos realmente começado. Eu ficaria feliz em voltar todos os anos para passar um fim de semana juntos. E adorei que Cole assumiu - assim como eu - que estaríamos juntos. Que eu seria a pessoa com quem ele passaria suas férias anuais.

— Me passa seu telefone. Vou tirar sua foto. — Ele me soltou e estendeu a mão.

— OK. — Eu tirei do bolso de trás e entreguei.

Cole recuou, mas eu não me virei imediatamente. Eu mantive meus olhos no lago e joguei meus braços para o lado, inclinando meu queixo para deixar o sol aquecer meu rosto.

— Tudo bem. — Ele riu. — Vire-se e sorria.

Eu deixei cair meus braços e me virei, mas em vez de sorrir, soprei um beijo em Cole.

Ele clicou em algumas fotos e depois me devolveu o telefone. — Você quer ficar ou devemos voltar?

Eu olhei por cima do meu ombro para o lago uma última vez. — É melhor nós irmos. É uma longa viagem.

— OK. — Cole caiu atrás de mim enquanto caminhávamos pelo caminho de terra até o caminhão. Ele abriu a minha porta, depois foi até a sua. Seus movimentos eram duros hoje, as dores de nossa caminhada ontem provavelmente se instalaram, mas ele não reclamou.

Quando entramos na estrada, ele pegou minha mão. — Quando voltarmos, quanto tempo você acha que vai levar para você arrumar as coisas, para alguns dias?

— Mala? Para onde exatamente vou?

— Para minha casa. — Ele sorriu. — Você está presa comigo, agora.

Eu sorri para o perfil de Cole. Ele não se barbeou hoje e sua mandíbula parecia mais sexy, mais áspera com sua barba espessa. Quando chegamos à casa dele, minha língua se aproximou e se encaixou naquele queixo. Embalagem instantânea - ou rápida - nunca tinha sido meu forte, mas esta noite, eu estaria estabelecendo um recorde pessoal. — Dez minutos. Quinze, no máximo.

E se eu esquecesse alguma coisa, eu apenas passaria na minha casa amanhã, antes do trabalho. Eu estava mais do que disposta a levantar trinta minutos mais cedo, se isso significasse que eu tinha que dormir na cama de trenó de Cole.

A única desvantagem era que eu teria que bloquear a imagem de outra mulher ter dormido lá primeiro. — Quanto você é apegado à sua cama?

— Minha cama? Bem, considerando que acabei de comprá-la há alguns meses, muito ligado.

Isso não era o que eu esperava. — Você acabou de comprar?

— Era hora de uma reforma. Esse é nova em folha. Por quê?

— Oh, apenas curiosa. — Eu cobri minha boca, fingindo bocejar, quando na verdade, eu estava escondendo um sorriso enorme. *Casa do Cole, aqui vou eu.* Ele não sabia ainda, mas eu acabei de reivindicar aquela cama como minha.

Sua cozinha também.

Nós dirigimos por algum tempo em silêncio, observando a paisagem enquanto nós navegávamos pelas estradas ventosas para fora do parque até chegarmos à rodovia principal, que nos levaria de volta a Bozeman. Cole parou em um posto de gasolina para abastecer e eu saí, querendo uma bebida para voltar para casa. — Vou pegar uma água. Quer uma?



Ele assentiu, tirando a carteira do bolso de trás e a jogando. — Obrigado, linda.

Linda.

Eu sorri para seu novo carinho. Linda Poppy ainda era minha favorita, mas linda era uma segunda colocada.

Correndo para dentro, eu usei o banheiro e então peguei para Cole e eu as duas águas, e um pouco de alcaçuz para o resto da viagem. Assim que eu estava saindo, ouvi um grito vindo do estacionamento da fazenda e da loja de suprimentos ao lado do posto de gasolina.

Eu procurei pelo som assim que o ouvi novamente. O grito vinha de um velho caminhão vermelho, onde uma mulher estava colocando uma placa ao lado de um pneu.

Filhotes à venda. US $ 1.500, Pastor alemão puro-sangue.

Meus pés imediatamente mudaram de direção. Mil e quinhentos dólares era *demais* para gastar em um cão, mas desde que olhar não paga e eu amava filhotes, um olhar não faria mal.

— Oi! — Acenei para a mulher enquanto me aproximava da caminhonete. — Você se importaria se eu olhasse para seus filhotes de cachorro?

Ela sorriu. — Certamente. Por favor.

Eu me inclinei sobre a porta da bagageira e cinco pares de olhos castanhos todos vieram para mim, abanando a cauda freneticamente, enquanto eles lambiam sua caixa de metal. — Meu Deus. — Agora eu sabia por que as pessoas gastavam mil e quinhentos dólares em um cachorro. Um olhar e eu estava apaixonada. Essa mulher poderia ter meu carro se isso significasse que um desses bebês de pelo poderia vir morar comigo.

— Pop-oh, merda — resmungou Cole, subindo. No minuto em que ele viu os filhotes e o olhar no meu rosto, ele sabia exatamente o que eu estava planejando. — Tanto para ir para o canil e conseguir um filhote de resgate.

Eu disse a Cole que estava planejando pegar um filhote de cachorro para satisfazer a lista de Jamie, mas esse plano era história. Meu próximo cão teria que vir por pagamento, porque eu estava comprando um desses filhotes hoje. Além disso... — Esses cães precisam de boas casas também, não é? — Eu perguntei a mulher, esperando por algum apoio.

Ela apenas recuou, não fazendo contato visual com Cole carrancudo.

Medrosa.

Eu esperava que ela entrasse e me ajudasse a fazer o caso para Cole, por que eu iria gastar uma quantia ridícula de dinheiro com um filhote de cachorro.

— Cole, olha como eles são fofos. — Voltei para os filhotes. Um deles - o mais bonito - recuara para o fundo da gaiola, descansando enquanto seus irmãos ainda lambiam o caixote. — Além disso, não importa de onde vem o filhote. A lista dizia para ter um cão e o mantivesse por toda a vida.

A família de Jamie sempre teve cães de fazenda, mas ele sempre quis um animal de estimação. Um cachorro que pudesse entrar em casa ou que pudesse fazer corridas pelo bairro. Ele queria um cachorro que se tornasse o melhor amigo do homem, e não ser outro empregado do rancho Maysen. Este filhote de cachorro era do tipo que ele teria escolhido - provavelmente porque esse era, exatamente, o tipo de filhote de cachorro pelo qual *eu* teria.

Eu não tinha idéia de como eu colocaria um filhote em minha vida, mas o pequeno lá atrás, o mais interessado em assistir às atividades do que em estar na frente e no centro, era meu novo cão.

— Vocês aceitam cartões de crédito? — Cole perguntou a mulher.

Minha cabeça se afastou dos cachorros enquanto Cole roubava sua carteira da minha mão.

A mulher sorriu. — Eu com certeza faço.

E assim, eu tive um filhote de cachorro.

Uma hora depois, meu novo cachorro estava no meu colo, e a parte de trás da caminhonete de Cole estava cheia de suprimentos para animais, que compramos na fazenda e na loja de material de fazenda.



— Como devemos nomear você? — Eu arrulhei quando o filhote empoleirou suas patas na porta para olhar pela janela. — Estou pensando... Nazboo.

— Que porra é essa? — Cole murmurou. — Não, Poppy.

— O que há de errado com Nazboo?

Ele franziu a testa. — Eu não quero ficar do lado de fora gritando 'Venha aqui, Nazboo'. — Sente-se, Nazboo. — Não coma essa porra, Nazboo. — Escolha um nome normal.

Eu ri, mas balancei a cabeça. — Não. Nazboo é fofo. É de um dos desenhos de Kali e Max e é único.

— Vetado.

— Bem. Se você é tão particular sobre os nomes, vamos ouvir sua escolha.

— Hmm. — Cole esfregou o queixo com uma das mãos, debatendo em silêncio enquanto dirigia com a outra.

Enquanto ele tentava chegar a um nome melhor, eu acariciava as costas de Nazboo. Ela era, de longe, o cão mais precioso que eu já tinha visto. Seu pelo era na maior parte preto, mas ela tinha o típico pastor alemão bronzeado, manchado em suas pernas, barriga e os lados do rosto.

E agora ela era minha, para amar e amar até o fim de seus dias.

— Bem? — Eu perguntei. — Como você acha que devemos chamá-la?

Cole olhou para mim e para minha garota, depois balançou a cabeça antes de admitir a derrota. — Nazboo.



CAPÍTULO 17

45º Aniversário: Puxar um alarme de incêndio

Cole

— Agradeço por vir. — Papai apoiou os antebraços na mesa. — Pronto quando estiverem.

Matt, na cadeira ao meu lado, mergulhou em sua atualização para o meu pai, no caso de assassinato de loja de bebidas.

— Passamos pelo vídeo e reduzimos nossa busca a seis veículos no complexo de compras no momento do assassinato. Todos saíram do complexo dirigido por mulheres, que se encaixavam em nossa descrição aproximada. Não fomos capazes de obter todos os pratos da filmagem da câmera de segurança, então fizemos uma verificação cruzada dos números de placa que faltavam, com as câmeras de semáforo. Antes de chegarmos aqui, enviei um pedido ao DMV para obter inscrições. Espero que até segunda-feira tenhamos nomes e eu vou começar a trazer pessoas para o interrogatório.

Papai assentiu. — Boa. Espero que vocês estejam em alguma coisa.

— Eu também — Matt e eu dissemos em uníssono.

Demorou quase dois meses - dois longos meses - para cavar a imagem da câmera para chegar até aqui. Desde a noite na garagem, quando mostrei a Poppy minha arma, Matt e eu vimos o caso de um novo ângulo.



Desta vez, procuramos nas imagens por uma mulher.

Não foi fácil. Entre equilibrar meu trabalho na força-tarefa de drogas, meu volume de trabalho normal e tudo mais que estava acontecendo na minha vida pessoal, a última coisa que eu queria fazer na maioria das manhãs era me trancar na sala de conferências e vasculhar as imagens da câmera, por algumas horas, antes do trabalho de dia inteiro.

Mas se isso valesse a pena - se realmente encontrássemos o assassino de Jamie Maysen - tudo valeria a pena. Valeria a pena cada minuto se pudéssemos dar uma paz a Poppy.

Fazia um mês desde que nos juntamos oficialmente no Glacier. Um mês e não tínhamos passado uma noite separados. Ela acordava cedo e ia ao restaurante. Eu acordava cedo e ia para a delegacia. Nós mandávamos mensagens ao longo do dia, e se eu tivesse tempo livre, eu faria uma parada para o almoço. E à noite, eu passava algumas horas trabalhando naquele velho caminhão, enquanto esperava que ela terminasse no restaurante.

Basicamente, nós dois trabalhávamos muito até que pudéssemos sair para o dia e nos encontrarmos em minha casa. Então passávamos o resto da noite relaxando na minha cama.

Nossa cama.

Uma coisa que aprendi no mês passado foi que, Poppy pertencia à minha casa. Com ela lá, me senti em casa.

— Onde está Nazboo? — Papai perguntou.

— Eu a deixei com a mamãe depois do almoço.

Papai sorriu. — Ela ama aquele cachorrinho.

— Sim. — Eu sorri de volta. Nazboo era uma guardiã, mesmo que ela tivesse um nome idiota.

Um cachorro como ela deve ter um nome como Sadie ou Bailey. Em vez disso, ela recebeu o nome de um estranho dragão de estimação de um dos desenhos de Kali. Mas eu parecia ser o único que achava que Nazboo era um nome ridículo. Todos os outros adoraram, especialmente Poppy. Então eu não fiz muita luta e comecei a chamá-la de Naz, que era mais fácil

de engolir.

— Acho que ela pode ser o melhor filhote que já vi — disse Matt. — Eu disse a minha esposa que eu consideraria conseguir uma também, se eu pudesse garantir que ela agiria como Naz.

— Nós tivemos sorte, com certeza. — Naz raramente teve um acidente, ela não mordeu nossos dedos, e ela só mastigou um dos sapatos de Poppy. Depois disso, nos certificávamos de sempre ter um couro cru nas proximidades e, a partir de então, Naz nunca mastigara mais nada. Mas foi a personalidade dela que todos nós amamos mais. Ela estava madura - para um cachorrinho - e tão doce quanto cana-de-açúcar.

Naz tinha se tornado minha ajudante durante o dia, saindo comigo na estação ou andando em minha caminhonete, se estivéssemos fazendo trabalho de campo. Bozeman era uma cidade amiga do cão e, há alguns anos, a estação começara a permitir que oficiais superiores levassem seus cães para o trabalho. Naz era agora um dos três cachorros na estação, em uma base regular, e as vezes que eu não podia trazê-la comigo, ela ficava com a mamãe.

— Tudo bem. — Papai checou o relógio. — Eu tenho outra reunião em cinco. Mantenha-me informado sobre como vão os seus interrogatórios.

Matt assentiu. — Vou fazer.

Todos nos levantamos e papai apertou a mão de Matt. — Bom trabalho, Matt.

— Obrigado, mas não posso levar todo o crédito. — Ele me deu um tapinha no ombro. — Esse cara tem feito a maior parte do trabalho.

Eu zombei. — Eu não sei sobre isso.

Eu tinha sido o único a assistir a maioria das imagens da câmera, mas Matt não estava sentado ocioso. Ele levou seu papel como líder a sério, e fez muito trabalho de campo, enquanto eu me sentava nos bastidores. Ele entrevistou todas as testemunhas originais novamente. Ele passara horas no complexo de compras, aprendendo todos os meandros da área, para que pudéssemos nos concentrar em possíveis pontos cegos, em que o suspeito poderia ter se escondido. Matt até passou horas examinando o caso com Simmons.

Surpreendentemente, Simmons havia memorizado muito do caso. Ele poderia ter delegado coisas e suas habilidades de documentação eram uma merda, mas o que ele não tinha escrito, ele manteve em sua cabeça. Eu ainda estava chateado com Simmons por ser preguiçoso nos últimos anos, mas ele não era o único culpado por deixar o assassino de Jamie Maysen andar livre. Ele apenas olhou para a investigação como o resto de nós.

Para um homem.

Assassinas femininas eram raras, e embora tivéssemos sido treinados para manter nossos olhos abertos a qualquer possibilidade, eu não podia culpar Simmons por gastar seu tempo focando em um suspeito do sexo masculino. A filmagem da câmera da loja de bebidas estava enganando. O assassino parecia um homem.

Mas talvez nós finalmente estivéssemos chegando a algum lugar.

— Tem sido um esforço de equipe — disse Matt. — É melhor eu voltar a isso. Tchau, chefe.

— Tchau, pai. — Eu me virei para seguir Matt pela porta, mas meu pai me parou.

— Cole, fique por um segundo.

Suspirei, com ciúmes que Matt havia escapado. *Bastardo sortudo.* — Tudo bem?

Papai apontou para a cadeira, então eu retomei meu assento. — Eu decidi sobre algo e queria te dizer antes do anúncio ser feito, na próxima semana.

Os músculos dos meus ombros ficaram tensos com o tom dele. — OK.

— Eu defini minha data de aposentadoria. Mais dois anos e já terminei.

— Uau. — Eu esperava que papai trabalhasse por pelo menos mais cinco. Talvez dez. Ele amava seu trabalho. —Isso é... Em breve.

— É, mas sua mãe e eu temos conversado muito sobre como queremos passar o restante de nossos anos. Nós dois estamos bem de saúde. Nós fomos cuidadosos com o nosso dinheiro. Então, em vez de desperdiçar os próximos dez anos no escritório, queremos ter algum tempo juntos. Talvez

viajar. E nós queremos estar perto dos nossos netos.

Netos. Essa foi a razão por trás do curto espaço de tempo. Minha irmã havia parado na estação há duas semanas e me disse que estava grávida. Eu estava em êxtase por Evie e seu marido, Zack. Eles estavam tentando engravidar há anos, até que finalmente recorreram à fertilização in vitro. Agora minha irmã estava tão feliz quanto eu já a tinha visto, e os ultrassons iniciais mostraram que eles estavam esperando trigêmeos. Faz sentido que mamãe e papai quisessem estar por perto, para ajudar com três netos no caminho.

— Parabéns.

— Obrigado. — Ele assentiu. — Mas isso significa que precisamos levar a sério os planos de transição. Dois anos vão passar, e temos que começar a prepará-lo para assumir como chefe. Devemos envolvê-lo em mais comitês. Eu gostaria que você fizesse mais jogos na política e...

— Espere. — Eu levantei minhas mãos. — Papai, nós conversamos sobre isso. Não quero ser o próximo chefe de polícia.

— Certo. Eu sei que você ainda está considerando as coisas. — Ele assentiu, mas ele não estava me ouvindo. — Temos tempo, mas qual é o mal em aprender mais sobre o que eu faço? Apenas no caso de.

Apenas no caso de.

Quatro palavras que eu estava realmente farto de ouvir.

— Olha, pai — meu telefone tocou no meu bolso antes que eu pudesse colocar o pé no chão. — Desculpe — eu murmurei, cavando.

— Vá em frente. Eu tenho outra reunião chegando.

— OK. Conversamos depois?

— Você entendeu.

Eu acenei adeus quando pressionei o telefone no meu ouvido, andando pelo corredor em direção à escada. — Olá.

— Ei, Cole, é o Finn.

— Ei. O que está acontecendo? Tudo certo para uma cerveja esta noite?



Eu conheci o irmão de Poppy e já saímos para duas cervejas, desde a feira. Ele era um cara de pé e fácil de sair, mas o que eu mais gostava em Finn era como ele adorava sua irmãzinha. A primeira vez que nos encontramos, ele me disse que, se eu a machucasse, ele ficaria feliz em cumprir sua prisão perpétua pelo meu assassinato.

— Isso não é exatamente o motivo da minha ligação.

Meus pés congelaram quando meu ritmo cardíaco aumentou. — É Poppy?

— Sim. Ela está bem, mas está com algum problema.

— Que tipo de problema? — O que diabos estava acontecendo que ela não podia me chamar sozinha?

— Ela acabou de me ligar para tirar ela e Jimmy da cadeia.

— Filho da puta. — A palavra saiu dos meus dentes cerrados. — É aquela merda de alarme de incêndio, não era?

— Sim. Eu acho que ela decidiu não ouvir nenhum de nós sobre isso.

— Porra. — Eu corri em direção às escadas. — Eu cuidarei disso.

Finn riu. — Eu imaginei que você faria. Ela vai ficar puta comigo quando descobrir que eu te chamei às escondidas, em vez de descer para salvá-la.

Eu bufei. — Ela tem problemas maiores para se preocupar agora.

— Boa sorte.

— Obrigado por ligar. — Eu empurrei meu telefone de volta no bolso e desci as escadas para a estação. — Eu preciso sair — eu disse a Matt. Ele estava de pé ao lado de sua mesa, conversando com alguns dos outros caras. — Algo pessoal surgiu.

— Pessoal, como sua namorada e um cara velho sendo presos por puxarem um alarme de incêndio, em um antigo armazém?

— Porra. — Eu tirei minhas chaves da minha mesa. — Todo mundo sabe?

O pessoal imediatamente começou a rir.



— Vou tomar isso como um sim. — *Fofocas fodidas.* Este lugar era pior do que um vestiário da escola. Eu ignorei meus colegas de trabalho e me virei para sair, mas um dos caras me parou.

— Ei, Cole.

— Sim? — Eu olhei por cima do meu ombro a tempo de pegar as algemas que ele jogou no meu caminho.

— Você pode precisar disso. — Ele riu junto com os outros idiotas, rindo de mim.

Eu olhei para ele, prestes a jogá-los de volta, mas me contive. Talvez uma noite passada nua, algemada, ensinasse Poppy a ouvir. Então, sem uma palavra, as enfiei no bolso de trás e saí da estação.

A cadeia de curto prazo estava do outro lado do complexo policial, então, quando explodi pela porta, virei na direção oposta do estacionamento. A curta caminhada pela longa calçada não fez nada para esfriar meu temperamento, e quando cheguei, eu estava fumegando.

Como ela poderia ser tão estúpida? Ela não sabia que isso era um crime sério? Era uma contravenção pelo menos, mas se ela tivesse causado algum dano à propriedade ou uma lesão, ela poderia estar enfrentando um crime. Algo que eu disse a ela mais de uma vez.

Pela primeira vez, eu queria levar uma partida para aquela maldita lista de aniversários.

— Oi, detetive Goodman. — O policial sentado atrás da janela de acrílico sorriu, mas parou quando ele viu meu rosto zangado.

— Estou aqui para cobrir a fiança de Poppy Maysen e Jimmy Alcott.

Seus olhos se arregalaram. — Oh, hum... OK. — Ele arrastou alguns papéis em sua mesa. — Está definido em quinhentos cada.

Minhas narinas se dilataram. *Mil dólares.* Peguei minha carteira do bolso de trás e peguei um cartão de crédito.

— Há uma taxa extra para credito...

Eu levantei a mão para calá-lo. — Eu sei. Basta colocar tudo aí.



— Sim senhor.

Eu apontei para a porta no canto. — Posso entrar?

— Você só precisa assinar alguns papéis antes que eles possam ser liberados.

Não brinca.

Ele se encolheu sob o meu olhar e pegou a campainha para me deixar passar pelo bloco de celas.

A primeira cela por onde passei foi ocupada por um bêbado, que vomitou em cima de si e do chão. O próximo teve um cara coberto de tatuagens, a maioria dos quais eram símbolos de gangues.

Eu não queria Poppy neste lugar. Ela não pertencia a este inferno. E ela não estaria aqui se tivesse *escutado, porra.*

Minhas mãos estavam em punhos enquanto eu caminhava pelo corredor até a cela dela, onde ela estava conversando com Jimmy.

— Eu não gosto dessa idéia.

— Que pena — ele assobiou. — Estou assumindo a culpa. Como eu disse ao policial, você estava apenas tentando me impedir.

— Mas...

— Sem desculpas. É assim que vai ser. Deixe-me fazer isso.

Limpei a garganta quando cheguei às celas.

Os olhos arregalados de Poppy estavam esperando.

Jimmy olhou para o chão.

Eu andei até a porta, colocando minhas mãos nos meus quadris, e olhei para os dois sentados na cama de metal. — Que tal vocês pararem de conversar onde alguém possa ouvir sua conversa?

— Isso é o que eu tentei dizer a ela. — Jimmy se levantou do catre. — Mas ela está um pouco no limite.

— No limite! — Poppy subiu. — Estamos na cadeia, Jimmy. — Seus olhos vieram para mim. — Cole, eu posso explicar.

— Agora não. — Eu olhei para o corredor para ver o policial da recepção descendo com um punhado de chaves. — Vocês dois ficam quietos até sairmos daqui. Então você terá sua chance de explicar.

Poppy e Jimmy ficaram quietos quando o policial e eu os escoltamos para fora da cadeia. Eles não murmuraram uma palavra quando eu assinei a fiança e o recibo do cartão de crédito. E eles balançaram a cabeça em silêncio enquanto o policial lhes dizia que eles precisavam comparecer à acusação ou eu perderia minha fiança e eles teriam mandados emitidos para sua prisão.

— Onde está o seu carro? — Eu perguntei a Poppy quando saímos.

— No armazém.

— Vamos.

Eu marchei de volta, através do complexo, com Jimmy e Poppy seguindo atrás de mim como crianças depois de ser repreendido por um pai irritado.

Fomos direto para o meu caminhão e entramos, com Jimmy no banco de trás e Poppy ao lado dele. Quando as portas estavam fechadas, respirei fundo, tentando me acalmar. Mas nem mesmo o aperto branco que eu tinha no volante diminuiu a raiva que fluía pelas minhas veias, e o aperto que eu mantive no meu temperamento caiu em pedaços.

— Que porra você estava pensando? — Eu rugi, torcendo em direção a Poppy. — Está checando alguma maldita caixa que realmente vale um registro criminal? Jesus Cristo, Poppy. Nós conversamos sobre isso. Você pode ser acusada de um crime. Um *crime*! Isso fica com você para sempre.

— Eu sei. — Quando a armação de Poppy se desmoronou, minha raiva diminuiu.

— Isto é minha culpa. — Jimmy veio em seu socorro. — Mas nós temos um plano.

— Um plano?

Jimmy realmente achou que ele poderia vencer o sistema? Se tivéssemos sorte, esses dois só acabariam com contravenções.

— Estou assumindo a culpa por tudo isso — declarou Jimmy.



— Jimmy, não! — Poppy protestou. — Eu puxei o alarme. É minha responsabilidade. Eu não vou deixar...

Eu levantei um dedo, silenciando seu discurso, e mantive meus olhos em Jimmy. — Continue.

— *Eu* puxei o alarme. Poppy e eu estávamos no armazém. Fomos ao café no lugar ao lado, eu tenho o recibo para provar, e então eu disse a ela que queria dar uma olhada no depósito. Eu queria ver como isso mudara ao longo dos anos, desde que eu sabia quem era o dono. Nós entramos e eu puxei o alarme. Foi um acidente.

— Um acidente. — Eu brinquei. — Esse é o seu plano?

Ele assentiu. — Sim. Eu tropecei, agarrei a parede e puxei o alarme.

Suspirei e olhei para Poppy. Isso me matou para ver seus lindos azuis cheios de preocupação. — Que tal a verdade desta vez?

Ela assentiu. — Jimmy descobriu que o sistema de irrigação havia sido desligado no depósito, porque eles estão se preparando para fazer uma reforma. Fomos tomar café - essa parte é verdade - e depois atravessamos a rua em direção ao armazém. Nós entramos e eu puxei o alarme.

— Os irrigadores foram todos desligados, mas os alarmes ainda estavam ativos. — Jimmy sacudiu a cabeça. — Má informação da minha parte.

Espionagem. Jimmy estava agindo como se isso fosse uma operação secreta e ele era um espião secreto, não algo que pudesse arruinar a reputação da minha namorada, como uma cidadã honesta.

Poppy tocou meu braço. — Nós pensamos que fazer assim não seria grande coisa. Que eu seria capaz de puxar um alarme sem sentido, e terminar o item para a lista sem realmente cometer um crime. Nenhum de nós tinha a menor idéia de que o alarme ainda estava ativo. Eu juro, isso foi tudo um erro inocente. Nós nem sequer corremos depois que o alarme disparou. Nós apenas esperamos até que o corpo de bombeiros chegasse para que pudéssemos dizer a eles que tínhamos puxado o alarme. Eles chamaram a polícia e... Você conhece o resto.

— OK. — Fechei os olhos e respirei fundo, depois virei a chave do caminhão e recuei para fora do estacionamento. Eu peguei o caminho para o The



Rainbow para pensar em como iríamos lidar com isso, antes da acusação na próxima semana.

Estacionei em frente ao lar de idosos, eu olhei para Jimmy e Poppy, dizendo a eles com minha carranca que eu estava no comando. — Aqui está o que vamos fazer. Primeiro, você vai dizer ao juiz a verdade. Tudo isso. Começando com a lista e por que você puxou o alarme em primeiro lugar. Então você prometerá nunca mais quebrar a lei novamente, e esperar que o juiz seja um pouco sentimental e lhe dê uma multa em vez de prisão. — Meus olhos se voltaram para Jimmy. — Mas estamos mantendo a verdade aqui. Não uma história maluca.

Jimmy me surpreendeu quando ele não discutiu. Ele acenou para mim e estendeu a mão para bater no joelho de Poppy. — Eu sinto muito. Eu te vejo em breve.

Como ele desapareceu dentro, Poppy subiu o console e tomou seu lugar no banco do passageiro. — Sinto muito, Cole. Eu sei que você está louco. Eu sei que você me disse para não fazer isso, mas nós sinceramente pensamos que seria apenas puxar um interruptor que não funcionava mais.

Eu peguei a mão dela. — Eu não sabia que puxar um alarme desativado era uma opção. Eu pensei que você gostaria que fosse real. Se você tivesse acabado de me perguntar, eu poderia ter falado com o corpo de bombeiros e te dado uma lista inteira de prédios onde os alarmes não funcionam.

Ela baixou a cabeça. — Eu apenas... Você tem feito muito por mim. Eu não posso continuar importunando de você.

Hã? — Do que você está falando? E de onde você tirou isso?

Ela encolheu os ombros. — Você esteve tão ocupado ultimamente e é minha culpa. Eu não posso continuar empilhando. Com o caminhão e a caminhada, e agora você tem Nazboo o tempo todo. Eu não quero que você se ressinta comigo quando terminarmos. Prefiro mais *você*, *do* que sua ajuda nessa lista.

— Poppy, olhe para mim. — Quando ela fez, eu deixei a mão dela ir e corri meu polegar até a bochecha dela. — Você tem ambos. Eu e minha ajuda. Eu quero consertar aquele caminhão. Eu quero estar com Nazboo. Eu quero



fazer o que *você* precisar que eu faça.Ok?

— Eu não quero que a lista fique entre nós — ela sussurrou.

Deus, eu amo essa mulher. Eu amava o coração dela. Sua dedicação para ver as coisas. Eu adorava que ela estivesse tentando me colocar em primeiro lugar. E apesar de ter saído pela culatra, eu amei que ela tivesse feito isso hoje, porque ela estava tentando aliviar minha carga.

Essas três pequenas palavras quase saíram da minha boca, mas eu as engoli de volta. Talvez eu tivesse coragem de dizê-las quando a lista acabasse - quando tudo isso estivesse para trás. Ela não estava pronta para elas ainda.

E eu precisava saber que quando eu dissesse eu *te amo*, ouviria de volta.

Hoje não era esse dia. Nós precisávamos de mais tempo.

— Eu amo que você é dedicada à lista e eu estou tão orgulhoso que você faria isso por Jamie. Mas essa lista nunca chegará entre nós.

Ela relaxou, se inclinando ainda mais na minha mão. Ela precisava ouvir essas palavras tanto quanto eu precisava dizer.

A lista de Jamie não ia ficar entre nós. Eu só tinha que ter certeza que a memória dele - e minhas próprias inseguranças - também não.



CAPÍTULO 18

33º Aniversário: Jogar uma bebida no rosto de alguém

Poppy

— Está pronto? — Eu perguntei ao Finn.

Ele revirou os olhos. — Alguém já esteve *pronto* para ter água jogada na cara?

— OK. Aqui vai.

Com um movimento do meu pulso, joguei a água do meu copo no rosto do meu irmão. Ele franziu a testa, piscando para fora dos olhos antes de pegar a toalha da mesa da cozinha.

Atrás de mim, Molly deslizou silenciosamente outro copo de água. No momento em que a toalha caiu do rosto de Finn, eu joguei o segundo copo.

— Ei! — ele gritou, cuspindo a água para fora de sua boca. — Para o que foi aquilo?

Eu sorri, feliz pelo meu ataque secreto ter funcionado. — Isso foi por chamar Cole para me libertar da prisão.

Finn sacudiu a cabeça e voltou para a toalha.

Fazia uma semana desde o meu tempo atrás das grades - algo que eu não me importava em repetir. Eu fiquei nervosa o tempo todo, imaginando o que o



juiz faria para punir Jimmy e eu, e quando cheguei ao tribunal esta manhã, nem mesmo o toque de Cole poderia resolver minha ansiedade.

— Você deveria estar feliz por eu ter chamado Cole. — Finn jogou a toalha para baixo. — Se ele não tivesse convencido você e Jimmy a não cometer perjúrio, as coisas teriam ficado muito piores.

Eu zombei. — Eu nunca teria deixado Jimmy assumir a culpa.

Não importava o que Jimmy quisesse, eu sempre planejava dizer a verdade e me declarar culpada - outra coisa que não me importava em repetir.

Nunca na minha vida eu tinha sido mais humilhada do que esta manhã, já que eu estava na frente de um juiz e admiti ter acionado um alarme de incêndio, tudo porque eu estava tentando honrar a lista de aniversários do meu falecido marido.

— Acabou agora. — Molly deu um tapinha no meu ombro. — Você pagou a multa e marcou o item da lista. Alarme de incêndio, — ela fez uma marca no ar, — cheque.

Depois da audiência, Cole voltou para a delegacia enquanto Jimmy e eu esperávamos para pagar nossas multas. Entreguei um cheque de dois mil dólares ao funcionário do tribunal, depois levei Jimmy de volta para o Rainbow. No minuto em que eu voltei para o restaurante, peguei o diário e cruzei o item da lista. Sem lágrimas. Nenhuma pontada de tristeza ou saudade. Apenas uma careta seguida de pura alegria, por nunca mais tramar um crime.

— Não há mais contravenções, ok? — Finn perguntou.

— Prometo. — Eu cruzei meu coração. — Obrigada por me deixar jogar água em seu rosto. Fico feliz em saber que meu irmão está aqui para me apoiar quando meus *amigos* me decepcionarem.

Eu lancei um olhar exagerado para Molly, mas ela riu. — Alguns de nós precisam de maquiagem para passar o dia.

Eu implorei a Molly para me deixar fazer isso, mas ela recusou, alegando que seu rímel e sombra não seriam vítimas da lista de aniversários de Jamie. Então, quando Finn entrou com um rosto limpo e uma barriga faminta, eu lhe

dei um almoço grátis em troca de sua ajuda.

— OK. É melhor eu voltar ao trabalho. — Finn veio ao redor da mesa e me deu um abraço. Então ele sorriu para Molly. — Vejo você à noite?

Esta noite? O que estava acontecendo hoje à noite?

Ela assentiu. — Venha sempre. As crianças estão realmente animadas.

— Estou animado também. — Ele acenou para nós duas antes de sair da cozinha.

No segundo em que a porta se fechou atrás dele, eu me virei para Molly. — Está noite?

— Ele vem para o jantar.

— O quê? Isso é ótimo! — Meus braços dispararam no ar. — Por que você não me disse mais cedo?

Ela encolheu os ombros. — Não é grande coisa.

— Sim. Vocês dois parecem estar se dando bem ultimamente, e agora jantam. E se ele quiser voltar? — Meus espíritos quase atiraram através do telhado com a possibilidade de uma reconciliação com Finn e Molly.

— Poppy — ela suspirou, — Este é apenas um jantar para as crianças. Nós não estamos voltando a ficar juntos.

— Mas você pode.

Ela balançou a cabeça. — Não. Nós não vamos. Finn está vindo para o jantar hoje à noite, para que possamos mostrar às crianças que todos nós podemos nos dar bem, mesmo que nem todos morem na mesma casa.

— Oh — Meu espírito desabou. — Desculpe.

— Está bem. Tivemos uma longa conversa há um tempo atrás e decidimos que precisamos fazer um trabalho melhor, para deixar o passado para trás. Somos divorciados, mas isso não significa que não podemos ser amigos.

— Amigos?

— Amigos — ela declarou com um aceno de cabeça.



Eu não comprei a confiança de Molly. Essa idéia de amizade era de Finn - aposto o restaurante. — É isso mesmo que você quer?

— Eu levarei qualquer coisa que ele me der, apenas para passar por esses terríveis últimos meses. Ele está me olhando de novo. Ele está começando a falar comigo. E no final do dia, se isso facilitar para as crianças, então farei o que for preciso.

Molly colocaria seu coração em um moedor de carne se isso significasse fazer Kali e Max sorrirem. — Essas crianças têm sorte de ter uma mãe tão maravilhosa.

Ela sorriu. — Finn e eu os amamos muito, e eles merecem melhor do que nós temos dado a eles ultimamente.

— Não seja tão dura consigo mesma. Você está fazendo o seu melhor.

— Podemos fazer melhor. — Ela se afastou do meu lado para se sentar em um dos bancos. — Eu realmente tenho que te agradecer pela mudança de Finn ultimamente.

— Eu? O que eu fiz?

— Muito, realmente. A noite da guerra de tintas no mês passado, foi a noite em que ele veio falar sobre nós sermos amigos de novo. As crianças se divertiram tanto naquele dia, rindo e brincando. Talvez fosse porque estávamos lá para você ou para Jamie - não sei -, mas esse foi o primeiro dia, em muito tempo, em que ele agia como ele mesmo. Nenhuma raiva ou ressentimento. Apenas o Finn de que me lembro.

Tinha sido como nos velhos tempos, com eles naquele dia. Todos nos divertimos e fiquei emocionada que a lista de Jamie tivesse dado à família, um dia de alegria. Eu só queria que eles pudessem superar o passado e encontrar essa alegria todos os dias. Será que eles sabiam o quanto estava faltando?

Molly começou a mexer na toalha que Finn usara para secar o rosto. — Eu acho que ele finalmente percebeu o quanto a tensão entre nós estava impactando as crianças.

— Ele só é culpado por isso. Você é sempre boa quando ele está por perto, mesmo quando está agindo como um idiota.



— Não o culpe. Ele está apenas machucado. — Molly sempre defendia o mau comportamento de Finn, mas eu não era tão generosa com meu adorável irmão mais velho, ainda enfurecido.

— Então vocês vão começar a fazer jantares em família?

— Esse é o plano. Jantar algumas vezes por mês. Viagens ao museu. Coisas onde as crianças são o ponto focal e elas podem nos ver se dando bem.

— Bem... Eu acho que a luta de tinta foi mais um sucesso do que eu pensava. Talvez Jamie estivesse nos observando e também estivesse ficando doente da atitude de Finn.

Molly me deu um sorriso triste. — Definitivamente ajudou a abrir os olhos. Mas como eu disse, você é a única a quem tenho que agradecer.

— Porque eu enchi os balões de água com tinta?

Ela balançou a cabeça. — Porque você convidou Cole.

— Eu sei que Finn tem uma queda por Cole, mas o que isso tem a ver com seu ajuste de atitude?

Molly deixou a toalha de lado para me olhar nos olhos. — Finn está orgulhoso de você. Nós dois estamos. Você superou mais do que qualquer um de nós pode entender. Perdendo Jamie, você poderia ter se perdido também. Mas você não fez. Você poderia ter desligado e empurrado todo mundo - ninguém teria culpado você por isso - mas você não o fez. Você recolocou os pedaços do seu coração e é forte o suficiente para confiar que Cole não vai quebrá-lo novamente. Quando Finn veio na noite da luta de tinta, ele me disse que também queria isso. Ele quer deixar o passado para trás.

Subiu meu ânimo novamente. *Eu sabia!* Finn queria resolver as coisas com Molly. Ele queria colocar sua família de volta. Ele finalmente estava vendo o quanto ele estava perdendo. Molly estava minimizando o jantar, talvez ela não quisesse ter falsas esperanças, mas acho que era a maneira de Finn lentamente fazer as pazes.

Eu só queria que ele tivesse me contado sobre isso. Eu teria pulado aquele segundo copo de água para o rosto dele.



Molly leu a esperança no meu rosto, mas sacudiu a cabeça. — Finn quer avançar, mas não comigo. Ele me disse que está pronto para começar a namorar novamente.

E assim, a esperança de que eu estava me agarrando por meses e meses se foi, deixando um buraco vazio dentro do meu peito.

— Não. — Minha voz falhou. Finn e Molly se amavam. Eles pertenciam juntos. — Mas... Vocês são Finn e Molly.

Os olhos de Molly se inundaram. — Não mais. Agora ele é solteiro. E sou *a traidora*.

Aquela palavra. Porra essa palavra! Meses e meses de contenção - de ser neutra e solidária - fracassaram com uma palavra que eu odiava tanto quanto *viúva*. — Eu odeio essa palavra! Por que você sempre diz isso? Deus, você joga fora o tempo todo e está me deixando louca!

— Eu? — Ela recuou, e a tristeza em seu rosto se transformou em raiva. — Essa é a sua palavra.

— Minha palavra? — Minha boca se abriu. — Você acha que *eu sou* uma traidora?

— O quê? Não...

— Então todo esse tempo - todo esse tempo você tem me dito para fazer isso com Cole, mas no fundo você realmente acha que estou *traindo* Jamie. Bom.

Ela fingiu ser tão favorável, mas agora eu sabia como ela realmente se sentia.

Afastei-me da mesa, com lágrimas nos olhos, mas antes que pudesse correr para o escritório, Molly passou a mão pela mesa. — Poppy, espere! Isso não foi o que eu quis dizer.

Meus pés pararam quando eu encontrei seu olhar.

— Você não lembra, não é? — ela sussurrou.

O que ela estava falando? — Lembrar de quê?

— O dia em que eu te disse que eu tive uma noite, você me chamou de traidora. Você disse: 'Como você



pôde? Nunca achei que minha melhor amiga fosse *uma traidora*.

Eu ofeguei e bati minha mão livre sobre a minha boca. Eu estava tão chateada, tão irritada com Finn e Molly, que eu disse muito naquele dia, que não devia ter falado. E Molly estava segurando essa palavra horrível todo esse tempo.

— Oh, Molly. Meu Deus. Eu sinto muito. Eu não quis dizer isso assim. Você não é uma traidora.

Ela encolheu os ombros. — Claro que sou.

— Não, você não é. Nem mesmo perto. Você e Finn estavam divorciados naquele momento. E você estava tão magoada. Foi um erro, não traição.

Molly estudou meu rosto, levado de volta pela minha declaração.

Teria passado todos esses meses se envolvendo em meu rótulo ao acaso, convencendo-se de que era uma traidora? Ela estava pensando menos de si mesma todo esse tempo?

Eu queria voltar no tempo e me dar um tapa, por ser tão descuidada com minhas palavras. Por ferir tão profundamente minha melhor amiga e irmã. Mas como isso não era possível, eu não a deixei sair da cozinha até que ela percebesse a verdade.

Indo para o lado dela, levantei a mão da mesa e a pressionei entre as minhas. — Você *não* é uma traidora.

— Eu sou. — Seu queixo começou a tremer quando ela pegou em um lugar na mesa com a mão livre. — Você mesmo disse. Finn pensa, mesmo que nunca tenha dito isso. Eu sou uma traidora. É quem eu me tornei.

— Molly, por favor, olhe para mim.

Seus olhos, nadando em lágrimas, se inclinaram.

— Você não é. Eu não acho isso. Ninguém acha. Nem mesmo Finn.

— Ele acha.

Eu balancei a cabeça. — Ele não acha. Nunca, nem uma vez, ele usou essa palavra perto de mim. Ele já disse isso para você?

— Não — , ela sussurrou.



— Porque você não é. Ele pode estar ferido e ainda tentando descobrir as coisas, mas Finn nunca iria acusá-la de trapacear. Ele sabe que vocês dois cometeram seus erros. E eu estava errada em te chamar de traidora. Então, tudo *tão* errado. E eu estou tão, *tão* triste.

Seu foco voltou para a mesa enquanto ela considerava minhas desculpas. — Talvez você esteja certa. Talvez eu tenha me apegado a essa palavra como uma maneira de continuar me punindo. Eu não sei. Independentemente do que eu chamo de erro ou traição, sempre vou me arrepender.

Eu soltei a mão dela para enfiá-la no meu lado e descansar minha bochecha no cabelo dela. — Eu sinto muito. Por tudo.

Ela se inclinou mais para o meu lado. — Eu aprecio isso. É hora de deixar ir e seguir em frente. É o que Finn quer. Eu deveria tentar e fazer o mesmo.

Ficamos paradas, ouvindo o zumbido dos aparelhos e o barulho passando pela porta da sala de jantar. E, embora seu coração ainda estivesse doendo, eu sabia que depois de hoje, eu não estaria ouvindo a palavra traidora de novo.

Eu desenrolei meu braço e me inclinei contra a mesa. — Por que você não me contou sobre sua conversa com Finn mais cedo? A guerra de tinta foi no mês passado.

Ela enxugou uma lágrima antes que pudesse borrar o rímel. — Eu só precisava de um tempo para processar tudo. Dizê-lo em voz alta torna isso real.

— Me desculpe, Molly-moo — eu sussurrei.

— Eu também. — Ela fungou, lutando para não chorar.

E se eu chorasse, ela também choraria. *Respirar.* Eu precisava ser forte para Molly. Eu agarrei a mesa atrás de mim, sugando um pouco de ar enquanto eu controlava minhas emoções. Mas no meu exalar meu coração afundou. Eu estava apenas assim... Desapontada. Com meu irmão. Minha amiga. Com toda esta situação.

Esses dois estavam perdendo o amor. Eles estavam jogando tudo fora por causa de alguns



erros. Finn não aprendeu nada de mim. Ele não estava prestando atenção nesses últimos cinco anos. Porque se ele estivesse realmente prestando atenção, ele perceberia o quão sortudo ele era.

Ele tinha alguém que ele amava bem *aqui*. Bem aqui, esperando para amá-lo de volta. Ele poderia abraçá-la. Ele poderia beijá-la. Ele poderia dizer-lhe coisas, coisas que nunca mais diria a Jamie.

Em vez disso, ele queria namorar.

O desapontamento se transformou em raiva quando imaginei Finn saindo com outra mulher. Namoro.

Porra namorar. Foda-se essa coisa toda. Eu amava meu irmão ferozmente, mas ele estava cometendo um grande erro. E Molly não precisava dele, se ele não a visse pela mulher maravilhosa, linda e imperfeita que era.

— Você vai ficar bem — declarei.

Seus ombros se afastaram. — Sim, eu vou. Eu tenho dois lindos filhos. Eu amo meu trabalho. Eu começo a trabalhar com minha melhor amiga todos os dias. Eu ficarei mais do que bem. Eu só preciso passar por isso.

Eu estendi a mão e peguei a mão dela. — Minuto por minuto.

— Minuto por minuto.

— Isso significa que você vai começar a namorar também? — Apenas as palavras fizeram meu estômago ficar tenso. Nos meus olhos, Molly sempre seria de Finn.

Ela balançou a cabeça. — Se Finn quiser seguir em frente, não vou segurá-lo, mas não tenho interesse em outros homens. Ao contrário do meu erro, ele é o único homem no meu coração.

— Eu sinto muito.

Ela me deu um sorriso triste e fez o que Molly fez melhor - afastou a conversa de Finn. — Por que você acha que eu te acusaria de trair Jamie com Cole? Você percebe o quão ridículo isso soa, não é?

Eu corri ambas as mãos sobre o meu rabo de cavalo enquanto suspirei. — Sim. Desculpa. Acabou por sair. — Aparentemente, eu tinha um mau hábito de vomitar



besteiras quando estava com raiva.

— Há algo acontecendo que devemos falar?

— Não. — Eu balancei a cabeça. Eu apenas... As coisas mudaram muito com o Cole. Entre o beijo e o sexo. É apenas um ajuste. Um que eu não me arrependi, mas ainda assim, um ajuste.

— É uma grande mudança .

— Uma boa, entretanto. — Eu alcancei a mesa para a mão dela. — Sinto muito por ficar com raiva.

Ela assentiu. — Eu também.

A porta da cozinha se abriu, interrompendo nossa conversa enquanto Helen levava uma bacia de louça suja.

— Eu vou fazer isso para você, Helen. — Molly saltou do banquinho, forçando um sorriso quando pegou a bacia de Helen. Sem outra palavra, ela foi até a pia e começou a lavar.

Nossa conversa acabou.

Finn e Molly Alcott acabaram.

Deixei Molly para sua tarefa, retornando com Helen para frente. Peguei uma das mesas de canto de trás e rolei os talheres, tentando processar minhas emoções rodopiantes.

Desapontamento encheu o buraco vazio onde eu já tive esperança. Ele se estabeleceu fortemente junto com raiva e tristeza.

E perda.

Finn e Molly começaram a namorar ao mesmo tempo que Jamie e eu nos juntamos. Eu não conseguia pensar em uma festa na faculdade onde os três não estavam ao meu lado. Nosso quarteto tinha feito tudo junto. Fizemos inúmeras memórias juntos.

Mas tudo desde então tinha ido embora agora. Jamie. Os pais dele. Agora Finn e Molly. *Ido embora*.

Meu humor estava quase preto no momento em que rolei o último pacote de talheres. Eu fiz o meu melhor para esconder meus sentimentos de Molly, mas



quando ela finalmente saiu para pegar as crianças, fiquei aliviada ao vê-la ir.

Eu coloquei um sorriso para o público do jantar, mas quando os clientes começaram a diminuir, levei Helen para cima, em sua oferta para fechar. Eu fugi do restaurante, querendo nada mais do que uma cerveja, algum tempo abraçando meu filhote e Cole.

Dirigindo direto para sua casa, eu esperava que ele me segurasse por um tempo, mas pela segunda vez hoje, minhas esperanças foram frustradas. Quando usei o controle remoto que ele me dera no mês passado para a garagem, fui recebida com um espaço vazio onde deveria estar seu caminhão.

Nada de Cole. Nenhum Nazboo.

Mas pelo menos havia cerveja.

Entrei e peguei uma das minhas cervejas de trigo na geladeira. Eu bebi metade da garrafa em pé na cozinha, antes de subir para tomar um longo banho quente, esperando que isso lavasse meu mau humor, antes que Cole chegasse em casa.

Com a garrafa na ponta dos meus lábios, eu não estava prestando atenção quando entrei no banheiro de Cole. Então, quando meus pés se emaranharam em alguma coisa no chão, soltei um grito gorgolejado quando engasguei e tropecei. Consegui manter meus pés, tropeçando, mas permanecendo de pé. No entanto, o mesmo não pode ser dito para a minha cerveja. A garrafa caiu das minhas mãos e quebrou no ladrilho de mármore, enviando respingos em todos os lugares.

— Grrr! — Meu grito ecoou no banheiro quando eu fechei minhas mãos em punhos. — Pendure suas malditas toalhas!

Eu me virei e marchei escada abaixo para pegar uma vassoura e uma pá de lixo. Com movimentos rápidos e raivosos, peguei o vidro quebrado e depois usei a toalha de Cole para limpar a cerveja. Eu estava apenas jogando os cacos de vidro na lata de lixo da cozinha quando a porta que dava para a garagem se abriu e Cole entrou, carregando Nazboo.

— Ei. — Ele sorriu. — Você está aqui cedo. Noite lenta?

Joguei a pá no balcão. — Te mataria pendurar sua toalha de manhã em vez de jogá-la no chão, para eu tropeçar?

O sorriso em seu rosto desapareceu quando ele piscou para mim duas vezes. Nazboo mexeu descontroladamente em seus braços, então ele a colocou no chão. Ela brincou e lambeu meus pés descalços.

Mas nem meu filhote fofo me tirou da minha raiva. Eu deixei ela lamber enquanto eu colocava minhas mãos nos meus quadris e olhava para Cole.

Ele ignorou minha carranca e deu um passo em minha direção. — O que aconteceu?

Eu joguei um braço fora. — Subi para tomar um banho, mas tropecei em uma de suas toalhas e quebrei a garrafa de cerveja que estava carregando.

— Você se machucou?

— Não, eu não me machuquei. Desta vez. Mas e amanhã? Ou no dia seguinte? — Com braços agitados, eu deixo escapar um discurso que tem mais a ver com o meu estado emocional do que com a toalha de Cole. — Você é um pateta. Você deixa merda por toda a casa e eu estou doente de limpar tudo.

— Vá com calma. — Sua mandíbula se apertou quando o gentil desapareceu de sua voz. — Eu não espero que você pegue minhas coisas. Mas eu não sou um pateta. Apenas eu não sou um maníaco por limpeza.

— Você acha que eu sou uma maníaca por limpeza? — Eu não dei a ele uma chance de responder. Abaixei-me e peguei Nazboo, depois marquei em direção à porta. — Bem. Eu vou ser uma maníaca limpa em minha própria casa.

Eu não fiz dois passos antes de sentir dois braços fortes em volta dos meus ombros, me puxando de volta.

Um segundo Nazboo, que estava em meus braços estava de volta no chão. No segundo seguinte, Cole me virou e bateu a boca na minha.

Eu lutei contra seu beijo, mantendo meus lábios franzidos enquanto ele corria sua língua ao longo da costura. Mas com cada toque, o fogo que ele alimentou derreteu minha determinação.



Ele rosnou contra meus lábios - a vibração enviando um arrepio pelas minhas costas - então seus braços se uniram em volta de mim para que ele pudesse me levantar e me puxar para o balcão.

O frio do mármore escoou através do meu jeans, mas não fez nada para temperar a pulsação quente no meu núcleo. Meus dedos mergulharam no cabelo de Cole, puxando e puxando seus fios grossos e escuros. Quando inclinei meu rosto, ele assumiu o controle da minha boca.

Eu gemi quando as mãos dele correram pelos meus lados, passando pelos meus seios, pela minha camiseta e sutiã, depois seguindo até o botão no meu jeans. Não houve atrapalhar quando chegou às mãos de Cole. Ele sacudiu o botão com uma torção enquanto deslizava meu zíper para baixo com a outra.

Cinco segundos foi tudo o que ele levou para desabotoar minha calça jeans, agarrar o cós e puxá-los para baixo, sobre minha bunda e coxas. Ele fez tudo sem quebrar a boca da minha. Quando suas mãos vieram para a bainha da minha camisa para tirá-la, chutei minha calça jeans de minhas panturrilhas para o chão.

Nua, exceto pelo meu sutiã, Cole empurrou meus joelhos separados. Seu aperto áspero em minhas coxas agrupou o desejo entre minhas pernas. Ele soltou seu duro aperto nas minhas coxas, e com o toque mais leve, ele traçou seus dedos dos meus joelhos até meus quadris. Eu adorava quando ele fazia isso - quando ele alternava entre abandono imprudente e deliberação ponderada. A combinação me deixou flácida e maleável sob aquelas mãos grandes. Completamente à sua mercê.

As pontas dos dedos mudaram de direção, descendo até a minha fenda, enquanto sua língua saqueava minha boca. Quando ele mergulhou o dedo do meio na minha umidade, eu gemi em sua boca. Quando ele adicionou seu dedo indicador, me acariciando por dentro ao mesmo tempo em que seu polegar encontrou meu clitóris, eu me afastei de seus lábios, mal conseguindo respirar.

— Cole. Eu preciso de você.

Sua resposta foi plantar seus lábios no lado do meu pescoço e chupar. Firme.



Enquanto seus dedos entravam e saíam, minha cabeça caiu para o lado. Minhas pernas tremeram quando elas balançaram do balcão, e com cada golpe de seus dedos longos, ele me empurrou mais e mais até a borda. Eu estava prestes a gozar quando a boca de Cole deixou minha pele e seus dedos deslizaram para fora.

Meu gemido só o fez sorrir. Ele deu um passo para trás quando eu estendi a mão para ele, sorrindo quando ele levou a mão à boca. Então, com os olhos verdes fixos nos meus, ele me chupou nos dedos.

— Meu Deus. — Minha boceta apertou.

O sorriso de Cole cresceu quando meus dedos se soltaram de sua boca. Tirei sua camisa, o vão entre seu abs mais pronunciado do que o normal. Ele provavelmente estava no karatê quando eu cheguei aqui, trabalhando com força nesses músculos. Mas eu não deixei seu abdômen me distrair por muito tempo. Em vez disso, segui as linhas e esperei enquanto Cole tirava a calça jeans e a cueca preta.

Quando seu pau duro saltou livre, minha boceta apertou novamente. Eu estava tão no limite - literalmente quase caindo do balcão - eu estaria chegando ao limite dele no seu terceiro golpe.

Só levou dois.

Com um grande passo à frente, Cole agarrou meus quadris, trazendo-me para seu pênis e empurrou para dentro, me esticando com uma queimadura deliciosa.

Quando ele saiu e bateu de volta, eu gritei, a cozinha enchendo-se de som quando o meu orgasmo tomou conta de mim, em ondas pulsantes. Meus calcanhares pressionaram os armários embaixo de mim enquanto meus dedos se enrolavam em êxtase.

— Minha linda Poppy. — Cole passou a língua ao longo do meu ouvido, enviando arrepios pelo meu pescoço.

Eu gemi novamente, apertando em torno de Cole, enquanto seus golpes aceleravam. Meus braços seguraram seus ombros enquanto ele batia forte, apagando todo o mal do meu dia. Porque aqui mesmo nesta cozinha, tudo o que importava era nós. O corpo de Cole dentro do meu.



Ele dentro do meu coração.

Ele não se conteve enquanto continuava empurrando. Ele não demorou a me recompor - provavelmente estava economizando energia para uma segunda rodada depois. Cole fechou os olhos com força e encontrou sua própria liberação, derramando seu calor dentro de mim, inclinando a cabeça para trás e rugindo meu nome.

Meus braços envolveram o pescoço dele quando ele caiu no meu peito. — Nós finalmente transamos na cozinha.

Ele riu e me segurou mais apertado. — Você não é uma maníaca por limpeza.

Eu beijei o topo de seu ombro. — Você não é um pateta.

Ficamos assim por alguns momentos, segurando um ao outro, enquanto Nazboo estava em algum lugar explorando a casa. Quando ela voltou para a cozinha, Cole se inclinou para trás para encontrar meus olhos.

— Sinto muito que você tenha tropeçado. Vou trabalhar na coisa da toalha, se você prometer trabalhar na coisa de chiclete.

— Coisa de chiclete?

— Você estala seu chiclete. Me deixa louco.

— O quê? — Meus olhos se arregalaram. — Eu não estalo meu chiclete. — *Eu estalo?*

Ele sorriu e beijou minha testa. — Você ainda quer tomar um banho?

— Não. — Eu caí contra o peito dele. — Eu só quero ir para a cama.

— Tudo bem. — Ele deslizou para fora e foi para a gaveta de toalhas, para uma toalha fresca. Depois que ele umedeceu com água morna, ele voltou e me limpou. Então ele me pegou em seus braços e me levou através da sala em direção às escadas. Nazboo seguiu atrás.

— Precisamos deixá-la sair.

— Eu vou fazer isso.

— Obrigada. — Eu descansei minha cabeça contra seu ombro enquanto ele me levava para cima. Cuidadosamente me colocando na cama, ele foi até o



armário, voltando usando um novo par de cuecas e me jogando uma de suas camisetas. Eu a puxei e me aconcheguei na cama, enquanto ele descia as escadas para cuidar de Nazboo e fazê-la passar a noite.

Quando Cole voltou, ele trouxe todas as nossas roupas com ele, e eu sorri quando ele as jogou no cesto, em vez de no chão do closet. Eu mantive meu sorriso quando ele subiu na cama e me colocou contra seu peito nu.

— Você quer me dizer por que você escolheu uma briga comigo esta noite?

Eu me aconcheguei mais fundo. — Meu dia desandou depois que te deixei no tribunal.

— Eu percebi isso. O que aconteceu?

Por mais que eu odiasse falar sobre outras pessoas enquanto estávamos na cama, eu também não queria me calar para Cole. Eu não queria que ele pensasse que ele era a causa da minha frustração, então eu suspirei e admiti porque estava tão chateada. — Eu e Molly meio que brigamos.

— Por quê?

— Porque eu disse algo estúpido. E porque ela e Finn não vão voltar a ficar juntos.

— Você achou que eles voltariam?

Eu assenti. — Eu tive esperança. Agora se foi.

— Desculpa linda. — Ele beijou meu cabelo. — Mas não desista da esperança. Eles estavam certos um para o outro na época. Eles têm dois filhos incríveis para provar isso. É apenas, talvez a pessoa para a qual eles estarão certos no futuro ainda esteja por vir.

Fechei meus olhos e soltei um suspiro enquanto contemplava suas palavras.

Cole pode ser a pessoa mais perspicaz que eu já conheci. Isso faz dele um grande policial. Um bom homem. O perfeito para mim. E ele estava certo. Só porque Finn e Molly não estavam juntos, não significa que não encontrariam felicidade com alguém novo. Uma felicidade que seria duradoura, desta vez.



Assim como o tipo de felicidade que encontrei com Cole.

Eu não tinha entendido isso antes no restaurante - eu estava muito chateada para ver as coisas da perspectiva de Finn -, mas agora eu entendia por que meu irmão queria namorar novamente. Ele sabia que nunca esqueceria o caso de Molly e não queria passar a vida sozinho.

Ele queria encontrar o amor de novo, também.

Eu serpenteei meu braço pela cintura de Cole e o abracei apertado, respirando o cheiro de sua pele. — Estou feliz que você gosta de abraçar.

— Eu não.

Eu tirei seu peito quando meu queixo caiu. — O quê?

— Eu não gosto de abraçar. Nunca, nem mesmo com minha mãe quando eu era criança. — Ele sorriu para os meus olhos arregalados e depois me puxou de volta para baixo. — Mas eu gosto de abraçar você.

Eu desmoronei de volta em seu peito. — Esta noite foi... Informativa. Há mais alguma coisa que eu deva saber além do chiclete estalando e abraços?

— Eu vou mantê-la informada.

— Obrigada, detetive. — Eu acariciei seu estômago, então comecei a brincar com os cabelos em seu peito. — Como foi o seu dia?

— Longo — ele suspirou, desenhando círculos no meu quadril. — Mas bom.

Cole estava trabalhando tanto ultimamente. Ele se levantava tão cedo quanto eu e entrava no trabalho enquanto eu ia ao restaurante para assar antes das seis. Ele foi inundado com a força-tarefa de drogas e os outros casos que ele tinha em seu prato. Mas nesses meses recentes, evitei perguntar a ele sobre o caso de assassinato de Jamie.

Eu não queria que ele pensasse que eu não tinha fé em suas habilidades de investigação. Eu não queria que ele pensasse que eu tinha falsas esperanças. Mas eu estava curiosa. Eu passei anos recebendo atualizações do Detetive Simmons - embora a mesma atualização - todos os meses. E embora eu confiasse em Cole para me dizer se ele descobriu alguma coisa, esta noite, curiosidade bateu a paciência.



— Você já fez algum progresso no caso do assassinato? — Eu fiquei tensa enquanto esperava por sua resposta.

A mão de Cole no meu quadril congelou. — Não há muito que eu possa compartilhar, mas estamos fazendo o melhor possível. E estamos trabalhando nisso.

— OK. — Sua atualização limitada foi suficiente. — Estive pensando em algo por algumas semanas. Eu queria saber se você poderia me fazer um favor. Um tipo de favor da polícia.

— Tudo bem — ele demorou.

— Quero que você encontre a filha da mulher que foi morta com Jamie. A caixa.

— Poppy...

Eu levantei minha cabeça e o interrompi. — Eu só quero saber se ela está bem. Eu não preciso de detalhes ou algo assim. Apenas um sim ou não, se ela está bem.

Sua mão veio ao meu rosto. — Por quê?

Dei de ombros. — Pensei nela de vez em quando ao longo dos anos. Eu me perguntei onde ela estava, e como ela lidou com a perda de sua mãe. Eu acho que terminar a lista de Jamie, deixar ir e continuar com a minha vida me fez pensar se ela encontrou algum fechamento também. Eu não tenho nenhum poder para encontrar o homem que os matou e fazê-lo pagar, mas posso pelo menos ter certeza de que sua vida não foi arruinada. Você me ajudaria a verificar ela?

Seu polegar acariciou minha bochecha. — Num piscar de olhos.



CAPÍTULO 19

48º Aniversário: Comprar um carro para um estranho

Poppy

— Vocês dois se beijam como adolescentes.

Eu fiz uma careta para Molly por trás da mesa do escritório. — Nós não.

— Mesmo? — Ela inclinou o quadril contra o batente da porta. — Então por que você está sempre colocando batom? Seus lábios estão rachados porque você está sempre se beijando com seu namorado policial. Não que eu te culpe. Se ele fosse meu, eu o beijaria o tempo todo também.

Cole tinha acabado de sair do restaurante depois de vir aqui para o almoço, e assim como ele sempre fazia quando ele visitava, ele me deu um longo beijo quando chegou e outro antes de sair. E duas vezes no meio, só porque queria.

Ok, talvez fôssemos tão ruins quanto adolescentes.

— Meus lábios estão rachados por causa do tempo — eu menti. — Está seco nesta época do ano. — Eu olhei para a papelada na minha mesa e esfreguei meus lábios juntos. Eles ainda estavam inchados pelo beijo de Cole. — Porém, ele é um *ótimo* beijador.



Cole e eu estávamos juntos há dois meses, e as coisas entre nós estavam tão quentes quanto sempre. Nós nos beijávamos o tempo todo. E o sexo? Nós estávamos indo para lá como estrelas do rock. Na verdade, ele me fodeu aqui mesmo, depois que eu fechei o restaurante na noite passada. Não que eu estaria compartilhando esse pequeno detalhe com Molly.

— Em que você está trabalhando? — Molly entrou no escritório, ocupando a cadeira do outro lado da mesa.

Nossas posições foram trocadas em nossas conversas normais, no escritório. Normalmente ela era a única sentada nesse lado da mesa, trabalhando na folha de pagamento ou na contabilidade, enquanto eu estava na cadeira de hóspedes.

— Eu estava apenas olhando para essas novas projeções de renda que você montou.

Ela sorriu. — As coisas estão indo tão bem. Melhor do que eu esperava.

As vendas no The Maysen Jar eram tão altas agora quanto quando abrimos. Nos cinco meses em que estive no negócio, aprendi muito. Eu era melhor em encomendar suprimentos a granel, sem ficar com muito ou muito pouco. Eu tinha refinado o menu, por isso só incluía itens que foram vendidos de forma consistente. E para o prazer de Molly, aprendi a delegar e confiar em minha pequena equipe para administrar o lugar, quando não estava por perto. Meus dias de folga não eram limitados a uma vez por mês, mas uma vez por semana, e eu descobri uma programação noturna, que me deixava passar tempo de qualidade com Cole e Nazboo.

Molly puxou o cronograma de rascunho da mesa e olhou para o mapa. — Eu acho que vou pedir a Helen para vir e trabalhar no sábado comigo. Ela está procurando mais horas para economizar nos feriados.

— Você tem certeza que não se importa de trabalhar neste fim de semana? — Molly normalmente saía sábado e domingo para passar o tempo com as crianças, mas Cole e eu tínhamos planos no próximo fim de semana, para fazer outro item da lista, então ela estava cobrindo o restaurante.

— De modo nenhum. Você não tirou um fim de semana inteiro desde a sua viagem ao Glacier. Você



merece o intervalo. Além disso, já que Finn tem as crianças neste fim de semana, eu ficarei entediada em casa. Estou feliz por poder vir trabalhar.

— Obrigada.

Ela anotou o horário e apoiou os cotovelos na mesa. — Você está quase terminando a lista. Como você está se sentindo em terminá-la?

Como eu estava me sentindo? — Eu estou... Ok. Eu acho que estou apenas em paz com tudo isso.

— Boa. Então você conseguiu o que queria.

Eu sorri. — Sim, eu consegui.

Logo eu marcaria os últimos itens da seleção do diário de Jamie e guardaria. Jamie sempre seria uma parte do meu coração, mas passar por sua lista de aniversários me dera uma saída para dizer adeus.

— Você já decidiu quem ganha um carro grátis? — Molly perguntou.

— Não. — Eu caí na mesa. Por que Jamie queria comprar um carro para um estranho, eu não fazia idéia. — Como você escolhe um estranho e compra um carro? Se eu for até alguém e disser: 'Ei você! Eu quero comprar um carro para você — eles vão achar que sou louca.

— Eu vou fazer isso.

Eu me sentei. — Você irá? Mesmo?

Ela encolheu os ombros. — Claro, eu vou escolher alguém.

— Isso seria bom. Eu sou muito tímida.

— Como você quer pagar por isso? Você não vai entregar apenas um monte de dinheiro, vai?

Eu balancei a cabeça. — Não, quero ter certeza de que a pessoa consiga um carro. Eu estava planejando apenas financiamento com a concessionária. Então, quando eu vender a casa, posso pagar de volta.

— Algum progresso em encontrar uma casa para alugar?

Suspirei. — Não. Honestamente, nem olhei ultimamente. — Eu estava passando tanto tempo na casa de Cole, que a mudança tinha parado. Mas eu precisava retomar



minha busca de aluguel novamente.

Jamie e eu ficamos espertos quando compramos nossa casa, para que a hipoteca não fosse muito, mas eu poderia usar o dinheiro do patrimônio que construí ao longo dos anos. Eu ainda precisava reembolsar Cole pelo que ele gastou no caminhão de Jamie e logo eu teria um pagamento de carro, para um carro que eu não estaria dirigindo. Como a minha casa ficava vazia a maior parte do tempo, reduzir o tamanho para um apartamento menor fazia sentido.

Exceto que o que eu realmente queria fazer era morar no Cole.

Nestes últimos dois meses, ele havia se tornado minha *casa*. A maioria das minhas roupas já estavam penduradas em seu armário, todos os eletrodomésticos da minha cozinha haviam migrado para o armário dele, e não para o meu, e sua cama era minha cama. Eu duvidava que eu fosse capaz de dormir no meu antigo quarto agora.

— Eu não sei porque você não vai simplesmente morar com Cole — Molly murmurou.

Suspirei. — Porque ele não perguntou. — Eu queria que ele me perguntasse, não se sentisse pressionado porque eu queria descarregar minha casa.

— Perguntou o quê?

Meus olhos foram para a porta quando Cole entrou no escritório. — Nada! — Eu atirei em Molly, *não se atreva a* olhar.

Ela revirou os olhos e balbuciou, tudo *bem*.

— O que você está fazendo aqui? — Eu me levantei da mesa. — Você esqueceu alguma coisa na hora do almoço?

Ele sorriu. — Eu tenho uma surpresa para você. Pegue seu casaco e saia pela frente.

Molly e eu corremos para os ganchos na porta e seguimos Cole pela cozinha.

Helen estava atrás do balcão esta tarde, estudando, já que não tínhamos muitos clientes. Quando ela nos viu atravessar a porta de vaivém sobre os calcanhares de Cole, ela fechou o livro e correu contornando o balcão para

alcançá-lo. A julgar pelo enorme sorriso no rosto, ela deve ter ficado surpresa com a surpresa de Cole.

Enquanto caminhávamos pelo restaurante, Cole se aproximou e pegou minha mão. Seu enorme sorriso era contagiante quando ele me puxou para fora e ao redor da esquina do prédio.

Minha mão livre cobriu meu suspiro quando vi a surpresa.

O caminhão de Jamie - reluzente, azul meia-noite e acentuado com cromo polido - estava estacionado no estacionamento.

— Está feito?

Cole me entregou um conjunto de chaves. — Está feito. O que você acha?

— Está perfeito. — Fiquei impressionada por ele ter transformado uma velha pilha amarela nesse belo clássico. Eu agarrei o rosto de Cole com as duas mãos e puxei-o para um beijo duro e rápido. — Obrigada.

Ele sorriu contra a minha boca. — Vá dar uma olhada.

Um rangido escapou dos meus lábios enquanto eu corria para o lado do motorista. Eu entrei, enchendo meus pulmões com o cheiro limpo e novo. Minhas mãos acariciaram o couro amanteigado do novo banco de cor creme antes de agarrar o volante correspondente. Eu corri meus dedos pelo painel e desci para o novo rádio. O chão, os painéis das portas, o teto - tudo era novo.

Cole até havia substituído as velhas viseiras de plástico.

Abaixei uma, surpresa quando uma foto caiu no meu colo. Foi a que Cole encontrou meses atrás. Cole manteve Jamie em sua caminhonete. Sorri para a foto e coloquei de volta na viseira assim que a porta do passageiro se abriu.

— Bom? — Cole perguntou.

— É incrível. Obrigada.

— Foi divertido. — Ele passou a mão pelo assento, inspecionando seu trabalho. — E não demorou tanto tempo quanto eu pensava. O motor estava em boa forma. Meu amigo na oficina fez muito. Principalmente eu acabei

de colocar em novas partes.

— Você não está se dando crédito suficiente. Este caminhão tem passado muitas noites com você, ultimamente.

Ele encolheu os ombros. — Eu gostei. Isso me fez perceber que preciso encontrar um hobby. Algo para tirar minha mente do trabalho.

— Como o quê?

— Eu não sei. Talvez eu encontre outro carro velho e conserte.

— Posso escolher a cor?

Ele sorriu. — Claro.

Eu corri minhas mãos sobre o volante novamente. — Eu escolho preto. — Era sua cor favorita.

Cole subiu no caminhão e pegou seu telefone, apontando a câmera para o meu caminho. — Lá. Agora você tem sua foto do dia. — Uma foto minha no caminhão de Jamie era muito melhor do que a selfie que eu tinha tentado esta manhã. — Que tal um passeio rápido?

— Para onde?

Ele encolheu os ombros. — Qualquer lugar.

Virei a chave e sorri, depois dirigi pelo quarteirão e estacionei atrás do restaurante.

Quando Cole me deu um olhar engraçado, eu apenas desliguei o caminhão e deslizei pelo banco, mostrando-lhe com os lábios o quanto apreciei o trabalho dele neste projeto.

No momento em que nos separamos, eu precisava de mais batom.

Não muito tempo depois de Cole voltar ao trabalho, Molly deixou o restaurante para fazer alguns recados, antes de ter que pegar Kali e Max na creche. Era só eu e Helen pelo resto da tarde e à noite, então enquanto ela

administrava o balcão, eu estava na cozinha, picando legumes para a minha sopa de macarrão e galinha.

Deveria esfriar esta noite e eu pensei que a sopa seria um sucesso entre a multidão do jantar. Além disso, era um dos favoritos de Cole. Ele estava voltando aqui para jantar e eu queria fazer algo especial para ele, dado tudo o que ele fez para consertar o caminhão de Jamie - que estava estacionado nos fundos.

Cole levou meu carro de volta para a estação para que eu pudesse dirigir a caminhonete de Jamie para casa hoje à noite. Assim que fechamos o The Maysen Jar, eu estava planejando dirigir um pouco, ouvindo a estação country preferida de Jamie, depois encontrando um lugar para estacionar e cruzar aquele item de sua lista.

— Ei, Poppy? — Helen colocou a cabeça na cozinha.

— Tudo bem? — Eu não olhei para cima das cenouras na minha tábua de corte.

— Aquela garota está de volta.

Larguei minha faca e limpei as mãos no meu avental enquanto corria até a porta, espiando por Helen.

Sentada no mesmo lugar que sempre ficava, escondida no canto mais distante da sala, havia uma jovem, que vinha ao restaurante regularmente nas últimas semanas. Ela sempre vinha no mesmo horário, por volta das três da tarde, e usava sempre as mesmas roupas, leggings pretas desbotadas e um casaco verde-oliva, que era dois tamanhos maior, pendurados até os joelhos. Nos pés dela, havia sapatilhas de balé pretas arranhadas.

Mas mesmo que as roupas dela estivessem velhas e gastas, ela colocou esforço em sua aparência. Seu rosto não precisava de muita maquiagem - sua pele morena clara era impecável -, mas tinha nas bochechas um pouco de rosa, para combinar com a sombra que usara para destacar seus grandes olhos caramelo. Seus longos cabelos pendiam quase até a cintura, e ela acrescentou algum produto para domar o frizz de seus cachos castanho-claros.

— Ela pediu alguma coisa?

Helen sacudiu a cabeça. — Não. Ela só pegou um dos biscoitos e pediu um copo de água.

Eu fiz uma careta. A garota nunca pediu nada. Em vez disso, ela vinha e sentava naquele canto, tentando se misturar na parede, enquanto lia o mesmo livro esfarrapado ou trabalhava no dever de casa.

Eu não me importava que ela não fosse uma cliente pagante. Eu me importava que ela era jovem - provavelmente apenas dezesseis anos - e ela parecia estar sobrevivendo sozinha com meus biscoitos. Ela ficou visivelmente mais magra no momento em que vinha ao The Maysen Jar.

Mas sempre que qualquer um de nós se aproximava e lhe oferecia alguma coisa, ela educadamente recusava e saía do restaurante. Ontem, Molly e eu dissemos à nossa equipe para nos avisar imediatamente da próxima vez que a garota chegasse.

— Faça-me um favor — eu disse a Helen. — Ponha uma empada de frango e uma torta de maçã no forno, depois faça um café com leite de baunilha. Vou por essa sopa no fogão e depois vou sair.

Enquanto Helen foi preparar a comida, corri para terminar de cortar e jogar as verduras no caldo de galinha. Com o fogo aceso para ferver, lavei as mãos e desamarrei o avental. Quando cheguei na frente, Helen tinha tudo em uma bandeja.

— Obrigada. — Eu peguei a bandeja. — Me deseje sorte.

Ela cruzou os dedos e sorriu.

A menina me notou quando eu atingi o ponto médio do restaurante. Ela endireitou-se, empurrando um papel em seu livro antes de enfiar os dois em uma mochila de lona.

Então eu peguei meu ritmo antes que ela pudesse escapar. — Oi. — Eu coloquei a bandeja no momento em que ela se levantou da cadeira. — Por favor não vá. Por favor.

Ela me olhou com cautela, mas se sentou novamente.

— Obrigada. — Eu peguei a cadeira em frente a ela. — Meu nome é Poppy. Este é meu restaurante.



A menina olhou para a comida, engolindo em seco, depois de volta para o meu rosto, mas ela não falou.

— Eu estava esperando que você pudesse me fazer um favor. Eu fiz algumas mudanças na minha receita de torta, — eu menti. — Talvez você possa tentar isso e me dar sua opinião sincera. Me diga o que você acha.

— Oh, hum, eu não...

— Eu sei que é depois do almoço e você pode não estar com fome, mas mesmo apenas algumas mordidas ajudariam. E é grátis, claro. Testadores de sabor não precisam pagar. O que você diz? Me empresta seu paladar?

Seus olhos caíram para a comida novamente, e desta vez, ela lambeu os lábios. — Ok.

Vitória! Eu segurei meu sorriso e me levantei. — Eu vou deixar você comer sem eu estar pairando. Só não saia antes de me dizer o que pensa.

Ela assentiu e esperou que eu recuasse antes de pegar seu guardanapo e talheres.

Eu me virei e caminhei de volta para a cozinha, resistindo à vontade de olhar por cima do meu ombro. Então fiquei no meio da cozinha, contando até cem, antes de voltar ao balcão, fingindo fazer o inventário da vitrine.

— Ela está comendo? — Eu sussurrei para Helen.

— Sim.

Suspirei. — Boa. Eu vou fazer o macarrão para a sopa para que eles possam secar por um tempo. Quando ela estiver perto de terminar, venha e me chame.

Helen assentiu. — Você conseguiu.

Eu nunca fiz macarrão tão rápido na minha vida. Energia nervosa jorrava da ponta dos meus dedos enquanto amassava a massa e, quando Helen voltou para me tirar da cozinha, deixei o macarrão todo enrolado e cortado.

Com uma toalha na mão, voltei para a mesa da moça e sorri. Ela terminou tudo, exceto o café com leite de baunilha, que não havia sido tocado. — O que você acha?



— Estava muito bom.

— Ótimo! — Eu aplaudi e me sentei. — Eu vou manter essas mudanças então. Você não gostou do café?

Ela baixou os olhos para o colo. — Eu, hum... Não posso tomar café.

— Você é alérgica?

Foi uma pergunta estúpida. No minuto em que perguntei, meus olhos vagaram para seu estômago.

Seu casaco, que ela sempre mantinha fechada, agora estava desabotoado. Por baixo ela estava vestindo uma camisa preta justa que moldava sua barriga arredondada.

— Oh! — Eu sorri mais, na esperança de esconder o meu choque que esta jovem estava grávida. — Eu sinto muito. Eu não percebi. Que tal um chocolate quente em vez disso?

— Tudo bem.

A garota falou tão baixinho que eu inclinei os braços sobre a mesa para ouvi-la melhor. — Você tem certeza? Eu faço a mistura de cacau a partir do zero. Eu ficaria feliz em fazer para você um... Eu sinto muito. Eu não sei seu nome.

Ela puxou o casaco apertado em volta dos ombros sem uma resposta ou contato visual.

Ela estava com medo de mim? Ou ela estava preocupada que ela estava com problemas? Eu não queria assustá-la de voltar, mas eu também não queria que ela saísse antes de eu conseguir algumas respostas. Essa garota pode não estar pedindo ajuda, mas ela precisava disso.

— Você não está em apuros. — Eu gentilmente coloquei minha mão na mesa. — Você é bem-vinda aqui, a qualquer momento. Se tudo o que você quer são biscoitos e água, tudo bem para mim. Pegue o quanto quiser e fique o tempo que quiser. Vou até marcar esta mesa como reservada para você.

Sua cabeça ainda estava abaixada, mas eu peguei um leve aceno de cabeça.



— E se você não quiser conversar, tudo bem. Vou deixar você em paz, mas gostaria de te conhecer. Eu gosto de conhecer todos os meus clientes habituais.

Eu esperei. E esperei. Mas ela ainda não se mexeu. Eu estava prestes a desistir quando o rosto dela levantou e ela me deu um sorriso tímido.

— Belle.

— Belle. Esse é um nome lindo. — Eu estendi minha mão. — Sou Poppy Maysen.

Ela pegou minha mão e olhou ao redor da sala. — Maysen. Como o restaurante?

— Sim. — Eu esfreguei minhas mãos sobre meus braços, fingindo estar com frio. — Está meio frio aqui. Acho que vou fazer um daqueles chocolates quentes para mim. Sente-se bem, eu vou fazer um para você também.

Antes que ela pudesse protestar, eu me levantei da minha cadeira e peguei a bandeja dela, levando-a de volta para a cozinha. Então fui atrás do balcão e peguei o leite inteiro. Eu não precisava da gordura adicionada, mas Belle sim.

Helen veio ao meu lado quando eu liguei o vapor. — Como está indo?

— Progredindo, eu acho. Você notou que ela estava grávida?

Ela balançou a cabeça.

— Você arrumaria algumas coisas para ela levar? Não sei se ela vai aceitar, mas posso tentar. Talvez faça coisas que durem alguns dias ou seja fácil de reaquecer, como guisado e macarrão com queijo.

— Sim. Eu vou colocar uma salada também, para algumas vitaminas.

Enquanto Helen fazia um saco para viagem, eu preparei dois chocolates quentes em nossas maiores canecas. Então eu os levei de volta para a mesa de Belle e me sentei. — Aqui está. Saúde!

Tomei um longo gole do meu chocolate, aliviada quando ela fez o mesmo.

— Então, Belle. Como você encontrou esse lugar? Você mora perto daqui?



Ela balançou a cabeça. — Não, eu ouvi algumas meninas na escola falando sobre aqui.

— Você vai para Bozeman High?

Ela assentiu e tomou outro gole de chocolate quente.

— Este é o seu último ano? É por isso que você sai tão cedo?

— Não, sou estudante do primeiro ano. Mas minha última aula é apenas uma sala de estudos e a professora não nos faz ficar, se tivermos boas notas.

Uma estudante do primeiro ano. O que significava que ela provavelmente tinha apenas dezesseis anos de idade. Dezesseis. Com fome. E grávida. Eu esperava que ela estivesse pelo menos recebendo refeições na escola.

— Você tem um assunto favorito?

— Eu gosto de casa e cozinha.

— De modo algum! Essa foi a minha aula favorita também. Eu amei a culinária, obviamente. Qual é a sua parte favorita?

Ela sorriu - o primeiro sorriso genuíno que eu vi - e foi impressionante. — Eu amo a cozinha também.

— Você já fez macarrão caseiro de ovo?

Ela balançou a cabeça.

— Bem, eu estou fazendo alguns hoje para sopa de macarrão de galinha. Quer ajudar?

Ela quase deixou cair sua caneca na minha oferta. — Mesmo?

— Deixe-me mostrar a minha parte favorita do restaurante. — Eu pisquei. — Siga-me para a cozinha.

Uma hora depois, eu tinha três vezes o macarrão de ovos que eu precisava para a sopa, e estava deixando Belle misturar um lote de recheio de torta tripla. Eu tinha feito a maior parte das conversas na última hora, contando coisas sobre mim e minhas experiências culinárias, mas quando começamos com as massas, ela finalmente começou a se abrir.



Aprendi que ela tinha dezesseis anos, como eu imaginara, e morava com o pai dela. Eu também descobri que ela estava andando aqui depois da escola nos dias em que ela precisava de um lugar tranquilo para fazer o dever de casa.

E que ela estava definitivamente comendo por dois.

— De quantos meses você está?

— Seis meses, eu acho. — Seus ombros se dobraram para dentro enquanto ela sussurrava: — Eu não tenho certeza.

— Você já foi ao médico?

— Eu não tenho seguro de saúde.

A maioria das crianças de dezesseis anos de idade não tinham. — E seus pais?

Ela balançou a cabeça.

Quando ela se afastou ainda mais, recuei as perguntas. Eu fiz muito progresso com Belle hoje, e esperava que eu ganhasse sua confiança esta tarde. Talvez com o tempo, ela estaria mais aberta para compartilhar sobre sua vida.

— Você já fez pão de milho antes?

Ela olhou para cima e assentiu. — Uma vez na aula.

— Tudo bem. — Eu tirei meu cartão de receita da pilha sobre a mesa e entreguei. — Mostre-me o que você sabe.

Quando as cinco horas chegaram, a preparação das refeições para os dois dias seguintes estava quase completa. Enquanto eu estava distraída - tentando obter informações de Belle - ela se concentrou completamente em cozinhar, colocando em marcha cada cartão de receita que eu lhe entregava, com perfeição absoluta.

— Obrigada por toda sua ajuda. — Eu entreguei-lhe uma toalha para secar as mãos. — Você é bem-vinda aqui a qualquer momento. Você é natural na cozinha. — Tanto que eu ia falar com Molly sobre contratá-la a tempo parcial. Pelo menos assim, poderíamos garantir que ela estava se alimentando e seu bebê.

— Obrigada. Eu me diverti muito. — Belle sorriu até que ela olhou para o relógio acima da pia. — Mas é melhor eu ir para casa. — A palavra —casa — parecia que ela estava engolindo as unhas.

Quando ela vestiu o casaco e pendurou a mochila nos ombros, fui até a porta da cozinha e examinei o restaurante. Helen estava ajudando um cliente no caixa e algumas das mesas estavam cheias, mas ainda tínhamos uma hora antes da corrida do jantar.

Meus olhos vagaram para as janelas na frente. Estava ficando escuro, a luz do inverno não durava muito ultimamente, e seria frio para Belle andar. O vento também estava aumentando.

— Belle, me deixe dar uma carona para você não congelar.

Ela balançou a cabeça, puxando um par de luvas que tinham visto dias melhores. — Eu ficarei bem.

— Por favor? — Eu implorei. — Eu vou me preocupar com você a noite toda.

Ela passou por mim e passou pela porta, mas parou quando seu olhar atingiu as janelas e ela estremeceu. Seus lindos olhos vieram para os meus. — Você tem certeza?

— Sim. — Eu sorri. — Vamos, estou com meu carro estacionado lá atrás.

Eu disse a Helen que estava levando Belle para casa e a deixei encarregada do restaurante, enquanto pegava meu casaco no escritório. Quando abri a porta de trás, o ar frio me atingiu com força no rosto e levou apenas alguns segundos para o meu nariz e orelhas picar. Eu não tinha idéia de quão longe Belle morava, mas apenas um quarteirão neste tempo e ela teria se transformado em um pingente de gelo.

— Eu gosto do seu caminhão — disse Belle quando ela entrou, passando a mão pelo assento de couro.

— Obrigada. — Eu girei a chave e liguei o motor. — Então, para onde?

Belle me deu instruções enquanto nós dirigíamos, e quando chegamos mais perto e mais perto de uma parte modesta da cidade, o nó no meu estômago se



apertou. Ela estava andando em casa à noite por todo esse caminho? Através deste bairro? Estávamos a milhas do restaurante. Nós estávamos a milhas de sua escola.

No momento em que entrei no trailer dela, tomei uma decisão. Molly não precisava escolher um estranho para receber um carro grátis.

Eu estava comprando um veículo para a Belle.

— É o último à direita. — Ela apontou para a estrada sem saída que levava ao parque de trailers.

Os braços de Belle estavam em volta de sua barriga enquanto ela se encostava na porta. Ela não queria que eu visse onde ela morava. A única razão pela qual ela me deixava levá-la para casa era um desespero total.

Assim que o último trailer apareceu, os braços de Belle dispararam. — Pare!

Eu pisei no freio, sacudindo nós duas para frente. — O quê? — Eu me virei para ela para uma explicação.

— Você pode estacionar aqui por um segundo?

— Hum... Certo. — Eu puxei para o lado da estrada.

Seu trailer estava a três de onde estávamos estacionados, perto o suficiente para ver que o tapume estava desmoronando e duas das janelas estavam cobertas de compensado. Eu estava avaliando o carro preto brilhante na frente - um que era muito caro para o dono daquele trailer - quando um homem atravessou a porta da frente de Belle.

O cara era alto, meio magro e tinha cabelos escuros perfeitamente penteados. Se não fosse pelo cigarro na boca, eu o consideraria bonito. Era o pai da Belle? Se fosse, por que ela não iria querer ir para casa antes de ele ir embora? — Você não quer que seu pai veja que eu te levei para casa?

Ela balançou a cabeça. — Esse não é meu pai. Esse é o seu amigo Tommy.

A cor sumiu de seu rosto quando Tommy entrou no carro preto e brilhante. Ela não precisava dizer nada para eu saber que estava apavorada com ele. O ar no caminhão ficou gelado de medo.



Quando Tommy se afastou de sua casa, Belle cobriu a barriga e se abaixou abaixo do painel. Somente quando Tommy passou correndo por nós e seu motor não pôde mais ser ouvido no trailer ela finalmente se sentou de novo.

— O que está acontecendo?

Ela não respondeu enquanto acariciava seu bebê.

Algo estava errado. Toda essa situação estava *errada.* Os cabelos na parte de trás do meu pescoço estavam arrepiados, me dizendo que as coisas eram muito piores para Belle do que eu jamais poderia ter imaginado.

E eu suspeitava que Tommy fosse a causa.

Eu alcancei o banco e coloquei minha mão em seu ombro. — Quem é esse cara, Tommy?

Ela acariciou sua barriga sem uma resposta.

— Hum... Você tem um namorado?

Ela balançou a cabeça.

Droga. Isso significava que eu não poderia pular a minha próxima pergunta. — Belle, de quem é esse bebê?

Ela manteve os olhos baixos e eu tinha certeza que ela não responderia, mas então ela olhou para cima e endireitou os ombros. — Meu. Este bebê é meu.

Aquele bebê era do Tommy. Ela não precisava dizer o nome dele para eu adivinhar a verdade. E dado seu medo óbvio, eu também estava supondo que seu filho não tivesse sido concebido com o consentimento dela.

— Se algo está acontecendo com aquele cara, se ele está machucando você, então precisamos ir à polícia.

Ela balançou a cabeça. — Não. Isso só vai piorar as coisas.

— Belle, você...

— Não! — Ela me cortou. — Não.

Suspirei. — E seus pais? — Será que eles sabiam que ela estava grávida?

— Eu apenas moro com meu pai e ele sai muito. Ele é meio desligado.

Eu passei a mão pela minha testa. O que eu ia fazer? Eu acabei de conhecer essa garota, mas não poderia viver comigo mesma se não fizesse nada para ajudar. Se ela estava sendo abusada por um dos amigos de seu pai, ela não poderia continuar a viver naquele trailer. Ela certamente não poderia trazer um bebê para aquele trailer.

— Existe mais alguém com quem você poderia ficar? — Alguém com seguro de saúde para que ela pudesse ver um maldito médico?

Ela encolheu os ombros. — Minha avó mora no Oregon e eu provavelmente poderia morar com ela, mas não tenho dinheiro. Meu pai... Ele geralmente precisa dele.

Se o dinheiro fosse tudo o que ela precisava, eu pagaria de bom grado sua ida para o Oregon. Ela poderia ir de avião. Ou de ônibus.

De carro.

Um plano passou pela minha mente enquanto eu colocava o caminhão de volta e nos guiava o resto do caminho até a casa dela.

Quando estacionei e desliguei a ignição, a mão dela disparou novamente. — Você não precisa entrar!

Eu peguei a mão dela na minha e apertei. — Vai ser mais rápido se nós duas embalarmos suas coisas.

— O quê?

— Vamos. — Eu abri minha porta. — Você está indo para o Oregon.

16

Uma hora depois de sair do restaurante com Belle, voltamos.

Os escassos pertences de Belle estavam no caminhão de Jamie. Ela ligou para a avó para anunciar sua gravidez e confirmar que ainda era bem-vinda no Oregon - o que ela era. E ela deixou um bilhete para seu pai, algo que

ela não esperava que ele visse - ou se importasse - até que ela estivesse longe.

Então, enquanto Belle estava dentro do restaurante usando o banheiro antes de sua jornada, eu estava sentada no banco do motorista do caminhão de Jamie, olhando para a foto que tirei do visor.

— Não é exatamente comprar um carro para um estranho, mas acho que você ficaria bem com isso. — Eu toquei seu rosto. — Você me vigiou por tempo suficiente. Olhe por ela agora, ok?

Seu sorriso congelado foi toda a resposta que eu precisava.

Eu pressionei um beijo nos meus dedos, depois na foto, antes de colocá-lo de volta na viseira, para que pudesse estar com Belle enquanto ela dirigia para o Oregon. Deixando o caminhão correndo, peguei minha bolsa e entrei. Então eu fui direto para o escritório, onde tirei todo o dinheiro que Molly planejou levar para o banco amanhã.

— Tudo pronto? — Eu perguntei a Belle quando ela voltou para a cozinha. Ela tinha a sacola de viagem que Helen havia feito em seu pulso.

— Tem certeza de que posso pegar emprestado seu caminhão? Não sei como devolverei isso aqui.

Eu sorri. — Você não está pegando emprestado esse caminhão, Belle. É seu.

— Não, eu não posso

— Sim você pode. Esse era o caminhão do meu marido e ele queria que você o tivesse. Sem argumentos. Apenas me prometa dirigir com segurança. Encontre um lugar para ficar esta noite antes de ficar muito cansada. — Eu entreguei o maço de dinheiro. — Aqui. Para sua viagem.

Ela olhou para ele com olhos arregalados, provavelmente nunca tendo visto tanto dinheiro antes.

— Quando você se instalar, você precisará me enviar seu novo endereço, para que eu possa transferir o título do caminhão para o seu nome. Ok?

Ela ainda estava olhando para o dinheiro.

— Belle? Vou precisar do seu endereço, ok?



Seus olhos estalaram nos meus e ela assentiu freneticamente. — Ok.

— Boa. Agora é melhor você pegar a estrada se quiser chegar a Missouri antes que seja tarde demais.

Lágrimas inundaram seus olhos quando ela pegou o dinheiro e enfiou no bolso do casaco. — Obrigada.

Eu me aproximei e enxuguei uma lágrima do rosto dela. Um rosto tão jovem, mas tão corajoso. — Mantenha contato.

Ela caiu em meus braços, me abraçando tão apertado com seus braços finos que eu mal conseguia respirar.

— Dirija com cuidado.

Ela assentiu com a cabeça contra o meu peito, depois me soltou, acenando enquanto desaparecia pela porta dos fundos.

Mantenha ela segura, Jamie. Leve-a para o Oregon.

Eu não tinha certeza se mandar um adolescente de dezesseis anos em uma viagem de doze horas era inteligente, mas era a melhor alternativa. E eu tinha fé que uma vez que Belle chegasse ao Oregon, sua avó a ampararia.

Até então, ela tinha Jamie.

Eu ignorei a queimação na minha garganta e tomei fôlego enquanto Helen entrava pela porta da cozinha. Eu me virei para ver seus braços cheios de pratos sujos e estresse escrito em todo o seu rosto.

— Eu fico no caixa. Você faz uma pausa rápida. — Eu me soltei, sorrindo enquanto ela suspirava e voltava ao trabalho.

Não muito tempo depois que a pressa do jantar diminuiu, Cole entrou no restaurante com uma pasta de papel pardo debaixo do braço. Ele veio atrás do balcão para um beijo, depois colocou a pasta no balcão.

— O que é isso? — Eu abri o arquivo. Uma foto da escola de Belle era a única coisa dentro.

— Esta é a filha da caixa.

Eu olhei com os olhos arregalados e sem piscar para a foto. Na parte inferior, escrito com uma caneta, estava seu nome completo. Tuesday Belle Hastings.



Tuesday.

Belle tinha me dado seu nome do meio em vez do primeiro. Se ela tivesse me contado que seu nome era Tuesday, eu teria me lembrado do nome dela nos artigos do jornal, sobre o assassinato. Eu memorizei aqueles artigos - os impressos ao lado dos obituários de Jamie e Kennedy.

— Quais são as chances? — Eu murmurei. *Coincidências.* Eles realmente eram nossa coisa.

— O quê? — Cole perguntou.

Eu fecho a pasta. — Você nunca vai acreditar no que eu fiz esta tarde.



CAPÍTULO 20

28º Aniversário: Surfar na multidão

Cole

— Você está brincando comigo — disse Matt, sentado na borda da minha mesa.

— Que loucura é essa?

Matt balançou a cabeça, deixando tudo o que eu disse para ele afundar. — Puta merda.

Puta merda. Essas foram as minhas palavras exatas para Poppy na noite passada.

Eu estava doente com o que aconteceu com Tuesday Hastings. O pai dela, Aaron Denison, era um viciado em metanfetamina. Seu nome estava na lista de vigilância da força-tarefa antidrogas, mas como ele não era um jogador importante, não o havíamos colocado. Em vez disso, estávamos gastando nosso tempo indo atrás de traficantes como o amigo de Aaron, Tommy Bennett.

Tommy era um filho da puta doentio. Sua especialidade era atrair jovens garotos para que eles o ajudassem a vender drogas para seus amigos ingênuos, mas, infelizmente, nós estávamos tendo o inferno provando isso. Nós nem havíamos sido capazes de trazê-lo para depor - até



onde sabemos, ele nunca tocou nos produtos que estava vendendo. Ele saiu vendendo drogas para arruinar a vida dos outros.

Eu me encolhi, pensando no tipo de prazer que ele tirou da Tuesday. E aqui Poppy inadvertidamente presenteou o caminhão de Jamie para ela. Filha de Kennedy Hastings. — Temos que pegar caras como Aaron e Tommy nas ruas.

Matt assentiu. — Pena que a filha não contaria a Poppy se Tommy tivesse agredido ela.

— Eu sei — eu suspirei, — mas me deu muita motivação para acabar com ele. Podemos não levá-lo por uma agressão sexual, mas a distribuição para menores o obrigará a uma longa e agradável sentença de prisão.

E assim que colocamos Tommy longe, eu estava indo atrás de Aaron.

Eu não tinha seguido a Tuesday Hastings - ou Poppy - nesses últimos cinco anos. Mas quando Poppy me pediu para verificar ela, eu fiquei curioso também. No último mês, eu pesquisei Tuesday, começando com a escola dela. As coisas pareciam promissoras no começo. Ela era uma estudante heterossexual. Ela tinha perfeita assistência e seus professores pareciam amá-la. Tudo apontava para uma adolescente inteligente e bem ajustada.

As coisas pareciam tão boas que eu não tinha corrido para investigar sua vida doméstica.

Agora, me arrependi de ter esperado tanto tempo.

Ainda ontem, soube que Tuesday havia sido deixada com Aaron, depois que Kennedy foi assassinada. Kennedy nunca se casou com Aaron e manteve a custódia exclusiva da filha - nem mesmo dando à ela o sobrenome de seu pai. Mas depois dos assassinatos, Aaron foi o próximo na fila para a custódia. Na época, ele não tinha sido um conhecido abusador de drogas.

Ou ele tinha escondido bem na época, ou ele tinha se viciado em drogas enquanto sua filha compartilhava sua casa.

— O tempo de tudo isso é a parte realmente louca — eu disse a Matt. — Liguei para os serviços sociais *ontem*, quando vi o nome de Aaron aparecer como o guardião de Tuesday. Eu disse a eles que ele era um conhecido viciado em



metanfetamina e que valeria a pena fazer uma visita.

Matt riu. — Mas Poppy veio para o resgate primeiro.

— Ela veio mesmo.

Tuesday foi morar no Oregon, com a mãe de Kennedy, que receberia a guarda da neta que provavelmente deveria ter tido o tempo todo. E eu tinha chegado à estação esta manhã com um fogo nas minhas veias, para colocar Tommy Bennett e Aaron Denison na prisão, para que eles nunca mais pudessem machucá-la.

— Tommy está sendo atacado como alvo número um pela força-tarefa.

Matt assentiu. — Concordo. Ele tem que cair.

— Nós vamos fazer um plano quando nos encontrarmos com o resto da equipe, mais tarde. — Com um aceno em direção a sua mesa, eu mudei de assunto para o caso de assassinato. — O DMV acabou de voltar para mim, com informações de registro daquele novo conjunto de placas que enviamos. Eu coloquei a lista de nomes na sua mesa.

— Bom. — Matt se levantou e foi até sua mesa, abrindo a pasta que eu havia colocado lá antes. — Deus, espero que encontremos uma pista aqui.

— Eu também.

Os meses que passei trabalhando no assassinato da loja de bebidas me esgotaram. Eu odiava que tudo o que tínhamos que fazer eram vídeos antigos. Eu odiava que, depois de todo esse tempo, tivéssemos feito tão pouco progresso. Mas principalmente, eu odiava não ter nada para dar a Poppy. Eu não poderia dizer a ela que achamos o assassino de Jamie, mas eu também não poderia dizer a ela que o caso estava frio.

A estagnação - o desamparo - estava me roendo.

Mas pelo menos não duraria para sempre. Matt e eu estávamos no nosso último esforço para encontrar uma pista.

— Esta lista — Matt bateu a pasta, — se não tiver nada, eu não sei o que mais faremos.

Nada. Se essa lista não trouxesse uma pista, ficávamos presos. — Eu com certeza espero que encontremos algo, mas eu não estou prendendo a respiração. Se as



mulheres que você questionou no mês passado não nos deram uma pista, acho que também não encontraremos nada aqui.

— Eu não quero admitir a derrota, mas você provavelmente está certo.

Matt havia passado o mês passado entrevistando possíveis suspeitas - seis mulheres no total. Cada uma delas foi pega na câmera, deixando o complexo da mercearia no dia do assassinato. Cada uma tinha cabelos escuros e usava jeans naquele dia. Cada uma tinha saído do estacionamento sozinha. Seis mulheres e todas tinham sido inocentadas.

Três delas tinham álibis. Graças a seus telefones, elas foram descartadas por causa de mensagens de texto ou telefonemas feitos durante o tempo do assassinato. O adolescente de uma mulher estava com ela na mercearia, mas desde que chegaram e saíram em veículos separados, eu não os juntara na câmera. E outras duas mulheres estavam no caixa do supermercado, verificando no momento que os tiros foram disparados. Suas declarações de cartão de crédito haviam provado sua inocência.

Confirmando álibis - um processo miseravelmente lento - havia sido necessário para a investigação, mas depois das entrevistas iniciais, Matt e eu sabíamos que nenhuma das seis mulheres que trouxemos eram suspeitas viáveis. Nenhuma delas tinham um motivo. Cada uma delas era, e tinha sido há cinco anos, muito bem financeiramente. Elas não tinham razão para roubar uma loja de bebidas, por pelo menos algumas centenas de dólares.

O que significava voltar ao vídeo, passando nossas manhãs vasculhando tudo de novo. E desta vez, nós puxamos todas as mulheres na fita, ponto final. Nós identificamos dezessete veículos adicionais expulsos do complexo com mulheres dentro. Na semana seguinte, Matt começaria a trazê-las para interrogatório e, com alguma sorte, encontraríamos uma pista antes do Natal.

Caso contrário, o caso estava morto. Matt e eu faríamos tudo que pudéssemos.

— Você disse alguma coisa a Poppy?

Eu balancei a cabeça. — Eu não quero dizer nada a ela, até ter certeza.

— Desculpa.



— Não é sua culpa. Nós estávamos agarrando a palha para começar. Eu acho que ela sabe que a probabilidade de encontrarmos algo é pequena. Eu só... Eu não quero decepcioná-la.

— Eu não invejo a sua posição sobre isso.

Eu também não, mas se tudo o que eu tinha a dizer era uma má notícia, queria que viesse de mim.

E eu não estava desistindo ainda.

— Grande dia hoje. Como você está se sentindo? — Jimmy perguntou a Poppy.

Ela se inclinou para o meu lado enquanto estávamos de pé atrás do balcão do restaurante. — Bem. Só estou esperando não congelar no jogo.

Jimmy tomou um gole de café, seus olhos suavizaram quando ele olhou para Poppy. — Estou orgulhoso de você por fazer isso.

— Obrigada, Jimmy.

Meu braço em volta dos ombros dela a prendeu perto. — Eu também estou.

Hoje, Poppy estava fazendo a última coisa na lista de aniversários de Jamie.

Eu estava preparado nessas últimas semanas, observando-a de perto, enquanto eu me preparava para um colapso. Mas eu deveria ter sabido melhor. Minha Poppy estava lidando com isso com pura graça.

E eu estava simplesmente feliz que hoje fosse isso. Nós terminamos. Não há mais listas. Não mais olhando para trás. Poppy e eu estávamos livres para olhar para frente, para o que quer que viesse em nosso caminho.

— Deixe-me fazer algumas últimas coisas na cozinha e depois podemos ir. — Ela deu um tapinha no meu estômago e eu soltei meu aperto.

— Não tenha pressa. Não precisamos sair por mais uma hora.

— Vocês querem café? — ela perguntou a Jimmy e Randall, recebendo dois acenos de cabeça.

— Eu vou pegar. — Eu peguei o pote de café atrás de mim. — Você pode voltar para cozinha.

— Obrigada. — Ela sorriu e desapareceu na cozinha.

Enchi as canecas de Jimmy e Randall antes de completar a minha. Então fiz o meu caminho até o balcão, conversando com os clientes enquanto oferecia recargas. O restaurante estava ocupado esta manhã. Tanto Molly quanto Helen estavam correndo, limpando mesas e entregando comida. Poppy estava aqui desde as quatro da manhã, certificando-se de que havia muita comida para o fim de semana.

— Com certeza está lotado aqui — Randall resmungou quando voltei para visitá-los.

— Bom e velho fim de semana de Cat / Griz[6]. É sempre um conjunto.

Os Bobcats da Universidade do Estado de Montana estavam enfrentando a Universidade de Montana Grizzlies no jogo anual de futebol Cat / Griz. A rivalidade - que se tornara famosa ao longo dos anos - atraia uma enorme multidão para Bozeman quando os Cats abrigavam o jogo, a cada dois anos.

Como o jogo sempre era no terceiro fim de semana de novembro, na maioria das vezes era frio pra caralho. Nos últimos anos, eu tinha pulado o caos do estádio e assistia o jogo na casa dos meus pais durante a festa anual, mas este ano, eu estava enfrentando o frio com Poppy ao meu lado, para que ela pudesse terminar a lista de Jamie.

Hoje ela estava surfando na multidão.

— Porra, eu gostaria de ter um bilhete — Jimmy suspirou. — Eu adoraria ir com ela. Você acha que ela vai aparecer na TV?

---

[6] Gato e urso. Símbolos dos times

O brilho em seus olhos me fez rir. — Eu estou gravando o jogo na minha casa apenas no caso.

Deixando Jimmy e Randall para brigar, fui até o caixa quando um cliente apareceu para pagar. Depois de cobrar a guia, passei pelas mesas, oferecendo refis de café.

Eu estava ajudando no restaurante ultimamente. Sempre que eu estava aqui, fazia o meu melhor para ajudar Poppy e Molly. Eu só lidava com as pequenas coisas, como encher xícaras de café ou águas. Cobrando guias. Tudo a ver com a comida real eu deixei para os empregados reais. Mas ajudar com as pequenas tarefas me fez sentir como uma parte do The Maysen Jar - algo que Poppy parecia amar tanto quanto eu.

Quando ela saiu da cozinha e me viu fazendo um novo pote de café, seu sorriso fez meu coração pular.

Por dentro e por fora, Poppy era a mulher mais magnífica do mundo. Minha vida começou no momento em que ela entrou no dojo e capturou minha alma.

— Obrigada. — Ela ficou na ponta dos pés, bandeja na mão, para beijar minha bochecha.

— Sem problemas.

Ela largou a bandeja e começou a descarregar potes na vitrine. — Você faria algo por mim?

— Num piscar de olhos. — Isso sempre a fez sorrir.

— Você experimentaria o pão de banana que acabei de fazer? Está na cozinha. Adicionei gotas de chocolate e não sei se gosto ou não.

— Por que ele sempre consegue experimentar as coisas novas? — Randall reclamou. — Você deve deixar que alguns de nós experimentemos, que realmente lhe damos uma opinião honesta.

Poppy se levantou e colocou a mão no quadril. — Ele me dá suas opiniões honestas.

Randall revirou os olhos quando Jimmy engasgou com o café.



Bastardos. Eles estavam tentando me causar problemas.

A boca de Poppy se abriu quando ela olhou para mim. — Você estava mentindo?

— De jeito nenhum. — Eu levantei minhas mãos. — Eu sempre digo a verdade. Eu amo sua comida.

Ela deu a Randall um sorriso maroto. — Viu?

— Posso apenas pegar o maldito pão de banana ou o quê?

— Faça isso pra nós dois — Jimmy ordenou.

Um jovem ao lado de Jimmy limpou a garganta. — Desculpa por interromper. — O garoto provavelmente tinha apenas vinte anos e seus olhos estavam treinados em mim. — Oficial Goodman, hum... Eu não suponho que você se lembre de mim.

Eu abaixei meu café e me aproximei do balcão, oferecendo a minha mão. Seu rosto reconheci imediatamente, embora ele tivesse crescido, mas levei um momento para lembrar seu nome. Que porra era o nome dele? *Adão? Eric?* — Isaac?

— Sim. — Ele sorriu. — Eu não queria me intrometer, mas eu te vi e só queria dizer olá antes de sair. E dizer obrigado. O que você fez por mim naquela época? Me dando uma vez? — Ele levantou um dedo como se eu tivesse feito a noite em que eu dei a ele uma vez. — Eu nunca me esqueci de você.

Dei de ombros. — Não foi grande coisa.

— Foi para mim. — Ele estendeu a mão novamente. —De qualquer forma, vou deixar você voltar à sua conversa. É bom ver você de novo.

— O mesmo para você.

Ele assentiu mais uma vez, depois se virou e saiu. Os olhos de Poppy, Jimmy e Randall estavam em mim, esperando por uma explicação, mas eu fiquei quieto e observei quando Isaac saiu do restaurante.

Quando a porta se fechou atrás dele, peguei meu café. — Então, pão de banana com gotas de chocolate? Eu vou buscá-los.



Antes que Jimmy e Randall pudessem perguntar sobre Isaac, entrei na cozinha com Poppy nos meus calcanhares.

— O que foi aquilo?

— Oh, nada demais. Apenas uma criança que precisava de um tempo de descanso.

— É isso que uma vez é? Uma pausa?

— Sim. — Eu assenti. — Eu tive alguém que me deu uma vez, e desde então, eu tentei pagá-lo.

— Oh — ela cantarolou. — Você pode me falar sobre isso?

Eu não gostava de falar sobre como eu quase fodi a minha vida, mas Poppy merecia saber. Então eu peguei um banquinho da mesa na cozinha e sentei, confessando algo que apenas um punhado de pessoas sabia.

— Eu sempre soube que queria ser policial. Desde que eu era criança. Depois do ensino médio, eu queria ir direto para a academia, mas meus pais queriam que eu fosse para a faculdade e me graduar. Papai disse que, se eu fosse solteiro, me ajudaria a subir na hierarquia da força, então concordei e me matriculei na MSU. Mas eu não levei a sério. Pelo menos não a princípio. Eu pulei muitas aulas e fui a muitas festas.

Poppy pegou o banquinho ao lado do meu. — Você foi reprovado?

Eu ri. — Não, mas eu não estava puxando As, com certeza. Mas a festa me deixou em apuros. Meu primeiro ano, fui a uma festa em casa fora da cidade. Eu tinha bebido demais, mas achei que, se ficasse nas estradas secundárias, estaria bem. No caminho de volta, desviei de atropelar um cervo, corri meu caminhão até a vala e fiquei preso na neve.

Meu estômago revirou quando pensei naquela noite. Eu tive sorte que as coisas não tinham sido piores. Que eu não machuquei alguém. Que eu não me machuquei. Como foi, eu nem sequer destruí minha caminhonete.

— A policial que me encontrou poderia ter me levado direto para a cadeia. Ela poderia ter me dado um DUI, e minha futura carreira como policial teria acabado. Mas ela não fez. Ela colocou o dedo na minha cara e disse: — Esta é a sua vez.

— Então ela me levou para casa, não para os



dormitórios, mas para a casa dos meus pais, e manteve minhas chaves de caminhão por um mês.

— Seus pais ficaram chateados?

— Pior — eu suspirei. — Eles ficaram desapontados.

E daquela noite em diante, tentei nunca desapontá-los novamente. Eu fiquei sério sobre a escola. Eu trouxe minhas notas e me mantive longe de problemas durante a formatura e na academia. Tudo porque eu tive uma chance.

— Então, você tem uma vez e agora você dá a eles.

Eu assenti. — Se a situação exigir isso. Eu respeito a lei e nós temos regras por uma razão, mas nem tudo é preto e branco. Algumas pessoas, como Isaac, merecem uma segunda chance.

A mão de Poppy veio ao meu rosto. — Como eu tive a sorte de encontrar você?

— É o contrário, linda.

Ela se inclinou para frente, pressionando os lábios macios nos meus quando a porta da cozinha se abriu.

— Beijando de novo? — Molly riu.

— Sempre. — Eu passei meus braços em volta da cintura de Poppy, puxando-a de seu banquinho e entre as minhas pernas para tomar sua boca. Desta vez, não havia nada gentil ou doce em nosso beijo. Este era quente e profundo, um beijo que deixou Poppy ofegante, Molly revirando os olhos e meu pau duro atrás do meu zíper.

— É melhor você me pegar esse pão de banana — eu sussurrei. — Caso contrário, encontrarei outra coisa para comer e não iremos ao jogo de futebol.

Poppy se inclinou para o meu ouvido. — Eu vou fazer um acordo. Você saboreia o pão de banana, e depois eu faço uma degustação sozinha.

Eu gemi contra seus lábios. *Eu amo essa mulher.*

E como eu ainda não tinha certeza se deveria dizer, depois do jogo, eu mostraria a ela o quanto.



— E se eles me deixarem cair?

Eu beijei a testa preocupada de Poppy. — Eles não vão deixar você cair. Se você sentir que está começando a cair, simplesmente ponha os pés no chão.

Nós estávamos de pé em um mar de pessoas. Dezessete mil fãs de Bobcat e Grizzly tinham os olhos voltados para o campo de futebol, mas eu não conseguia desviar o olhar da beleza ao meu lado.

Depois que saímos do restaurante, Poppy tinha colocado um gorro preto grosso, e o cabelo dela estava rolando sobre os ombros em uma cascata solta até a cintura. Seu nariz era rosa do frio e ela se enrolou em seu casaco de inverno cinza. Seus jeans estavam enfiados em um par de botas de neve pretas, até o joelho.

Ela parecia feliz.

E eu tinha a foto para provar isso.

Eu tinha tirado muitas fotos para Poppy nos últimos meses - aquelas que ela poderia contar como sua foto diária - mas hoje era a favorita. Ela estava tão feliz quanto a foto que eu tirei um mês atrás, dela e Nazboo abraçadas juntas, dormindo no meu sofá.

Um aplauso da multidão afastou minha atenção de Poppy. Foi apenas uma primeira baixa, mas os Bobcats estavam chegando perto da linha final.

— Da próxima vez que marcarmos, vou te levantar.

— Ok — ela respirou.

Voltamos nossa atenção para o jogo e ficamos quietos enquanto as crianças ao redor aplaudiam os jogadores e xingavam os árbitros. Quando chegamos ao jogo, eu decidi abandonar nossos assentos com bilhetes e me espremer na seção de estudantes lotados. Era selvagem e louco - barulhento pra caralho e eu tinha que ficar de lado - mas era o melhor lugar para Poppy fazer a coisa dela.

Assim como eu suspeitava, não demorou muito para os Bobcats marcharem pelo resto do campo e marcarem um ponto, levando o estádio a um pandemônio.

— Aí vai você! — Eu agarrei Poppy pela cintura e a ergui alto.

A massa de caras da fraternidade nas fileiras atrás de nós não me decepcionou. Eles a mantiveram no alto, a enviando para as filas enquanto ela se deitava de novo.

Surfando na multidão, como uma durona.

Eu ri e levantei meu telefone, tirando algumas fotos enquanto ela subia cada vez mais alto. Quando ela finalmente alcançou um grupo de pessoas que a colocaram para baixo, eu empurrei os alunos em minha fila para o corredor. Então subi as escadas de dois em dois, a encontrando nos degraus.

Eu parei um passo abaixo dela, então estávamos quase no nível dos olhos, me dando a visão perfeita daqueles lhos azuis.

— Divertido? — Eu perguntei.

— Sim. Na verdade, foi. — Ela riu e jogou os braços em volta dos meus ombros.

Eu passei meus braços em torno dela com força, arrastando algumas respirações profundas de seu cabelo. Cheirava a baunilha e canela, misturada com o ar fresco e tudo o que Poppy fazia.

— Obrigada — ela disse em meu ouvido. — Para tudo.

Eu a soltei e me inclinei para trás.

O estádio ainda estava ensurdecedor, mas tudo era apenas um zumbido surdo no fundo quando Poppy estava em meus braços. Os aplausos, os assobios, tudo desapareceu.

Havia apenas ela.

Levantei a mão para o rosto dela. — Como eu já disse, fico feliz em ajudá-la com a lista.

— Não, eu não estou falando sobre a lista. Isso é sobre tudo mais. Por causa de você, eu acordo sorrindo. Estou ansiosa para todos os dias. Por sua causa, — ela



tirou minha mão da bochecha e apertou contra o coração — Isso só tem batidas felizes.

Ela segurou minha mão contra seu peito enquanto seus brilhantes olhos azuis brilhavam.

Eu amo essa mulher. Eu amava essa mulher, então isso me consumiu.

Qual diabos era o meu problema? Por que eu estava me impedindo de contar a ela como me sentia? Porque eu estava com medo de que ela ainda estivesse apaixonada por seu marido? *Flash de notícias, Cole.* Ela sempre teria um lugar especial em seu coração para Jamie. Isso não significa que ela não poderia me amar também.

Ele tinha o passado dela.

Eu estava sendo o futuro dela.

Eu compraria outro cachorro para ela. Eu iria vê-la ter nossos bebês. Eu começaria a dançar com ela no nosso aniversário de ouro. Porque eu nunca a deixarei ir.

Enquanto eu vivesse, Poppy seria minha.

Demorou um bom tempo, mas aqui no estádio ensurdecedor, finalmente consegui uma pista. Era hora de dizer a Poppy o quanto ela significava para mim, independentemente de sua resposta.

Atrás de nós, o chutador do Bobcats deve ter marcado o ponto extra, porque o estádio entrou em erupção novamente. Era muito alto para ela ouvir, então eu murmurei minhas próximas três palavras. Três palavras que só seriam dela.

— *Eu te amo.*

Ela sorriu e falou, — *Eu também te amo.*

Ela também me amava.

Seus lábios mal pararam de se mover quando esmaguei os meus nos dela. Eu empurrei minha língua para dentro, devorando sua boca enquanto ela duelava de volta. Quando finalmente me afastei, seus lábios estavam molhados e vermelhos, apenas como eu gostava deles.



— Senhora! Com licença, senhor!

Eu rasguei meus olhos longe de Poppy enquanto um homem correu para os nossos lados. Ele estava usando um colete verde-neon com SEGURANÇA escrito no bolso do peito. — Sinto muito, mas vou ter que pedir para você ir embora, senhora — ele disse a Poppy. — Você não pode surfar no estádio.

— Desculpa. — Ela riu, sorrindo para mim antes de se virar para subir as escadas.

Eu também ri, o que apenas irritou o segurança, e segui atrás de Poppy. Quando chegamos a um portão de saída, os sons do estádio tinham diminuído e eu podia ouvir novamente.

— Eu acho que nós vamos chegar um pouco cedo para a festa do pós-jogo, dos seus pais.

Eu joguei meu braço ao redor de seus ombros, dirigindo-a para o estacionamento. — Eu tenho uma idéia de como poderíamos matar um par de horas.

Suas sobrancelhas se curvaram. — Oh, sim?

— Oh, sim.



CAPÍTULO 21

25º Aniversário: Escrever uma carta para mim mesmo

Poppy

— Cole — eu ofeguei, arqueando contra seu peito. Eu estava de lado, com ele nas minhas costas. Um de seus braços estava sob o meu quadril e seus dedos estavam no meu clitóris. A outra mão estava no meu peito, rolando um mamilo entre os dedos. E enquanto seus lábios estavam beijando meu pescoço, seu pau estava empurrando para dentro.

— Vamos, Poppy. Goze. — Ele bateu seus quadris contra minha bunda, enviando seu pênis ainda mais fundo.

Minhas pernas tremeram enquanto ele acariciava com mais força, atingindo o local dentro que me mandaria para a borda. O trovão de seu batimento cardíaco contra a minha espinha combinava com o ritmo de seus quadris. Cada nervo do meu corpo estava vivo, Cole tinha despertado todos eles para a vida com seu toque ardente.

— Eu estou...

Meu orgasmo bateu forte antes que eu pudesse dar um aviso a Cole. Todos os músculos do meu corpo convulsionaram e meus quadris se contraíram com cada pulso do meu sexo. Eu forcei meus olhos abertos, piscando para longe as manchas brancas e as lágrimas dançando na minha visão.



— Oh meu Deus — eu ofeguei quando Cole deslizou para fora e me rolou para as minhas costas. Quando ele bateu de volta para dentro, eu quase fui desfeita novamente.

Ele pressionou seus quadris com força contra os meus. — Você me faz sentir tão bem, pra caralho.

Eu cantarolei meu acordo, fechando os olhos para saborear a sensação de Cole em cima de mim. Ele encontrou um novo ritmo nessa posição. Um que nunca deixou de me levar de volta a outro lançamento ofuscante.

— Eu estou lá, linda.

Falar era impossível desde que eu mal podia respirar, então eu apenas balancei a cabeça e soltei. Onda após onda correu pelo meu corpo. Gemidos incoerentes escaparam dos meus lábios ao mesmo tempo em que o rugido de Cole ecoou pelo quarto. Sua liberação quente escorregou entre nós quando seus golpes diminuíram.

Quando nós dois descemos, Cole deslizou para fora e caiu ao meu lado. O edredom caíra havia muito tempo no chão, e os lençóis estavam enrolados no estribo.

— Eu amo as férias.

Eu ri e rolei para o lado de Cole, jogando uma perna sobre a dele. — Eu também.

Ele beijou meu cabelo. — Foi bom ver seus pais, mas eu estaria mentindo se dissesse que não fiquei feliz por eles terem ido embora. Senti sua falta.

— Também senti sua falta.

Era a semana entre o Natal e o Ano Novo, e Cole e eu finalmente estávamos de volta juntos em sua cama. Meus pais tinham vindo a Bozeman por uma semana e, em vez de ficar em um hotel, ficaram em minha casa. Eu não queria deixá-los em paz, já que raramente os via, então fiquei lá também, enquanto Cole ficava em sua casa.

O limite não dito em torno de minha casa nos manteve separados por sete noites, mas nós deixamos meus pais no aeroporto esta manhã e imediatamente voltamos



para sua casa. Com um rastro de roupas que levava da porta ao quarto, não tínhamos perdido tempo para uma semana de noites separadas.

E agora nós estávamos tendo uma mini-férias.

Nós dois tiramos dois dias extras de folga para passarmos juntos. Nosso plano era nos barricar no quarto de Cole, além de jantar na casa de Brad e Mia. Desde que Cole passou o dia de Natal real comigo e com minha família, estávamos celebrando com sua família esta noite. A irmã de Cole, Evie, e seu marido, Zack, estariam lá para que todos pudéssemos ter um bom jantar e trocar presentes.

Então voltou para a cama.

— A que horas precisamos sair?

Cole olhou para o despertador. — Uma hora.

— Então é melhor eu entrar no chuveiro.

Sua mão viajou pelo meu quadril para apertar minha bunda. — Quer companhia?

Eu sorri, amando a ambição de Cole. Nós já tínhamos feito sexo três vezes hoje, mas longe de mim negar ao meu homem um banho.

— Sim, por favor.

16

— Então, o que Cole deu para você no Natal? — Perguntou Evie.

— Um novo conjunto de potes e panelas da Williams Sonoma para sua cozinha.

— Tachos e panelas? Oh irmão, não. Você não compra isso pra sua namorada no seu primeiro Natal juntos.

Eu ri. — Provavelmente não para a maioria das namoradas, mas para mim, foi o presente perfeito. Suas panelas e frigideiras eram atrozes e todas as minhas coisas boas estão no restaurante. Desde que eu reivindiquei sua

cozinha para meus experimentos de receita, eles eram exatamente o que eu queria.

Ela olhou para mim como se eu fosse louca por não querer jóias. — O que você deu para ele?

— Uma caixa de ferramentas para sua garagem. Seu pai realmente me ajudou a escolher.

Cole tinha começado a procurar um carro velho para restaurar e eu queria que ele fosse capaz de trabalhar em sua própria garagem, neste momento. Dessa forma, quando eu estava na cozinha com o meu novo equipamento, ele poderia estar na garagem com o seu.

— Ferramentas. — Evie balançou a cabeça. — Vocês são o casal menos romântico do planeta.

Eu sorri. — Talvez. — *Ou talvez não.* Se ela tivesse alguma idéia do que havíamos feito o dia todo, provavelmente pensaria diferente.

Mas eu mantive isso para mim e tomei um gole de cerveja.

Evie e eu estávamos sentadas na ilha, na cozinha de Brad e Mia. Mia se recusou a me deixar ajudar a cozinhar, então enquanto Evie e eu conversamos, Mia estava na pia descascando batatas. Cole, Brad e Zack tinham ido todos ao porão - com Nazboo em seus calcanhares - para conseguir mais bebidas do bar molhado de Brad.

— Como você está se sentindo? — Eu perguntei a Evie. Com quase seis meses de gravidez com trigêmeos, ela tinha um lindo brilho de grávida, mas parecia pronta para tombar quando estava de pé.

— Enorme. — Ela esfregou a barriga. — Eu sou grata por todos os dias ao médico, por não me colocar em repouso na cama.

— Repouso não seria tão ruim — disse Mia da pia. — Pense em como você vai ter diversão tendo Zack ao redor, enquanto você assiste TV.

Ela riu. — Bom ponto, mãe. Talvez eu deva comprar um sininho para poder chamar ele.

— O que é isso? — Zack apareceu ao lado de Evie, beijando sua têmpora antes de colocar a mão em sua barriga.



— Oh nada. — Ela sorriu em seu copo de água.

A mão de Zack ficou em sua barriga enquanto esfregava círculos lentos.

A imagem da mão de Cole na minha barriga de grávida apareceu na minha cabeça, e eu pulei, surpresa por um momento, até que uma sensação de desejo a afugentou. Eu queria a mão dele na minha barriga crescente. No nosso bebê. Eu queria que sua mão tivesse um anel, como a de Zack, algo que mostrasse ao mundo que ele era meu.

— Poppy?

Minha cabeça chicoteou para Cole. — Sim?

— Eu perguntei se você queria outra cerveja.

— Oh — Minhas bochechas coraram quando voltei à realidade. — Desculpe.

Sua testa se enrugou. — Você está bem?

Eu balancei a cabeça e sorri. — Eu estou bem. E sim, por favor. Eu quero mais uma.

— Eu vou pegar. — Brad me pegou uma garrafa na geladeira antes de se virar para Cole. — Então, eu conversei com o prefeito da cidade novamente, esta manhã. Ele gostaria que você começasse a participar de reuniões.

Cole ficou tenso ao meu lado. — Papai. Não.

— São apenas algumas reuniões. Não irá interferir com o seu número de casos. Mas se você quer ser chefe, precisa conhecê-lo.

— Papai, eu nunca disse...

— Segure esse pensamento. — Brad levantou um dedo enquanto esvaziava a garrafa de vinho no copo de Mia. — Deixe-me pegar outra garrafa de vinho. — Ele sorriu para mim, depois saiu da cozinha, voltando para o refrigerador de vinho.

— O que está acontecendo? — Eu sussurrei para Cole quando Brad estava fora de vista.

Cole deu um suspiro alto e acenou para a sala de estar.

Eu o segui para fora da cozinha, esperando para falar até ficarmos sozinhos. — Eu pensei que você não queria ser chefe de polícia.

— Eu não. Mas estou tendo dificuldades em falar com papai. Eu só... Ele tem esses planos para mim e eu odeio decepcioná-lo.

Eu dei a ele um sorriso triste. — Eu acho que a única maneira que você poderia decepcioná-lo seria pegando um trabalho que você não quer, apenas para fazê-lo feliz. Você não acha que seria melhor se você fosse honesto com ele sobre como se sente?

Cole passou a mão pelo rosto enquanto considerava meu conselho. — Você está certa — ele respirou. — Eu preciso fazer ele me ouvir. Eu direi a ele quando ele voltar para cima.

Eu pisei em seu espaço, envolvendo meus braços em volta de sua cintura. — Quer que eu fiquê?

Ele me abraçou de volta e beijou meu cabelo. — Não. Obrigado linda. Mas eu vou lidar com isso.

— OK. — Deixei-o ir e voltei para a cozinha no momento em que Brad voltava para o andar de cima. Quando Cole o chamou para a sala, Mia desligou a água na pia e foi até a ilha.

— Cole finalmente vai fazer Brad ouvi-lo? Já estava na hora.

— O quê? — Meu queixo caiu. — Você sabia? — *Eu* nem sabia.

Mia deu de ombros e tomou um gole de vinho enquanto Evie ria. — Oh, Poppy. Mamãe sabe de tudo.

— Espere até que troquemos presentes mais tarde — disse Zack. — Nós a fazemos nos dizer o que está em cada uma das caixas, antes de abri-las. Em todos os Natais e aniversários que eu vi, Mia nunca errou nada.

— É verdade. — Evie assentiu. — Ela tem sido assim para sempre. Nenhum de nós consegue fazer uma surpresa. Talvez você seja o único membro da família que pode lhe fazer uma surpresa.

Membro da família. Essas duas palavras enviaram uma onda de calor através do meu coração, quando percebi o quão verdadeiras elas eram. Eu fazia parte da família de Cole, assim como ele se tornou parte da minha. Brad

e Mia. Evie e Zack. Eles me deixaram entrar em suas vidas, sua família, levando o amor que os pais de Jamie não queriam mais.

Sorri para Evie, feliz por poder fazer parte dessa tradição. — Talvez eu possa surpreendê-la. Duvido que ela adivinhe o que compramos para ela.

— Por favor — Mia bufou. — Eu sei há semanas o que você e Cole me compraram.

— O quê? Ele contou a você?

Ela balançou a cabeça. — Não. Eu acabei de descobrir.

— De jeito nenhum. — Não havia chance de ela adivinhar nosso presente.

— De jeito nenhum, o quê?

Cole e Brad voltaram para a cozinha. Brad parecia sombrio, mas ele estava tentando escondê-lo, enquanto o alívio de Cole irradiava pela sala.

Ninguém mencionou a conversa na sala de estar. Em vez disso, Evie trouxe os dois para o nosso lado. — Mamãe disse que sabe o que Poppy e Cole a compraram para o Natal, mas Poppy não acha que ela possa ter adivinhado.

Brad riu. — Siga meu conselho, Poppy. Apenas aceite que não existe tal coisa como surpreender Srta. Crane. Quanto mais você tenta, mais rápido ela descobre. Salve-se do estresse.

— Mas, como ela poderia possivelmente...

— Você me dará um cachorrinho, como Nazboo.

Meu queixo caiu quando eu fiquei boquiaberta com Mia. *Impossível. Cole e eu tínhamos acabado de comprar o cachorro, ontem. O filhote de cachorro ainda não estava desmamado ainda, então tivemos que embrulhar uma coleira e prender junto com uma foto.*

— Como? Eu não... — eu pisquei e fechei a boca sem palavras.

— Viu o que eu quero dizer? — Zack murmurou.

Tomei um longo gole da minha cerveja e olhei para Cole. — Tanto para nossa grande surpresa.



Cole riu. — Desculpa. Eu deveria ter te contado sobre o super poder da mamãe. Honestamente, achei que poderíamos pegá-la nessa, mas acho que não.

— Há algum outro segredo de família que eu deveria saber?

— Não diga a ela! — Brad gritou quando Mia e Evie abriram a boca. — Se eu tiver sorte, levará alguns anos para descobrir o meu.

A cozinha explodiu em gargalhadas quando Mia beijou a bochecha de Brad e voltou a preparar o jantar, Zack e Evie começaram a debater nomes de bebês. E eu apenas sorri e me inclinei para o lado de Cole, feliz por fazer parte disso tudo.

Horas depois, depois de muita comida, bebida e presentes, Cole e eu carregamos um Nazboo sonolento e voltamos para casa.

— Como foi com o seu pai?

— Melhor do que eu esperava. Ele não queria me ouvir no começo, mas quando eu disse a ele que eu faria uma merda de chefe de polícia, porque meu coração não estava nisso, ele começou a mudar de idéia. Eu ainda acho que ele ficou desapontado.

Eu sabia que Cole odiava decepcionar as pessoas, mas neste caso, ele tinha feito a coisa certa. Alcançando o console, peguei a mão dele. — Ele mudará de idéia.

— Sim. — Ele beijou meus dedos. — Você se divertiu?

— Sim muito. Eu amo sua família.

— Eles são seus também. Você está presa a mim, então você está presa a eles.

Eu sorri no pára-brisa escuro. — Eu gosto de ficar presa.

— Boa. — Ele entrelaçou nossos dedos juntos. — Como você se sentiria em ficar presa na minha casa? Talvez seja a nossa casa?

Minha cabeça girou para ele. Cole estava sorrindo para a noite. — Mesmo? Você quer que eu me mude?



Ele olhou e assentiu. — Muito, desde a primeira noite que você ficou, mas eu pensei que poderia ser muito cedo.

— Finalmente! — Meu grito surpreendeu Nazboo no banco de trás. — Jesus. Eu estive atrasando meu corretor de imóveis por meses.

Ele riu. — Então, isso é um sim?

— Isso é um sim, detetive.

16

— Goodman.

Eu fiz uma careta quando Cole atendeu seu telefone. Era a manhã depois do nosso jantar com Brad e Mia, e nós deveríamos ter a sexta-feira sozinhos, juntos.

Eu me levantei cedo e fizemos o café da manhã, estávamos comendo na sala de jantar pela primeira vez, em tempos. Conversamos sobre levar Nazboo para passear quando o telefone tocou e, como era a delegacia na linha, não podia ser ignorado.

— Sim, eu estarei aí em vinte minutos.

Droga. Justo no nosso dia de folga.

— Desculpe. — Cole me deu um sorriso triste quando desligou o telefone. — Se eu pudesse ficar, eu ficaria, mas eu realmente preciso ir para a delegacia.

— OK. — Eu não poderia culpá-lo por colocar a chance de fazer uma prisão antes do tempo do sofá comigo. — Tenha cuidado.

— Eu vou. — Ele se levantou e beijou minha testa, levando seu prato para a pia.

Eu levantei e o segui com o meu. — Eu vou cuidar dos pratos. Vá em frente.



— Eu vou compensar você. — Ele pegou o prato da minha mão, colocou na mesa e me colocou no balcão.

Eu tirei seu cabelo escuro de sua testa enquanto ele andava entre as minhas pernas. — O que você tem em mente?

— Que tal eu pegar comida chinesa no caminho de casa e nós termos um almoço tardio e assistir a um filme?

— Eu posso escolher o que assistimos?

Ele assentiu. — Sim, mas eu recebo dois vetos.

— 1.

— 1. — Ele se inclinou e roçou os lábios macios nos meus. — Vou me apressar.

— Me mande uma mensagem quando sair da delegacia. Eu posso levar Nazboo até minha casa para começar a arrumar as malas.

— Não se desgaste. Economize energia para mim. — Ele sorriu e me beijou novamente, antes de sair correndo da cozinha. Sua calça de moletom sugeria a bunda perfeita sob o algodão cinza.

Eu esperava passar muito tempo apertando essa bunda hoje. Em vez disso, eu começaria a embalar, para que eu pudesse me mudar oficialmente.

Suspirei e pulei do balcão, lavando os pratos e os colocando na lava-louças. Eu estava prestes a subir quando Cole voltou, vestido de jeans e um suéter verde grosso. A malha fez o verde em seus olhos estalar mais do que seu habitual pólo preto.

— Eu te amo. — Eu passei meus braços ao redor dele, respirando fundo seu cheiro fresco.

— Eu também te amo. — Ele me debruçou de volta para que seus lábios pudessem se moldar aos meus. Sua língua escorregou entre meus dentes, fazendo cócegas, antes de ele se afastar. — Te vejo em breve. — Mais um beijo na minha testa, e ele se foi, caminhando na direção da garagem.

Eu segurei Nazboo de volta quando fomos até a porta da frente, para nos despedirmos na varanda.



Nazboo soltou um gemido quando saiu da garagem e foi para a rua, a deixando para trás, com seu segundo proprietário favorito.

— Desculpe — eu esfreguei as orelhas, — mas ele estará de volta em breve. Vamos. Vamos fazer algumas malas antes que ele volte.

Eu corri pelo meu próprio chuveiro - não me incomodando em lavar meu cabelo, mas sim o deixando de lado, em seguida, vesti alguns jeans skinny, uma gola alta cinza e meu favorito sapato preto. Nazboo andou como guardiã quando cruzamos a cidade e, quando chegamos à minha casa, decidi começar a arrumar o pequeno escritório.

Duas horas depois, eu estava sentada no chão, separando livros e papéis em três pilhas: mantenha, jogue fora e Jamie. A pilha de 'fica' estava crescendo mais rápido, com a pilha de jogue fora em segundo. A pilha de Jamie era a menor com alguns de seus livros antigos que eu daria para Jimmy.

— Nazboo! — Eu chamei, dando um tempo na separação.

Ela tinha desaparecido cerca de quinze minutos atrás e eu não conseguia ouvir suas patas clicando no piso de madeira, o que significava que ela tinha adormecido ou estava causando problemas.

Eu esperei e escutei, mas nada. — Nazboo!

Desta vez ouvi uma correria da sala de estar antes que ela viesse trotando pelo corredor até o escritório, com um livro na boca.

— Não! — Eu pulei do chão. — Garota má. — Eu arranquei o livro de sua boca e apontei meu dedo em seu rosto. — Menina má, Nazboo. Não. Não. Não mastigamos livros.

Droga. Ela não era inteiramente culpada. Na minha pressa, esta manhã, eu havia esquecido suas barras de couro cru.

Saí do escritório e fui para a cozinha, pegando uma toalha de papel para limpar o livro. Quando estava seco, o reconheci como um da pilha de Jamie.

— Jimmy não vai querer este agora. — A tampa foi destruída com marcas de dentes e baba, embora o interior não estivesse ruim. Folheei as páginas, surpresa quando uma carta enfiada no meio apareceu.



Dobrado em terços, a aba superior tinha sido escrita: *Para Jamie em seu 35º aniversário.*

— Meu Deus. — Eu ofeguei e cobri minha boca.

Era isso. A carta que eu pensava estar perdida. A carta que Jamie escreveu para si mesmo há dez anos.

A carta que Jamie escrevera no dia em que ele morrera.

Esta carta era uma das duas únicas coisas na lista de aniversários que Jamie fizera ele mesmo. Eu procurei por esta carta. Eu vasculhei a casa no ano seguinte à sua morte, procurando por ela, mas nunca consegui encontrá-la. Mas aqui estava o tempo todo, enfiado em um livro, que Nazboo usara como brinquedo de morder.

E agora eu podia finalmente ler as últimas palavras que Jamie escrevera.

Lágrimas ameaçaram, mas eu engoli a queimação na garganta e dei dois longos suspiros. Então fui para a minha pequena mesa de jantar e me sentei. Com cuidado, abri a carta, sorrindo para a letra desleixada de Jamie. Apenas preencheu a metade superior da página. É claro que a carta dele não era longa - esse não era o estilo dele.

Eu inalei, enchendo meus pulmões completamente, antes de ler suas palavras.

Antigo eu,

Você está chegando lá, cara, então antes de completar quarenta anos, eu queria te dar um conselho. Não tenha uma crise de meia idade. Não seja esse cara. É triste e patético e realmente me irritaria. Olhe em volta. Tenha a certeza que você ainda é legal, já que sou eu. Sua esposa é gostosa. A vida é boa. Então fique legal, e seja bom para Poppy. Ela é a melhor coisa que já aconteceu com você.

Não estrague tudo

Jovem eu



Eu ri enquanto as lágrimas enchiam meus olhos. Isso foi justo... Tão Jamie. Esta carta era todas as coisas maravilhosas, ridículas e doces que meu marido tinha sido.

E eu estava tão feliz que a encontrei. Agora eu poderia colocá-la em sua lista de aniversários, onde ela pertencia.

Obrigada Jamie. Obrigada por me ajudar a encontrar isso.

Quer fosse Jamie ou não, eu não sabia. Eu estava apenas grata por outra coincidência ter me levado à sua carta.

Essas coincidências incríveis.

E talvez fosse bobo, mas eu estava agradecendo a providência por me trazer Cole.

Eu funguei, sorrindo de novo através dos olhos embaçados, enquanto relia a carta. Em seguida, dobrei de volta e levei para minha bolsa, a colocando no diário de Jamie. Amanhã, deixaria Jimmy ler também. Ele gostaria disso.

Depois que a carta foi guardada em segurança, me abaixei para arranhar os ouvidos de Nazboo. — Eu acho que você não está em apuros. Mas não mastigue mais livros, entendeu?

Ela lambeu meu rosto.

— Estou tomando isso como um sim. — Eu me levantei e acenei para a garagem. — Vamos. Vamos ver se podemos encontrar algumas caixas.

Outra hora depois, eu encaixotava a pilha e carregava no meu carro. Eu terminei de jogar fora a outra pilha e estava checando meu telefone para ver se Cole tinha mandado uma mensagem. Ele não tinha, então eu decidi começar a arrumar a cozinha.

Uma hora depois, quando todas as gavetas tinham sido esvaziadas e limpas, chequei meu telefone novamente, sem ver nada de Cole.

— Ele provavelmente está ocupado — eu disse a Nazboo.

Seus olhos castanhos se abriram, mas por outro lado, ela não se moveu de onde tinha adormecido ao lado da geladeira.

— Vou mandar uma mensagem para ele.

Disparei um texto rápido, perguntando se ele tinha alguma idéia de quando ele estaria feito na delegacia, e então voltei a fazer as malas.

Os minutos foram passando e meu telefone ficou em silêncio no balcão. Meus olhos corriam para a tela com tanta frequência, que perdi o foco na embalagem. Mas não importava o quanto eu tentasse me concentrar em separar pratos e utensílios de cozinha aleatórios, eu não conseguia parar de verificar constantemente o meu telefone. E toda vez que estava em branco, meu pânico aumentava.

Havia algo estranhamente familiar sobre isso. Algo totalmente indesejável. Lembranças atormentaram minha mente, desde a última vez que estive nesta cozinha, desesperada por meu telefone tocar.

Ele está bem. Ele está apenas no trabalho. Lembrei-me repetidamente que Cole estava bem. Que o ansioso formigamento na parte de trás do meu pescoço era só porque eu estava aqui. Aquela descoberta da carta de Jamie havia refrescado memórias antigas. *Isso é apenas déjà vu*.

Apesar dos meus melhores esforços para não comparar o passado com o presente, quando a campainha tocou, uma lança de terror atravessou meu coração acelerado. Prendi a respiração enquanto meus pés instáveis rodeavam o canto da cozinha.

Meus olhos percorreram a janela da porta e, por um momento, fui levada de volta por cinco anos. Levei um segundo para separar a lembrança da realidade, mas quando o fiz, a onda de alívio que caiu sobre mim quase me derrubou.

O rosto bonito de Cole estava do outro lado do vidro.

Corri pelo corredor - Nazboo correndo para alcançá-lo - e virei a fechadura.

— Oi — eu respirei, pressionando a mão para o meu coração ainda batendo. — Esse foi o *déjà vu* mais intenso ...

Parei de falar ao olhar nos olhos de Cole. Eles estavam cheios de dor. De pavor. Eu já tinha visto essa combinação em seus olhos antes. Era o mesmo olhar que ele teve na noite em que ele estava na mesma varanda, e me disse que meu marido havia sido assassinado.



— Cole?

Minha voz parecia piorar a dor, e todo o seu rosto se contorcia em agonia.

— Você está me assustando. O que é isso? Conte. — Eu esperei três batimentos cardíacos. — Por favor.

Ele engoliu em seco. — Encontramos a pessoa que matou Jamie.

Minha mão segurou minha boca, mas um soluço ainda escapou. Nenhuma quantidade de respirações calmantes poderia manter minhas lágrimas longe, e elas inundaram meus olhos, escorrendo pelas minhas bochechas. — Você encontrou? Acabou? — Um inacreditável senso de determinação se instalou em meu peito. Eu ainda estava chorando, mas as gotas não estavam mais cheias de medo. Elas estavam cheios de alívio. *Tinha acabado.*

Cole assentiu, mas não pareceu nada aliviado. Não era uma boa notícia? Um assassino estava fora das ruas. Ele encontrou o cara mau. Por que ele ainda parecia que queria estar em qualquer lugar, menos na minha varanda?

— Tem mais. — Sua voz falhou.

A tensão voltou correndo, enchendo meus músculos enquanto permanecia em silêncio, esperando que Cole continuasse.

Quando ele olhou para os pés e depois para cima novamente, as lágrimas em seus olhos martelaram um martelo no meu peito.

— O quê? — Eu implorei. — O que você não quer me dizer?

Uma lágrima rolou por sua bochecha. — É minha culpa. É minha culpa que Jamie foi morto.



CAPÍTULO 22

Cole

Cinco horas antes...

— Ei. — Entrei na área de observação anexada à sala de interrogatório. Matt estava de pé, ao lado do espelho de duas mãos, olhando para a mulher que ele tinha chamado para interrogatório.

— Ei. Desculpe ligar para você, mas acho que você vai querer estar aqui.

— OK. — Eu me aproximei do espelho.

A mulher na mesa era jovem, provavelmente com vinte e poucos anos. Seu cabelo estava curto como de um homem, exceto pela massa de franja que cobria sua testa e caía completamente sobre um olho, e cobria parte do outro. As raízes eram pretas, mas a franja havia sido branqueada até quase branca. Seus ombros estavam curvados para frente, enquanto seus cotovelos descansavam na mesa, mas mesmo com sua posição relaxada, você poderia dizer que ela tinha uma estrutura larga. Muito maior que a maioria das mulheres.



E ela era familiar. Sua cabeça estava inclinada para baixo, então eu não pude dar uma boa olhada em seu rosto - aquele maldito cabelo estava no caminho - mas ela estava familiarizada. Eu procurei na minha memória, mas quando nada surgiu, eu dei de ombros. Eu provavelmente só a achei familiar porque a tinha visto em vigilância por vídeo.

— Quem é?

Matt me entregou um arquivo no envelope. — Nina Veras. Ela é onze da nossa lista de possíveis, e eu a trouxe hoje de manhã, para fazer algumas perguntas sobre o assassinato. Quando recebi duas respostas diferentes para a mesma pergunta, saí e liguei para você. Tenho a sensação de que estamos em alguma coisa aqui.

Eu balancei a cabeça e abri o arquivo.

Nina Veras tinha vinte e dois anos. Ela trabalhava como barista em uma das cafeterias do centro da cidade. Ela não tinha antecedentes criminais. Não há multas por excesso de velocidade. Nenhum bilhete de estacionamento.

— Eu confio no seu instinto, então se você tem um pressentimento, eu vou com ele. Mas, Matt, essa garota está completamente limpa.

— Você está certo. *Ela* está. Mas dê uma olhada nisso. — Ele me entregou outro arquivo. — Esse é o namorado dela. Eu puxei logo antes de você chegar aqui. Parece familiar?

A foto recortada que estava dentro levantou os cabelos dos meus braços. Com os olhos escuros e uma bandana vermelha amarrada sobre o cabelo preto, o homem da foto usava uma blusa branca e surrada, enquanto olhava para a câmera e segurava a placa de identificação. Uma pegada de cachorro foi tatuada em um dos ombros. Do outro lado da base do pescoço, estavam as letras *MOB* - Member of Blood[7].

Eu não tive problemas em colocar seu rosto em um nome.

— Samuel Long é o namorado dela?

Matt assentiu.

— Merda.

[7] Membro do Sangue

Samuel era um membro de gangue, conhecido por Bloods. Ele e um par de seus companheiros de gangue estavam sob vigilância da força-tarefa. Examinei o arquivo de Samuel, parando depois das três primeiras páginas, porque já tinha visto o suficiente. Vandalismo. Roubo. Tráfico de drogas.

Todas as gangues relacionadas.

Montana havia visto um aumento na atividade de gangues nos últimos dez anos. Transplantes de gangues da Califórnia chegaram a Montana, para reivindicar seus direitos. Nosso departamento tinha sido diligente em deixar claro que, Bozeman não era lugar para eles, mas à medida que a cidade crescia e nossos recursos se estendiam, manter um controle sobre seu influxo se tornara mais difícil.

Nina Veras não parecia uma suspeita de assassinato, mas aprendi ao longo dos anos a nunca descartar a influência de uma gangue. Eles eram mestres em lavagem cerebral, prendendo crianças em seu círculo com tanta força, que nem os pais conseguiam retirá-las.

E se Samuel Long tinha seus ganchos em Nina Veras, não havia como dizer o que ele pediu a ela para fazer.

— Então, qual é o seu plano?

Matt colocou os arquivos em uma cadeira atrás de nós. — Eu sei que você não vai gostar disso, mas eu gostaria que Simmons viesse e ajudasse com o questionamento.

— Não.

— Me ouça. — Ele me parou antes que eu pudesse objetar novamente. — Simmons é uma merda no trabalho de campo, nós dois sabemos disso, mas ele tem mais confissões documentadas do que qualquer outro oficial no BPD. Se vamos tirar alguma coisa dela antes que ela se cale, ele é a nossa melhor aposta.

Eu soltei uma respiração zangada, esfregando meu queixo enquanto considerava o ponto de Matt. Simmons tinha um jeito na sala de interrogatório, eu diria que muito. Ele foi capaz de construir confiança com seus funcionários mais rápido do que qualquer outra pessoa que eu conhecia. Talvez fosse a natureza rechonchuda dele - ele estava longe de

intimidar -, mas Matt provavelmente estava certo. Trazer Simmons para ajudar era inteligente.

— Bem.

Matt me deu um tapinha no ombro e saiu da observação sem outra palavra. Quinze minutos depois, fiquei no espelho quando ele entrou com Simmons em seus calcanhares.

— Nina, este é o detetive Simmons. — Matt tomou a cadeira em frente a ela. — Ele vai estar ouvindo enquanto falamos, ok?

Ela assentiu com a cabeça, seus olhos correndo para Simmons, antes de retornar aos seus dedos. Ela estava pegando nervosamente as cutículas, uma delas começou a sangrar.

Sentei-me em uma das cadeiras e vi Matt fazer algumas perguntas básicas. *Você se lembra do assassinato da loja de bebidas cinco anos atrás? Você consegue se lembrar de onde você estava naquele momento?* Cada pergunta foi respondida com um aceno de cabeça. Os minutos se passaram, e minhas esperanças de conseguir que Nina nos desse alguma pista sobre o paradeiro dela naquele dia, encolheram mais e mais. Suas respostas foram as mais curtas possíveis, e ela se recusou a fazer contato visual com Matt, que estava ficando tão frustrado quanto eu, com base nos punhos que ele estava fazendo debaixo da mesa.

Matt circulou de volta ao começo, repetindo uma pergunta que já havia feito, quando Simmons estendeu a mão, entrando.

Simmons começou a fazer perguntas a Nina que não tinham nada a ver com o caso. Ele fez isso por uma hora. Então outra. E no momento em que eu estava a observando naquela sala por quase três horas, sua concha estava finalmente começando a rachar. Eles conversaram sobre o trabalho dela na cafeteria. O que ela tinha feito no Natal na semana passada. Como ela estava curtindo a neve fresca.

Enquanto Simmons e Nina conversavam sobre um filme que eles tinham visto recentemente, Matt se retirou da sala de interrogatório e se juntou a mim em observação.



Vimos quando Simmons se levantou e trouxe um copo de papel do refrigerador no canto. — Eu aprecio você vindo nos visitar hoje. Me desculpe, estar demorando tanto.

— Posso ir?

— Em breve. — Simmons voltou a se sentar. — Mas primeiro eu preciso fazer algumas perguntas sobre o seu namorado.

O rosto de Nina empalideceu. — Ok.

Eu passei a mão pelo meu cabelo. — Onde ele está indo com isso, Matt?

— Porra, não sei, mas ele foi mais longe com ela do que eu, então tenho certeza que ele tem um plano.

Eu, com certeza, esperava isso. Quanto mais eu assistia, mais apertada a bola no meu intestino torcia. Matt estava certo. Havia algo aqui. Assim como ele, eu tinha um pressentimento sobre essa mulher, e não podíamos permitir que Simmons estragasse tudo.

— Nina, eu sei que o detetive Hernandez explicou que você estava aqui, porque nós tivemos algumas perguntas sobre um assassinato cinco anos atrás.

Ela acenou para Simmons.

— Você se lembra daquele dia?

Seus olhos dispararam para o espelho. — Não.

Mentira. Sua linguagem corporal estava em todo lugar. Ela com certeza se lembrava daquele dia. Eu apostaria minha vida nisso.

— Hmm. — Simmons cantarolou. — Foi em maio. O assassinato aconteceu em uma loja de bebidas. Está fechado agora, mas costumava ficar ao lado da mercearia na rua Twenty-Third. Você sabe de qual eu estou falando?

— Sim. Eu acho.

— Bem, isso foi há muito tempo. Eu posso ver como você esqueceria algo depois de cinco anos. Você teria o que, dezessete anos?

Ela assentiu.



— E seu namorado, ele teria vinte e três anos. Isso está certo?

— Hum, vinte e dois. Ele é cinco anos mais velho que eu.

— Você está certa. — Simmons riu. — Eu nunca fui bom em matemática. Ainda bem que um de nós tem algum cérebro aqui.

Nina lhe deu um pequeno sorriso, mas manteve os olhos fixos na mesa.

— Ouça, eu vou ser direto com você. Temos razões para acreditar que seu namorado cometeu os assassinatos na loja de bebidas.

Sua cabeça voou para cima, seus olhos pareciam pires enquanto ela engasgava.

— Que porra é essa? — Eu murmurei, mudando para a borda do meu assento. O que Simmons estava fazendo?

— Você parece uma garota legal, Nina. Mas seu namorado está envolvido em algumas coisas ruins. Estamos o trazendo mais tarde hoje e o acusando de duas acusações de homicídio em primeiro grau. Eu não quero que você se envolva em tudo isso, então eu preciso que você pense. Pense mais. Onde você estava no momento do assassinato?

Ela balançou a cabeça, os olhos se enchendo de lágrimas. — Não. Não, ele não matou ninguém.

— Isso é realmente importante, Nina. — Simmons pressionou mais forte. — O promotor público quer pedir a pena de morte. Você poderia ser trazida como cúmplice se não pudermos verificar seu álibi. Então, pense. Onde você estava?

Uma lágrima rolou por sua bochecha enquanto ela balançava a cabeça.

— Ele não matou ninguém.

— Nina, ele fez. Ele vai para a cadeia pelo resto da vida. Se ele tiver sorte, eles lhe darão duas sentenças perpétuas. Ele passará o resto da vida na prisão, e isso se tiver a sorte de encontrar um juiz, que não ordene injeção letal. Samuel se foi. Ele está morto. Não acabe na cadeia também. Diga-me, onde você estava no dia do assassinato?

Ela chorou mais forte, enterrando o rosto nas mãos enquanto seus ombros tremiam.



Eu quase me senti mal pela menina. Quase. Simmons estava usando o amor pelo namorado e algumas mentiras bem amarradas para derrubar suas paredes. Ele estava capitalizando em sua juventude e o estresse emocional de ficar preso, em um quarto sem cor por horas. Simmons estava usando tudo para empurrá-la para o limite.

— Nina — ele disse gentilmente. — Apenas me diga o que aconteceu. Eu farei o que puder para te ajudar. Simplesmente... Deixe sair. Diga-me o que aconteceu.

Ela soluçou de novo, depois baixou as mãos. Seus olhos estavam implorando para Simmons entender. — Samuel não os matou. Por favor, não foi ele.

Simmons esperou, esticando o silêncio até que fosse quase insuportável, até que finalmente, Nina sussurrou: — Fui eu.

As palavras saíram de sua boca e soaram no ar, enquanto a culpa, alívio e tristeza tomavam conta do rosto de Nina.

Talvez ela estivesse querendo confessar. Talvez ela estivesse cansada de mantê-lo. Seja qual for o motivo, não havia dúvidas sobre a verdade em sua voz.

Nina Veras matou Jamie Maysen e Kennedy Hastings.

Eu caí de volta na minha cadeira, chocado no meu íntimo.

Simmons tinha feito isso. Ele tinha sido a chave para quebrar esse caso o tempo todo.

Eu estava mantendo a esperança, rezando para que nos fosse concedido um milagre. Eu desejei que esse dia chegasse. Mas eu nunca realmente pensei que isso iria acontecer. Eu nunca pensei sobre como me sentiria neste momento.

Eu fiquei aliviado. Eu estava agradecido. Mas também foi doloroso.

Eu sofria. Por Jamie. Pela Kennedy. Pela Poppy. Meu coração doeu agora que nós descobrimos a verdade.

Que uma garota de dezessete anos matou duas pessoas.



— Ela fez isso — Matt sussurrou. — Puta merda, ela fez isso.

Simmons alcançou a mesa e pegou a mão de Nina enquanto ela chorava. — Ok, Nina. Diga-me o que aconteceu.

Durante os trinta minutos seguintes, Matt e eu nos sentamos e assistimos quando Nina Veras deu uma completa confissão do assassinato, da loja de bebidas.

Como Matt suspeitava, seu envolvimento com Samuel havia sido o motivo. O casal acabara de se mudar de Los Angeles para Montana, onde Samuel era um membro de longa data dos Bloods. Ele tinha sido enviado para se espalhar, para ganhar dinheiro e começar uma nova equipe para a gangue.

E parte de sua equipe era uma namorada disposta a fazer o que ele pedisse, sem perguntas.

Então Samuel mandou Nina para a loja de bebidas, com uma arma e ordens claras. Pegue o dinheiro do caixa. Se alguém se recusar ou lutar, os mate.

Foi o teste dela.

Nina jurou de cima a baixo que o primeiro tiro fora um acidente. Que ela não queria matar ninguém, mas a arma disparou em suas mãos trêmulas. Talvez isso fosse verdade, para o primeiro tiro. Mas duas vezes? Eu não estava comprando isso. Acho que ela entrou em pânico e matou Kennedy para se salvar - não que minha opinião importasse.

Um juiz e um júri decidiriam seu destino.

— Eu não posso acreditar em tudo isso. — Matt sacudiu a cabeça. — Nós deveríamos tê-la encontrado no banheiro.

— Sim. — Eu zombei. — Nós deveríamos.

Depois que ela saiu da loja de bebidas, Nina desapareceu atrás do complexo de compras. Ela tirou o moletom e o boné de beisebol e, como eu suspeitava, entrou sorrateiramente na doca de carregamento da mercearia.

Ela havia se escondido em um armário embaixo da pia do banheiro feminino - um lugar onde poucos homens se encaixariam, o que é provável, por que ninguém

havia checado. Ela ficou escondida por duas horas, apenas para sair quando Samuel lhe mandou uma mensagem, dizendo que a polícia tinha acabado de varrer a mercearia.

Samuel, aquele filho da puta, estava sentado no estacionamento o tempo todo.

Ele entrou na mercearia, pegou alguns sacos de plástico e entrou no banheiro. Então a dupla carregou o disfarce e a arma de Nina pelas portas da frente, como se acabassem de comprar bifes para o jantar.

Sendo tão jovem, eu despedi Nina quando a vi no vídeo. Assim como todos os policiais fizeram naquele dia, enquanto eles assistiam o jovem casal caminhar até o carro preto e ir embora.

Deixando vidas arruinadas em seu rastro.

— Como vou dizer a Poppy tudo isso?

— Eu não sei. — Matt se levantou da cadeira. — Mas é bom que você seja o único a dar a notícia.

Eu segui Matt para fora da observação para o corredor, mas parei quando a porta do interrogatório foi aberta. Com Simmons gesticulando para ela através da porta, Nina entrou no corredor. Seus olhos estavam voltados para os pés dela, mas quando ela viu Matt e eu, ela olhou para cima. Então com uma mão, ela escovou o cabelo para trás, segurando-o fora de seus olhos.

Pela primeira vez, tive uma visão completa do rosto dela. Um rosto que reconheci depois de tudo. Um rosto que eu conhecia de anos atrás.

Meus pés vacilaram e meu ombro bateu na parede.

O tempo diminuiu quando Nina olhou para mim, reconhecimento em seu rosto ao mesmo tempo que no meu. Ela segurou meus olhos, sem piscar, até que Simmons a arrastou pelo corredor para processar sua prisão.

Não. Não, não poderia ser ela. Nina Veras não poderia ser a jovem que eu peguei seis anos atrás, uma noite em patrulha. Não poderia ser ela.

Exceto que era.



— Por favor. Por favor, oficial, por favor. — A garota se agarrou ao meu braço. — Por favor, não me prenda. Eu prometo que nunca farei algo assim novamente.

— Olha garota. Eu sinto muito. Mas você e seus amigos estavam vandalizando a propriedade privada. O grafite é ilegal, mesmo que o prédio seja condenado. Eu não posso deixar você ir. — Especialmente porque ela era a única de sua gangue que eu consegui pegar.

— Não. — Seus olhos me imploraram enquanto ela falava. — Eu juro. Eu nem estava pintando. Veja. — Ela ergueu os dedos, todos limpos.

— Então você não terá muita dificuldade. Vamos. — Eu peguei seu cotovelo e comecei a andar de volta para o meu carro.

— Por favor. — Ela era alta, então ela continuou seguindo os meus passos, enquanto continuava implorando. — Eu tenho apenas dezesseis anos. Se você me acusar, eles me mandarão de volta para a Califórnia. Mas eu não posso voltar. Eu não posso. O namorado da minha mãe... — Ela parou seus pés, puxando meus braços, então parei também. — Por favor. Não posso voltar a morar com ele. — Com a mão livre, ela tirou o longo cabelo escuro da nuca, revelando um grupo de seis queimaduras de cigarro brilhando sob a lâmpada da rua.

Porra. Essa garota poderia estar brincando comigo, mas as lágrimas em seus olhos e o tormento em seu rosto pareciam a verdade.

— Você tem dezesseis anos?

Ela assentiu.

— Como você chegou a Montana?

— Eu vim com meu namorado. Ele tem vinte e um anos e nos mudamos para cá juntos. Mas meu pai mora aqui, ele simplesmente não tem a custódia oficial.

— E esse namorado era um dos punks que estava vandalizando a parede?

Ela balançou a cabeça. — Não.

Meus olhos se estreitaram em sua mentira. — Mesmo?

— Eu não vou fazer isso de novo — ela sussurrou. — Por favor.

Eu soltei o braço dela e respirei fundo. Sem deixar vestígios em suas mãos, não pude provar que ela estava pintando com spray. Tudo o que eu podia mostrar era que ela estava com a



multidão, o que significava que ela provavelmente conseguiria um tapa no pulso e uma passagem de ida para a Califórnia, a partir dos serviços sociais. Então, ao invés de arrastá-la para o meu carro, coloquei um dedo no rosto dela. — Esta é sua vez. Sua única chance. Se eu te pegar de novo, eu mesmo dirigirei sua bunda para a Califórnia.

— Obrigada. — Ela jogou os braços em volta de mim. — Obrigada. — No segundo em que ela me soltou, ela se virou e correu na direção oposta.

— Seja boa! — Eu gritei de volta para ela.

— Eu vou! — Ela acenou e desapareceu na esquina.

— Cole. — Matt colocou a mão no meu ombro. — Cole, você está bem?

Eu assisti enquanto Simmons guiava Nina Veras pelo corredor. Quando eles estavam fora de vista, eu balancei a cabeça, afundando no chão enquanto o mundo tombava de cabeça para baixo.

Se não fosse por mim, Nina Veras teria voltado para a Califórnia.

Ela estaria no sistema. Ela estaria a mil milhas de distância da loja de bebidas e de Samuel Long.

E o marido de Poppy estaria vivo.

CAPÍTULO 23

50º Aniversário: Mudar a vida de alguém

Cole

Três dias depois...

O toque estridente do meu alarme enviou uma dor cega através do meu crânio. Eu enterrei meu rosto no travesseiro enquanto martelava meu punho na mesa de cabeceira, perdendo o alarme na primeira vez, mas o quebrando em silêncio com o segundo. Então eu cobri minha cabeça com outro travesseiro - o travesseiro de Poppy - e quis que as batidas nas minhas têmporas parassem.

— Porra — eu gemi quando ficou pior.

Eu não podia me queixar. Eu ganhei essa ressaca. Por tudo que fiz, isso foi apenas uma fração do castigo que eu merecia.

Fazia três dias que eu tinha ido à casa de Poppy e lhe contado as novidades. Três dias desde que eu me sentei ao seu lado naquele único degrau da varanda e expliquei tudo. Como Nina Veras matou Jamie. Como ela escapou da polícia e fugiu. Como a única razão que ela tinha estado em Montana, era porque eu tinha sido muito leve em uma tarefa simples, e não a



mandei de volta para a Califórnia.

Como a perda do marido de Poppy foi minha culpa.

Ela ficou em silêncio enquanto eu fazia a confissão. Ela se sentou como pedra, olhando fixamente para o jardim da frente. O único movimento veio de suas respirações rasas e as lágrimas escorrendo pelo rosto dela, enquanto eu partia seu coração. Só depois de eu ter terminado, depois de termos ficado em silêncio por uma hora, ela finalmente me pediu para sair.

Dirigindo para casa naquela noite, eu sabia que a tinha perdido.

Mandei uma mensagem para ela no dia seguinte, só para fazer checar, mas não recebi muita resposta. *Estou bem. Apenas ocupada. Eu vou ligar em breve.*

Ocupada.

Tenho certeza de que ela estava ocupada. Ocupada contando a sua família e Jamie a notícia da investigação. Ocupada me bloqueando de sua mente.

Então eu passei os últimos três dias trancados em minha casa, esperando o telefone tocar, lamentando a melhor coisa que eu já tive e perdi.

O Bourbon que eu tinha bebido ontem à noite não ajudou. Meu coração ainda estava em pedaços, a dor no meu peito só mais um fodido bônus para acompanhar minha dor de cabeça.

— Cole! — O grito de papai subiu as escadas.

Maldito seja. Eu nunca deveria ter lhe dado a chave da minha casa. A última coisa que eu queria era ver papai. Para ver a decepção gravada em seu rosto também. Eu não precisava de uma audiência fodida enquanto minha vida saía de controle. Eu não poderia ficar sozinho para sofrer sozinho?

— Cole!

Eu acho que não.

Tirando o lençol das minhas pernas, me empurrei para sentar. O quarto estava girando tão rápido quanto o meu estômago, mas eu engoli o meu desejo de vomitar e me levantei. Com os pés instáveis, eu saí do meu quarto e desci o corredor.

— Cole! Venha aqui embaixo!



— Eu estou indo — eu gritei tão alto quanto a minha cabeça e voz rouca permitiria. — Só me dê uma merda de segundo.

Cada passo latejava por trás dos meus olhos - a luz das janelas só piorava a situação. Quando cheguei no andar de baixo, fui direto para o sofá e desabei para não vomitar ou desmaiar. — O que você está fazendo aqui?

Papai suspirou e sentou-se na mesa de café. — Matt Hernandez me ligou esta manhã. Ele está tentando contato desde a noite passada, mas continuou recebendo mensagens de voz.

Merda. Onde estava meu celular? Deve ter morrido em algum momento da noite e eu estava bêbado demais para notar. Poppy tentou ligar?

— O que Matt queria?

— Só para checar.

— Ele fez...

— Disse que encontrou o assassino de Jamie Maysen na sexta-feira? Sim.

Eu grunhi. Eu não tinha energia para repetir a história novamente e tinha certeza de que Matt contara tudo sobre Nina Veras. — Assim?

— Então, eu ouvi a história de Matt. — Ele fez uma pausa. — E então eu fui até a casa dela e contei o resto a Poppy.

Meus olhos se abriram quando me endireitei. — Você a viu? Ela está bem?

Era o dia de Ano Novo - aniversário de Jamie - e eu não podia imaginar que hoje seria mais fácil para ela. Eu odiava não estar ao lado dela, mas a última coisa que queria era que minha presença piorasse as coisas.

— Ela está bem. Triste, como seria de esperar.

Eu caí de volta no sofá e olhei para o teto. Todo esse tempo eu estava trabalhando duro para fazer Poppy feliz. Se ao menos eu soubesse que a melhor coisa que poderia ter feito por ela era ficar longe.

— Cole, olhe para mim. — Os olhos de papai se suavizaram com a voz dele. — Há apenas uma pessoa para culpar por esse assassinato. Não é você.



Eu balancei a cabeça. — Não. Não, *é* minha culpa.

— Besteira. — Sua casca me fez estremecer. — Todos nós damos avisos. Todos os policiais da América deram um aviso. Quer seja uma multa para uma mãe de futebol. Um garoto da faculdade que bebeu demais. Ou uma garota que estava pintando com spray uma antiga parede que já foi demolida. Se você é culpado, então você também pode condenar o resto de nós.

Suspirei e abaixei a cabeça. — Poppy perdeu o marido. Eu poderia ter evitado isso.

— Eu simplesmente não acredito que isso seja verdade, e se você parasse para pensar sobre isso por um minuto, você provavelmente também não pensaria. Não há garantia de que a garota teria sido mandada embora. E mesmo que ela tivesse sido enviada de volta para a Califórnia, tudo o que teria que fazer era uma passagem de ônibus para voltar. A única pessoa a quem culpar por esse assassinato é ela. Você está me ouvindo? Ela. Você não.

Minha garganta começou a fechar. — Não importa. Tudo o que importa é Poppy, e eu a perdi.

— Então vá encontrá-la.

Sem outra palavra, papai se levantou e saiu. Ele saiu pela porta da frente, mas suas palavras ficaram ecoando na minha sala de estar.

Então vá encontrá-la.

Ela me pediu para sair. Ela não ligou. Ela não iria me querer por perto. Ela iria? Quando a pergunta ficou sem resposta, eu me empurrei para fora do sofá e fui para a cozinha. As palavras do papai ainda estavam tocando nos meus ouvidos.

Então vá encontrá-la.

Eu enchi um copo de água, bebendo junto com três analgésicos.

Eu queria vê-la, mas a verdade era que eu estava com medo. Eu não tinha ficado longe por causa de algum texto. Eu fiquei longe por causa das minhas próprias inseguranças, meu próprio ciúme. Eu assumi que ela ainda estava tão apaixonada por Jamie que nunca veria além dessa coincidência horrível. Que ela nunca me perdoaria.



Quando, na realidade, não lhe dei fé suficiente.

Poppy tinha amor suficiente por nós dois.

Então vá encontrá-la.

Talvez as coisas fossem realmente assim tão simples.

Eu coloquei meu copo na pia, ignorando a dor nas minhas têmporas, e corri para as escadas. Indo direto para o banheiro, eu não esperei a água esquentar antes de entrar no chuveiro. Então eu lavei a bebida e a auto-aversão, saindo limpo e pronto para encontrar Poppy.

Não havia garantia de que ela me perdoaria. Nenhuma garantia de que iríamos passar por isso juntos. Mas eu ia encontrá-la e descobrir. Eu não ia deixar meus problemas me afastarem por outro momento.

Eu dirigi para o restaurante primeiro, mas desde que seu carro não estava lá, eu virei minha caminhonete e fui na direção oposta, em direção a sua casa. Um novo sinal de *Venda* estava no quintal, com um letreiro de *Vendido* já inclinado na frente.

Que porra é essa? Ela já havia vendido sua casa? Eu estive aqui há três dias e nem sequer fui avisado.

Eu estacionei na frente de sua garagem e fui até a porta dela, batendo, mas não esperando uma resposta. Todas as janelas estavam escuras e por dentro eu só conseguia ver os cômodos vazios. Onde ela estava? Onde estavam as coisas dela?

Minha mão mergulhou no meu bolso para o meu celular. — Merda — eu murmurei quando saiu vazia.

Eu não estou com meu celular. Estava descarregado em algum lugar da minha casa.

Amaldiçoando-me por ficar tão bêbado ontem à noite, eu corri de volta para minha casa, mentalmente elaborando meu discurso de desculpas quando meu telefone estivesse carregado.

Eu parei na minha casa, batendo no controle remoto da garagem, mas dei uma olhada quando notei a varanda.

Duas cadeiras de balanço brancas - as cadeiras que Poppy jurou comprar depois que se mudasse

foram colocadas perfeitamente em frente ao corrimão.

Ela esteve aqui? Eu fiz a varredura da rua, procurando por seu carro, mas não estava aqui. O que significava que nos desencontramos. Enquanto eu procurava por ela, ela esteve aqui. Mas por que ela foi embora?

Sem perder tempo estacionando na garagem, deixei meu caminhão na garagem e atravessei o pátio coberto de neve, subindo os degraus da varanda de dois em dois. Mas no momento em que meu pé chegou no topo, eu congelei.

Encostado na porta da frente havia dois livros. Um que eu nunca tinha visto antes. Um que eu tinha. Era o diário de Jamie Maysen com sua lista de aniversários. E em cima de ambos os livros havia uma carta com o meu nome escrito na boa caligrafia de Poppy.

Peguei os dois livros e a carta, não me incomodando em entrar e sair do frio, depois me sentei em uma das cadeiras de balanço e comecei a ler a carta.

Cole,

Exatamente um ano atrás, decidi terminar a lista de aniversário de Jamie. Eu estava em pé na cozinha da minha casa e tirando uma selfie. É assim que tudo isso começou. Uma selfie minha chorando na frente de um bolo de chocolate.

Eu gostaria de poder voltar para aquele dia, não para apagar isso no ano passado, mas para dizer a mim mesma para aguentar. Para dizer a mim mesma para continuar respirando, porque em breve, alguém especial entraria em minha vida e tornaria isso mais fácil. Eu diria a mim mesma para não chorar, porque ele estaria lá para me ajudar a terminar a lista de aniversários. Ele seguraria minha mão quando eu precisasse pedir um pouco de força. Ele me deixaria chorar em sua camisa quando eu não conseguisse segurar as lágrimas. Ele tornaria fácil se apaixonar novamente.

Porque eu me apaixonei. Eu te amo, Cole. Eu posso provar isso também. Faça-me um favor. Largue esta carta e olhe para o grande livro. E não apenas passe por ele. Realmente pare e olhe.



Eu abaixei a carta e abri o livro grande. Exceto que não era um livro - era um álbum de fotos. Poppy tinha impresso todas as suas fotos diárias e me fez este livro.

Meu coração torceu enquanto eu olhava para a primeira página. Vendo sua primeira foto, doeu. Assim como ela descreveu na carta, Poppy - linda, mas infeliz - estava ao lado de um bolo cheio de velas acesas.

As páginas que se seguiram não foram muito melhores. Seus olhos azuis estavam sem graça e seus sorrisos eram forçados. Ela parecia um fantasma da minha Poppy.

Eu continuei virando, odiando cada uma dessas fotos, até que eu fiquei na metade do livro e a dor no meu peito começou a diminuir. O meio do caminho foi quando as fotos começaram a incluir o restaurante. Os sorrisos de Poppy realmente alcançaram seus olhos, e um punhado de páginas depois, eu encontrei a foto que tirei dela no dia em que entramos no parque. O dia em que ela brincou sobre ter um nariz grande.

De lá, as fotos foram todas reconhecidas, já que eu tinha tirado a maioria delas. Folheei o resto do livro rapidamente, querendo voltar para a carta de Poppy, mas parei na última página.

Ao contrário do meio do livro, esta página não era uma colagem, mas apenas uma foto. Era uma imagem simples, inteiramente do rosto de Poppy. Seus olhos eram brilhantes, como sempre eram quando eu a fazia rir. Seu sorriso era amplo, como sempre que eu dizia a ela que a amava.

Sua felicidade irradiava da página, e eu a absorvi por alguns instantes antes de voltar à carta.

Você viu isso?

Eu assenti.

Você fez isso, Cole. Você. Você e todas essas coincidências malucas que nos uniram. Agora faça mais uma coisa por mim. Folheie a lista de aniversários de Jamie.



Eu abaixei a carta novamente e abri o diário de couro. Eu passei por isso rapidamente, já que pouco havia mudado desde a primeira vez que Poppy me mostrou essa lista. A única diferença é que ela acrescentou marcas aos itens que ela completou.

Todos eles estavam marcados, exceto um.

50º Aniversário: mudar a vida de alguém

Por que ela não tinha marcado aquele feito? Ela mudou muitas vidas. Tuesday Hastings. Jimmy. Randall's. Molly. Finn.

Eu.

Então, por que ela deixaria aquela página vazia?

Confuso, voltei para a carta.

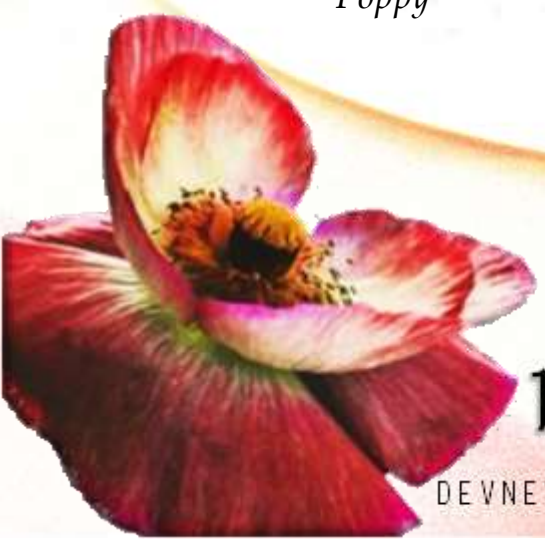
Não marquei a última página, porque não preciso. Jamie terminou essa, ele mesmo. Ele mudou minha vida. E ele mudou a sua. Sua lista de aniversários mudou nós dois. Eu comecei a lista dele, esperando encontrar o encerramento. Espero que eu seja capaz de deixar o passado e começar a viver para o futuro. Mas eu estava errada. Terminar a lista não me deu um futuro.

Você me deu.

Leia estas palavras até acreditar nelas. Nada que você fez causou a morte de Jamie. Nada que você fez poderia ter evitado isso. Eu sei disso até o fundo da minha alma. Assim como eu sei agora que não sou culpada também. E assim como eu sei que a vida é muito curta para desperdiçar.

Amor,

Poppy



No minuto em que li a última linha, uma porta de carro se fechou, me trazendo de volta à realidade. O carro de Poppy estava estacionado na rua, e ela estava abrindo o porta-malas.

A pulsação na minha cabeça desapareceu e a dor no meu peito cessou com apenas um olhar para o seu belo rosto. Se eu era o futuro dela, então ela era o meu.

Ela se abaixou no porta-malas, pegou uma caixa e enfiou o tronco com o cotovelo antes de subir pela calçada. Seu nariz e bochechas estavam rosados, devido ao frio, e sua respiração se arrastava atrás dela, em minúsculas nuvens brancas enquanto se aproximava da varanda.

Separei a carta e os livros, depois me levantei da cadeira de balanço para pegar a caixa de suas mãos, as colocando aos meus pés. — Oi.

— Oi. Você recebeu minha carta? Eu provavelmente deveria ter deixado lá dentro, mas você não estava aqui e pensei que ia vê-la com as cadeiras.

Eu assenti. — Eu li.

— Bom. Eu queria que você tivesse algum tempo para ler sozinho. — Ela passou por mim, andando pelo comprimento da varanda e inspecionando suas cadeiras de balanço, antes de voltar para se apoiar em um poste e olhar para o quintal. — Me desculpe, demorei tanto para vir. Tentei ligar para você ontem à noite, mas recebi seu correio de voz.

— Meu telefone descarregou.

— Eu imaginei. Eu também imaginei que você não me rejeitaria se eu aparecesse. — Ela sorriu por cima do ombro. — Eu realmente planejei estar aqui mais cedo esta manhã, mas eu queria ter o álbum de fotos feito primeiro e colocá-lo junto demorou mais do que eu pensava, com todo o resto acontecendo. Então seu pai veio. Tem sido um agitado três dias.

Eu não duvidei disso. Se sua casa tivesse vendida, ela estaria empacotando todo o resto.

— Tudo bem. — Atravessei o espaço entre nós, de pé junto ao poste, mas de frente para ela, em vez da rua. Minhas mãos estavam coçando para tocá-la, para puxá-la em meus braços e segurá-la com força, mas eu não queria pressionar, então eu as enfiei no meu jeans. No segundo que ela



me desse qualquer tipo de abertura, elas estariam prontas.

— Sinto muito, Cole. Me desculpe por ter pedido para você sair na outra noite. Eu só precisava de um tempo para processar tudo. Talvez algum tempo para finalmente me perdoar e perceber que você estava certo. Eu não sou culpada pela morte de Jamie e você também não é. Você consegue entender isso?

Eu me inclinei no poste, respirando com facilidade pela primeira vez em dias. — Eu entendo, e não há necessidade de se desculpar. Estou feliz por você estar aqui.

Ela sorriu. — Eu também.

— Como você está hoje? — O aniversário de Jamie tinha que estar cobrando seu preço.

Ela se afastou do poste e entrou na minha frente, então colocou os braços em volta da minha cintura enquanto se aproximava. — Estou melhor agora.

Minhas mãos abandonaram meus bolsos e a puxou para o meu peito. No segundo em que ela estava em meus braços, três dias terríveis simplesmente desapareceram. Isto. *Isso é o que eu tenho precisado nos últimos três dias. Não Bourbon ou tempo sozinho ou até mesmo as palavras de sabedoria do meu pai. O que eu precisava sempre era Poppy.*

Eu me considerava um homem forte, mas essa pequena mulher em meus braços me dava força o tempo todo. Três dias depois de eu ter abalado o mundo dela, aqui estava ela, trazendo paz e amor de volta à minha vida.

— Eu te amo, Poppy.

Ela me deu mais do seu peso. — Eu te amo, Cole.

Nós ficamos na varanda, abraçados e deixando o silêncio dizer o resto. Eu não sei quanto tempo passou com a bochecha de Poppy pressionada contra o meu coração. Mas eu sabia que estaríamos bem. Que teríamos nosso futuro.

— Você sabe o que eu mais gosto no dia de Ano Novo? — Ela sussurrou.

— O quê?



— Todo mundo tem um novo começo.

Eu sorri e pressionei um beijo no cabelo dela. Atrás de mim, um par de freios guinchou lentamente até a rua. Finn estava estacionando um caminhão de mudanças atrás do carro de Poppy, com Nazboo ao seu lado.

— Novos começos?

Ela assentiu. — Acho que merecemos um novo começo, não é? Só que desta vez, vamos começar em uma varanda diferente.



EPÍLOGO

Poppy

Cinco anos depois...

— O que diabos é isso? — Randall olhou para o prato na frente dele.

— Isso é um bolo de aniversário. Você sabe, para festas de aniversário. Você está em uma festa de aniversário. Nós apenas cantamos —Feliz Aniversário — para o meu filho.

— Espertinha. — Ele zombou. — Por que isso está em um prato?

— Porque comer do chão é insalubre.

Ao seu lado, Jimmy riu quando o rosto de Randall ficou mais vermelho. — Mas estamos no restaurante.

— Sim, estou ciente. Estive aqui a tarde toda para decorar a sala e fazer *o bolo de aniversário*.

Molly e eu havíamos fechado o The Maysen Jar hoje à noite para uma festa familiar particular. Toda a minha família e amigos estavam aqui, desfrutando de pizza, cerveja e bolo, enquanto celebramos o primeiro aniversário do meu filho.



Todos que eu amava estavam aqui para a festa. Os adultos estavam sorrindo. As crianças estavam rindo. Todo mundo estava se divertindo.

Todos, exceto Randall.

— Eu venho aqui — Randall apunhalou o dedo no balcão — para sentar neste banco e comer comida de seus *potes*. Tem sido assim há quase seis anos. Eu poderia ficar no The Rainbow se eu quisesse comer em um prato.

Eu pisquei para ele, estupefata. — Então você está bravo porque eu não fiz o bolo de aniversário de Brady em potes? Você sabe que isso é ridículo, certo?

Ele resmungou alguma coisa e enfiou o garfo no bolo. — Para cada um dos aniversários de MacKenna, você fazia sobremesas em potes. Como eu deveria saber que você mudaria para Brady? Eu não gosto de surpresas.

Jimmy tentou conter o riso, mas, quando Randall lhe deu uma enorme mordida na boca, começou a uivar para o melhor amigo. — Você é um velho rabugento. Você não gosta de nada. Cale a boca e coma seu maldito bolo. — Ele piscou para mim antes de mergulhar em seu próprio bolo e sorvete.

— Você vai se juntar à festa? — Eu inclinei minha cabeça em direção às mesas que eu juntei para a festa. — Ou você vai ficar no balcão e ser anti-social?

— Anti-social — murmurou Randall antes de dar outra enorme mordida.

Jimmy apenas deu de ombros. — Este é o meu lugar.

— Bem. — Eu peguei para cada um deles um copo de água antes de deixá-los sozinhos, para participar da festa.

Não me surpreendeu que eles estivessem em seus bancos. Jimmy e Randall, sentados nos mesmos lugares que tinham quase todos os dias, desde que eu abrira o The Maysen Jar, haviam se tornado luminárias no restaurante. Eles eram tão parte deste lugar como as paredes de tijolos ou pisos de madeira.

No ano passado, quando ganhei um prêmio pelo melhor restaurante de Bozeman, o repórter do jornal passou mais tempo entrevistando os dois, do que eu ou Molly.



Eles praticamente se tornaram famosos depois disso. Não havia mais um dia em que o balcão não estivesse cheio de amigos do The Rainbow.

Mas ninguém se atreveu a sentar em seus bancos.

Houve apenas um incidente, quando um tolo pobre e insuspeito tentou tomar o lugar de Randall. Ele afugentou o —ladrão de banquinho — com um palavrão e um balanço selvagem de sua bengala. Felizmente, ninguém se machucou, mas desde então, Molly e eu marcamos os bancos como reservados, para evitar o risco de agressão.

E se eles quisessem se sentar em seus lugares, longe de mim insistir em que eles se movessem.

Atravessei o restaurante com os olhos fixos em uma menininha saltando de seu assento, para correr em minha direção.

— Mamãe! — O queixo e as bochechas de MacKenna estavam cobertos de glacê azul. Seus olhos verdes, os que ela herdou de Cole, estavam correndo de um lado para o outro, entre mim e a mesa atual. — Hora dos presentes?

Eu sorri e acariciei seus cachos castanhos. — Ainda não. Vamos dar a todos a chance de terminar de comer o bolo deles.

Seu rosto de três anos de idade formou uma carranca. — Mas eu comi o suficiente.

— MacKenna Lou — Mia chamou da mesa. — Venha sentar-se comigo e você pode comer mais bolo.

A carranca desapareceu do rosto da minha linda filha, enquanto ela corria para o lado de sua avó.

Mia era a pessoa favorita de MacKenna no planeta, além de seu irmãozinho. Cole chegou em terceiro lugar comigo, perdendo um quarto distante. Mas eu adorava que minha filha tivesse um relacionamento tão próximo com sua avó.

Realmente, ela estava perto com todos os seus avós.

Assim como planejara, Brad havia se aposentado como chefe da polícia há alguns anos. Ele e Mia passaram algum tempo viajando, mas na maior parte do tempo, eram totalmente dedicados aos netos. Os trigêmeos de

Evie e Zack - três meninos indisciplinados - tinham acabado de completar cinco anos. MacKenna tinha três anos.

E hoje, Brady James Goodman era um deles.

Assim como sua irmã, Brady amava seus avós, mas enquanto Mia e MacKenna tinham uma conexão especial, Brady estava mais ligado à minha mãe.

Eu andei em volta da mesa e peguei a cadeira livre entre meus pais. Brady, que estava sentada no colo da minha mãe e compartilhando seu bolo, pulou para mim no momento em que me sentei.

— Oi bebê. — Eu beijei sua bochecha. — Você gostou do bolo?

Sua resposta foi enfiar os dedos na boca e sugar a cobertura.

Como os de MacKenna, os cabelos de Brady eram castanhos como os de Cole, mas enquanto MacKenna conseguira os olhos verdes de Cole, os de Brady eram completamente únicos. Eles eram azuis, como os meus, mas um tom mais claro com pequenas manchas verdes no meio.

— Como está? — Eu perguntei a mamãe quando peguei meu próprio garfo.

Ela engoliu sua mordida de bolo. — Assim. Bom. Eu amei o sabor de amêndoa que você adicionou. Você me inspirou a fazer algumas experiências.

— Como o quê? — Eu dei uma mordida no meu próprio pedaço de bolo. Com um tapinha nas costas para um bom bolo, continuei comendo enquanto mamãe e eu conversávamos sobre novas ideias de receitas. Algo que fazíamos muito, nos dias de hoje.

Meus pais se mudaram do Alasca para Bozeman no ano passado. Infelizmente, todos os meus avós haviam falecido nos últimos quatro anos e, como meus pais não tinham mais família em Anchorage, eles se aposentaram e se mudaram para cá, para ficarem mais próximos dos netos. Papai tinha conseguido um emprego de meio período no aeródromo privado - principalmente para ter uma desculpa para sair de casa - e mamãe ia ao restaurante na maioria dos dias, para me ajudar a cozinhar.

Eu adorei que eles estivessem mais próximos. Todos estavam. Kali e Max ficaram muito felizes quando se mudaram para cá, e meus filhos não se lembrariam de uma época em que não tivessem quatro avós à sua disposição.

Como Finn e eu quando éramos crianças.

— Para onde seu irmão foi? — Papai se levantou para limpar o prato.

— Ele e Cole foram comprar mais cerveja. Quando eles voltarem, vamos abrir os presentes.

Papai sorriu e deu um tapinha no meu ombro. — Tudo estava delicioso. Não conte a sua mãe - ele se inclinou para baixo, mas nem tentou sussurrar enquanto sorria para mamãe -, mas acho que você a superou. —

Mamãe apenas riu. — Eu sei que ela superou.

— Eu comi demais. — Molly passou pelo meu pai e entrou no seu lugar vazio, desabando e esfregando o estômago. — Mas foi tão bom. Precisamos adicionar esse bolo ao cardápio.

— Ou talvez devêssemos fazer um bolo toda semana, só para a equipe compartilhar.

— Sim! — Molly aplaudiu. — Eles vão adorar isso.

Mamãe, Molly e eu conversamos por um tempo, até que o bolo acabou e as crianças estavam correndo atrás das mesas. Então, enquanto todos estavam curtindo a conversa, deixei Brady sob o olhar atento de seus avós e me esgueirei para o meu escritório.

Acendi a luz e peguei meu telefone, passando a mão para encontrar a foto certa. Então, usando a impressora especial que Cole tinha me dado no ano passado para o Natal, eu *imprimi*.

Alguns momentos depois, eu estava sorrindo para a foto em minhas mãos.

Brady estava sentado no colo de Cole. MacKenna estava no meu. Na nossa frente estava o bolo de aniversário que eu fiz, com uma única vela acesa no meio. Brady estava encarando a chama com olhos arregalados, enquanto MacKenna se inclinou sobre a mesa, sua boca em um *O* perfeito, enquanto se preparava para apagá-la para seu irmão.



Eu olhei para a foto por outro segundo, então fui até a mesa, pegando um alfinete na minha parede.

Minha parede de lembranças.

Depois que eu terminei a lista de aniversários de Jamie, eu tinha pensado em começar uma das minhas. Mas traçar o futuro tinha sido a coisa de Jamie, não minha. Então eu descartei a idéia e decidi outra coisa.

Eu cobri uma parede de escritório inteira com quadro de cortiça para fixar fotos especiais.

Eu não tinha uma lista de coisas que queria fazer na minha vida. Eu tinha uma parede de memórias das coisas que eu já tinha feito.

Eu tinha fotos de Nazboo perseguindo meus filhos em nosso quintal. De Cole enquanto consertava carros na nossa garagem. De noites de jogos de tabuleiro com Finn e sua namorada. De Molly e seus filhos esculpindo abóboras na minha varanda.

Minha parede estava cheia de lembranças que eu queria manter perto, e esta noite, eu adicionaria uma do primeiro aniversário de Brady.

Eu andei até a parede, procurando apenas o ponto certo.

Havia um pequeno espaço aberto ao lado da foto do dia em que Cole havia proposto. Ele me levou até o Glacier e caiu de joelhos na frente do lago Mcdonald. Depois que eu disse sim e nos beijamos, ele tirou uma selfie para a minha parede, se certificando de capturar o diamante solitário brilhando na minha mão.

Ao lado dessa foto estava minha foto favorita do dia do nosso casamento. Depois que me mudei para sua casa, nos casamos na primavera, em uma pequena cerimônia em uma igreja local. A recepção fora servida no The Maysen Jar. Tinha sido um dia tão agitado, que Cole e eu mal passamos um tempo juntos, então nos escondemos por alguns momentos tranquilos para compartilhar um pedaço de bolo na mesa da cozinha. Assim como o nosso primeiro encontro. Molly enfiou a cabeça pela porta de vaivém e a viu diante da câmera.

A maioria dos outros eram fotos das crianças. Eu fixei fotos do dia em que cada um nasceu. Uma do Cole beijando a testa de MacKenna, depois que a



enfermeira a entregou. Uma do Jimmy sussurrando um segredo para um Brady embrulhado.

Eu tinha algumas fotos antigas da minha faculdade, Jamie, Finn e Molly. Eu tinha fotos de todos os nossos sobrinhos e sobrinhas. Eu até tive uma foto da Tuesday Hastings e sua filha, Kennedy, de pé ao lado do velho caminhão de Jamie.

Tuesday havia florescido no Oregon. Ela conseguiu um emprego trabalhando com a avó em uma pousada no litoral. Eu não ouvia falar dela muitas vezes, mas de vez em quando, ela me enviava uma foto, com uma receita no verso.

Nem uma vez, desde a noite em que ela tinha ido embora, ela voltou para Montana. Nem mesmo depois que Cole colocou Tommy Bennett na prisão por vinte anos. Nem mesmo depois que um juiz condenou Nina Veras, com duas penas de prisão perpétua por assassinato em primeiro grau.

Nina não era a única na prisão também. Seu namorado, Samuel Long, havia sido condenado a sessenta anos sem liberdade condicional, por conspiração para cometer assassinato. Ele negou seu envolvimento, é claro, mas quando a polícia encontrou a arma do crime em sua casa, ele teve mais dificuldade em vender suas mentiras.

E o dia da audiência para o sentenciamento, foi o dia em que eu coloquei tudo no passado. Então tinha Cole. Demorou algum tempo, mas ele parou de se culpar pelos assassinatos. As audiências nos deram um certo atraso.

Os pais de Jamie também participaram das audiências de condenação. Eles sentaram atrás de mim e Cole no tribunal, enquanto o juiz proferia as sentenças, mas essa foi a última vez que vi Kyle e Debbie. Eu não tinha certeza se eles já haviam superado a morte do filho deles. Agora que eu tinha filhos, não sabia se teria sido capaz de fazer isso. Mas eu esperava, pelo bem deles, que encontrassem alguma paz.

— Aí está você. — Cole entrou no escritório. — O que você está fazendo?

Eu segurei a foto. — Eu estava apenas decidindo onde colocar isso.



Ele se aproximou, olhando para a foto. O sorriso que se espalhou pelo rosto do meu marido fez meu coração vibrar tão forte, quanto há cinco anos atrás.

— Onde você vai colocar?

Voltei para a parede, avaliando minhas opções. A faixa do nível dos olhos estava cheia, mas eu ainda tinha muito espaço para encher, até o teto ou para o chão. Eu tinha muito espaço para mais lembranças.

— Que tal aqui? — Eu fiquei na ponta dos pés e apontei para um ponto livre em direção ao teto. — Você penduraria isso para mim?

— Num piscar de olhos.

Ele tirou a foto e eu dei um passo para trás, observando enquanto ele prendia a foto.

— Eu gosto disso. — Cole se afastou da parede e me puxou para seus braços, beijando-me suavemente, antes de olhar de volta para as fotos. — Temos uma vida boa, linda.

Eu o abracei mais apertado. — Nós temos.

Uma que eu nunca tomaria por garantido. Uma que eu sempre apreciei.

Minuto por minuto.

Fim

